

An illustration of a man and a woman in winter attire. The man, on the left, wears a blue knit beanie and a black jacket. The woman, on the right, wears a black beanie with a blue flower and a black jacket. She has long brown hair and a sad expression with closed eyes and a single blue tear on her cheek. The background is light blue with white snowflake patterns.

AMANDA MAIA

Antes
que tudo
acabe



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Antes
que tudo
acabe

AMANDA MAIA

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Amanda Maia

Capa e Arte: Lola Salgado

Revisão e Diagramação: Carla Santos

Esta obra segue as regras do Novo Acordo
Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte dessa obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma, meio eletrônico ou mecânico sem a permissão da autora e/ou editora.

Sumário



Capa

Folha de Rosto

Créditos

Epígrafe

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Epílogo

Agradecimentos

Biografia

Obras

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

*“Algumas histórias de amor estavam destinadas a
durar para sempre;
Outras, apenas um verão.”*

A força que nos atrai – Brittainy C. Cherry

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Eu tenho tudo que preciso
Quando tenho a você e a mim
Eu olho ao redor e vejo que é uma vida boa
Estou presa no escuro
Mas você será como minha lanterna
Que me guia, me guia no meio da noite”*

FLASHLIGHT – JESSIE J

PERIGOSAS NACIONAIS

Nós nos conhecemos quando eu tinha dezesseis, ele dezessete. Na época, não fazia ideia de que aquele garoto cosmopolita seria o primeiro e último relacionamento que eu teria. Se pudesse prever o futuro, diria que estava errada. Relutaria. Diria que Deus – se é que existia um – não precisava ser tão engenhoso.

Particularmente estava feliz com a minha vida sem um namorado, mas o que não percebi naquele ano de 2008, em meados de janeiro, era que Lincoln Coleman seria o último homem a quem meu coração pertenceria.

Eu, Ellie Ann Tate, que sempre fora egoísta e egocêntrica, estava me entregando aos poucos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln sabia como ser minha bola demolidora e destruir todas as barreiras envoltas no meu coração. Ele não mediu esforços. Não se importou que eu fosse uma péssima pessoa, não deu ouvidos quando disse que no futuro o magoaria como ninguém jamais um dia faria. Porque eu podia ser sim um ser humano horrível, mas ele me amou acima de todos os defeitos e admirou cada qualidade que eu tinha. Só para no final eu esmagar seu coração.

Mesmo sob todos os avisos, ele quis se casar comigo em dezoito de agosto de 2012. Dois meses depois de eu ter completado vinte anos.

Meu Deus, ele estava incrível! Trajando um terno Armani, escolha feita, sem sombra de dúvidas, por sua mãe Jenna.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln quis se casar de preto. No começo brinquei que ele estava indo para um velório, de luto pela sua solteirice, mas no fim descobri que meu futuro marido ficava bem com a cor. Nunca tinha visto alguém combinar tanto com um tom como ele combinava com o preto.

Então, às dez horas e trinta e dois minutos da manhã de sábado, eu disse sim a ele. Os olhos ocres me fitaram, revirando meu estômago e fazendo meu coração acelerar a uma cadência absurda que obstruía meus pulmões e causava falta de ar.

Foi a primeira vez que chorei na frente dele; quando senti seu amor palpável enquanto me olhava despretensioso, erguendo a curva de seu lábio e desdenhando um sorriso como se não fosse engolir todo o meu oxigênio naquele instante. Porque, embora sempre tivesse o amado à minha

PERIGOSAS ACHERON

maneira, ele sabia que tinha recebido o dom divino de Deus para me aquebrantar e derrubar qualquer barreira que pudesse tentar impor entre nós.

Ele me desafiava a ser resistente e sorria daquela maneira para me provar que não importa o quanto eu tente afastá-lo, ele daria um jeito de me alcançar.

Lincoln olhou nos meus olhos e jurou me amar; na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza até que a morte nos separe. Ele me jurou fidelidade e se declarou para mim pela milésima vez.

O queixo quadrado, sempre com uma barba bem-feita cobrindo parte de seu rosto, a frente do cabelo mais comprido que a de trás criando uma franja sexy que tampava um pouco seu olho direito. Suspeitava que fazia de propósito, para me

PERIGOSAS NACIONAIS

provocar. Seus cabelos que tinham a cor castanho-escuro, e eu amava. Combinava com ele, assim como o preto.

Céus, amava cada pequeno detalhe que fazia de Lincoln *o meu* Lincoln.

Foi em nosso casamento que descobri o quanto o amava.

Quase seis anos depois de ter me tornado a senhora Coleman, também na noite mais fria de janeiro, percebi que os avisos que havia dado a Lincoln no passado seriam concebidos.

Eu o machucaria.

Não. Não.

Eu o destruiria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Você está me olhando de um jeito tão frio
Depois de tudo que nós passamos
Como você pode fingir
Que eu sou alguém que você não conhece?
Eu estou tão cansado de planejar minhas noites
Em como evitar você, isso tem que acabar
Nós não temos que nos apaixonar de novo, ou
tentar
Mas você pode me dizer
Por que nós, nós temos que ser
Inimigos?”*

ENEMIES – LAUV

O inverno era um marco em Aspen. Os turistas vinham de longe para conhecer as montanhas rochosas e esquiar. A cidade com mais de 6.800 habitantes, em seus dias comuns calma, chegava a seu ápice de lotação. Os hotéis trabalhavam até tarde, as lojas turísticas ficavam abertas e os lugares de locação de snowboard estavam sempre apinhados de pessoas dos mais variados lugares.

Eu era dono de uma dessas lojas que ficavam abertas até depois das vinte horas. Gostava de ver a felicidade de um turista ao comprar algo como uma roupa térmica, uma prancha de snowboard, óculos e máscara de proteção ao frio. Podia sentir a felicidade emanando desses corpos, embora muitas

PERIGOSAS NACIONAIS

dessas pessoas viessem de lugares tropicais e não estivessem acostumadas com o frio de treze graus Celsius negativos.

Pessoas como eu estão acostumadas a temperatura amena, um dos motivos de eu ter me mudado para Aspen em 2012.

Antes vivia em Denver – que também era uma cidade fria, cercada por gelo e neve – com meus pais e trabalhava gerenciando um dos hipermercados da rede *Coleman*, de meu pai. Ele refutou a princípio, dizendo que eu não estava pronto para assumir meu próprio negócio em uma cidade com menos de dez mil habitantes nem maduro o bastante para me casar. Mas até agora não precisei telefonar pedindo ajuda. Isso me mostrava que eu era capaz de fazer qualquer coisa sem precisar da ajuda do Sr. Robert Coleman.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha loja localizava-se no centro e era uma das poucas iluminando a rua estreita de Aspen, coberta por uma massa densa e fofa de neve. O termostato marcava quatorze graus negativos e induzia os turistas a se afugentarem no fundo do recinto. Quase nenhum deles estava ansioso para sair e sentir o ar gélido cortar e ressecar a pele.

Diferente das outras lojas, no topo da montanha de *Snowmass*, não alugava as pranchas de snowboard, as vendia como garantia. A maioria comprava porque quando se visita Aspen, é difícil não querer voltar para reviver a experiência.

— Ei, cara. — A voz gutural e arrastada de Ethan me chamou, cutucou com força minha costela usando o cotovelo. — Aquela garota ali. — Indicou com o queixo, apontando para a mulher.

PERIGOSAS ACHERON

Uma turista. Constatei imediatamente. A pele bronzeada era uma das marcas mais comuns entre eles. A loira, com um metro e setenta, olhava ao redor admirada. Mudava de posição e cochichava com a amiga morena ao apontar para as camisetas com a frase escrita no peito “*Eu fui a Aspen*”.

— O que tem ela? — Debrucei sobre o balcão, apoiando os cotovelos contra o tampo amadeirado.

— Não para de cochichar para a amiga enquanto olha pra cá. Acho que ela está de olho em você! — Ele riu, empurrando meu ombro com o seu.

Ethan era um cara legal, mas não entendia que depois de ser casado os termos mudavam e sempre tentava me convencer a sair com uma turista, mesmo que só para beber um drinque no *Ajax*

Tavern. Ele tentava e fracassava todas as vezes. Eu prometi fidelidade a Ellie no altar, seis anos atrás, e pretendia cumprir. Embora os outros juramentos tivessem sido um fiasco e nosso casamento estava à beira de um colapso desastroso.

— Ela está olhando para você — devolvi, me distraíndo em organizar as canecas atrás do balcão.

— Sem chance!

Subi os olhos para Ethan. Ele tinha a aparência de um verdadeiro morador de Aspen – nascido e criado. Olhos verdes, pele pálida como se nunca tivesse experimentado um banho de sol e cabelos curtos castanhos penteados para trás. Há dois anos, mais ou menos, ele não aguentava mais olhar para a pele alabastro e resolveu tatuar uma árvore seca no

antebraço. Acabei seguindo a sua onda e pedi ao tatuador que desenhasse o Snow, meu Husky Siberiano, nas costas do bíceps.

Ellie não aprovou. Seus pais eram conservadores e ela estava sempre tentando manter as aparências – embora eles não nos visitassem muito.

Nosso casamento estava indo por água abaixo, mas sabia que não era o único culpado na história.

Sua mãe, a Sra. Evelyn Tate, tentava nos convencer de que o único jeito de salvar o nosso casamento seria um bebê. *Uma criança em meio a uma crise no casamento, pelo amor de Deus!*

Ainda estava irritado com Ellie por sempre envolver sua mãe e sua irmã em nossos problemas. *Nossos*. Nossa vida, nossa privacidade e todos os PERIGOSAS ACHERON

nossos planejamentos sofriam violação por ela não conseguir lidar com esses sentimentos comigo. E quando falo em envolvimento, quero dizer, ela conversar com elas sobre como se sente ao meu respeito, mas nunca consegue dizer diretamente a mim.

Já tinha desistido de conversar com ela, as coisas iam de mal a pior toda vez que tentava.

— Olha só. — Ethan se abaixou ao meu lado, tomou a caneca que eu me concentrava e gesticulou para frente. — Ela está vindo aí!

Eu me levantei. A mulher de olhos azuis intensos colocou uma luva térmica e a camiseta sobre o balcão. Ao sorrir para mim, acenou para a sua amiga, pedindo um instante que esperasse do lado de fora. Emburrada, a morena com mechas

PERIGOSAS NACIONAIS

avermelhadas escondeu as mãos no fundo de seu casaco comprido acolchoado e afundou os pés na neve da calçada.

— Oi. — Ela riu, ajeitando a alça da bolsa no ombro. — Vou levar isso. — Empurrou mais à frente a luva e a camiseta, mordiscou o lábio inferior como se estivesse tentando se decidir o que diria a seguir.

— Certo. — Peguei a calculadora para somar. — Cento e cinquenta dólares. — Ela anuiu e apanhou a carteira no fundo da bolsa. Ethan se ergueu, pegou o cartão suspenso que a mulher indicava para mim e se afastou em busca da máquina.

— Está bem cheio. — As bochechas dela ficaram levemente rosadas. — É sempre assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alta temporada. — Dei de ombros e sorri.
— Inverno e tudo mais. A neve fica mais intensa, é bom para quem gosta da temperatura baixa.

— Aqui está. — Ethan voltou, estendeu o cartão e sorriu para ela. — Savannah Delaney. — Ele enviou uma piscadela para Savannah.

— Hum, eu e minha amiga estávamos pensando. — *Não. Não faça isso, Savannah.* — Se vocês não estão a fim de beber alguma coisa depois que terminarem aqui. — Olhou por cima do ombro direito, vendo que aos poucos a loja diminuía o movimento. *Ah, droga. Ela fez mesmo.*

— Eu acho que...

— Claro. Por que não? — Ethan cobriu meus ombros com seu braço e o apertou levemente, exigindo que eu calasse a boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A verdade é que estava no meu limite. Eu me esforçava para manter a linha de raciocínio e não me deixar levar por momentos como aquele, onde uma mulher simplesmente queria minha companhia, enquanto minha adorável esposa fugia de mim todas as noites e mal conseguia me olhar nos olhos por mais de cinco segundos sem que começássemos uma discussão. Eu sei, isso faz de mim um filho da puta, mas Savannah era atraente. Brilhava como se o sol estivesse nascendo dentro dela e irradiava vida.

Uma vida que morreu dentro de Ellie. Não sei como nem quando tudo entre nós ficou tão ruim, mas sabia que precisávamos terminar com essa guerra entre nós antes que fosse tarde demais para que conseguíssemos seguir em frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sou casado — confessei e o estrépito ao meu lado foi da mão espalmada de Ethan batendo contra a própria testa.

Savannah gargalhou. Ela tombou a cabeça para trás e riu alto, como se eu estivesse contando uma piada. Fiquei parado, extasiado, olhando-a com apreensão.

— Olha só — ela esfregou abaixo dos olhos com as mãos fechadas e pigarreou —, você não está *nem mesmo* usando uma aliança. — Com o indicador, ela apontou para a minha mão esquerda e rapidamente a escondeu nas costas. — Então, ou você não quer sair comigo ou o seu casamento está tão ruim que resolveu largar a simbologia da aliança.

PERIGOSAS ACHERON

— É complicado. — Enruguei a testa, escrutinando o rosto triangular de Savannah e o formato de seus lábios.

— Tudo bem. Você me conta quão complicado está seu relacionamento enquanto tomamos um drinque, que tal?

Encarei Ethan, que estava surpreso com a resposta de Savannah. Ela abriu os lábios, delineando um sorriso enquanto mordiscava repetidamente a pele solta de sua boca.

— Me dá cinco minutos — pedi, colocando o que ela havia comprado dentro de uma sacola de papel pardo. — Vou fechar tudo e te encontro lá fora. — Devolvi seu sorriso ao estender o embrulho.

Eu a assisti sair porta afora.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan pigarreou, querendo chamar minha atenção.

— O que foi isso? — perguntou, a perplexidade tomando sua expressão.

— Ela é insistente.

— Não ela. Você. — Ele cruzou os braços na frente do peito, encostou na parede atrás de nós e esperou. — Você nunca topou sair para beber comigo ou com qualquer outra pessoa.

— Só fiquei pensando que se fosse para casa agora — olhei através da vidraçaria, Savannah ria sem preocupações enquanto sua amiga fazia piada — teria que encontrar um jeito de evitar a Ellie ou nossa noite terminaria como as outras.

PERIGOSAS ACHERON

Ethan venceu a testa.

— Você ainda a ama, Lincoln?

Afastei-me de Ethan para pegar meu casaco nos fundos. Troquei meu sapato confortável por botas de inverno e ajeitei a gola em volta de meu pescoço. O cachecol preto que envolvi na garganta havia sido um presente de Ellie, quase quatro Natais atrás.

— Não. — Parei, pensativo, encarei as prateleiras postas perfeitamente uma ao lado da outra e a organização impecável dos produtos dispostos. Na primeira vez em que haviam sido organizadas, Ellie e eu passamos mais de seis horas para deixar tudo daquela maneira. — Eu não sei. Todo lugar para onde olho, ela está lá, Ethan. Não é

algo que consigo esquecer de repente. Se não a amo hoje, a amei algum dia e isso não acaba quando o sol se põe.



Savannah era de Miami, o que explicava o bronzeado natural e as sardas de sol salpicadas em seu rosto. Ela tinha os lábios carnudos, em formato de coração e os mordiscava a cada segundo.

No meio da conversa, Savannah mencionou sua vontade de se tornar modelo. Ela não tinha tantas ambições. Gostava de filmes de ação, romance e comédia. Curtia bares como o *Ajax Tavern* e não compreendia o termo *après-ski* – sinônimo de encontro social em Aspen – que Ethan e eu usamos quando as cumprimentamos do lado de fora da

minha loja. Ela tinha se formado há menos de um ano em Moda, na cidade hospitaleira de Londres. Seus pais eram estilistas e tinham lojas espalhadas pela Nova York com a marca *Delaney*.

Ainda estava tentando se encontrar porque, embora tivesse vontade de ser modelo, não tinha a ambição necessária para conquistar seu espaço. A viagem para Aspen foi uma desculpa para fugir da pressão que os pais estavam causando nela para se decidir de uma vez por todas o que faria de agora em diante.

— Meu pai é dono de uma rede de hipermercados — encarei o líquido amarelo e espumoso em meu copo grande, movi-o de um lado para o outro —, fiz um curso básico de administração antes de terminar o colégio e comecei a gerenciar um deles em Denver, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

então eu me casei e vim para cá. Ellie e eu queríamos um lugar calmo, longe dos nossos pais, para viver a vida como sempre desejamos.

— Mas não saiu como o planejado? — Savannah se inclinou, apoiando os braços na mesa de madeira.

Olhei à nossa volta procurando por Ethan e Cora, eles haviam desaparecido dez minutos depois de termos chegado. Estava tentando fugir do assunto “Ellie”, mas notei que mesmo sem querer, acabava mencionando o nome dela e Savannah via uma brecha para voltar na conversa que, agora, considerava mais importante que suas peripécias como modelo.

— Parece que não. — Levei o copo até a boca e em um só gole, deixei a cerveja pela metade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vocês vão se divorciar? — perguntou enquanto brincava com seu copo da mesma maneira que eu fazia minutos antes, passando-o de uma mão para a outra.

— Não é isso que os casais fazem quando estão infelizes?

Savannah ergueu os ombros, sacudindo-os com desdém.

— Não sei. Não sou casada! — Riu e virou o restante do líquido da garrafa em seu copo. — Mas eu costumava ouvir meus pais discutirem. Era horrível quando eles ameaçavam se separar e eu parecia ser a única ponte que os ligava. A única razão para não terem seguido caminhos diferentes é

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porque tinham a mim. Você não tem filhos. Não está preso à Ellie por nenhum elo mais forte que o sentimento que tinham antes de tudo acabar.

— O que você faria se estivesse casada comigo, Savannah?

Ela me perscrutou. Respirou fundo e estreitou os olhos em minha direção.

— Eu diria: foda-se. — Ela riu. — Você é gostoso, bonito e tem um charme intrínseco.

Eu ri, abaixei a cabeça e esfreguei a barba comprida no ombro.

— Estou só dizendo que você precisa encontrar um motivo para continuar tentando, Lincoln. Mesmo que seja só por sua esposa ser uma mulher sexy!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já tem um tempo que não olho para ela dessa maneira. — Balancei a cabeça e com o indicador, chamei o garçom pedindo outra garrafa. — Nós não nos tocamos há um tempão.

— Sem amor, ok. Sem sexo? Aí já é demais! — brincou, rindo. — Como vocês se conheceram?

Apertei os lábios um contra o outro e fiquei pensativo, encarando a espuma subir enquanto o garçom me servia.

— No colégio. — Beberiquei, engolindo demoradamente o líquido. — Ellie sempre foi tão... distante. Não tinha amigos, estava na maioria das vezes sozinha e, quando conseguia alguém para ficar com ela nos intervalos, não durava muito tempo. A típica garota solitária. Então, a avó dela faleceu. A senhora Henrietta era nossa vizinha e

PERIGOSAS ACHERON

nós acabamos nos aproximando. Meus pais tentaram ser amistosos com a família dela, os convidando para a nossa casa. Mas eles nunca aceitavam. — Bebi outro gole intenso e fechei os olhos ao engolir o restante. — Ellie tentou me afastar tantas vezes que realmente pensei que iria desistir, mas eu me apaixonei por suas manias. Os defeitos faziam parte de quem ela era. E eu amava qualquer coisa que estivesse relacionado a Ellie Ann Tate. — Ri, batendo o fundo do copo na mesa. — Tudo que eu queria era poder chamá-la de *minha* senhora Coleman e estou a um passo de dizer a Ellie que hoje essa é a última coisa que gostaria que ela fosse.

— Sinto muito por vocês, Lincoln. — Savannah cobriu minha mão aberta sobre a mesa com a sua, acariciou o dorso e abriu o sorriso compassível que estava me enviando desde que chegamos. — Acho

que você tem que decidir isso sozinho — Ela se levantou, segurando minha mão para me puxar junto. — Mas se quiser um pouco de distração, eu posso te ajudar.

Savannah se agarrou a mim e me guiou, andando de costas, por entre as pessoas que criaram uma barreira diante do bar, impedindo a passagem.

Ela me arrastou para o fundo do bar, o assoalho rangendo sob nossos passos pesados. Minha respiração alavancou, soprei o ar em um guincho de frustração. Não sabia o que estava fazendo, mas tinha ideia da razão.

Queria Ellie de volta, mas ela, como sempre, não daria o braço a torcer. Eu tinha a escolha de aceitá-la em sua nova forma ou pedir o divórcio. A

questão é que não tinha nada para me lembrar as razões que me fizeram amá-la tão intensamente no passado.

No corredor do banheiro, Savannah me agarrou pela gola de meu casaco e me lançou contra a parede. Um baque oco reverberou. Ela riu abaixo de minha orelha, ao beijar o lóbulo gelado.

Eu podia tê-la parado.

Devia ter afastado seu corpo do meu, mas o toque vivo que escorregou para debaixo de minha blusa reacendeu a chama apagada que existia em mim. A ferocidade de seu toque mostrava como desejava poder me beijar, abraçar e ter as minhas mãos passeando por seu corpo curvilíneo. Sua boca

ávida, quente e viva cobrindo a minha obrigaram-me a perceber que agora que tinha provado, queria mais e mais.

Eu podia tê-la afastado.

Mas Ellie fez isso por mim ao me ligar.

O barulho do toque sobressaiu até mesmo ao som que ecoava das caixas do bar. Savannah não parava de beijar meu pescoço e tentar arrancar meu casaco. Fechei os olhos, buscando força e a empurrei pelos ombros.

— Preciso atender. — Vi no display o nome “Ellie”. — Oi? — Ergui o indicador para Savannah, pedindo que ela esperasse um minuto.

— *Lincoln?* — A voz de minha esposa me trouxe de volta para a realidade.

Que merda eu estava fazendo naquele lugar com outra mulher?

— Pode falar, estou ouvindo.

Apoiei a mão na cintura e fechei os olhos. Estava com vergonha de mim.

— *Estamos com um problema!*

Nós estamos com vários problemas, Ellie.

— *É o Snow! Ele está vomitando sem parar e a respiração parece irregular!* — choramingou e pela maneira abafada como sua voz ressoou, ela cobria a boca para disfarçar o choro.

Snow estava com a gente desde que nos casamos. Foi um presente de Natalie, a irmã mais velha de Ellie. Ela disse que, quando nosso amor

PERIGOSAS NACIONAIS

transbordasse e não coubesse mais dentro de nós, poderíamos dar ao cachorro — já que não pensávamos em filhos tão cedo. Há seis anos, Snow faz parte da família e assim como nosso casamento, ele estava desfalecendo a quilômetros de distância de mim.

— Eu chego em dez minutos. Fique pronta.

Desliguei em seguida, sem esperar sua resposta.

Encarei Savannah que tinha os lábios em uma linha fina, apertando-os com força. A infelicidade esboçada em seu rosto, cuspiu em cima de mim que eu era um tremendo canalha.

— Desculpa, eu preciso ir.

Ajeitei o casaco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Esfreguei com as mãos abertas os lugares onde os lábios dela tinham me tocado. No frio estava suando quando saí da taverna e me amaldiçoei por quase ter ido *além* com uma mulher que nunca vi.

O que eu não sabia é que, aos poucos, minha dignidade estava definhando.

Naquela noite tive medo de contar a Ellie e perdê-la.

Mas foi assim que percebi que não só ela, mas eu também estava sendo egoísta. Estava com medo de perdê-la porque tinha medo de não conseguir ser feliz sozinho.

Esse não era um problema que ela tivesse que lidar.

PERIGOSAS ACHERON

Eu precisava deixá-la livre para encontrar sua felicidade e o resto... daria um jeito de superar.



“Eu deveria ficar?

Seria um pecado

Se eu não puder evitar

Me apaixonar por você?”

**CAN'T HELP FALLING IN LOVE – ELVIS
PRESLEY**

DEZ ANOS ATRÁS...

Mamãe continuava falando enquanto serpenteávamos pelo ladrilho pedroso em direção à casa de Henrietta, nossa falecida vizinha. Ela simplesmente não parava. Papai revirava os olhos a cada palavra que evocava dos lábios dela.

Apertei os fones contra meu ouvido com mais força, querendo que a voz de Elvis Presley fosse um livramento. Não estava a fim de servir de consolo para uma adolescente mimada.

— Seja legal com ela, Lincoln — minha mãe insistiu, mais uma vez, virando para mim sobre os calcanhares com a carranca costumeira.

— Ele já entendeu, Jenna! — Meu pai cobriu meus ombros. Ele não queria ficar contra ela, mas também não estava ao seu lado.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É só dizer “meus sentimentos, Ellie” e cumprimentar o restante da família. Até onde sabemos, a senhora Henrietta era muito apegada à neta — minha mãe ecoou, revirando os olhos para nós dois.

Estava tentando fingir que não a escutava, mas acabei guinchando uma risada esganiçada de frustração.

— Eu nunca a vi aqui.

— Lincoln Coleman! — Mamãe apertou os punhos ao lado do corpo, suspirando pesadamente ao fechar os olhos e esfregar a testa com a mão fechada. — A garota está sofrendo, nós, como vizinhos da pobre senhora que vivia aqui, precisamos dar apoio a essa família!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E por quê? — Arqueei as sobrancelhas ao escrutinar o rosto inchado de mamãe. Ele estava tão vermelho que se parecia muito com um morango. — Mãe, eu a conheço do colégio. Acredite em mim, Ellie não é flor que se cheire.

— Ótimo! — Ela cruzou as mãos de baixo do queixo como se fosse começar uma oração. Se aproximou, desfazendo as mãos cruzadas e apertou minha gravata preta. Rendido, joguei a cabeça para trás para abrir espaço em meu pescoço. — Conversei com a mãe dela e até agora a menina não falou uma palavra desde que recebeu a notícia de que a avó tinha infartado! Então, se esforce para ser amigo dela. Lincoln, seja o garoto que eu criei para ser. Por mim, por favor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estremeci. Odiava quando minha mãe apelava para o lado emocional. Os olhos dela marejavam, uma película cristalina cobria o glóbulo e sua íris ficava compenetrada em me fitar.

Acariciou minha bochecha, um sorriso pincelou os lábios rosados e com gentileza afastou os fones de meu ouvido.

— Está certo, mas *só hoje* bancarei a babá da Ellie.

Escondi as mãos no fundo dos bolsos de minha calça social e apertei os passos em direção à entrada.

Havia algum tempo desde a última vez que tinha visto tantos carros parados na rua e pessoas na casa da senhora Henrietta.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A idosa octogenária de cabelos grisalhos e pele flácida não falava muito nem se relacionava com os vizinhos além de meus pais – que aconteceu por insistência deles.

Adoravam ser amigáveis e passar confiança. Quando nos mudamos para aquele condomínio, queriam viver o mais próximo possível de pessoas que fossem silenciosas. Portanto, nossa casa, a vinte passos da senhora Henrietta, era a única daquele lado do espaço aberto esverdeado que estava entre idosos aposentados.

Não precisei bater, a porta estava entreaberta. Empurrei-a devagar, uma desculpa para esperar meus pais me alcançarem. Mamãe subiu logo atrás de meu pai e se adiantou. A mãe de Ellie estava recostada à parede, usando o vestido de renda preto abaixo dos joelhos, comuns em funerais. Ao seu

PERIGOSAS ACHERON

lado, seu marido Owen, a amparava cochichando em seu ouvido palavras de conforto, deduzi. Os olhos verdes estavam mais claros com o contraste do escarlate que o marejar causou.

Encolhi os ombros quando meu pai passou por mim para cumprimentar Owen. Fiquei de fora da conversa, observando os mexericos ao redor. As pessoas não estavam velando a senhora Henrietta, apenas sentados conversando aleatoriamente sobre como andava a vida. Um casal mais velho se acomodou no sofá branco da sala de estar e bebiam goles curtos de suas taças de vinho. Esquadrinhei a mesa oval de centro, onde a garrafa já havia chegado à metade.

Esfreguei a sobrancelha e voltei a olhar para meus pais. A senhora Evelyn – mãe de Ellie – debruçou sobre os ombros de minha mãe, chorou

PERIGOSAS NACIONAIS

por minutos afinco na curvatura que ligava o ombro ao pescoço. Mamãe deu palmadinhas gentis nas costas dela e sussurrava palavras de conforto.

Uma ruga sutil acabou se formando no V entre minhas sobrancelhas. Aproveitei o momento que mamãe não estava prestando atenção em mim para afrouxar a gravata. Disfarçadamente comecei a puxar o tecido para baixo até que o nó estivesse na altura de meu peito. Desabotoei os primeiros botões da camisa e continuei andando mais adentro da casa.

O assoalho de madeira claro estava impecável. Em casa precisamos comprar um tapete felpudo para cobrir a mancha de vinho que mamãe havia derrubado em nossa primeira noite na casa nova. Acabei sorrindo da lembrança e quando notei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhares enviesados de repreensão para mim, cobri a boca. Papai havia ficado furioso, mas, no fim, também riu.

A porta dos fundos separava a área de lazer da cozinha. Vi pela pequena janela de vidro no alto da madeira a garota de cabelos loiros avermelhados sentada no primeiro degrau, olhando minuciosamente para a piscina, onde boias de banana planavam na superfície. Fiquei imaginando quão gelada a água estaria naquele começo de fevereiro, aonde chegávamos a dois graus Celsius, às duas da tarde, em Denver.

Ellie usava um vestido preto de renda, muito parecido com o da mãe, embora seus braços estivessem cobertos com um casaco felpudo branco. Ela tombou a cabeça para trás e apoiou as

PERIGOSAS ACHERON

mãos espalmadas nas laterais. Impulsionou seu corpo para cima e começou a caminhar em direção à piscina.

Espremi os olhos em sua direção.

Ela parou diante da água, quase a meio centímetro de cair nela. Nós tínhamos aulas de natação na escola, mas Ellie odiava a água.

Foi a primeira vez que a vi sem a sua costumeira barreira transparente que afastava as pessoas do colégio. Não entendia o porquê de ela ser sempre tão solitária e fazer questão de mostrar a todos que não estava aberta para fazer novos amigos. Ela só preferia assim e as pessoas começaram a respeitá-la por esse desejo peculiar.

Ellie estendeu a perna direita e a sustentou sobre a água. Em um rompante, talvez estivesse

PERIGOSAS ACHERON

ligado ao medo de vê-la morrer de hipotermia naquela água, abri a porta. Corri em sua direção e, até então, ela não tinha me notado. Segurei-a pelo pulso, afastando-a da beirada.

Ela ficou surpresa. Os seus olhos tinham um tom de mel natural, claros que quase pareciam amarelados como os de um gato. Entre os dentes da frente, Ellie prendia um cigarro. Ele queimava enquanto puxava a fumaça e distribuía a nicotina com prazer por todo o seu corpo.

— Você fuma? — Ellie puxou o pulso de volta em um solavanco. Prendeu o cigarro entre o indicador e anelar, fazendo uma pinça. — Seus pais sabem que você fuma, Ellie?

— Pode me entregar se quiser. Eu não ligo.

Ela agiu como se não me conhecesse. Como se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nossos armários no colégio não fossem do lado um do outro. Aquilo me frustrou um pouco.

Voltei a esconder as mãos nos bolsos da calça.

— Esse segredo não é meu para que eu saia contando.

Se minhas contas estivessem certas, Ellie tinha exatamente dezesseis anos.

Minha resposta foi interessante o bastante para conseguir a atenção dela.

— Sinto muito pela sua avó.

— Por quê? Essa não é a única certeza de que temos na vida? A morte?

Coei a ponta do nariz e dei de ombros.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Minha mãe mandou eu dizer “meus sentimentos”, mas achei isso estranho.

— Eu não gosto da sua mãe — confessou, virando-se para mim. — Ela é enxerida. Está sempre tentando ser gentil com todo mundo! — Ellie continuava puxando e soprando a fumaça do cigarro, criando uma nuvem densa sobre nós. — Ser gentil não vai trazer minha avó de volta.

Não que ela não gostasse de minha mãe para valer, só não tinha apreço por pessoas intrometidas. Para Ellie, cada um devia cuidar de sua vida.

— Você já fez o que sua mãe pediu. — Tirou o cigarro da boca e jogou-o sobre a relva molhada. Pisoteou em seguida e escondeu as mãos do frio nos bolsos de seu casaco grande. — Pode ir embora agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No entanto, ao invés de fazer o que ela me pedia, finquei meus pés ao chão como se tivesse criado raízes. Por mais que tentasse movê-las, não conseguia. A personalidade egocêntrica de Ellie despertava em mim certa curiosidade sobre os sentimentos das pessoas. Quis entender a razão de ser tão amarga e rigorosa com quem tentava se aproximar. Eu quis aprender mais sobre aquela garota e por isso fiquei.

— Você devia entrar, vai pegar um resfriado aqui fora.

— E ficar com meus pais? — ela riu, irônica. Tombou a cabeça para trás e arfou. A gargalhada intensa não durou nem cinco segundos. Foi cessada depressa, em instantes, e ao me virar para Ellie, era como se ela não tivesse quase se desmantelado ao chão de tanto rir. — Eu prefiro morrer.

PERIGOSAS ACHERON

Amarga.

— Queria ter coragem de pular e me afogar — confessou, fitando intensamente a água cristalina da piscina —, mas quero morrer sem dor. E tenho certeza de que cair em uma piscina gelada e deixar o ar simplesmente esvair de meus pulmões vai me causar desespero. Não quero que seja assim.

Cética.

Fria.

— Você odeia a vida tanto assim?

— Não. Eu odeio o que a vida faz com as pessoas. — Suspirou. — Minha avó, por exemplo, não estava doente. Não tinha nada. O coração dela parou de bater de repente, então ela se tornou só uma lembrança para mim agora. — Ellie queria

PERIGOSAS NACIONAIS

chorar, eu percebi, mas não queria ser idiota e dizer que podia fazer isso. Ela poderia se afastar de repente se eu dissesse. — Você deve estar se perguntando o porquê de eu não ter amigos, não é? A casa está cheia, mas ninguém está se preocupando com o que eu sinto. Nem mesmo os meus pais entenderiam.

— Amanhã você vai agir como se essa conversa não tivesse existido. — Dei de ombros, com desdém. — Você pode me dizer o que quiser hoje.

Limpou a garganta e ficou de frente para mim. A pele pálida de Ellie tinha uma coloração rosada obtusa em suas maçãs. Aproveitei os minutos para estudar os lábios generosos, rachados pelo frio, mas rosados. Os olhos levemente caídos, embora o rímel nos cílios tivesse disfarçado bem.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela respirou, sugando o ar pela boca entreaberta.

— Meus pais estão sempre ausentes porque são advogados e abriram uma empresa para tratar de assuntos corporativos. Eles brigam quando estou por perto, como se quisessem me mostrar o que minha presença causa a eles. — Parou para desviar o olhar e não voltou para mim ao continuar. — Percebi que todos os relacionamentos estão fadados ao fim, alguns chegam mais cedo que outros, mas todos têm o seu tempo limitado e ninguém está se esforçando para aproveitar cada segundo como se fosse o último. Para mim é mais fácil evitar relacionamentos a ter que me preparar para o instante em que todos vão embora. — Quando voltou a me olhar, Ellie parecia ter se recuperado. — É melhor quando você não tem ninguém para se despedir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nunca entendi o motivo de Ellie ter me dito aquelas coisas, mas eu a escutei. Não desviei a atenção dela por nenhum instante, eu quis estar com ela. Não porque tive pena ou senti que precisava, mas por não conseguir evitar o sentimento que brotou em meu coração.

Ela plantou a semente e suas palavras regaram o meu peito. Eu explodiria a qualquer minuto se não conseguisse me aproximar dela, se não fosse capaz de fazer o que ninguém ainda havia feito.

Apanhei meu *iPod* no fundo do bolso de minha calça e a chamei para perto.

— O quê? — perguntou, espantada.

Ergui um dos fones e o preendi em seu ouvido. Fiz o mesmo com o outro, encaixando-o no meu.

PERIGOSAS ACHERON

Pressionei o play.

A voz de Elvis Presley na música *Can't help falling in love* nos inundou. Ellie fechou os olhos e balançou a cabeça para acompanhar o ritmo da música. O som do piano penetrava meus tímpanos e a acompanhei no movimento sereno de mover a cintura de um lado para o outro com os olhos fechados.

Em um ímpeto, as mãos de Ellie estavam em minha cintura. Abri os olhos espantado, mas ela mantinha os seus fechados. As pálpebras se apertavam com força. Imittei seu ato e pousei minha mão direita em seu quadril, ela deu um passo à frente e quase tocou seu peito no meu. Inspirei profundamente para sentir o cheiro adocicado que emanava de seus cabelos ao movimento lento.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era a primeira vez que conversávamos de verdade, também a primeira que podia olhá-la nos olhos. Senti que eu poderia me aproximar se realmente quisesse. Ellie abriria seu coração para mim como nunca havia feito para ninguém.

A razão?

Ela sabia que eu não queria estar ali.

Não me importar fazia com que Ellie se importasse.

— Lincoln?

— Hum? — murmurei, encarando-a. Ela não fazia ideia de como meu coração palpitava.

— Eu gostei dessa música.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vai agir como se ela não existisse também?

— Não. Eu não vou.

No dia seguinte, Ellie me cumprimentou no armário do colégio, o que me surpreendeu. No almoço, ela se sentou ao meu lado, embora não falasse nada.

Percebi que ela só queria absorver minha presença, que algo em mim a agradava e fazia com que quisesse mais e mais. Eu não me importei de lhe dar isso. Ela não era desagradável como tentava parecer.

No entanto...

Ela só corria para mim quando tinha vontade.

Só me ligava quando queria.

PERIGOSAS ACHERON

E, sobretudo, eu tinha que estar disponível quando ela precisava.

Também não me importei de fazer isso para ela.

Não tinha notado ainda, mas não consegui evitar me apaixonar por Ellie.



*“Eu nunca ouvi um silêncio tão alto
Eu entro na sala e você não faz um som
Você é bom em me fazer sentir pequena
Se isso não me magoa, porque eu ainda choro?
Se isso não me matou, estou só metade viva
Como chegamos tão longe?
Eu já devia saber
Você já devia saber
Nós já devíamos saber
Alguém tem que ceder
Alguém tem que ir”*

**SOMETHING'S GOTTA GIVE – CAMILA
CABELLO**

O termostato mostrava que a temperatura despencava.

O silêncio na sala de espera do consultório veterinário, quase no pé da *Aspen Mountain*, emanava desconforto de dois completos estranhos. Principalmente porque há dois anos estávamos daquele jeito: agindo como se não nos conhecêssemos.

Estava surpresa que meu orgulho tivesse sobrevivido a tantos altos e baixos. Em outra situação, eu teria me afugentado em algum lugar, só para não ter que lidar com ela. Talvez não fosse questão de orgulho, mas sim de não querer voltar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para o lugar onde demorei tanto para sair. E, no começo, pensei que a distância entre mim e meu marido fosse só uma crise. *A crise dos três, dos cinco e depois dos sete.* Mas nossa crise já durava quase dois anos e não tinha certeza se aguentaria mais uma semana naquela situação constrangedora com Lincoln. Era como estar flutuando sobre o oceano Pacífico em uma bolha de sabão e qualquer movimento poderia ser perigoso.

Ele estava sempre em completo controle, como se tentasse dominar a pequena bomba relógio que seus nervos haviam se tornado.

Suprimi um suspiro enquanto olhava disfarçadamente para Lincoln. Ele se sentou na poltrona próximo à janela, eu fiquei para trás no espaçoso sofá de quatro lugares azul-marinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim que se acomodou, virou a poltrona para assistir aos flocos de neve caírem e encobertarem o nosso carro estacionado na frente do consultório. Sua desculpa parecia plausível, mas ele não me enganava. Ele só não queria ter que passar uma hora ou mais olhando para mim.

Em um instante impetuoso, ele impulsionou o corpo para cima. Puxou o cachecol preto para baixo, mostrando seus lábios rosados e finos. Enfiou as mãos nos bolsos do casaco, querendo aquecê-las, embora o aquecedor estivesse ligado.

— Vou buscar um café. Você quer? — indagou, desviou o olhar para o calendário sobre o balcão da recepção, evitando uma conexão visual comigo.

— Você sabe que eu odeio café.

PERIGOSAS ACHERON

Ele voltou-se para mim. O olhar nada sutil. Fechei os olhos em um pedido silencioso de desculpa e me afundei no sofá.

— Só estava tentando ser educado, Ellie.

E se afastou.

Escondi as mãos dentro do meu casaco longo, afundei o pescoço me odiando por ser assim, tão repulsiva e insuportável na maior parte do tempo. Não é como se eu não soubesse a razão de nossa relação ter esfriado, só não queria admitir que *eu* havia sido o motivo.

Sempre grossa, egoísta e egocêntrica. Não sabia ser de outra forma e por mais que tentasse, não conseguia a mudança que era necessária, mesmo que Lincoln não dissesse diretamente, me pediu várias vezes para ser mais razoável com ele e suas

PERIGOSAS ACHERON

preocupações que, em geral, estavam voltadas para mim: se eu tinha almoçado, como havia sido o meu dia, se estava me sentindo bem para passearmos com Snow.

Eu reconhecia meus erros, só não sabia por onde começar e organizar a bagunça.

Levantei-me à procura do controle da televisão decidida a esquecer o que aconteceu e tentar me desculpar pela resposta grosseira de minutos atrás. Não o encontrei, entretanto. Fui até a tevê para ligar no manual e o canal estava no jornal de notícias do clima e tempo.

— *Uma nevasca se aproxima no início desta madrugada.*

A mulher do tempo informou, apontando para a tela plana atrás de seu corpo miúdo, as regiões

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

afetadas pelo temporal de neve. Tinha medo de dias como aqueles, as pessoas se tornavam vítimas reais da natureza. Ela continuou dizendo, acentuando que os moradores de Aspen não deviam sair de casa até que fosse seguro.

Busquei pelo relógio na sala e o encontrei sobre a porta do banheiro, quase onze da noite.

Lincoln voltou com o copo térmico e descartável soprando a fumaça que emanava da borda. Uma de suas mãos continuava monopolizada dentro do bolso enquanto a outra se ocupava em mexer o café. Apreensivo, encarou a tela da televisão e vi suas sobrancelhas arquearem. A testa franzida e o semblante preocupado evidenciaram a confusão de pensamentos inquietos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O veterinário, o Dr. Warren Williams, era o único mais próximo de nossa casa, a poucos quilômetros do pé da montanha de Aspen. Nossa casa ficava pouco acima, ladrilhada por árvores secas. Mesmo que saíssemos naquele instante, chegar em casa antes da nevasca seria quase impossível.

No minuto seguinte, o doutor Warren apareceu com as mãos afundadas em seu jaleco e um sorriso pitoresco achava graça da notícia na televisão. Ajeitou seus óculos de fundo de garrafa, apertando-o contra a ponte do nariz.

— Snow está bem. Foi só uma intoxicação — especificou, olhando de mim para Lincoln, que bebericou tranquilamente de seu café. — Prefiro mantê-lo aqui, por ora. Só para ter certeza de que nada mais grave pode acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln e eu anuímos quase que no mesmo instante. O veterinário voltou a esquadrinhar a televisão.

— Acho que vocês ficarão presos também. Se quiserem passar a noite, tenho uma sala vazia no final deste corredor. — Indicou com a mão aberta e encarei o vestíbulo com as luzes apagadas. Era assustador. — Posso arrumar alguns cobertores. Não é seguro dirigir com a previsão de uma nevasca a caminho!

Lincoln suspirou. Contudo, sabíamos que arriscar ir para casa com uma previsão de temporal debaixo de neve sobre neve era o mesmo que colocar a corda em volta de nossos pescoços.

Abri a boca para justificar, mas meu marido se adiantou:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigado, doutor Warren. Nós agradecemos.

— Ele está dormindo? — perguntei, me referindo a Snow.

— Sim. O remédio vai deixá-lo sonolento até amanhecer. Não precisa se preocupar, ficarei de olho nele e se alguma coisa acontecer, eu chamo vocês.

Assenti.

— Agora, vou mostrar a sala.

Ele apontou e abriu o caminho seguindo em frente. Lincoln e eu o seguimos. Não tinha notado ainda, mas Lincoln estava mais distante que nos dias normais. Fiquei me perguntando se isso aconteceu antes ou depois de eu ter rudemente recusado o café.

PERIGOSAS ACHERON

No caminho, Lincoln encontrou a lixeira para descartar seu copo e, em seguida, o doutor Warren destrancou a porta da sala vazia. Ele apalpou a parede ao lado para encontrar o interruptor e quando o achou, a luz branca abrilhantou o chão liso de porcelana cinza. Não havia nada na sala além de uma prateleira antiga e inutilizável, que lembrava as prateleiras da loja “*Para turistas*” de Lincoln. Uma janelinha pequena e fechada, inalcançável para minha metragem de um e sessenta e cinco.

— Eu vou pegar os cobertores, espero que fiquem confortáveis. Não é tudo isso, mas é melhor que arriscar a vida lá fora. — Ele riu, franzino.

Abracei o próprio tronco, reprimindo o desconforto que estar sozinha com Lincoln vinha me causando. Ele sentia o mesmo, eu sabia, porque

estava na maioria das vezes encontrando maneiras de agir como se não estivéssemos vivendo juntos.

Lincoln entrou na sala quando percebeu que eu não daria o primeiro passo se ele não o fizesse. Em segundos, havia se livrado do cachecol e o pendurado no limite da prateleira. Retirou as botas e ficou apenas com as meias brancas. Se sentou, apoiando os antebraços na superfície dos joelhos e tombou a cabeça para trás. O cansaço acentuou os traços naturalmente duros dele.

Afastei da soleira, fechei a porta e retirei o casaco para me sentar em cima. Optei por manter a distância segura e me sentei recostada à parede de frente para a sua. Era como se tivéssemos criado um tratado, mas nunca, de fato, chegamos a conversar sobre isso. Não combinamos de nos distanciarmos para o bem de nossa sanidade,

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas aconteceu um acordo silencioso após cada discussão intensa que tivemos, onde magoávamos um ao outro de propósito pelo prazer momentâneo.

— Lincoln? — Não tinha percebido, mas ele havia fechado os olhos.

Queria ter certeza de que ele não estava dormindo. Os segundos seguintes serviram para que eu pudesse estudar sua postura. Sobretudo a tensão que emanava de seu corpo. Ele estava diferente demais, em especial naquela noite. A barba se comparava a de um lenhador, escondendo parte de seu queixo quadrado e os poros baixos em sua bochecha. O nariz retilíneo levemente avermelhado e as pálpebras fechadas trepidaram ao som da minha voz macia inundando seus ouvidos ao ouvir seu nome, entretanto ele não me respondeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O veterinário voltou com quatro cobertores e, ainda assim, Lincoln continuava de olhos fechados.

Usei dois deles para forrar o chão e me aninhei no canto, fazendo de meu braço fechado o travesseiro para apoiar minha cabeça. Continuei observando Lincoln ininterruptamente.

— Você não está dormindo. Sua respiração nem está densa como costuma ficar quando cai no sono — refutei, ao revirar os olhos.

— O que foi? — A voz gutural de Lincoln inundou meus tímpanos e senti meus nervos saltarem.

— O que você estava fazendo antes de vir para cá?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não perguntei a princípio porque não queria começar uma briga com ele na frente do veterinário. Ele abriu os olhos com o som imperioso de minha voz.

Sequer mencionei o cheiro de cerveja que emanou de seu hálito assim que nos encontramos em casa ou os fios desgrenhados que se desprenderam da arrumação perfeita em que mantinha os cabelos. Nem perguntei o porquê os lábios estavam inchados e a respiração parecia entrecortada ao chegar até mim. Não o questionei para que o doutor Warren fosse poupado da discussão que teríamos.

Quando ele não respondeu, a ira subiu.

— Você costumava me ligar para avisar que ia se atrasar.

PERIGOSAS ACHERON

— Nós costumávamos fazer muitas coisas um pelo outro, Ellie. — Ele espremeu os olhos em minha direção, controlou com meticulosidade a raiva tanto quanto eu fazia.

— A culpa não é minha! — bradei e me levantei da cama improvisada para me sentar. Os seus olhos recaíram de maneira pesada sobre mim.

— Lá vem você de novo. — Esfregou o rosto, exasperado. — Não estou dizendo que a culpa é sua!

— Então o que você está querendo me dizer voltando às dez da noite para casa, Lincoln? Porque, sinceramente, eu não consigo entender!

— Quer saber? — Levantou-se e andou em direção a prateleira para pegar o cachecol. — Não vou ficar aqui discutindo com você. Estou cansado

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

disso.

Ele enrolou o tecido grosso no pescoço e fechou os botões de seu casaco.

— Você vai sair *agora*?

— Estar em qualquer lugar, Ellie, é melhor do que estar com você.

Ele conseguiu me calar.

As pessoas que conheci no passado costumavam dizer que eu era uma pessoa difícil, mas Lincoln nunca ousou dizer o quão insuportável era a convivência comigo. E eu sequer conseguia entender por que tinha a necessidade de ter as coisas tudo à minha maneira.

PERIGOSAS ACHERON

Eu... simplesmente queria que as pessoas realizassem meus desejos como em um conto de fadas.

— Para! — Em um ímpeto de coragem, me ergui para segurá-lo. Apertei minha mão pequena em volta de seu bíceps. Seu olhar acompanhou meu ato, desceu por meu rosto até alcançar minha mão em nós brancos. — Você vai se matar se sair lá fora!

Ele jogou a cabeça para trás em uma gargalhada sarcástica.

— Não arriscaria minha vida por sua causa, Ellie. — Em um solavanco, puxou o braço e fui obrigada a soltá-lo.

Lincoln tinha palavras dóceis e macias como um cobertor quentinho felpudo me aquecendo no

PERIGOSAS ACHERON

inverno. Porém, no coração, também carregava adagas pontiagudas e afiadas, prontas para me apunhalar com um só golpe.

Fechou os olhos e respirou fundo como se tivesse acabado de cair em si.

— Ellie... — Deu um passo em minha direção e, dei dois para trás, queria manter a distância. — Sinto muito, eu não quis...

— Por que você se casou comigo? — alfinetei, olhando para a sua mão esquerda e vazia. *A aliança dele deveria estar bem ali!* — Eu deixei tudo para trás, Lincoln. Para ficar com você.

— Você teria acabado com a própria vida se eu não tivesse tirado você de lá. Acabou viciada em bebida e cigarro porque a sua família não te escutava. Eu tenho arriscado a minha vida e o meu

PERIGOSAS ACHERON

futuro por você desde que nos conhecemos. Você me disse que sonhava em viver em uma cidade como Aspen, e cá estamos nós. — Ele abriu os braços e olhou ao redor. — Você quis abrir uma livraria e foi exatamente o que fiz por você. E, há um mês, quando sua mãe sugeriu que deveríamos ter um filho para colocar uma pedra sobre nossos problemas e renascer, eu disse que faríamos, se *você* quisesse! — Apertou os olhos com o indicador e o polegar, sendo enfático em todas as vezes que disse “você”. — Mas, quer saber? Acho que seria egoísmo de nossa parte colocar uma criança no mundo para manter nosso relacionamento. Nós *acabamos* há muito tempo, Ellie. Precisamos parar de brincar de casinha.

— Não é uma brincadeira para mim, Lincoln.
— Por um ínfimo minuto, seus olhos chisparam. Vi neles um ponto de esperança porque tinha

sinceridade na entoação de minha voz.

Se eu tivesse dito que ainda te amava, você acreditaria em mim?

Sua cabeça caiu para trás e arquejou o ar, soprando com força desnecessária.

— Há seis meses te mandei flores em um buquê de rosas vermelhas — sibilou. — Você as jogou fora.

— Porque você sabe que eu odeio rosas vermelhas, Lincoln! Em especial, *as rosas vermelhas*. — Apertei as mãos em punho na lateral do corpo.

Ele ignorou minha ênfase nas rosas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando completamos cinco anos de casados eu disse que deveríamos refazer os votos. — Ele umedeceu os lábios, contornando-os apreensivamente com a língua. — Você disse que era desnecessário. Nós não assistimos os meus programas favoritos porque você não gosta. Nós não comemos omelete no café da manhã porque você odeia o cheiro de ovo. Você não consegue comemorar o meu aniversário porque não consegue ficar perto da minha mãe, que me ama e se importa comigo. — Inspirou profundamente, os olhos marejados me miraram. — Não estou dizendo que você precisa fazer exatamente tudo o que eu gosto, Ellie. Mas eu parei de viver a minha vida para viver a sua. Não é saudável para nenhum de nós continuar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu posso mudar! — insisti, embora tivesse certeza de já ter dito aquela frase inúmeras vezes, porque Lincoln deixou escapar uma risada triste. — Eu consigo, Lincoln. Você só precisa...

— *Te dar mais uma chance?* — Franziu a testa com os olhos semicerrados em minha direção. — *Ser mais paciente? Tentar entender o seu lado?* Eu faço isso há dez anos e nunca te vi abrir mão de qualquer coisa por mim. Você não deixou tudo para trás porque você não tinha nada além de seus vícios. Fiz porque te amava e, acima de qualquer coisa, queria que você fosse feliz. Eu faria *qualquer coisa* só para te ver sorrir.

Com a mão na maçaneta, cogitei me ajoelhar e implorar só por mais alguns meses. Eu queria tê-lo só por algum tempo antes de tudo acabar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lincoln... — Minha voz tremelicou porque, pela primeira vez, conseguia sentir qual seria o fim daquela discussão. — Por favor, por favor.

— Eu me atrasei porque saí com outra mulher.

Aquela adaga escondida debaixo da manga de Lincoln mostrou sua ponta e uma fígada em meu coração tornou a dor emocional real. Apalpei o peito, respirei fundo ao fechar os olhos. Ele, entretanto, permaneceu parado sem fazer nada sobre meus resmungos de dor.

— Não pretendia fazer isso. Queria que tudo entre nós estivesse acabado para que eu pudesse seguir em frente, mas não consegui. Não dessa vez.

— Você dormiu com ela? — consegui perguntar sobre um fiapo de voz.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Apertou a maçaneta. — Mas ela me beijou.

Doeu como se estivesse andando descalça sobre brasas. *Talvez eu devesse.*

— Você quer que eu diga o que devemos fazer agora?

Assenti, não tive certeza se ele veria, mas esperava que sim; que visse como aquilo estava partindo meu coração em pedaços, como me desmantelava a cada palavra que evocava de sua boca, como aquele sentimento de perda me adoecia.

— Diz — exige, insistente, quando ele olhou por sobre o ombro.

— Eu quero o divórcio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Parece que estou sempre me desculpando por
sentir*

*Como se estivesse enlouquecendo quando estou
bem*

*E todos os meus ex dizem que sou difícil de lidar
E eu admito que sim, é verdade”*

**ANXIETY – JULIA MICHAELS FT. SELENA
GOMEZ**

DEZ ANOS ATRÁS...

Eu não queria ir para a faculdade, acho que é um desejo comum para jovens da minha idade e que só pensam em ter liberdade quando terminar o colegial. Meu desejo era me mudar de Denver. Não me importava se iria sozinha, com ou sem o apoio de meus pais. Apenas pegaria o primeiro voo para Aspen em uma manhã de domingo, ligaria no dia seguinte e diria: “agora terei a minha própria vida, espero que vivam bem a de vocês”. Este era meu sonho peculiar, particular e não tão distante de ser alcançado. Só precisava conseguir dinheiro e cair fora.

Estalei a língua no céu da boca. Joguei uma bala de menta para amenizar o sabor do uísque de trinta anos que meu pai mantinha na adega em seu escritório sob a escada. Ele descobriria no futuro e acabaria brigando comigo, mas não importava. Talvez estivesse longe demais para escutar sua voz escarnecer minhas atitudes.

Lincoln dizia que eu só tinha dezesseis anos e precisava me cuidar para ter uma vida saudável, mas preferia quando o cigarro e a bebida silenciavam meu demônio interior chamado ansiedade. Eu sentia que podia ficar em paz comigo mesma quando ele simplesmente se calava.

Lincoln.

Lincoln.

Ainda não conseguia entender o porquê seu
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nome, que ressoava em minha cabeça, atingia meu coração e minhas pernas tremiam, mas duvidava que outra pessoa conseguiria fazer eu me sentir como ele fazia.

Ele queria ser incluído em meus planos. Participar dos meus sonhos. Queria abraçar meu mundo como se fosse seu, eu deixaria, se quisesse intoxicá-lo com meus problemas. A ansiedade me faz acreditar que as pessoas me odeiam e que eu as incomodo. Não queria que Lincoln pensasse como minha família.

Escutei de meus primos uma vez que eu era como a *erva daninha*. Nasci em um lugar indesejado para projetar as discussões, interferindo negativamente e causando infelicidade na família.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Isso porque minhas notas eram baixas e não tinha intenção de ir para a faculdade. Minha mãe queria me deixar pensar mais a respeito, talvez eu pudesse abrir uma livraria – como já havia sugerido outras vezes – e ser comerciante, assim, quando decidisse o que iria fazer, poderia entrar para a faculdade. Meu pai, contudo, estava decidido a fazer de minha vida um inferno pessoal. Em sua concepção, não tinha o que pensar, precisava seguir os passos da família e me tornar uma advogada como minha irmã mais velha, Natalie, que estava estudando para se formar com honra ao mérito.

Ela tinha entrado há um ano para a faculdade, mas já tinha o peso de uma tonelada convertida em pressão familiar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *Erva daninha* — Lincoln brincou e enviei a ele um olhar enviesado de repreensão. Estava apoiado no beiral de minha janela, com as mãos abertas sustentando o peso de seu corpo. Ele sorriu genuinamente quando revirei os olhos. — Estou só brincando. — Ergueu as mãos abertas para frente em forma de rendição. — Você está atrasada para a nossa sessão de cinema improvisado com *macarons*. — Estendeu para me mostrar a caixinha para mostrar os bolinhos coloridos. — Vem! — Gesticulou com a cabeça para o lado de fora.

Macaron ganhou um novo significado para nós.

Ele vinha para a minha casa de sexta a domingo, transpassava suas pernas longas pela janela do meu quarto, cobria o telhado com um cobertor felpudo e posicionava o notebook estrategicamente diante de nós.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O filme, a série ou o programa não importava. Era a companhia dele que eu queria. Que meu coração, embora não admitisse, desejava.

Então eu me deitava em seu peito. Aninhava-me sob seus braços fortes e nos cobria até o pescoço com uma manta grossa.

Às vezes, não nos atentávamos ao que passava na tela do notebook, só aproveitávamos a presença um do outro. Mas em algumas vezes nós assistíamos ao pôr do sol, como se fosse a última coisa que veríamos.

Em outras eu inspirava profundamente, só para não me esquecer o cheiro amadeirado que emanava de Lincoln. Ele sempre foi muito cheiroso. Tinha aquele misto de madeira e sabonete de erva-doce

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que eu adorava. A barba raspava minha bochecha e todo o meu corpo se arrepiava ao toque mais inocente.

Eu odiava tanto que ele tivesse o dom de me desarmar.

Ele respirou fundo quando nos acomodados sobre o cobertor felpudo e aconcheguei meu corpo minúsculo em seus braços quentinhos. Inalou meu cheiro com o nariz soterrado em minha cabeça. Inclinei o pescoço, só o suficiente para vislumbrar sua expressão. Tinha uma carranca costumeira adornando sua feição.

— Você precisa parar com essa merda, Ellie.

— Por que eu faria isso? A nicotina me ajuda a esquecer os problemas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Encontre outra coisa para te ajudar a esquecer os problemas.

Eu me virei, apoiei os cotovelos no telhado duro e o encarei, sustentando o olhar pesado.

— Tipo o quê?

No mesmo instante, Lincoln travou a mandíbula. Jurei que podia escutar seus dentes rangerem na boca.

Pensei que ele ficaria bravo. Que me afastaria e iria embora, mas ele costumava me surpreendendo.

Curvando os lábios, esboçou um sorriso genuíno. Os cantinhos de sua boca afundaram, evidenciando as covinhas escondidas sob a fina camada de barba rala.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se vicie em mim, Ellie. Eu prometo que vou cuidar de você.

E ele cuidou por longos dez anos. Mas assim como qualquer pessoa que eu amava, em algum momento, ele se cansaria e iria embora também. Entretanto, decidi que tiraria proveito dele em minha vida o máximo que pudesse.

Eu o envolvi com meus braços, voltei a apoiar minha cabeça em seu peito e deixei um beijo molhado em seu pescoço.

Ele riu contra o topo de minha cabeça e a beijou em seguida.

— Tudo bem. Eu aceito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aceita? — Ele abaixou a cabeça em minha direção, os vincos em sua testa mostravam a dúvida, como se ele não soubesse do que eu estava falando.

— É. Aceito sair com você. Está me convidando há *um mês*.

Lincoln simplesmente riu. Sabia que para ele era como passar por uma barreira enquanto corria uma maratona de cem metros.

Eu seria a pista mais difícil que ele precisaria percorrer.

PERIGOSAS ACHERON



*“Mas eu nunca quis magoar você
Eu sei que já passou da hora de eu aprender
A tratar quem eu amo, como eu quero ser amada
Essa é uma lição que eu aprendi
E eu odeio saber que decepcionei você
E eu me sinto tão mal por isso
Acho que o carma acaba voltando
Porque agora quem está sofrendo sou eu
Odeio saber que eu o fiz achar
Que a confiança que tínhamos se quebrou
Não me diga que não pode me perdoar*

Porque ninguém é perfeito”

NOBODY'S PERFECT – JESSIE J

O baque surdo da porta sendo fechada com força além do necessário me sobressaltou. Os dedos dos meus pés contorceram dentro das botas de inverno e abracei o tronco, reprimindo a angústia lancinante que preenchia, inundava e desestabilizada desestabilizava todos os meus pensamentos, nauseando e revirando meu estômago como se estivesse na roda roda-gigante de um playground.

O estrépito ficou ecoando dentro de minha mente, engrenando meu cérebro a me trazer para a realidade alucinante que nos envolvia. Solucei, não queria chorar, porque era boa demais em suprimir

sentimentos e enganar as pessoas a à minha volta com um sorriso torto que quase me partia o rosto ao meio. Mas, dessa vez... dessa vez foi diferente. Porque eu queria chorar. Queria mostrar a Lincoln como a frase “*eu quero o divórcio*” teve poder irreversível sobre mim. Como enfraqueci no instante em que seus lábios proferiram as palavras que fizeram meu coração sangrar.

Dei um passo adiante, minha mão direita pairou sobre a maçaneta, espremi os olhos e a fechei em punho segundos depois. Não podia ir atrás dele ou aquela discussão seria infinita, duraria horas, até que conseguíssemos superar todas as palavras amarguradas ditas e não ditas.

Há dois anos, mais ou menos, Lincoln dava seus primeiros sinais de estar irrevogavelmente cansado. Ele passava mais tempo no trabalho,

PERIGOSAS NACIONAIS

quase não falava comigo para que minha grosseria não fosse um veneno injetado direto em suas veias e parou de me perguntar o que queria fazer no fim de semana, porque, na maioria das vezes, Lincoln era obrigado a ceder às minhas vontades.

A parte mais difícil foi admitir que estava errada. Olhar para dentro de mim e reconhecer que eu havia sido uma das razões para que nosso relacionamento se tornasse algo tóxico. Tinha carregado problemas intensos para nós.

Quando percebi que ele se esforçava demais para trazer a alegria que não tive no passado, era tarde demais para tentar sequer a chance de consertar o vidro quebrado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, passei a fazer exatamente o que ele fazia: parei de falar. E nós paramos de conversar sobre o que nos incomodava e o silêncio se tornou a única palavra civilizada que tínhamos.

Percebi que eu precisava ser responsável pela minha felicidade, mas ele acabou tomando essa carga para si e se responsabilizou por ela. Se esforçou tanto para ter sucesso que não sobrou nada para ele.

Preciso confessar que doeu pensar nisso e enfrentar o sentimento. Eu não era mais a Ellie de dez anos atrás, que se afastava das pessoas com medo de que um dia ou outro, elas traíriam o sentimento tão bonito que florescia dentro de mim e iriam embora. Hoje, na verdade, estava preocupada em manter a única pessoa no qual bastava para mim: Lincoln.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apesar disso, os nossos problemas não justificavam sua decisão de sair com outra mulher ainda casado comigo. Embora doesse todas as palavras ácidas que disse a mim, nada doeu mais do que compreender que ele não esperaria o divórcio ser concluído para seguir em frente e viver. Ele faria exatamente o que quisesse. Não agia nem pensava mais em nosso relacionamento fracassado como uma barreira, mas uma oportunidade.

Respirei fundo.

O vento soprou contra a janela pequena e quase imperceptível no fundo do cômodo vazio, fazendo-a gear. Afundei o pescoço entre os ombros, volvei para a cama improvisada com o amontoado de cobertores e me encolhi.

PERIGOSAS ACHERON

Puxei os joelhos para perto do peito, escondi o rosto no tecido felpudo e quente, tremelizando e sentindo um frio absurdo, que não fazia parte da sala. Aquele frio estava emanando de mim e convulsionava o meu corpo. Mordi o lábio inferior com força, senti a lágrima quente e grossa cortar meu rosto.

Passei mais de uma hora naquela mesma posição, ouvindo meu coração bater rápido ao bombardear sangue para o meu corpo, não querendo admitir que estava inquieto inquieta porque a decisão de Lincoln de pedir o divórcio tinha a ver com a mulher que ele tinha conhecido.

Lincoln voltou para a sala vazia no final da nevasca, quando o vento não cortava nem maltratava as vidraças da clínica. Mantive os olhos fechados, se ele percebesse que ainda estava

PERIGOSAS NACIONAIS

acordada, voltaria para a sala de espera. Controlei a respiração e senti o toque quente sobre a minha bochecha, anestesiando minha pele.

Quis abrir os olhos para flagrá-lo tirando a madeixa generosa que caía em meu rosto. O perfume amadeirado instalou em minhas narinas, invadindo e trapaceando minha sanidade. Escutei o barulho da movimentação de seu corpo e segui seus passos mantendo a audição atenta a ele. De repente, senti o toque sereno e cuidadoso, como se uma toalha de algodão tivesse sido colocada sobre mim.

Os passos se afastaram, a porta abriu e fechou. Forcei as pálpebras para cima e estreitei os olhos pelos ombros encurvados, vendo o casaco que Lincoln usava cobrindo meu corpo, deixando apenas meus pés revestidos com meias de lã para fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Apoiei o peso do corpo nos cotovelos, ficando meio sentada e meio deitada. Estudei a porta por pela qual ele acabara de sair, tentando entender aquele cuidado ameno, contudo, cheio de significados. Ao menos era para mim.

Muitas coisas precisavam ser resolvidas. O fato de ele ter optado por sair com outra mulher, não era só difícil de perdoar, mas impossível de esquecer. Um filme se passaria em minha mente todas as vezes que olhasse para ele, me perguntaria se Lincoln teria dito a verdade ou se havia transado com ela. A incógnita me perseguiria como um fantasma e eu não queria aceitar me divorciar porque eu o amava, o admirava e adorava tudo o que um dia fomos um para o outro.

PERIGOSAS ACHERON

Eu precisava voltar alguns passos e entender como foi que chegamos ali. Só então eu iria embora.



Era a primeira vez no mês de fevereiro que o céu se abria para dar boas-vindas ao sol em Aspen. O manto fino que encobria o chão estava derretendo, transformando-o em pequenas poças de água pelo caminho nas ruas. A minha caminhada matinal com Snow, antes de abrir a livraria, era a parte favorita dos meus dias nos últimos anos. Costumávamos fazer juntos, Lincoln e eu, mas a rotina parou e não sei dizer o porquê. Só acabou.

PERIGOSAS NACIONAIS

O doutor Warren receitou um remédio para misturar na água de Snow uma vez ao dia e trocá-la quando ele bebesse, mas garantiu que não havia nada de mais com meu Husky Siberiano e não precisaria me preocupar com ele.

Snow afocinhava o passeio enquanto diminuíamos a corrida. Eu vestia meu macacão térmico como uma segunda pele e minha roupa de corrida de inverno. Segurava a coleira com a mão direita e parava a cada dez minutos para acariciar o misto de pelugem cinza e branca que formavam o manto de pelos do cachorro. Ele esbugalhava o oceano azulado, que eram a íris de seus olhos, e latia para mim repetidas vezes, como se pedisse exigente que continuássemos a correr.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Não admiti o motivo, mas corri em direção a à loja de Lincoln. Na maioria das vezes corríamos aos arredores das montanhas rochosas e voltávamos. Nossos passeios duravam cerca de uma a uma hora e meia, nenhum nem um minuto a mais. Porém, meu coração saltitava insistente para que seguíssemos um caminho diferente.

Talvez só estivesse preocupada que Lincoln e eu não tivéssemos conversado mais. Ele saiu antes de mim da clínica, deixou dinheiro para o táxi e pagou o veterinário. Warren disse que, segundo Lincoln, pretendia abrir a loja mais cedo. A razão despertou em mim curiosidade e, embora estivesse ordenando a meu consciente para dar meia volta, segui em frente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Espiei pela vitrine e Ethan atendia ao balcão sozinho. Comprimi os lábios e inspirei fundo. Empurrei a porta de vidro e entrei. Os olhos de Ethan se estreitaram em minha direção. Ele olhou preocupado por cima de seus ombros, em seguida, para os lados e sorriu como um cumprimento cortês para mim.

— Oi, Ellie. — acenouAcenou, movendo os dedos como se fizessem um exercício, fechando-os e abrindo em seguida. — Nossa, como ele está grande! — Ethan saiu de trás do balcão e se inclinou para acariciar a cabeça de Snow.

Olhei em volta, meus olhos buscando buscavam desesperadamente por Lincoln. Almejava que ele saísse detrás das prateleiras, apinhadas de mercadorias e objetos para turistas. Mas não aconteceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não vem aqui tem um tempão. —
Ethan subiu de volta, apoiou as mãos espalmadas
no balcão.

— Pois é. — Sorri, rubra e voltei a procurar por
Lincoln.

— Ele não está aqui. — pigarreou, chamando
minha atenção de volta. — Não tinha tomado café
ainda, então saiu para comer. Tem uns vinte
minutos.

— Ele foi sozinho? — cruzei Cruzei os braços,
escrutinando o rosto apreensivo de Ethan. Embora
fosse um homem sem quaisquer escrúpulos, era um
péssimo mentiroso. *Péssimo mentiroso, mas tinha o*
dom de omitir detalhes importantes. — Ethan? —
incentivei-o a me contar. — Lincoln me contou que
saiu com uma mulher ontem. Ele está com ela?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Arqueando uma das sobrancelhas, Ethan pareceu ter despertado de um transe.

— Não, Ellie. Ele não falou mais com ela depois que saiu do bar ontem.

— Então?

— Ele disse que, depois de tomar café, iria reservar prateleiras novas. Ele quer mudar algumas coisas por aqui.

Esquadrinhei a loja. Ela estava exatamente como eu me lembrava.

— Por quê? Ele adora a forma como nós organizamos tudo.

Ethan coçou a nuca, sem graça. Ele estava tentando encontrar o jeito certo de me explicar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, acho que esse é o problema. — Ethan fez o mesmo que eu. Olhou em volta, fazendo uma varredura ao esquadrinhar o ambiente. — Ele não quer que o lugar fique lembrando *você*.

— Ah. — Abri e fechei a boca, sentindo minha saliva evaporar. Estalei a língua e limpei a garganta. Torci a coleira de Snow no punho, querendo disfarçar o incômodo que saía de meu coração e espalhava para os membros do meu corpo. — Ele disse isso?

— Ou pelo menos algo assim. — concluiu, jogando os ombros para cima e tentou aliviar a tensão com um sorriso. — Olha, ele não vai admitir, mas essa atitude é a prova de que ainda se importa com você. Sabe, quando quer muito se esquecer de alguém e aí...

PERIGOSAS ACHERON

— Pode parar. — Impedi que continuasse ao erguer a mão aberta na frente de seu rosto. Fechei os olhos e inspirei o ar com força. — Eu conheço você muito bem, Ethan. Sei que deve ter incentivado ele a sair ontem e também sei que você me acha uma vaca. — Eu consegui mantê-lo em silêncio. — Só diz que eu estive aqui e pede pra ele me ligar.

— Eu não te acho uma vaca. — corrigiu quando me virei nos calcanhares para sair.

Eu ri.

— Você me acha sim. Não esquentar. — Apoiei o queixo no ombro. — Eu não me importo, já estou acostumada.

Ethan Brenn não é uma pessoa ruim, só não concordava com certas atitudes minhas se tratando

PERIGOSAS ACHERON

de Lincoln e, quando ganhou intimidade suficiente com meu marido, passou a dar sua opinião sem se importar em ferir meus sentimentos. Não é como se ele olhasse dentro dos meus olhos e dissesse que me odiava, mas não morria de amores por mim. O fato de eu ter rejeitado as flores de Lincoln, tinha feito com que qualquer resquício de afeição que Ethan pudesse ter por mim se dissipasse de vez.

O meu maior defeito e minha melhor qualidade andavam juntos: a sinceridade. Não me importava de ser claramente explícita quanto aos meus gostos e vontades e nunca tentei mudar. Nem por Lincoln. Nem por ninguém.

Mas, àquela altura, estava passando por cima do meu orgulho e me esforçando para tomar um rumo diferente. Comecei a pensar que, se estivesse à beira da morte, não queria partir sem que o homem

que eu amava tivesse o melhor de mim e se Lincoln tivesse mesmo se decidido ao divórcio, não havia muitas coisas que eu pudesse fazer para convencê-lo a mudar de ideia.

Porque quando Lincoln Coleman tomava uma decisão, as chances de ele voltar atrás são mínimas. O que não significava que não estivesse disposta a me arriscar.

Desci os olhos para meu relógio de pulso. Já tinha me atrasado o suficiente por um dia.

— Preciso abrir a livraria. Só... — fisguei o lábio inferior — pede pra ele me ligar.

— É claro, senhora Coleman. — Era para ser uma risada, mas Ethan se engasgou e terminou em uma tosse sequencial insuportável. Fechei os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

e inspirei fundo. — Seu desejo é sempre uma ordem.

Revirei os olhos e acenei sobre o ombro enquanto me despedia.

Se tivesse ficado dentro da loja por mais cinco ou dez minutos, teria poupado meu coração da guinada estarrecedora que ameaçou minhas pernas a vacilarem no instante em que vi Lincoln conversando de maneira despreocupada com a mulher alta, esbelta e de cabelos loiros háa trinta passos de mim. Dei um passo à frente, em direção a eles, mas minhas pernas pareciam ter se transformado em gelatinas e perdido a estabilidade.

Afundei os dentes no lábio inferior, o gosto metálico do sangue inundou minhas papilas gustativas e forcei o ar para dentro de meus

PERIGOSAS ACHERON

pulmões, inflando meu peito. A respiração entrecortada causou desconforto, senti como se a cena diante dos meus olhos se embaralhasse e, em seguida, sugasse todo o oxigênio da terraTerra. Ele riu, tombou a cabeça para trás e vi seu pomo de adão se movimentar intensamente.

Era ela?

Se fosse, precisava admitir, ela éera linda. Um rosto quadrado, o queixo com um furinho sutil no centro. Lábios generosos e rosados pelo frio. Olhos verdes intensos, que não devolviam nada. Pestanas longínquas, arrebitadas propositalmente pelo excesso de rímel. Cabelos loiros platinados acima dos ombros, o nariz no tamanho ideal para seu rosto e a pontinha gorda. Duas covinhas despontavam quando Lincoln a fazia sorrir. O corpo curvilíneo, se moldando ao casaco branco

PERIGOSAS NACIONAIS

acolchoado de inverno e a touca azul cobrindo sua cabeça. As coxas grossas salientadas pela calça de couro apertada.

Por Deus, quem usa isso no inverno?

Snow lambeu meus dedos, forçando-me de volta à realidade. Acariciei os pelos densos no topo de sua cabeça e sorri para o cachorro. Era como se ele pudesse sentir a bagunça que acontecia dentro do meu coração e dissesse que eu não tinha com o que me preocupar, independentemente da decisão de Lincoln, ele ficaria ao meu lado.

— Ellie? — estremeci Estremeci inteira, meu corpo tremelicou ao ouvir a voz gutural furar meus pensamentos. — O que está fazendo aqui? — Ergui os olhos em direção ao som de sua voz rouca, como se tivesse acabado de acordar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan tinha toda razão. Fazia tanto tempo que não ia até a loja, que a confusão nos olhos de Lincoln não deveria ser uma surpresa para mim, no entanto, havia mais neles. Ele estava decepcionado de me ver.

Eu quis gritar com ele e tirar aquela expressão de decepção. Queria que estivesse feliz por me ver, que andasse em minha direção e me beijasse, como costumava fazer. Eu quis tantas coisas naquele momento que não caberiam em uma única lista e acho que Lincoln percebeu porque havia perdido minha habilidade de esconder os sentimentos.

Meus olhos arderam como se ácido tivesse caído dentro deles e os esfreguei com o punho da mão esquerda. Snow latiu para a mulher que seguiu Lincoln, assim que ele rumou para em minha direção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você saiu mais cedo e não conseguimos conversar. — desviei Desviei os olhos para a mulher que me esquadrinhava. Ela era pelo menos uns vinte centímetros mais alta que eu. Engoli em seco, voltei minha atenção para Lincoln. — Eu queria falar com você.

— Tem que ser agora? — indagou, mais enfático que naturalmente soaria. Deu uma olhada rápida na mulher ao seu lado.

— Sim. Tem que ser.

— Hum. — Ele esfregou a nuca. — Savannah, essa é a... — Apontou para mim e percebi seu desconforto ao nos apresentar.

— Eu sou a Ellie, a esposa. — Quase completei: *você deve ser a amante*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah! — Esticou a mão para mim. — Meu nome é Savannah. Só vim me despedir, estou voltando hoje para Miami. — Ela não precisava, mas quis justificar sua visita. Decidi não a deixar com a mão suspensa por mais tempo e a segurei, apertando-a firmemente.

— Faça uma ótima viagem de volta, Savannah.

— Obrigada.

Savannah sorriu, acenou para Lincoln ao se afastar e entrou no carro prata onde estavam parados. A motorista do carro deu uma última espiada pelo retrovisor antes de ligar o motor e sair.

Lincoln se abaixou para cumprimentar Snow, que lambeu seu queixo barbado e colocou as patas em seus joelhos curvados.

PERIGOSAS ACHERON

— O que veio fazer aqui? — questionou, enfiando as mãos nos bolsos de sua jaqueta azul azul-claro.

— É ela? — gesticuleiGesticulei para onde o carro estava estacionado segundos atrás, ignorando a pergunta que ele já havia feito. Entretanto, Lincoln não respondeu. — Vou entender seu silêncio como um *sim*.

Ele respirou pesado, olhou ao redor como se quisesse evitar o contato direto comigo. Por um segundo, cogitei a ideia de trancá-lo em seu escritório da loja e o obrigar a falar comigo de uma vez por todas.

— O que você quer, Ellie?

— Eu vim aqui saber... é isso mesmo que *você* quer?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não podia deixar para conversarmos em casa? — Ele tentou passar por mim, mas bloqueei sua passagem com meu corpo.

— Não.

Esfregou a ponta do nariz com o dorso da mão e exalou o ar que inchava seu pulmão.

— Não quero te magoar e eu sei que isso vai acontecer se continuarmos juntos.

— E se eu disser *não*?

Um V se formou entre as sobrancelhas grossas de Lincoln.

— Nós vamos discutir até que a sua resposta seja *sim*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não vou ceder, Lincoln.

— Não seja egoísta, Ellie. Se você ainda me ama, vai assinar os papéis do divórcio. Pela primeira vez em toda a sua vida, pense em alguém que não seja você mesma!

— Eu estou pensando! — Abri os braços, soltando a ponta da coleira. — Você vai se arrepender!

Lincoln caiu na gargalhada, inclinou inclinando a cabeça para trás.

— Dez anos e você ainda consegue me surpreender, Ellie!

— Eu não sei quando foi que isso começou a dar errado, mas...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te digo: no minuto em que nos conhecemos começou a dar errado, Ellie! Estou sempre me submetendo às coisas que você quer e acabei me perdendo no caminho. Puta merda, eu nem sei mais o que eu gosto de comer e não posso tomar uma cerveja ao seu lado, com medo de que você tenha uma recaída! — Tombou a cabeça para trás, inspirando lentamente. Ele sabia que usar meu passado assim, me feria. Eu não era mais uma garota descontrolada. Eu tinha mudado tanto nos últimos anos. Havia mudado por ele.

— Você é inacreditável! — sibilei, mordiscando o canto de minhas bochechas. — Eu não bebo nem fumo há muitos anos, Lincoln. Você se lembra? Lembra que me pediu para encontrar outro vício? Lembra que neste mesmo dia, você

PERIGOSAS ACHERON

prometeu cuidar de mim? Você sabe muito bem que na minha última recaída, me tirou da casa dos meus pais e eu nunca mais voltei!

Lincoln ficou em silêncio, olhou de soslaio para mim e arquejou o ar dos pulmões. Esfregou as pálpebras com o indicador e polegar.

— Já procurei por um advogado, ele deixará a papelada pronta em dois dias.

Ele passou por mim, mas não tentei impedi-lo. Lincoln não iria mudar de ideia, não havia nada que estivesse ao meu alcance que pudesse fazê-lo olhar para mim com os mesmos olhos de quando tinha dezessete anos.



PERIGOSAS NACIONAIS

— Se eu fosse você, o jogaria contra a parede!
— Zoe falava tanto que minha cabeça começou a doer no início da tarde.

Zoe Armstrong era a única funcionária que tinha para me ajudar a manter a livraria. Gostava de tê-la por perto, exceto quando a voz aguda era usada para discursar monólogos com o tema de “*conselhos amorosos*”. Nós tínhamos quase a mesma idade, eu completaria vinte e seis em abril, ela em dezembro. Zoe veio de Colorado Springs há quatro anos. A convivência criou a intimidade e via em Zoe a amiga que nunca tive na época do colégio. E, por incrível que isso possa parecer, não tentei afastá-la. Porém, nossas conversas consistiam basicamente em Zoe falando e eu escutando tudo, exceto hoje.

PERIGOSAS ACHERON

Contei a ela que Lincoln pediu o divórcio. A princípio quis telefonar para Natalie, minha irmã mais velha, que atualmente vivia em Boston, mas pensei que se falasse com alguém que não estivesse tão presente em minha vida pudesse ver a situação de um ângulo diferente. Zoe realmente tinha visto, mas não da maneira como pensei que seria.

— É você quem deveria estar pedindo o divórcio — continuou empilhando os livros sobre a mesa entre as prateleiras e as limpava com um pano seco. — Não foi ele quem decidiu sair com outra mulher? Nós estamos no século vinte e umXXI, Ellie! Pelo amor de Deus! Você é louca de querer continuar com ele depois disso!

— É complicado, Zoe. — Beberiquei de minha caneca com chocolate quente fumegante e sorvi o sabor fechando os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela parou, virou-se para mim sobre os calcanhares, fuzilando meu rosto.

— Você está brincando comigo? — Pousou ambas as mãos na cintura e arqueou uma das sobrancelhas. — Porque só pode ser brincadeira! Eu o teria chutado no minuto seguinte!

Zoe tinha os cabelos loiros, quase como os de Savannah, mas estavam pesando mais para a tonalidade dourada e desciam em cascata até as costelas. Os olhos eram castanhos e os lábios finos se perdiam em uma linha tênue. Quando ela sorria, os dentes superiores escondiam o lábio. O rosto tinha o formato de coração, o queixo pontudo e uma pinta marrom no lado direito do maxilar adornava a pele clara.

PERIGOSAS ACHERON

Ri, balancei a cabeça em negativa e ela voltou a retirar os livros da prateleira para empilhá-los na mesa.

— Acho que eu posso perdoá-lo — confessei, encarei o caderno aberto onde anotava os lucros do mês de janeiro. — Só dessa vez — emendei quando senti os olhos de Zoe queimarem minha bochecha.

— Não devia!

— Meu pai fez tantas vezes com minha mãe que criei uma armadura em volta do meu coração — esclareci e ergui os olhos para analisá-la, o choque estava espantado estampado em seu rosto como eu suspeitava. — O que foi?

— Sua mãe sabe?

Dei de ombros.

— Não tenho certeza. Mas Lincoln não é como meu pai. — Soprei o ar com força. — Ele não fará de novo, a não ser que estejamos oficialmente separados. O meu pai nunca estava satisfeito com nada. Ele é infeliz e não importa o que eu, minha mãe ou minha irmã façamos, nunca será o bastante.

— Seu pai não parece ser esse tipo de homem. — a A sobancelha de Zoe caiu milimetricamente. — Ele parece ser tão gentil e educado! — Havia decepção em sua voz.

Eu ri baixinho.

— Eu desconfio que essas pessoas sejam as piores, Zoe.

Zoe puxou o lábio inferior com os dentes. A respiração ficou profunda e seus olhos perdidos, absorvendo o que eu havia acabado de contar a ela.

— Lincoln não sabe sobre o meu pai, quando descobri, fiquei tão envergonhada que não quis contar a ninguém. E depois me arrependi por não ter dito a minha mãe o que acontecia em casa quando ela viajava para visitar Natalie.

— Ele levava mulheres com você lá? — Zoe arregalou os olhos, estupefata.

Sacudi a cabeça.

— Esquece. Já faz tanto tempo. Não sei porque por que me lembrei disso de repente.

— É porque Lincoln fez o mesmo com você — o sussurro chegou ao meu ouvido, mas decidi ignorar aquilo também.

Eu fiquei machucada, é verdade. Porque Lincoln tinha conseguido trazer de volta à vida um dos meus traumas mais profundos.

Fazia menos de dois meses. Lincoln e eu tínhamos nos conhecido no funeral de minha avó. Ele falou comigo e, não consegui dormir à noite, porque a música que dançamos – mesmo que de maneira desengonçada – não saía de minha cabeça. Eu a cantarolava em meus sonhos; a melodia continuava em todas as aulas e foi impossível continuar a viver sem falar com ele.

Ele tinha ido para casa, para uma de nossas sessões de cinema improvisado, e foi para casa assim que o filme terminou. Não conseguia dormir e tinha prometido a Lincoln que não roubaria mais uísque do escritório do meu pai, então, desci para a sala de estar. Perambulei pela casa, inquieta,

sentindo minhas veias arderem. Estava entrando em um colapso nervoso e minha garganta ficou seca. Tomei tanta água naquele dia que passei a madrugada inteira indo ao banheiro em intervalos de quinze minutos.

Papai chegou em casa à meia meia-noite. Bêbado e acompanhado.

O apito do meu celular cortou o devaneio ao meio e a lembrança se desmaterializou. Respirei fundo, agradecida. Zoe fingiu ter esquecido o assunto e continuou seu trabalho na estante. No display, vi o número de minha mãe.

Senti um aperto esmagador em meu coração, como se ela o segurasse e o estrangulasse. Queria muito ter contado a ela o que vi, mas fiquei com

medo do que aconteceria com a família se eu abrisse a boca. Não queria ser responsável por destruir o casamento dos meus pais.

O que ninguém me contou é que o único culpado naquela história era o meu pai.

— Alô?

— *Oi, amor.*

— Oi, mãe!

— *Você não liga há dois dias. Fiquei preocupada. Você e Lincoln estão bem?*

— Hum. — Espremi os lábios e brinquei com as orelhas da folha do caderno. Afastei a caneca quente para o lado e desviei os olhos para a

vidraçaria, vislumbrei os floquinhos de neve que caíam lentamente do céu. — Estamos bem.

— *Ah, graças a Deus! Seu pai e eu estávamos conversando... Se quiser vir e passar um tempo por aqui, nós não nos importamos!*

Qualquer coisa é melhor que voltar para a casa de vocês, mãe.

Ri, sem graça.

— Obrigada, mãe. Mas nós estamos bem. Você já é casada a há muito tempo, sabe que essas crises fazem parte do relacionamento.

— *É claro. Vocês pensaram no que eu disse? Ter um filho pode ser a solução! A família aumenta, o amor aumenta.*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mãe, você sabe que eu não quero ter filhos, não é?

— *Querida, Lincoln quer ser pai! Não pode privá-lo disso!*

Quase disse a ela que a última coisa que Lincoln queria agora era ter um filho comigo.

— Não estou privando ele de nada, mãe.

— *Vocês ao menos conversaram sobre o assunto?*

— Ele disse que se eu quisesse... — Deixei a voz morrer no ar.

É claro que ele queria ter filhos, mas nunca me dei ao trabalho de dizer a ele que a ideia nunca passou pela minha cabeça.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Agora menos ainda.

Mas, fazia todo o sentido.

— Não é um bom momento. Fico imaginando nossos problemas e todas as situações que temos passado. Se tivesse uma criança no meio disso, as coisas estariam piores!

— *Você que pensa, minha querida.*

— Mãe, não vou colocar uma criança no mundo só para prender Lincoln a mim. Faremos isso do meu jeito!

— *Esse é o problema! Lincoln está sempre fazendo as coisas do seu jeito e está errado!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma chamada em espera fez a linha que falava com minha mãe trepidar. Afastei o celular da orelha para ver o número e o nome de Lincoln apareceu na tela.

Meu coração deu uma cambalhota.

— Mãe, preciso desligar. O Lincoln está na chamada de espera!

Encerrei sem esperá-la responder.

— Lincoln? — Escutei a lufada pesada de ar escapar por entre os lábios atrás da linha. — Alô? — Uni as sobrancelhas.

— *Oi, Ellie. É o Ethan. Estou ligando porque o carro do Lincoln deslizou no black ice e acabou batendo.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O *black ice* era comum em Aspen, mas nos seis anos em que vivíamos lá, não havíamos sido vítimas dele.

Encarei a neve caindo.

O som da voz de Ethan permeando permeava em minha cabeça., Ecoando ecoando como se me chicoteasse.

— Ele... ele está bem? — cobri Cobri a boca, coibindo o som do choro.

— *Sim, ele está bem. Mas precisa de alguém aqui, tenho que voltar para a loja e...*

— Estou saindo. Chego em dez minutos!

Se a neve não bloqueasse o trânsito completamente.

PERIGOSAS ACHERON



No caminho para o hospital pensei a respeito do divórcio. Não havia tido tempo de discorrer as palavras duras de Lincoln da noite anterior, não tive a oportunidade de sentir a dor lancinante que dominou meu coração ao descobrir que ele estava tentando seguir um caminho diferente. Um caminho que eu não fazia parte. Perceber aquilo foi entender como meu coração em frangalhos estava lutando para ser um sobrevivente.

Recostada ao batente da sala onde ele descansava, com uma faixa envolvendo seu peitoral e a atadura sustentando o peso de seu braço, observei seus traços serenos. Os olhos apertados, as pálpebras sem relaxar e o maxilar travado a todo

instante. Mesmo enquanto dormia, Lincoln não conseguia esquecer a sombra que anuviava nossa vida. E eu queria dar a ele um pouco de paz.

A sua calça acabou rasgando no joelho. A enfermeira voltou para limpar o ferimento e lavar o sangue seco. Ela também fez curativos no supercílio, na ponte do nariz e no queixo. Os lábios dele estavam inchados pelo impactado estarrecido com o volante. O médico disse que Lincoln teve sorte, se uma pancada forte o tivesse acertado a cabeça, vários fatores poderiam complicar sua recuperação. Fora a luxação no punho e um tornozelo dolorido, ele ficaria bem em poucos dias. A qualquer sinal de cefaleia, ele deveria voltar imediatamente para o hospital e recomendou repouso.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu não sabia exatamente o porquê, mas comecei a questionar a situação por um ângulo diferente. Se aquele tivesse sido o último dia de Lincoln respirando e ele partisse sem saber como me sentia em relação a nós, nunca me perdoaria. É melhor que as pessoas saibam o quanto são amadas enquanto estão vivas, nada pode ser mudado quando for tarde para isso.

As pálpebras de Lincoln suavizaram o aperto. Ele as forçou para cima e piscou várias vezes, acostumando a visão à claridade intensa da luz branca do quarto de descanso do hospital. Felizmente ele não precisaria ficar internado e o médico que o atendeu já havia prescrito a receita.

PERIGOSAS ACHERON

Lincoln havia deslizado sobre espessa camada de gelo a caminho de casa e batido em uma árvore no pé da montanha. O impacto, entretanto, não foi forte o suficiente para acionar o *airbag*. Ele desmaiou na hora e foram os turistas que prestaram os primeiros socorros; chamando a ambulância e a polícia.

Assim que abriu os olhos e contemplou a visão de mim recostada ao batente da porta de braços cruzados, ele se apressou em forçar o corpo para cima. Parecia levemente atormentado, os olhos saltando de uma posição para a outra e a mão esquerda pousou na lateral da cabeça. O nariz enrugou, mas ele não resmungou de dor. Fiquei esperando que criasse consciência e lembrasse das últimas horas.

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus olhos pousaram em mim, estudando-me minuciosamente enquanto umedecia os lábios.

— Alguém além de mim se machucou? — sussurrou, massageando a têmpora com o punho.

— Não. Você bateu em uma árvore. A cabeça está doendo?

— Graças a Deus. — ele Ele inclinou a cabeça para trás, fazendo uma oração silenciosa enquanto olhava para o teto branco da sala. — Minha cabeça está bem.

— Que bom. Eu vou pegar suas coisas e assinar o termo para irmos para casa. — aponte Aponte sobre o ombro e já me virava nos calcanhares quando Lincoln esticou a mão esquerda – a que não estava machucada – e me agarrou.

PERIGOSAS ACHERON

— Não precisa.

— Por que não? O médico já te liberou! —
Esquadrinhei seus dedos envolvendo meu pulso. O aperto não estava forte, mas ele me segurava com firmeza.

— Vou ficar com Ethan até que os papéis do divórcio estejam prontos.

Fechei os olhos, sorvi cada palavra que ele disse com angústia.

— Ele já deve estar vindo me buscar. Foi fechar a loja e deixar o carro na oficina. — completou.

Semicerrei as pálpebras em sua direção e, com um safanão, puxei o braço de volta. Fechei a mão em punho contra o peito, fugi o olhar para meus

pés. Os dedos estavam contorcendo dolorosamente dentro dos coturnos.

Estava me esforçando para não chorar na frente dele, mas a cada vez que conversávamos ou discutíamos, não conseguia evitar. A mão esquerda estava apoiada na coxa, perscrutei seu dedo anular. Ainda tinha a marquinha de sua aliança envolvendo o dedo.

— Por que você parou de usar? — gesticulei
Gesticulei para a mão dele e, em um ímpeto, tratou de escondê-la atrás do quadril.

Suspirei.

— Nós ainda estamos casados, Lincoln.

— Eu a perdi tem uma semana.

— Você perdeu? — Não consegui disfarçar a indignação. Cobri a cintura com meus braços, apertando-os com força a minha volta.

— Ia te contar, mas você surtaria com toda certeza!

— Como você perdeu?

— Não tenho certeza. Foi na quarta passada. — Franziu a testa, os lábios se entortaram com sutileza para a direita. Ele perscrutava as próprias lembranças enquanto mordiscava o interior das bochechas. — Ajudei a senhora Sullivan a cortar a lenha e percebi que estava sem a aliança no caminho da loja. Voltei mais tarde para tentar encontrar, mas ela disse que não viu nada.

May Sullivan, uma senhora de quase sessenta e cinco anos, morava do outro lado da avenida e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ficou viúva recentemente. Não tinha porquê Lincoln mentir para mim, mas, embora conseguisse ver a verdade chispar em seus olhos, havia uma pontinha de desconfiança rondando meu coração.

Resolvi ignorá-la, até que se provasse o contrário, ele estava falando a verdade.

Inspirei o ar com força, o odor do antisséptico que a enfermeira havia passado em Lincoln minutos antes de ele acordar espalhou pela sala com rapidez.

Estudei sua expressão cansada, em derrota. Ele não queria mais ficar comigo. Imediatamente pensei que sendo persistente, estava o poupando de um futuro arrependimento, mas comecei a me ver como a mulher egoísta que Lincoln e toda a minha família costumava dizer que eu era.

PERIGOSAS ACHERON

Não que isso fosse algo comum. Lincoln não me via dessa maneira. Na verdade, dentre todos, ele era a única pessoa que um dia olhou para mim e viu *mais*. O que ele viu, entretanto, eu nunca soube.

Arrastei-me até a cadeira do outro lado da sala. Deixei os ombros caírem, mostrando que cedia à derrota por enquanto.

— Vou ficar aqui até ele chegar — expliquei quando sua expressão se tornou uma completa confusão. — Depois, se quiser, te ajudo a fazer as malas.

Mamãe costumava dizer que se um dia meu pai fosse cumprir todas as suas promessas; sendo uma delas abandonar a família, ela o ajudaria com as malas.

Você não pode obrigar uma pessoa a viver seus
PERIGOSAS ACHERON

dias em infelicidade. Não cabe a você decidir. E, não podia continuar dizendo a Lincoln o que fazer.

Se ele queria ir embora, eu o ajudaria a sair pela porta da frente.

Não porque estava cedendo ou que tivesse concordado, eu apenas o amava o bastante para deixá-lo ir embora.



*“E eu sempre vivi assim
Mantendo uma distância confortável
E até agora eu tinha jurado a mim mesma
Que eu estava satisfeita com a solidão
Porque nada disso algum dia valeu o risco
Bem, você é a única exceção”*

THE ONLY EXCEPTION – PARAMORE

DEZ ANOS ATRÁS...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Costumava voltar a me sentar sob o cobertor felpudo que Lincoln colocava no telhado para nós e o assistia entrar no carro de seu pai. Eu o via partir. Gostava de escutar o barulho do motor ralhar, ele colocava a mão para fora e acenava para mim. Eu acenava de volta até que o carro sumisse escuridão adentro. Passava alguns minutos observando a rua, deixando que o som barulhento do carro evaporasse junto a nuvem de fumaça que o escapamento liberava na partida.

Nada se comparava a sensação que tinha no coração. O sorriso bobo anuviava meu rosto. Minha respiração estava sempre entrecortada, a palpitação descontrolada; talvez chegasse a cento e cinquenta batidas e eu precisava respirar fundo várias vezes

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para recuperar o compasso. O frio que Lincoln me causava no alto do estômago fazia com que eu questionasse meus sentimentos por ele.

Em casa nunca tive o exemplo de amor que se espera que os pais representem a seus filhos. Minha mãe e meu pai trabalhavam muito. Meu pai e eu não conversávamos tanto quanto deveríamos. Depois que Natalie se mudou para estudar e vovó morreu, a sensação que tinha era de que minha mãe tivesse aberto uma lacuna entre nós duas, de propósito, só para que eu não pudesse me aproximar. Não que antes fôssemos próximas, porque eu era a erva daninha, mas agora parecia que milhas nos separavam. E eu não tinha ninguém além de Lincoln.

PERIGOSAS ACHERON

Meu celular tocou. O nome dele apareceu na tela. Lincoln o havia salvo como “*meu pequeno talvez*”, porque estávamos simplesmente curtindo um ao outro. Ele estava tentando todos os dias fazer com que as barreiras em volta de meu coração deixassem de ser tão impenetráveis. Para Lincoln, eu não era a erva daninha, mas o trevo de quatro folhas.

— Já está sentindo minha falta? — atendi e brinquei com a linha que se soltava de minha jaqueta jeans.

— *Eu? De você?* — O ouvi limpar a garganta.
— *Não seja tão convencida.*

— É você quem fica enchendo a minha bola, Lincoln!

— *Estou me sentindo grato por ter obedecido*
PERIGOSAS ACHERON

minha mãe naquele dia.

Um minuto de silêncio.

Queria conseguir dizer a mesma coisa. Queria mesmo.

— Você nem sabe se nós vamos mesmo funcionar. Eu ainda posso *acabar* com você.

— *Meu Deus. Você é tão cruel!*

— É a verdade. — Dei de ombros, mesmo que ele não pudesse ver. — Você não soube? Sou a garota que afasta todo mundo. *De propósito* — enfatizei e gargalhei quando ele riu também.

— *Pelo menos a gente se divertiu!*

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você precisa rever seus conceitos de diversão. Ver filmes repetidos, comer *macarons* e me ouvir reclamar da minha família não parece ser *nada divertido!*

— *É que a sua família ainda não percebeu a garota incrível que você é, Ellie.*

— Eu não faço o tipo obediente. Não sei nem se quero fazer faculdade. Provavelmente eu me case com um pé-rapado e more debaixo da ponte!

— *Nossa! Assim você me ofende!*

— Disse o cara que ainda não arriscou roubar um beijo meu — provoquei.

— *Não me obrigue a dar meia volta, Ellie Ann Tate!*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te desafio!

— *É sério. Estou voltando.*

— Assume o risco?

— *Hum... — ele resmungou. — Você me faria voltar e me mandaria embora antes que eu conseguisse alcançar você, não é?*

— Touché!

— *Só para você saber, eu beijo bem.*

— É mesmo? De quantas garotas, exatamente, nós estamos falando?

— *Eu não fico contando.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Aquilo me incomodou um pouquinho. Apertei os lábios, enciumada.

— Depois que me conheceu?

— *Nenhuma. Só tenho olhos para você.*

— Tá bom, vou fingir que acredito em você. Por que me ligou mesmo?

— *Meu nível de endorfina aumenta quando estou com você e sinto falta da sua voz assim que vou embora. Consegue explicar o que isso significa, Ellie?* — Não respondi, continuei espremendo os lábios e puxando a linha solta da jaqueta. — *Eu não me importo que isso entre a gente seja unilateral, mas eu gostaria muito que você conseguisse retribuir o que eu sinto. Só uma vez.*

PERIGOSAS ACHERON

— Meu pai chegou — menti —, preciso ir.

Escutei ele suspirar e desliguei em seguida.

Fiquei encarando o celular em minhas pernas. Não conseguia evitar o sorriso, o que significava que meu nível de endorfina também se elevava quando eu o ouvia.

Eu poderia ficar pendurada o dia inteiro no celular com Lincoln e deixá-lo flertar comigo o tempo todo. Permitiria que aquele frio na barriga causado por borboletas batendo asas se ampliasse até que meu corpo inteiro estivesse respondendo a tudo daquela maneira, com arrepios e palpitações.

Se Lincoln insistisse mais um pouquinho, eu acabaria me entregando.

Sem reservas, eu seria dele.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Então só por um minuto
Eu quero mudar de ideia
Porque isso não parece certo para mim
Eu quero te animar
Eu quero te ver sorrir
Mas saiba que isso significa que eu terei que partir
Saiba que isso significa que eu terei que partir”*

HAPPIER – MARSHMELLO FT. BASTILLE

PERIGOSAS NACIONAIS

Ellie sempre foi péssima em externar suas emoções, foi incomum tê-la andando dentro de casa, de um lado para o outro, em completo silêncio, usando seu vaivém para cuspir sua insatisfação na minha cara.

Outra coisa que me deixou intrigado: ela estava calada. Tão calada que cheguei a preferir nossas discussões infundáveis.

Não posso negar que ela me surpreendeu ao mudar da água para o vinho. Horas mais cedo, Ellie disse veementemente que não cederia ao divórcio, mais tarde sua opinião a respeito tinha mudado. Fiquei curioso, mas decidi não a confrontar. Estava cada vez mais difícil de compreender as razões que a levavam a fazer certas escolhas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me senti mal no segundo em que me afastei de Savannah na noite anterior. Não conseguia esquecer o que aconteceu e me sentia um tremendo canalha toda vez que pensava no assunto.

Quando dizia que precisava seguir em frente, não estava querendo incutir que precisava de um novo relacionamento, mas que tinha a necessidade de me lembrar como era a minha vida antes de todo o turbilhão de sentimentos que viver com Ellie me causara nos últimos dez anos.

Não tinha certeza se Ellie havia entendido meu ponto, mas esperava que sim. Em nenhum momento tive a intenção de magoá-la, embora na maioria das vezes, sentia a raiva explodir em mim como pequenas bolhas por todo o meu corpo e gostaria de fazê-la sofrer da maneira como ela fazia comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi essa necessidade absurda de magoarmos um ao outro que nos levou até aquele momento angustiante.

Meu punho direito havia sido imobilizado pela munhequeira, as ordens do médico foram claras quando disse que precisava permanecer em repouso e o tornozelo dolorido não me ajudou a fazer muitas coisas. Ethan se ofereceu para me ajudar com as malas, mas Ellie insistiu que poderia resolver sozinha. Mas, honestamente, foi como uma tortura acompanhá-la como mero espectador.

Ela tirava minhas roupas do closet, penduradas em cabides de metal, as dobrava devagar e pacientemente.

Fiquei sentado em nossa cama, assistindo-a fazer aquilo.

PERIGOSAS ACHERON

Foi duro.

Doloroso.

Quase como se estivesse me afogando, porque em determinado momento, não conseguia mais respirar direito.

Eu me irritava fácil com ela, do mesmo modo como conseguia colocar suas vontades acima das minhas. E me enraivecia saber que Ellie nunca seria capaz de sentir tão intensamente por mim o que um dia eu senti por ela.

— Você vai levar essa também? — Segurando pelo gancho do cabide, Ellie ergueu uma blusa de manga longa preta e estampa cinza, com o escrito “*Imagine Dragons*” no peitoral.

Era um presente *dela*.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar aqui, posso doar — completou, encarando a blusa com a testa franzida.

Dei de ombros.

— Você me deu a blusa há uns três anos, acho que não serve mais — menti, curvando as sobrancelhas e criando um V no meio da testa.

Concordou com um meneio contido de cabeça. Jogou a peça para escanteio e perscrutou o fundo do closet em busca de mais roupas.

Nossas coisas viviam misturadas. Nunca me importei de ter o seu cheiro se unindo às minhas roupas. Na verdade, por muito tempo, foi reconfortante vestir uma camisa que tivesse o seu perfume impregnado nela. Em nosso primeiro ano de casados gostava de me emaranhar à Ellie de

PERIGOSAS ACHERON

manhã, deixar o cheiro de seus cabelos se aliar à minha pele. Passava o dia todo sentindo o cheiro de lavanda que emanava deles.

Ellie se afastou do closet para pegar a cadeira feita de carvalho que estava encostada próximo a vidraçaria grande do outro lado do quarto. Subiu nela e começou a retirar as caixas de sapato da estante sobre o cabideiro.

Desviei os olhos e desbloqueei a tela de meu celular. Havia uma notificação de mensagem.

Adorei conhecer você, Lincoln. E sinto muito, mais uma vez, por ter sido impulsiva na noite passada. Mas é sério. Você tem um cheiro muito bom.

Meus olhos saltaram pelas palavras que Savannah escrevera para mim. Cocei a testa com a mão esquerda. *Não vou responder.* Concluí e bloqueei a tela.

O som estrondoso veio em seguida, partindo do closet. Esqueci-me de que estava com o tornozelo dolorido e, em um ímpeto, tentei me levantar, apoiando o pé esquerdo no chão. Libertei um grito de dor, murmurando palavras ininteligíveis. Encarei de lado Ellie juntando nosso álbum de fotografias. Não víamos ele há uns quatro anos. E a filmagem de nosso casamento só tínhamos assistido em nosso primeiro ano. O DVD também escorregou pelo assoalho em minha direção.

— Não se levante! — ordenou, apontando o dedo em riste em minha direção. — Essa porcaria... — resmungou, colocou de volta na caixa branca de

papelão e a tampou em seguida.

Quando ficávamos em casa, protegidos do frio e esquentando nossos corpos sob o aquecedor, Ellie não ficava de sapatos. Arrancava-os na entrada e ficava de meias felpudas. Hoje ela estava usando um tom azul pastel. Ela deslizou até mim e se inclinou para pegar o disco.

— Nem me lembro mais onde colocamos a caixa desse DVD. — Ela inspirou profundamente, encarou o disco prateado nas mãos e se virou.

Continuei olhando para ela quando tentou erguer a caixa e voltá-la para o fundo do closet na estante superior.

— Ellie, pode deixar. Quando o Ethan chegar, nós pedimos para ele guardar.

— Eu consigo — insistiu, ergueu a caixa outra vez e esticou o tronco, ficando na ponta dos pés para alcançar a estante.

Fechei os olhos por instinto quando a caixa pendeu para o lado e outra vez o álbum e o disco caíram longe.

— Que droga! — sibilou, apoiou as mãos na cintura e tombou a cabeça para trás. Em frustração, ela penteou os cabelos com os dedos abertos.

Embora sentisse que além da caixa, tudo desmoronava, estava tranquilo que tivéssemos passado mais de cinco minutos no mesmo lugar e ainda não tínhamos brigado.

Não mencionei o fato de Ellie estar organizando muito mal as roupas na mala e ela não resmungou que não queria fazer aquilo. A Ellie que eu conheço

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

provavelmente jogaria minhas roupas pela janela, só para me fazer pegar cada uma delas sob as nevascas que aconteciam frequentemente.

— Deixe aqui, depois damos um jeito. — gesticulei para a ponta da cama.

Ellie revirou os olhos e a vi morder o lábio inferior, se segurando para não refutar e entrar em uma discussão realmente desnecessária comigo. Ela se arrastou para a cama, colocou a caixa diante de mim e se afastou.

— Não tem mais nada — disse, estudando o closet praticamente vazio.

— Obrigado, Ellie.

— De nada.

PERIGOSAS ACHERON

Rumou para a saída e a voz em minha cabeça gritava que precisávamos de mais alguns minutos juntos. Talvez para colocar o ponto final necessário.

— Ellie.

Ela parou.

— Vamos ver o álbum pela última vez —
afirmei.

Ellie ficou parada por dois segundos antes de dar meia-volta e caminhar para a cama. Ela se sentou, cruzando as pernas e destampou a caixa.

O álbum era revestido de um tecido marrom escuro e o desenho imitava A madeira. Ele correu o indicador pelas palavras que afundavam na capa estofada.

— *Ellie e Lincoln para sempre* — Ela leu sussurrando o que estava escrito. — Isso é ridículo — escarneceu, seu sorriso se tornou irônico e até um pouco arrogante. — Por que nós escolhemos essa frase idiota mesmo? — Seu silêncio era uma máscara, ela não estava só magoada e frustrada, estava com raiva. — Nós devíamos ter escolhido “*Ellie e Lincoln, o desastre perfeito*”.

— Só porque nós estamos passando por um momento difícil, não significa que o sentimento bom que tivemos vai se apagar, Ellie.

Ela riu, sarcástica. Inclinou a cabeça para trás e, quando seus olhos voltaram para mim, estavam se afogando em tristeza profunda.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não é um momento difícil, Lincoln. É uma separação. — Soltou o álbum na cama e usou os punhos para esfregar os olhos.

— Não vamos brigar. — Suspirei. — É a nossa última hora juntos. Vamos só... ver essas fotos e fingir que não estamos magoados um com o outro. Você consegue?

Ellie abraçou o corpo. Ele tremia um pouco e meu coração se apertou.

Era tão difícil para ela quanto para mim.

— Nós estamos melhor quando ficamos em silêncio — falou, esticando a mão para abrir o álbum. — Vamos fazer isso em silêncio.

Assenti, porque ela tinha razão.

PERIGOSAS ACHERON

Ellie abriu o álbum e, logo na primeira foto, fui levado por uma onda nostálgica que fez meu estômago embrulhar. *Porra.*

Ellie estava com os braços abertos, a perna direita para cima e a boca aberta, como se estivesse surpresa. Eu a segurava no colo e sorria para a câmera. Tiramos aquela foto duas semanas antes de nos casarmos. Era um estúdio simples de fundo de garagem. O fundo branco estava iluminado e os cabelos de Ellie pareciam mais claros.

Ela encarou a tela e a linha tênue rígida que seus lábios haviam se tornado duros, esvaneceu depressa ao se deparar com a realidade que nos cercava seis anos atrás. Nós estávamos felizes. Apaixonados. Nenhuma mágoa era capaz de matar o sentimento. Sorriu genuinamente para a foto e passou para a próxima.

PERIGOSAS NACIONAIS

A outra Ellie estava em meus ombros. Cada perna de um lado. Ela se inclinava para beijar minha cabeça. Usava uma regata branca, uma echarpe salmão e calça jeans surrada. Eu estava vestindo camisa social, os dois primeiros botões estavam abertos e a calça jeans escura. Eu também estava sorrindo naquela foto.

Na próxima, Ellie tinha os dedos entrelaçados por trás de minha nuca e ficava na ponta dos pés para alcançar meus lábios.

Desviei os olhos para ela. Estava fisgando o lábio inferior e tocando o superior com a ponta dos dedos. Tinha brilho em seus olhos, uma esperança opaca, um desejo ensandecido corroendo seu corpo de dentro para fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas mãos, na fotografia, pousavam em sua cintura e com delicadeza meus dedos afundavam em sua carne enquanto meus lábios se entregavam ao sabor mentolado que ela tinha naquele dia. Estalei a língua, lembrando-me do hálito, o gosto e de como meu coração parecia explodir de felicidade.

Nos casamos jovens, mas apaixonados.

Eu reconhecia a mulher da foto; ela tinha vida. Nem sempre tão boa, mas ela a amava mesmo assim.

Na quarta foto, Ellie expulsou as lágrimas, transformando cada gota grossa que corria por seu rosto em sentimentos, palavras amargas que pudessem me atingir. E atingiu. Fiquei parado como estátua, assistindo-a se desfazer em lágrimas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os ombros sacudiram intensamente, o rumorejar confuso que escapava entre seus lábios com palavras impossíveis de serem compreendidas.

Queria esticar a mão para tocar seu rosto, enxugar as lágrimas e prometer a ela que tudo ficaria bem, mas nunca fui homem de quebrar promessas.

Essa era uma promessa que eu não poderia cumprir.

Cheguei mais perto e Ellie tombou a cabeça para frente, encostou a testa em meu ombro e continuou chorando. Minha camiseta ficou ensopada, chafurdada na dor transmitida em lágrimas. Respirei fundo contra o topo de sua cabeça. Ela fechou os dedos na barra. Um pedido silencioso, em súplica, era passado a mim através

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquele toque urgente. Ela puxou o tecido para frente, exalei exasperado, querendo pedir que ela parasse, mas não consegui.

Imóvel no meu lugar, deixei que ela chorasse o quanto fosse necessário para que a dor desaparecesse, mas quando ela respirou pesado e se afastou para me analisar, nós dois sabíamos que nada tinha mudado ainda.

Lágrimas. Emoções expostas. Compreensão. Sacrifícios. Tudo era tarde demais para nos salvar.

Meu celular tocou. Era Ethan.

Ellie apertou os lábios, segurando o choro assim que viu o nome dele abrilhantar na tela.

— Lincoln — sussurrou. — Pense mais sobre isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ellie, não quero brigar com você. Nós já nos decidimos! — Afastei a mão quando ela esticou a sua para prender meu pulso.

— *Você* decidiu! — bradou, cerrando os dentes.

— Ellie — repreendi firmemente e puxei o braço de volta. — Chega!

— Três meses — ecoou, enxugando o rosto com as costas da mão. — Me dê três meses, Lincoln.

Encarei-a, perplexo.

Ela sugou o lábio inferior e o mordiscou.

— O quê?

PERIGOSAS ACHERON

— Me dê três meses para fazer com que você olhe para mim como costumava fazer.

Tombei a cabeça para trás, inspirando profundamente.

— Não acredito nisso — sussurrei, estarecido demais para conseguir dizer qualquer outra coisa.
— Não consigo acreditar que você teve anos para amadurecer e está me dizendo, *agora*, que precisa de mais tempo?

— Algumas pessoas levam mais tempo que outras — soprou. Havia resquício de lágrimas pingando de seus cílios.

— Você nunca baixa a guarda, Ellie. *Nunca*. Para ser sincero, estou chocado que você não tenha tentado me atacar quando contei sobre a Savannah. Por que você quer três meses de repente?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Seria clichê demais se eu dissesse que estou arrependida? Seria... egoísmo dizer que demoro mais que a maioria das pessoas para assumir o erro e pedir desculpas?

— Você não se desculpa, Ellie. Isso raramente parte de você!

Ela arquejou o ar.

— Droga, Lincoln! — exclamou, batendo com as mãos abertas contra o colchão. O álbum aberto se moveu. — Eu sei dizer exatamente todas as vezes que te magoei. Eu sei, sim. Não só depois que nos casamos, mas antes também. Não confiava em você para nada e por esse motivo, cometi muitos erros. Você já me perdoou uma vez, por que não faria o mesmo por você agora?

PERIGOSAS ACHERON

Ergui as sobrancelhas, chocado.

Ellie estava falando sobre *compreensão*.

Estava *perdoando*.

E estava *reconhecendo* seus erros.

Cobri sua testa com a mão e semicerrei os olhos. Ela pareceu surpresa com a minha reação e cessou o choro, mas queria ter certeza de que não tinha enlouquecido.

— O que você está fazendo?

— Você está doente?

— Não! — Ela bateu com sua mão para afastar a minha e suspirou. — Só estou sendo sincera! Mas acredite quando eu digo que estou surpresa comigo

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma, você sabe que não baixo a guarda — ela parafraseou o que eu havia dito. — Lincoln, você é o que faz de mim uma pessoa melhor. Não posso te deixar ir embora.

Entreabri os lábios para liberar o ar preso em meus pulmões.

Meu celular vibrou com uma mensagem de Ethan. Ele estava me esperando.

— Eu preciso ir.

Coloquei os pés no chão, mas voltei a me sentar quando a dor lancinante atingiu meus nervos. Caí de volta na cama.

Ellie me olhou de soslaio.

— Vem, deixa eu te ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela se levantou e colocou meu braço por cima de seu ombro. Apoiei-me nela e me ajudou a descer as escadas.

Em seu rosto, havia resquícios das lágrimas. Com o braço que estava sobre seus ombros, consegui tocá-lo e limpar o rastro aquoso que seu choro deixou. Ellie parou ao pé da escada para me encarar.

Ignorei seu olhar furtivo e estudei nossa casa. Costumávamos ser felizes naquele lugar introspectivo. Ellie a tinha decorado com tons neutros e outros escuros. O assoalho, por exemplo, era de um marrom intenso. As paredes, entretanto, haviam sido pintadas de cinza claro. As janelas eram grandes começavam no meio e terminavam

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pouco antes de chegar ao rodapé. Havia cortinas brancas evitando a claridade – mesmo que Aspen estivesse em grande parte do tempo nublado.

O sofá era de couro e marrom. A ilha grande e elegante, com pedra branca sobre o balcão. As pilastras envernizadas que sustentavam o teto tinham quadros pendurados com fotos ou frases motivacionais. Havia uma lareira no canto, ao lado do sofá e da tevê.

O primeiro ambiente não tinha divisórias. A sala de jantar, a sala de tevê e a cozinha estavam interligados em um vasto cômodo opaco. No hall de entrada tínhamos uma luz que acendia por sensores e sempre deixávamos o casaco e os sapatos na porta, para que a neve não nos seguisse casa adentro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ainda me ama?

A voz arrastada de Ellie foi como ondas que se quebram na orla da praia.

Eu desviei os olhos para ela. Não queria mentir, entretanto, tinha algo diferente acontecendo dentro de mim.

— Não tenho certeza, Ellie.

— Mas?

— Mas não estou me divorciando porque o amor acabou. Estou me divorciando porque acho que nós merecemos o melhor.

— E não fazemos mais o melhor um para o outro — ela continuou dizendo exatamente o que eu teria dito.

PERIGOSAS ACHERON

— Que bom que você entendeu.

Eu me apoiei em uma das pilastras enquanto ela corria para a porta. Ethan provavelmente estava congelando lá fora.

Ellie abriu e meu amigo apareceu, limpando os pés no acarpetado do lado de fora. Ele tirou as botas impermeáveis e entrou de meias na casa.

— As malas estão lá em cima — Ellie anunciou e Ethan assentiu, seguiu para a escada e desapareceu.

Ela cruzou os braços na frente do peito. O silêncio nos cercou como um globo de neve. Senti-me preso, sufocado.

Três meses. Ela pediu. Por que eu não podia aceitar? As coisas poderiam realmente melhorar entre nós.

Olhei para ela. Para a maneira inquieta como seu corpo reagia a frustração. Ela estava mordendo o lábio inferior de novo e franzindo o nariz. Os cabelos loiros avermelhados caíam em cascata sobre os ombros. Podia sentir dali de onde estava o cheiro de lavanda repercutindo pelos cantos da casa. Inspirei, tombando a cabeça para trás.

Quando a toquei todo o meu corpo pareceu reagir em uma ligação energética profunda. Se estivesse com os pensamentos no lugar, eu diria que ainda a desejava desesperadamente.

Não é que eu não a amasse. Só não acreditava mais que o amor bastava.

— Lincoln?

— Sim?

Ergui a cabeça em sua direção. Ela me encarava fixamente.

— Eu baixo a guarda quando você não está olhando.



*“Se eu me sentar sozinha ainda
Às vezes eu posso sentir você aqui
Talvez você possa pegar o volante
Tentando me tirar daqui
Mãe onde você se extraviou, oh
E me diga que eu vou ficar bem”*

MOTHER – INA WROLDSEN

DEZ ANOS ATRÁS...

PERIGOSAS ACHERON

Estalei a língua no céu da boca. Estava seca. Minha garganta estava se fechando. As minhas veias pareciam borbulhar em efervescência. Suava frio. Cada gota grossa que escorria pela testa provava o que eu já sabia. Meu corpo estava pedindo por mais álcool. Eu só tinha dezesseis anos e meu corpo estava viciado em bebida. Inspirei profundamente, encarei o celular em meu colo. Tinha prometido a Lincoln, não?

Ele me pediu. Devia isso a ele. Podia ser mais forte. Eu iria conseguir, se quisesse. Mas, ao mesmo tempo que meu cérebro atenuava as razões para permanecer longe da adega particular de meu pai em seu escritório, também conseguia provar o seu ponto dos motivos de que eu deveria beber só mais uma vez. Só aquela noite, em respeito às

diversas vezes que meus pais brigavam e o álcool me trouxe alguma tranquilidade. Mesmo que momentânea.

Me levantei. Empertiguei o corpo ajeitando o suéter às curvas sinuosas de minha cintura. Coloquei o celular no bolso traseiro, peguei o cobertor felpudo do telhado e entrei no quarto. Tive vontade de ligar para a minha irmã e culpá-la. Afinal, ela se mudou para Boston com o intuito de estudar, seguir o caminho que meus pais sempre sonharam para nós duas – eu, havia sido a ovelha negra da família ao quebrar a tradição –, e dizer a ela tudo que tinha vontade. Como a odiava por ter me abandonado aqui.

Às vezes, nós passávamos meses sem nos falarmos. Natalie nunca fez a filha apegada, que retorna ao lar quando possível. Pelo contrário, era

PERIGOSAS NACIONAIS

desprendida e no minuto em que colocou seus pés naquele maldito avião, soube que dificilmente a veria. Além de datas festivas, ela nunca voltava para casa. Ela era mais velha. Provavelmente reconhecia que nossos pais não tiveram o melhor dos casamentos, acho que Natalie pensou que sofreu o bastante por nós duas e que agora era a minha vez de presenciar todas as discussões intermináveis.

Rumei, decidida para a porta de meu quarto.

Só mais essa noite, jurei.

A partir de amanhã, deixarei essa necessidade absurda para trás, eu prometi.

Lincoln estava errado, eu não era viciada, me convenci.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No andar de baixo, vislumbrei o vasto corredor em direção ao escritório de papai. Antigamente ele costumava receber seus clientes em casa, mas agora que tinha a empresa, eu quase não o via. Nem ele, nem mamãe. Estavam sempre soterrados em trabalho; pilhas e mais pilhas de documentos para ler.

No começo, tínhamos uma governanta, uma cozinheira e até uma faxineira, mas depois que Natalie e eu crescemos, não viam tanta necessidade em ter tantas pessoas trabalhando em casa.

Em momentos como esse, ficava aliviada. Ninguém poderia me entregar. Meu pai ficaria tão bravo comigo que poderia ser difícil controlar seu mau humor e ninguém preveria o que poderia

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acontecer se viesse a seu conhecimento que estava roubando suas bebidas à noite. Mamãe ficaria deprimida demais para me castigar.

Forcei a maçaneta e com facilidade a porta se abriu. O lugar estava em uma organização impecável. A mesa de papai limpa, somente com seu velho computador instalado no tampo de madeira escura. Andei pé ante pé para o bar improvisado que tinha ao lado da estante de livros de Direito.

Papai era apaixonado por uísque e conhaque. Tinha de marcas diferentes – embora eu não entendesse muito – e a data parecia importar. Quanto mais velho a bebida ambarina fosse, melhor seu sabor. Entretanto, não bebia para apreciar o ardor aquecido que queimava minhas papilas; bebia porque me sentia confortável ao não pensar em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

nada além de banho e cama. Minha mente parecia desacelerar quando o álcool chegava onde precisava e eu não pensava em mais nada.

Puxei a banquetta alta para me apoiar. Subi no assento e fiquei na ponta dos pés para alcançar a garrafa mediana com o líquido âmbar. Semicerrei os olhos em direção ao nome: *Domus; conhaque de gengibre*.

Desci e servi um pouco em um copo fundo. Três dedos do líquido. E assim como prometido, o sabor amargo da bebida me inundou. Estalei a língua no céu da boca, não sentindo mais a secura incômoda. Repeti a dose quatro vezes. Respirei aliviada quando fechei a garrafa e a voltei para seu lugar. Estava zozna quando rumei para a porta, mas mantive as pernas em ampla solidez.

PERIGOSAS ACHERON

Continuei caminhando. Apertei a maçaneta. Meu telefone tocou no bolso alertando uma nova mensagem. Decidi ignorar por enquanto.

Então, escutei o barulho da porta do hall batendo com força estrondosa. Encolhi os ombros, escondendo-me atrás de uma coluna do corredor. Pelo cheiro misto de álcool e suor, tive certeza de que era meu pai.

Contudo, ele não estava sozinho.

Não tive muita dificuldade para escutar uma risadinha fina, entalada pela embriaguez. Cobri a boca com a mão para impedir que qualquer som corpulento ousasse sair pelos lábios entreabertos sem minha autorização. Espiei, virando um pouco o corpo em direção ao hall.

Eu os vi.

Não foi a cena mais glamorosa. Teria dado qualquer coisa em troca para apagar a cena libidinosa de meu pai subindo a mão pela coxa de uma mulher. Uma que não era a minha mãe.

Ele estava com pressa para se livrar do vestido minúsculo do corpo dela. Era branco, acentuava as curvas intensas que jaziam sua cintura e o generoso quadril. Tinha um decote indecente em V, repartindo seus seios desmesurados em uma fenda que descia até seu umbigo. Fiquei enjoada. Pensei que o conhaque fosse voltar e macular todo o chão com a minha repulsa.

— Sua filha está em casa? — ela perguntou, jogando o pescoço para trás e dando passagem para que meu pai beijasse sua extensão.

— Está dormindo — revelou ele, embora eu
PERIGOSAS ACHERON

tivesse certeza de que tinha uma ponta de dúvida na entoação de sua voz.

— Hum, vamos subir para o seu quarto então!

Ele apertou um dos mamilos rijos da mulher, grosseiramente. Ela resmungou, entretanto não pareceu ser de dor ou descontentamento. Ela queria que ele fosse rude.

— Ficou maluca? — murmurou, empurrando-a em direção à sala enquanto se livrava dos sapatos sociais no caminho.

Ela tinha cabelos longos. Pretos azulados. Não pude ver seu rosto, porque, quando sumiram para dentro da sala, eu os segui. Coloquei só parte de minha cabeça por trás da pilastra.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela estava debruçada no encosto do sofá, sua barriga para baixo e seu traseiro empinado para cima. Meu pai subia o tecido branco do vestido à medida que passava a mão pela extensão das pernas grossas da mulher.

Fechei os olhos sabendo o que viria a seguir.

Mas eu escutei tudo quando ele desabotoou o cinto: o barulho agourento que a mulher fez ao sentir o quadril de meu pai investir contra ela.

O sofá se locomovendo e arranhando nosso maldito assoalho à medida que o momento íntimo deles se tornava mais intenso.

O perfume daquela mulher pareceu ter se impregnado nos cantos daquela sala. O hall tinha cheiro de *rosas vermelhas. As malditas rosas vermelhas.*

PERIGOSAS ACHERON

Descobri que odiava rosas vermelhas naquele instante.

Virei nos calcanhares para voltar ao meu quarto e enquanto subia, pensava no que eu deveria fazer a respeito. O mais sensato e humano era contar para a minha mãe.

Fechei a porta o mais silenciosamente possível. Peguei o celular em meu bolso, tremendo.

Meu estômago estava revirado. Sentia que o líquido quente passaria pela minha garganta a qualquer instante e teria de me explicar o porquê de meu vômito cheirar a álcool; meu pai teria de explicar por que a casa cheirava a *rosas vermelhas*. Eu nunca mais esqueceria aquele cheiro. Seria

como um castigo por cogitar a ideia de contar a minha mãe o que acabara de ver, mas não ter coragem o suficiente para fazer.

Desbloqueei a tela do aparelho e vi que havia uma mensagem de Lincoln.

O que você quer fazer no nosso primeiro encontro? Cinema ou jantar?

Tombei a cabeça para trás. A porta de madeira serviu de apoio para mim. Eu queria tanto sair com Lincoln e acreditar que as pessoas são confiáveis o suficiente para cuidar do que não é delas.

Lincoln queria meu coração, mas não confiava nele suficiente como homem para entregá-lo. Meu pai era o homem que eu mais amava no mundo

inteiro, aquele que acreditei ser o único que poderia depositar minha confiança.

Meus dedos pairaram no teclado, respirei fundo e digitei:

***Você levou mesmo isso a sério? Hahaha.
Inacreditável. Esquece. Isso não vai acontecer,
nem nos seus sonhos!***

Se eu não podia confiar em meu pai, por que poderia em Lincoln?



*“Está tão quieto aqui
E eu me sinto tão frio
Esta casa já não
Se parece mais um lar
Quando você me contou que iria embora
Eu senti como se não pudesse respirar”*

SO COLD – BEN COCKS

PERIGOSAS NACIONAIS

Assim como no dia em que descobri que meu pai andava traindo minha mãe, eu me resignei. Não tive forças para contestar. Não conseguia pensar em nada para dizer que pudesse convencê-lo a ficar, então o deixei ir.

Essa foi *a primeira* decisão difícil que precisei tomar. Aceitar que Lincoln e eu já não caminhávamos mais para a mesma direção.

Eu me ajoelhei no meio da sala, cedi completamente ao peso que me encolhia e chorei. Snow se juntou a mim, como se soubesse o que estava acontecendo. O cachorro peludo lambeu a ponta de meu queixo, enxugando as lágrimas que açoitavam minha pele. Funguei e encarei a casa em sua organização impecável. De repente, quis destruí-la. Fazer com o nosso lar o que Lincoln

PERIGOSAS ACHERON

havia feito com meu coração. Ao tentar me erguer, senti minhas panturrilhas tremelejar e voltei para o chão.

— Nós vamos ficar bem, certo? — Esfreguei a ponta do nariz usando a manga de meu suéter vermelho felpudo e Snow roçou a cabeça na palma de minha mão esquerda. — É. Nós vamos. É claro que vamos. Fiz o que pude, não é? Me esforcei! — Ele lambeu a ponta de meus dedos e os escorri abertos por sua pelagem branca e cinza. — A convivência ficou insuportável, não foi? Acho que vai ser melhor assim, para nós dois. — Sorri para o cachorro, embora a conversa que externava fosse íntima. Ri, entristecida, um misto de frustração e angústia se misturou ao som nasalado que escapou por minhas narinas. — Não posso culpá-lo por ter ido embora. Nunca expliquei as razões de eu ter me tornado uma pessoa tão intragável. — Apertei os

PERIGOSAS NACIONAIS

lábios, criando uma linha fina. — Você deve estar com fome. — Esfreguei a palma da mão contra sua cabeça.

Eu me levantei e, dessa vez, forcei meus pés a sustentarem o peso de meu corpo ao invés de transformar minhas pernas em duas gelatinas. Inspirei o ar lentamente pelo nariz, as narinas abertas de forma exuberante e rumei para o armário debaixo da pia da cozinha. Peguei o saco de ração e a vasilha de alumínio. Enquanto limpava e preparava uma pequena porção, fingi que o dia terminara como os outros; cheguei em casa antes de Lincoln, cuidei de Snow e preparei o jantar.

Fiz ravióli com cogumelos. A cada garfada, bebericava a goles curtos da taça de água cristalina à minha frente e encarava a porta, na esperança vã de que ele fosse entrar logo.

PERIGOSAS ACHERON

Quando terminei de comer, Snow se uniu a mim no canto do nosso sofá marrom de couro e encolhi as pernas de frente para a lareira. Em momentos assim, desejava que a bebida não fosse uma terrível fraqueza para mim. Poderia beber sozinha diante da lareira, me aqueceria com o sabor adocicado e tenaz no céu de minha boca. Tentei chispar o pensamento que, embora não me causasse dor física, martelava meu coração em cadência e me faltava ar.

Pensei em pegar o celular algumas vezes e ligar para ele. Mesmo que nosso relacionamento tivesse se tornado um completo desastre, saber que ele estava em algum cômodo da casa acalmava meu coração. Agora, além de saber que estávamos nos divorciando, precisava lidar com a sua ausência repentina.

PERIGOSAS NACIONAIS

Resisti à vontade de vinho e busquei uma caneca de chocolate quente. Bebericava aos golinhos, prestava atenção a chama que crepitava e consumia todo o toco de madeira na lareira. Snow acabou adormecendo em meu colo e não fui capaz de me mover para ir para a cama. Não que eu quisesse dormir outra vez naquele quarto, mas estava inventando desculpas para me convencer disso.

Então, adormeci ali no sofá. A primeira noite de muitas outras.



O sentimento alojado em meu peito me subestimava. Não estava acostumada a ser aquela Ellie. A que se importa, a que se entrega aos

PERIGOSAS ACHERON

pouquinhos à dor pungente em meu coração. Estava me adaptando a ela. Às vezes, olhava-me no espelho mais de uma vez por dia e de forma agourenta, a amaldiçoava por sua tamanha capacidade de me enfraquecer. Em outro tempo teria não só o ajudado a arrumar as malas, mas o teria seguido até a porta e desejado boa sorte.

Cheguei mais cedo à livraria, me desculpei com Snow por não estar disposta a caminhar com ele e o deixei na casa de Asa, o garoto de dezesseis que morava com a avó e que ficava com ele enquanto Lincoln e eu trabalhávamos.

Zoe chegou pouco depois de mim, surpresa por eu já ter preparado meu próprio chá de jasmim e me isolado no escritório para fazer um novo pedido de livros para as editoras. Enquanto digitava um e-mail, sentia os olhos de minha funcionária em

PERIGOSAS NACIONAIS

escrutínio. Estava tentando agir como se nada estivesse errado, mas provavelmente a sombra roxa sob a cavidade do meu olho tivesse me denunciado.

Eu tossi baixinho, parando a mão contra a boca.

— Você está doente? — Zoe cruzou os braços, recostando-se na soleira da porta. Não desviei os olhos do computador. — Ellie?

— Lincoln saiu de casa — falei, outra vez me forçando a olhar para a tela plana sem vacilar.

— Saiu? Quando? — Escutei seus passos comedidos em minha direção. Enxerguei de soslaio quando afastou a cadeira para se sentar. — Sinto muito, Ellie. Você quer que eu fique alguns dias com você? Acho que consigo imaginar como pode ser solitário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Reprimi um suspiro e, pela primeira vez, desviei os olhos da tela para ela.

— Estou bem, Zoe. É sério.

— Não parece bem. — Apontou com o indicador para as olheiras visíveis que circulavam meus olhos.

Vi que não podia fugir do assunto por muito tempo, afinal Lincoln foi muito claro a respeito. O divórcio estava em andamento e se não agora, mais tarde as pessoas descobririam sobre nós. Consequentemente, meus pais também saberiam e uma nova vertente estava prestes a começar.

Esfreguei a testa quando senti que algo escorria de dentro dos fios. Era suor.

PERIGOSAS ACHERON

— O aquecedor está ligado? — perguntei, enrugando a testa.

— Está sim. Do jeito que você gosta — Zoe explicou, olhando-me com preocupação. — Você tem certeza de que está bem? Parece pálida. Comeu alguma coisa hoje?

— Só meu chá. — Estendi a caneca para que ela a visse. — Não estou com fome. — Tossi outra vez e coibi o ar quente que escapava entre os lábios cobrindo-os com a mão. — Ele foi embora ontem. Vai ficar com Ethan até que... você sabe, organize a vida. — Dei de ombros tentando demonstrar desdém. — Eu o ajudei a fazer as malas.

— Para mim, é melhor assim. Vocês estavam vivendo em uma relação quase insuportável — cuspiu ela, revirando os olhos. — Quer dizer, se eu

PERIGOSAS NACIONAIS

estivesse casada, iria querer transar muito, jantar e almoçar com meu marido todos os dias. Vocês dois não estavam nem se tocando mais! Era esquisito!

— É difícil admitir, mas um pouco disso é culpa minha — objetei, e me vi defendendo-o e odiei minha posição por essa razão. — Muitas coisas que ele fez por mim, não fui grata o bastante e outras, não soube explicar o motivo de não me agradar. Eu me calei e deixei que ele pensasse que eu era uma pessoa mesquinha, egoísta e arrogante. Lincoln não teve nem tempo de olhar para mim e enxergar algo bom. E se algum dia enxergou, não sei o que ele viu.

Zoe mordiscou o lábio inferior, pensativa.

— Sendo assim, vocês deveriam conversar mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

Eu ri, sendo sarcástica e amarga. Joguei o corpo para trás, acomodando-me confortavelmente na cadeira.

— Vou fazer exatamente o que ele quer que eu faça, Zoe. Pedi tantas vezes que ele me desse mais tempo. — Houve um tom amargurado em minha voz, justamente por ele sequer ter respondido sobre a minha proposta. — Vou ligar para a minha mãe e contar o que está acontecendo.

— Você quer mais chá? — Gesticulou com o queixo para a minha caneca e assenti.

Zoe fechou a porta do escritório quando saiu e encarei o lugar. Fiz uma nota mental para mudar os móveis, talvez reformar com uma cor diferente, para que não me lembrasse de Lincoln tantas vezes por dia. Nós fizemos amor naquela mesa e nos

deitamos no sofá sob a prateleira de madeira pequena no canto esquerdo e escolhemos o papel de parede florido juntos. Ele estava impregnado em cada canto do meu espaço de trabalho. Foi então que entendi as razões para que Lincoln também quisesse fazer uma mudança na loja, não queria olhar para ela e se lembrar de todos os momentos que passamos juntos.

Apanhei o celular dentro da gaveta da mesa e disquei o número de casa. No segundo toque, alguém atendeu. Infelizmente, não era minha mãe.

— Oi, pai — cumprimentei cordialmente e olhei para o teto branco.

— *Ellie.* — Ouvi como sua respiração ficou densa e irregular. Resisti a vontade de ofendê-lo. — *Faz um tempo que não nos falamos. Sua mãe*

contou que você e Lincoln estiveram enfrentando problemas no relacionamento e...

— A mamãe está em casa? — O cortei, sucinta.

— *Sim, ela está.*

— Liguei para falar com ela.

— *Ellie. Eu criei você.*

— Eu teria sorte se não fosse você — ecoei. Sua voz rouca gritou por minha mãe e, em instantes, ela estava pendurada no celular.

— *Oi, querida.*

— Por que você não fica com seu celular, hein?
— resmunguei, revirando os olhos, mesmo que ela não pudesse me ver.

— *Desculpa, querida. Seu pai o pediu emprestado para ligar no escritório.*

— Que seja. — Virei na cadeira, exalando o ar repreensiva e andei pelo meu escritório com a mão esquerda na cintura. — Liguei porque queria te contar — pigarreei. — Lincoln e eu estamos nos divorciando. — Fechei os olhos brutalmente, pensei que, se dissesse logo de uma vez, a ferida em meu coração doeria menos.

— *Se divorciando?* — Sua voz saiu em fiapo, incrédula e abatida. — *Por quê? Pensei que vocês estivessem resolvendo!*

— Ele quer assim, mãe.

— *Meu Deus! Não estou conseguindo acreditar!* — ela arfou. — *O que você vai fazer agora?*

— Como assim? — Franzi a testa, confusa.

— *É. Você... consegue ficar sozinha?*

— Se eu consigo ficar sozinha? — repeti a pergunta, mais para mim mesma, do que para ela.

— Mãe, pelo amor de Deus! O que você pensa que eu sou?

— *Não é isso, querida, só fico preocupada que você...*

— Não sou nenhuma suicida! — grunhi, magoada e aflita. — Não vai acontecer nada comigo. Vou continuar a vida, mãe. Só isso.

— *Precisa que eu vá para Aspen ficar com você por uns dias? Se quiser, posso tirar férias e cuidar de você.*

Esfreguei a testa. A incredulidade me fez andar austera pela sala minúscula, em um vaivém sem fim, até a sola de meus pés começarem a arder com o atrito das botas e as meias térmicas. Suprimi a vontade absurda que subiu pela minha garganta de dizer a ela exatamente a razão de ter feito o que fiz no passado.

— Não, não preciso de nenhuma babá. Estou bem.

— *Talvez a sua irmã possa ficar com você!*

— Mãe! — exclamei, aos berros. — Já disse que estou bem!

E, em instantes, ela estava aos prantos. Fazendo meu coração ser esmagado no peito.

— *Só estou tentando ajudar!* — soluçou.

Respirei fundo e tombei a cabeça para trás.

— Está sendo difícil para mim, mãe. Lincoln é a única pessoa que amei verdadeiramente desde que tinha dezesseis anos e eu consegui estragar isso também. Então, sim, estou triste; e sim, estou sentindo como se ele tivesse arrancado meu coração com as próprias mãos e jogado de comida para os lobos. Mas não, eu não vou fazer nenhuma idiotice. Não se preocupe comigo.

— *Você tem certeza?*

— Tenho.

— *Se precisar de alguma coisa, qualquer coisa*
— foi enfática —, *você me liga imediatamente.*
Está me ouvindo, Ellie?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou te ouvindo. — garanti. — Se eu precisar, eu te ligo — prometi.

— *Tudo bem. Quando decidiram isso?*

— Há uns dias. Lincoln vem dizendo que quer se divorciar e a princípio eu relutei. Acho que aprendi com você a lutar por relacionamentos fracassados — brinquei, embora minha mãe tivesse suspirado irrevogavelmente ficando contra mim. — Desculpa — me apressei em pedir, mas já tinha dito e minha mãe já havia se magoado. — Enfim, ele continuou dizendo que preferia se divorciar e ontem ele pegou suas coisas e foi embora.

— *Eu não luto por relacionamentos fracassados — concluiu ela. — Você tem essa concepção de que seu pai não é uma boa pessoa para mim e continua agindo como uma cretina sem*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coração com ele. Você, Ellie, sempre foi assim. Desprezível, afastando as pessoas que te amam. Não me surpreende que Lincoln tenha se cansado.

— E lá estava ela, minha boa e velha mãe, mostrando suas garras afiadas e rasgando minha pele. Nunca contei sobre as traições do meu pai, mesmo assim ele era rude e cruel com ela. — *Espero que de agora em diante você possa aprender com seus erros e se colocar no lugar das pessoas ao invés de simplesmente atirar sobre elas palavras duras e com amargura. Você está revoltada com a felicidade das pessoas que estão a sua volta!* — Fechei os olhos e inspirei profundamente o ar quente do meu escritório, agindo como se as palavras de minha mãe fossem incólumes. — *Se precisar de alguma coisa, pode ligar para Natalie. Ela está com saudade.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A linha ficou muda. Afastei o aparelho da orelha para ver a foto no fundo de minha tela. Lincoln e eu, em uma foto com Snow no alto da montanha de *Snowmass*. Eu esquiei pela primeira vez com ele, embora estivesse arrodeada pelas montanhas rochosas sempre tive medo da adrenalina. Com ele, entretanto, era fácil enfrentar meus demônios. A dor não parecia ser tão ruim assim quando sorria para mim.

Estava acostumada com a raiva de minha mãe. E, antes, ela conseguia me atingir tão fundo que sentia o chão sob meus pés ser sugado por um buraco de minhoca, mas agora consigo filtrar o que devo e o que não devo levar em consideração. O que ela disse é uma das coisas que não posso pesar nessa balança da vida. Mesmo que seja doloroso para mim ouvir minha própria mãe dizer que sou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um ser humano desprezível seja injusto e amargo, continuava pensando que apesar disso, ela queria meu bem.

— Trouxe mais chá. — Zoe entrou animada pela porta, colocando a caneca branca fumegante no tampo de minha mesa. Ela me encarou, apreensiva. — Minha nossa, você está muito pálida. — Amparou a mão aberta em minha testa e arregalou os olhos. — Ellie, você está ardendo em febre!

Afastei sua mão para apoiar a minha no lugar e precisei concordar com ela. A moleza que sentia no corpo, as pernas fracas e o coração acelerado parecia ser só um sinal eloquente da angústia que sentia, mas meu corpo reagia a uma gripe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Parece que estou mesmo. — Sorri fracamente. — Você pode ficar aqui? — Cobri a boca para tossir. — Vou para casa.

— Quer que eu ligue para alguém? — perguntou, me seguindo enquanto pegava meu casaco e o cachecol no cabideiro.

— Eu não tenho ninguém, Zoe. — Virei de lado e sorri para tranquilizá-la. — A pessoa que eu tinha foi embora.



O sol se põe em Aspen entre as cinco e seis horas da tarde, quando a temperatura cai alguns graus. Aninhei-me de novo no sofá e puxei um cobertor até o pescoço. Enviei uma mensagem no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caminho para Asa, perguntando se podia ficar com Snow hoje, porque estava doente e não poderia buscá-lo. A resposta veio imediatamente e ele se mostrou animado em ficar com ele.

Lincoln também me enviou uma mensagem, às oito da noite, assim que me levantei para tomar banho, dizendo que nós tínhamos uma reunião com o advogado às nove da manhã, em Denver. Perguntou se eu precisaria de carona, afinal, embora tivesse carteira, nunca gostei de dirigir e acabei não precisando comprar um carro, porque eu tinha Lincoln.

Não se preocupe. Estarei lá. Não preciso de carona. :)

Pegaria um ônibus.

PERIGOSAS ACHERON

Ele respondeu em seguida.

Você quem decide.

Não respondi mais. Coloquei o celular na mesa oval de centro e voltei para debaixo dos cobertores. Coloquei um pano molhado na testa e uma garrafa de água ao lado do sofá.

Eu não ficava doente com frequência, mas acontecia ao menos uma vez ao ano, devido à baixa temperatura e meu contato intenso com ela.

Adormeci imediatamente, não pareceu que eu tivesse dormido muito, mas abri os olhos em fresta para ver que meu celular estava tocando. Meu corpo estava pesado e, assim que estiquei a mão em direção ao aparelho, ela caiu para o lado e não pude

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer uma nova tentativa. Era como se estivesse sendo puxada para trás, incapaz de lutar com a força exponencial que me sugava. Desisti e escondi o rosto debaixo da manta.

Eu me levantei, sentindo-me zonza, como tivesse saído de um brinquedo do playground. Apoiei com as mãos abertas na ilha, puxando o ar com dificuldade para meus pulmões. Assim que senti que minhas pernas conseguiam seguir adiante sem vacilar, subi para o banheiro e demorei no banho, mais do que naturalmente faria.

Abri o closet e peguei uma calça de moletom cinza. A blusa de Lincoln do *Imagine Dragons* estava embrulhada no fundo do armário. Inspirei profundamente, sentindo seu cheiro que ainda planava no lugar onde suas roupas ficavam. Peguei o moletom que dera a ele de presente e passei ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pela cabeça. O cheiro do perfume *Cool Water*, masculino, como se Lincoln tivesse acabado de sair do banho, invadiu meus sentidos e tocou cada célula de meu corpo com particularidade.

Então, senti falta dele de maneira enlouquecedora. Quis ligar, implorar para que voltasse para casa, dizer o quão desesperador estava sendo e era angustiante não saber o que ele estava pensando naquele momento.

Ouvi vagamente o barulho na porta, como se alguém a estivesse esmurrando de forma desesperada. Soltei a toalha dos cabelos e os penteei enquanto descia as escadas de dois em dois degraus, sentindo que o banho revigorou minhas forças.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ao abrir a porta, notei que nuvens encobriam o céu de Aspen e não pude definir que horas eram. Mas, não foi isso que me chocou.

Lincoln estava coberto de neve, usando um casaco longo acolchoado cinza e um suéter de gola rolê mostarda. Metade de seu rosto estava coberto pelo tecido, deixou apenas os olhos para fora e de modo notável, eles pareciam insatisfeitos com alguma coisa. Snow latiu assim que focinhou meus pés descalços e sem pedir, Lincoln afastou meu corpo que barrava a entrada para o lado e entrou.

Esquadrinhei o temporal nefasto que caía lá fora, em flocos densos de neve cobrindo o chão. O carro de Lincoln estava na porta da garagem, na inclinação que fazia na meia subida para chegar até nossa casa. Virei nos calcanhares e ele já tinha se

PERIGOSAS ACHERON

livrado do casaco e das botas impermeáveis. Soltou a coleira de Snow e logo o cachorro correu pela casa, demonstrando como sentira falta do lugar.

— Você tem ideia de quantas vezes te liguei?
— Lincoln começou, parou no meio do complexo entre a sala de estar e a de tevê. Ele me encarou, fitando meu rosto.

— Desculpa, eu estava no banho. — Abracei o próprio tronco e desviei os olhos quando não fui capaz de vencer a briga com a intensidade de sua íris ocres.

— Não, Ellie. Estou te ligando desde cedo!

— Desde cedo? — Espremi os olhos em sua direção, esquadrinhando a expressão raivosa dele.
— Que horas são?

Ele bufou.

— São quase nove da noite.

— Por que você trouxe o Snow? Pedi para o Asa cuidar dele até amanhã!

— Você pediu isso *ontem*. O amanhã é *hoje*.

— Droga! — Estapeei a testa quando percebi que estive dormindo nas últimas vinte e quatro horas. — Eu perdi a reunião com o advogado, não é?

Lincoln anuiu e apontou para um envelope pardo que eu não havia percebido quando ele entrou.

— Os papéis do divórcio estão ali dentro. Você só precisa assinar.

— Sinto muito, mesmo, Lincoln. Eu fiquei doente e...

— Você está bem? — Sua carranca suavizou e imediatamente uma expressão preocupada anuviou seu rosto. Ele se aproximou, desfazendo a distância de dez passos entre nós e pousou a mão aberta em minha testa. Notei que ele não mancava mais e a mão parecia ter se recuperado. — Está quente — sussurrou. — Foi ao médico?

— É só uma gripe — Afastei-me de seu toque, porque meu corpo começava a formigar com ele. Esfreguei o nariz e voltei para a sala.

— Você está descalça — alertou ele, uma pontada de repreensão escoando de sua voz.

— Não deu tempo de colocar meias. Você estava batendo na porta. — Apontei com o polegar
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sobre o ombro — Por que você simplesmente não entrou? Você tem a chave.

— Eu não moro mais aqui. — Lincoln apertou os olhos em minha direção quando meu corpo parou de súbito com o reconhecimento desse fato.

Virei para ele.

— Faz só dois dias.

— Sim, mas não moro mais aqui. — Ele escondeu a mão no bolso fundo de sua calça jeans e abaixou os olhos. — Encontrei um apartamento no centro, perto da loja.

— Você pode pegar o que quiser. — Abri os braços, mostrando a casa. — Tudo que está aqui é seu também.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não se preocupe com isso, o apartamento é mobiliado. Mesmo que eu quisesse, não teria onde guardar tudo.

— Tudo bem. — Joguei o corpo no sofá, cedendo ao cansaço obscuro que se apossava de mim, mesmo depois de ter dormido por tanto tempo.

— Você pode cuidar do Snow? Eles não permitem cães no apartamento.

— Sem problema. — Cobri a testa com o antebraço e fechei os olhos. Recostei o pescoço no encosto do sofá.

O silêncio pairou por algum tempo. Senti uma gratidão intensa, pois minha cabeça estava doendo e olhar para Lincoln me causava falta de ar.

PERIGOSAS ACHERON

O lugar ao meu lado afundou um pouco e abri os olhos quando a mão gélida de Lincoln se fechou em volta de meu calcanhar. Ele puxou minha perna, esticando-a sobre o assento e acomodou meu pé em seu colo. Acariciou gentilmente meus dedos antes de cobri-los com a meia cinza felpuda. Repetiu o mesmo processo no outro pé. Mantive as pernas sobre seu colo, imóveis e meu queixo tremia só de olhar para ele. Não conseguia definir meus sentimentos; um misto de pavor, confusão, angústia e saudade comprimiam meu peito e eu mal conseguia respirar.

— Obrigada — agradei, sinceramente.

— De nada. — Seus lábios se apertaram até que se fundiram em linha reta. — Você devia ir ao médico, Ellie. Está quente demais.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu estou bem. Só preciso descansar.

Lincoln entreabriu os lábios para extrair o ar dos pulmões. Segurou minhas pernas pelos tornozelos e se afastou.

— Eu já volto.

— Onde você vai?

— Encontrar uma farmácia para você.

A porta fechou e me concentrei no fogo que crepitava. Lincoln se importava comigo. Tentei não levar isso como uma esperança, apenas que ele era um ser humano incrível, o que realmente era verdade. Nunca o presenciei negando ajuda a qualquer um. Não fazia o tipo rancoroso, o que me surpreendia. Eu o via como alguém resiliente e de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

personalidade espectral, nada parecia atingi-lo. Exceto, é claro, quando entrei em sua vida e comecei a bagunçar tudo, deixando-o maluco.

Ri, porque costumávamos nos lembrar disso e achar graça. Lincoln adorava a minha presença, dizia que eu era o furacão no meio de sua calmaria e ele amava. Amava como eu o obrigava a sair de sua zona de conforto.

Suspirei, cansada.

Caminhei pela sala à procura do controle da tevê. Não assistíamos muito, portanto, ele sempre ficava perdido. Apanhei meu cobertor e pulei para o outro sofá, para ficar de frente para a tevê. Aninhei-me debaixo da manta, enquanto zapeava pelos canais. Passava *Capitão América: o primeiro vingador*.

PERIGOSAS ACHERON

Lincoln adorava o filme, mas gostávamos de personagens diferentes e implicava com ele quando me pedia para assistirmos ao Steve Rogers em vez de Tony Stark. Eu tentava ser ponderada, mas Lincoln cedia e acabava fazendo minhas vontades.

Suspirei de novo, como eu era infantil... por que discutia com ele sobre uma coisa tão inútil? Por que perdi tantos minutos dos meus dias ao seu lado, discutindo que devíamos assistir *Homem de Ferro* em vez de mergulharmos no universo do *Capitão América*? Por que fiz todas essas coisas errôneas e perdi o tempo que podia ter passado ao lado dele nos poupando dessas discussões bárbaras e sem nexos?

Comecei a chorar de novo, assistindo ao filme do *Capitão América*. Chorei porque me lembrava de uma Ellie mesquinha e egoísta, que tinha a

necessidade ultrapassada de ter as pessoas agindo conforme ela queria.

Lincoln chegou no momento em que Steve passava pelo procedimento no exército e oficialmente se tornava o Capitão América.

Escutei o barulho de armários abrindo e fechando na cozinha. A torneira da pia sendo aberta e, de repente, Lincoln estava parado a minha frente como estátua, erguendo a mão aberta com um comprimido e água.

— É Paracetamol — avisou ele quando joguei o comprimido no fundo da garganta e engoli a água por cima.

— Você comeu alguma coisa?

— Ainda não.

Continuei olhando para a tevê, embora não estivesse mais prestando atenção na perseguição de Steve ao ladrão da fórmula que o transformara.

— Ainda temos galinha?

Ele se afastou.

— Hum, acho que sim — respondi, aérea.

Quando tive certeza de que ele não estava olhando na minha direção, me virei para vê-lo remexer as panelas. Abrindo e fechando os armários. Vasculhando a geladeira à procura de ingredientes. Lincoln cozinhava com frequência em casa e era bom. Tudo o que ele fazia tinha um sabor diferente.

— Por que você está assistindo Capitão América? Pensei que odiasse — observou ele.

— Não odeio — objetei, sorrindo fraca para a tevê. — Só prefiro o Homem de Ferro.

— Por quê?

— Ele é mais divertido.

Então o silêncio voltou a pairar sobre nós. Escutava, ora ou outra, Lincoln entrando e saindo da cozinha para me olhar. Ouvia o barulho da efervescência e o cheiro salgado de tempero.

Quase uma hora depois, Lincoln preparou a mesinha oval de frente para a tevê. Colocou dois pratos fundos servidos de sopa de galinha e dois copos com água.

Ele ergueu a mão para me ajudar a ficar de pé e colocou almofadas para cobrir o lugar onde eu iria me sentar. Fiquei pesarosa, não tinha certeza se o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que estávamos fazendo significava algo para ele, porque significava para mim e ficaria arrasada se descobrisse que não.

Dei duas colheradas na sopa e sorvi o sabor ao estalar a língua no céu da boca. Fechei os olhos, maravilhada com o sabor apimentado em minhas papilas gustativas.

Gargalhei do filme, quando a mulher beijou Steve e a Peggy Carter os viu.

Lincoln riu também, mas quando me virei, ele olhava para mim.

— O que foi? — perguntei, preocupada que tivesse derrubado sopa em seu moletom e abaixei os olhos para ter certeza de que não.

PERIGOSAS ACHERON

— Você. — Gesticulou com a ponta do queixo em minha direção. — Você ri como se fosse a primeira vez que assiste. Acho isso realmente incrível em você, Ellie. A maneira como você mergulha em certas coisas, sem se preocupar.

— Ah.

Terminamos de comer e assistir ao filme. Não dissemos mais nada desde a sua declaração e meus olhos começaram a pesar enquanto Lincoln lavava a louça.

Não tentei resistir, simplesmente me entreguei ao sono.



Ellie,

Guardei o resto da sopa no freezer, tente comer um pouco mais tarde.

Caminhei com Snow e o deixei com Asa.

Também cortei mais lenha para você e deixei secando.

Se tiver febre, tome o Paracetamol. Você estava melhor quando olhei a última vez.

E não se esqueça de assinar os papéis. Volto mais tarde, depois que você sair para o trabalho, para buscar.

Lincoln.

Meus olhos pularam pelas palavras escritas em um bilhete, deixado sobre a ilha da cozinha. Estava estarrecida, coberta por aquela angústia com que estava me acostumando a sentir sempre que Lincoln falava sobre divórcio. Ver isso se concretizar, foi terrível.

Pensei que depois de tê-lo por perto, sem uma discussão sequer, pudesse significar algo para ele. Entretanto, enquanto meus olhos inchavam e lágrimas corriam por eles em cascata, não tive dúvidas de que ele estava certo do que queria.

Tirei os papéis do envelope, me recusando a lê-los e assinei em cada folha onde tinha “*Ellie Coleman*”.

Contudo, por mais que estivesse sendo empática e tornando os desejos dele em realidade, não queria aceitá-la.

Eu não precisava aceitá-la.



*“Ela tem uma má reputação
Ninguém se aproxima muito
A visão de uma alma
Quando está se quebrando
Fazendo meu coração crescer frio
E quanto mais fundo ela está afundando
Eu estou lhe implorando
Por favor, não se deixe ir”*

BAD REPUTATION – SHAWN MENDES

DEZ ANOS ATRÁS...

Ellie e eu nos conhecemos em janeiro. Em fevereiro, tínhamos nos tornado amigos e, honestamente, estar perto dela era tudo que eu gostaria de fazer por todos os dias de minha vida. Ela tinha peculiaridades, não era como as outras garotas e sua tenacidade me fascinava. Embora tentasse mostrar um lado de si que a maioria das pessoas odiaria, eu não a via dessa maneira. Ela não conseguia me enganar com sua aspereza.

Contudo, mesmo que Ellie fosse fascinante para mim e tivesse aquebrantado as barreiras que me protegiam de ter um relacionamento antes da faculdade, ela não me via desse modo. Não se permitia sentir por mim o que eu sentia por ela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, no começo de março, ela se afastou como estava acostumada a fazer com todos que tentavam se aproximar. Eu já estava envolvido o bastante para simplesmente aceitar que ela não me queria mais por perto, afinal, de todos os seus possíveis amigos, fui eu quem permaneci por mais tempo.

Depois de receber sua mensagem dizendo que não sairia comigo, ela passou por mim na escola e agiu como se nós nunca tivéssemos nos encontrado. Foi estranho não só para mim, mas para os alunos que estavam acostumados a nos ver juntos. Então as especulações começaram. Para eles, estávamos namorando e agora acabou.

Naquele ano em específico, os armários do primeiro e segundo ano ficaram no mesmo corredor. Tive a má sorte de ficar ao lado dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pensei isso a princípio, mas no intervalo de uma aula para outra, eu a bloqueei.

Ellie encarou meu *All Star* surrado.

— Você não vai falar comigo? — indaguei, apoiando a mão aberta na porta de seu armário vermelho. Ela suspirou. — Ellie, olha pra mim! — Afastei a mão e apoiei a base de seu queixo com meu indicador, erguendo seu rosto. — Por que está chateada comigo?

— Porque sim! — respondeu, fechou a porta do armário brutalmente, desviou da barreira que meu corpo fazia em sua passagem e continuou andando.

Revirei os olhos, bufando exasperado e a segui.

— Se você não quer sair comigo é só dizer!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Parei na frente dela, impedindo-a de continuar andando. Ela ofegava, embora não tivéssemos corrido até o meio do corredor. Os alunos ao redor fingiam não estar interessados em nossa discussão, mas na verdade, os olhares injetados em curiosidade queimavam meu maxilar.

— Tudo bem. — Abriu os braços, batendo-os contra as laterais das coxas. — Não quero sair com você.

— Ótimo. — Ergui os ombros, rindo amargo — Pronto, resolvido. Você não precisa me ignorar e agir dessa maneira, só precisa me dizer e eu vou respeitar a sua decisão, Ellie.

— Você não entendeu nada, não é? — conjecturou, suas sobrancelhas se unindo. — Eu não quero sair com você *de jeito nenhum*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Espremi os olhos até que vincos profundos se formassem em minha testa.

— Como é?

Ela suspirou, desistindo.

— Esquece. Só... fica longe de mim.

Ri em escárnio e a encarei com incredulidade.

— Você está brincando comigo?

— Quero que você fique longe de mim. Não vamos ser amigos.

— Ellie, não estou entendendo você.

PERIGOSAS ACHERON

Ellie conseguia ser cruel às vezes. Pensei que a pior coisa que pudesse acontecer, caso ela tentasse se afastar, fosse me sentir mal o suficiente para considerar aquilo um alívio, quer dizer, nos conhecíamos há poucos meses e superar não seria difícil. Se o tempo corresse e me envolvesse mais do que poderia controlar, eu acabaria machucado.

— Então vou ser clara com você. — Parou e respirou fundo antes de continuar. — Quando você veio até mim porque perdi minha avó, você me amparou. E foi só. Isso devia ter acabado no dia seguinte, mas deixei você se aproximar e acabei dando uma esperança que não existe, Lincoln. — Ellie suspirou, fechou os olhos brevemente. — Sinceramente? Eu usei você, porque estava triste e magoada, então coloquei as minhas necessidades acima das suas. E eu sempre vou fazer isso. Eu me

PERIGOSAS NACIONAIS

importo mais com o que sinto, do que com o que você sente. Se você gosta de mim, lide com esse sentimento sozinho.

Ellie se afastou, deu meia-volta e mudou seu caminho, seguindo o fluxo de pessoas para a direção contrária. O choque foi tanto que não consegui me mover nos vinte segundos seguintes. Eu fiquei parado assistindo-a pisar em meu coração sem qualquer empatia. Ela exprimiu em palavras o que sentia, deixando-me perplexo e desolado, como se o céu acima de mim esmaecesse.

Nos próximos dias, eu segui em frente sem olhar para trás. No armário agia da maneira como ela havia sugerido em atitudes; como se nunca tivéssemos nos encontrado. Todo o mês de março foi um insulto para mim. Nós nos embarrávamos quase todos os dias no refeitório e nos corredores,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem contar nas inúmeras vezes que meus pais perguntaram dela, como se eu estivesse insensível a situação – porque foi o modo que encontrei de fazê-la pensar que eu estava bem com tudo – e me cobraram uma explicação. O que, claro, não soube dar.

No início de abril, a lista de aniversariantes do colégio estava exposta e Ellie faria uma festa de aniversário de dezessete anos no dia dezoito. Uma quinta-feira, às oito da noite, na antiga casa de sua avó Henrietta. Todos os alunos do primeiro e segundo ano foram convidados. O meu espanto maior não fora ela fazer uma festa – já que Ellie odiava se socializar –, mas o fato de eu ter recebido um convite.

PERIGOSAS ACHERON

Naquele mesmo dia, quando cheguei em casa, minha mãe correu a meu encontro para entregar o convite em um envelope dourado, envolvido em um laço preto acetinado. Meu nome estava digitado e achei *formal* demais. Não fazia o estilo de Ellie.

— Quem trouxe? — perguntei, deixando a mochila no sofá e me jogando ao lado em seguida.

— Evelyn deixou. — Minha mãe começou a massagear meus ombros e tombei a cabeça para trás, encarando seu rosto triangular e o cabelo loiro tingido cair para frente, criando uma cortina em volta de seu rosto. — O que foi? Você não parece feliz que Ellie tenha te convidado.

— Ellie e a avó eram próximas, por que ela daria uma festa na casa de Henrietta quando faz pouco tempo que ela morreu?

— Não sei, querido, mas não podemos julgar. Até onde sei, a casa de dona Henrietta foi uma herança para Ellie. Tecnicamente, ela pode fazer o que quiser com ela.

— Eu não vou — decidi, por fim. Joguei o convite na mesa de centro e recostei a cabeça no encosto, sentindo a massagem de minha mãe relaxar meus nervos.

— Por que não? Vocês não se falam tem quase um mês!

— Exatamente. Não foi ela quem me convidou. E se convidou, deve estar aprontando alguma coisa.

— Pelo amor de Deus, Lincoln! — Mamãe revirou os olhos, inclinou a cabeça para trás e apoiou as mãos abertas sobre o encosto do sofá,

PERIGOSAS NACIONAIS

enterrando os dedos finos no estofado. — Tente ter um pouco de fé nessa garota! Você pode se surpreender, sabia?

— Você não a conhece como eu, mãe — objetei. — Vou me deitar.

— Seu pai e eu vamos sair hoje! — Escutei-a gritar assim que cheguei ao pé da escada. — Não fique no seu quarto com uma festa acontecendo na casa ao lado, garoto!

Eu consegui ignorar minha mãe pelo resto do dia. Seu entra e sai proposital em meu quarto, incutindo que me levantasse e tomasse um banho para ir à festa de Ellie não fez com que eu cedesse. Entretanto, depois das dez horas da noite, não conseguia mais me concentrar no cansaço e dormir. O som alto, o barulho das risadas e os gritinhos que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as garotas evocavam na casa vizinha ficaram insuportáveis demais para aguentar tudo no completo silêncio.

Levantei-me decidido. Rumei para o banheiro e não demorei nem vinte minutos para estar do lado de fora de casa, caminhando sobre a relva molhada do vizinho. Estava vestindo uma calça jeans escura, camiseta branca lisa, um moletom cinza por cima e coturnos. Logo na entrada, avistei os jogadores de futebol americano do colégio – é claro que ela chamaria eles, até porque os adorava, observei com sarcasmo.

Revirei os olhos subindo os degraus da escada até a varanda, esquadrinhando pelo canto dos olhos os jogadores passando a bola um para o outro sobre a grama. Se conhecia bem nossa vizinhança, a festa não passaria da meia-noite.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Diferente do clima ameno do lado de fora, dentro da casa estava quente demais e me senti obrigado a me livrar da blusa de moletom. Pendurei-a no cabideiro ao lado da porta e adentrei a festa. Se não conhecesse Ellie, poderia dizer que estávamos em uma festa de uma das populares líderes de torcida. Não parecia que o primeiro e segundo ano tivessem tantos alunos.

Segui em frente, abrindo espaço entre o aglomerado de pessoas que dançavam na sala vazia, onde costumava ter o sofá branco da senhora Henrietta. Pareceu que Ellie havia se livrado de algumas coisas da avó, mas não todas.

Adiante, tinha um aparelho de som sobre a mesa de carvalho quadrada; e à direita, era a cozinha. Direcionei para lá, à procura de algo para beber.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Encontrei Camille Baker sentada sobre a pia com os braços em volta do pescoço de Bradley Reed. Ignorei-os e segui à procura de um copo descartável, tentei disfarçar minha preocupação em encontrar Ellie quando me servi de cerveja e a virei em um único gole. Ninguém naquele lugar podia beber. Ninguém se importava também. Então, voltei a enchê-lo do barril de alumínio.

Imaginei que encontraria Ellie na área aberta de lazer, mas a única coisa que vi foi um casal conversando com os pés na piscina. Voltei para dentro, bebericando do copo vermelho de plástico.

Perguntei a uma garota que não conhecia, se ela tinha visto Ellie.

— Com Chad Cooper. — Ela riu, apontou para a escada ao nosso lado e voltou a dançar.

PERIGOSAS ACHERON

Fiquei estagnado no lugar. Deveria ir embora e esquecer essa história de uma vez por todas, mas foi como se minhas pernas tivessem criado vida própria e, quando me convenci de que deveria ir embora, fui guiado escada acima.

Todos os cômodos estavam com as portas abertas, exceto o quarto de hóspedes, embora não estivesse também completamente fechado. Havia uma pequena brecha entre a soleira e a porta. Encostei-me à parede, tombei a cabeça para trás e fechei os olhos, escutando o barulho que acontecia lá dentro. O som estalado de lábios se enroscando, a risada escandalosa que Ellie costumava dar quando alguém a tocava no lugar certo.

Ellie tinha adquirido certa fama na escola por estar saindo com vários caras; a cada fim de semana, um nome diferente. Era uma reputação

PERIGOSAS NACIONAIS

ruim e tudo caiu sobre o possível relacionamento fracassado que teve antes de tudo começar. Eu tinha sido esse relacionamento: o cara que havia quebrado seu coração. Ela fumava e não escondia de mais ninguém. Bebia, mas continuava sem amigos. E ia para a cama com os caras do terceiro ano.

Chad Cooper era um desses caras. Então Ellie não havia chamado apenas o primeiro e segundo ano, a escola inteira tinha sido convidada.

Cogitei a ideia de entrar e atrapalhar a festa particular. Empurrei a porta levemente, até que estivesse aberta e enfiei a cabeça por ela.

Chad estava sentado na cama, Ellie com a cabeça pousada em seu colo. Usava apenas o sutiã preto de renda, mas ainda estava com a calça jeans.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Perscrutei o quarto, vi sua blusa jogada sobre a poltrona preta no canto e o cheiro de cigarro pairava no ar, deixando-o tóxico, quase insuportável de permanecer nele.

— Ei, Lincoln — Chad me viu e não hesitou em me denunciar com um sorriso convencido no rosto. — Você veio, cara.

Nós não éramos amigos, mas nos conhecíamos porque, embora não jogasse no time, participava dos treinos.

Ellie não se moveu, mas seus olhos miraram na minha direção.

Ela devolveu o cigarro que estava entre os dedos para Chad e se levantou.

— É, mas já estava de saída — anunciei.

PERIGOSAS ACHERON

— Por quê? — Ele riu, colocando a guimba do cigarro entre os lábios.

Empurrei a porta para abri-la por completo. Encostei a lateral do braço à soleira e escrutinei a expressão impassível de Ellie enquanto buscava por sua camiseta do outro lado. Era vermelha lisa, a passou pela cabeça e tirou os cabelos que ficaram presos pela gola.

— Eu já volto — Ellie avisou a ele, inclinou-se para beijá-lo. Fechei os olhos para não ter que reviver a cena quando fosse dormir mais tarde.

Minha vontade foi súbita. Quis jogar o copo de plástico com o restante da bebida na direção de Chad.

Não esperava que Ellie fosse falar comigo, mas andou decidida em minha direção. Assim que ficou

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

perto o bastante, espalmou a mão contra meu peito e me empurrou porta afora.

Ela me seguiu e ficamos no meio do corredor, nos encarando. Bebi mais um gole da cerveja e recostei à parede, dobrando o joelho apoiei a sola do pé nela também.

— Vai sujar a parede — Ellie recriminou, cruzando os braços.

— Amanhã você vai ter bem mais que uma parede suja nessa casa. — Respirei profundamente, desviei os olhos por um instante e voltei a olhá-la. — Por que você me chamou aqui?

— Não sei. Por educação, talvez?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Educação, Ellie? — gargalhei, sacudindo a cabeça em descrença. — Você consegue me surpreender cada dia mais, sabia? É inacreditável.

— Queria ter certeza de que você entendeu meu recado — confessou ela.

— Ah. — Sorri em escárnio. — Você quis dizer *isso*? — gesticulei com a cabeça em direção à porta fechada do quarto. — Me chamou aqui para ver vocês juntos — concluí, balançando a cabeça em negativa. — Não se preocupe, eu entendi. — Desci a perna e entreguei a ela o copo descartável vazio. — Feliz aniversário, Ellie.

Eu me afastei em direção a saída.

Assim que atingi a varanda, a porta atrás de mim se fechou e abriu novamente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lincoln, espera! — Ellie chamou, ofegante.
— Você não tem ideia do que está acontecendo comigo!

Fiquei parado de costas para ela, porque a voz marejada podia ser uma fraqueza para mim.

Odiava ter que vê-la chorar.

— Não, Ellie. Não tenho. — Virei-me em um rompante e ela já estava descendo os degraus atrás de mim. — Sabe por quê? Você não consegue me dizer!

— Eu não sou boa nisso! — refutou, abraçando o próprio tronco. — Não consigo.

Respirei fundo, afundei os dedos nas pálpebras para exprimir minha impaciência e voltei a abri-los quando não sentia mais que iria explodir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você fica tentando fazer com que as pessoas que gostam de você tenham uma visão totalmente diferente do que realmente é. Por quê?

— Eu te disse quando nos conhecemos. — Ela ergueu os olhos para mim, avermelhados como duas cerejas. — É mais fácil quando não tem ninguém para ir embora.

— Você me chamou aqui para eu ver que está dormindo com outro cara. — Enterrei as mãos dentro dos bolsos da calça jeans, embora estivesse com raiva de Ellie, ela tinha esse controle sobre mim. Se não fizesse alguma coisa com elas, provavelmente eu a tocaria. — Você queria matar o sentimento que tinha por você, então, não se preocupe, depois de tudo, não preciso mais dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela arfou quando dei as costas outra vez e parei em um ímpeto, não suportando a angústia de vê-la chorar daquele jeito. Eu me virei de volta, encarando-a reprimir os soluços violentos que faziam seu corpo tremelicar em um abraço forte ao seu próprio tronco.

Eu estava sem o moletom e na pressa, me esqueci de pegá-lo. Ellie também só vestia sua blusa vermelha lisa e o frio em Denver estava longe de terminar. Passei o braço em volta de sua cintura e a guiei em direção à minha casa.

Ela se deixou guiar, não repeliu meu toque nem refutou o rumo que nossas pernas estavam tomando. Abri a porta e esperei que entrasse, ela esquadrinhou os cantos da sala antes de se sentar no sofá. Rumei para a cozinha, enchi um copo de água e entreguei a ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentei-me à sua frente, na mesinha de centro e apoiei os cotovelos nas coxas da perna, entrelaçando os dedos abaixo do queixo. Ellie bebeu todo o líquido em quatro goladas longas, colocou o copo de vidro ao meu lado e cruzou as mãos entre as pernas.

— Quer saber de verdade o que penso sobre tudo isso? — indaguei, mas ela sequer desviou os olhos para mim. Parecia envergonhada. — Que você gosta de mim. — Sorri, entristecido e foi nesse momento que ela me olhou. Havia um rastro intenso da lágrima grossa que partiu sua bochecha ao meio e a ponta do nariz estava tão escarlate como as órbitas. — E que quer ficar comigo tanto quanto eu quero ficar com você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Seus ombros tensionaram e todo o seu corpo enrijeceu no lugar. Empertigando-se, Ellie pareceu buscar a compostura que havia perdido no minuto em que percebeu que eu estava indo embora.

— Mas você está com medo.

— Não estou com medo.

— Então, qual é o problema? Por que me fazer ir até lá? Desde aquele dia, não olhei mais para você. Nós nem nos falamos.

— Já disse que foi por educação. — Sua cabeça caiu para frente, desviando os olhos.

— Não sou o tipo de cara que vai dizer que pode amar por nós dois, Ellie. Eu gosto de você, mas se não sente o mesmo por mim, nós acabamos aqui.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pensei que você tivesse dito que podíamos ser amigos — ela lembrou, semicerrando os olhos em minha direção.

— Eu achei que pudéssemos, mas não vamos ser amigos.

— Por que não? — Sua voz saiu em fiapo, trêmula.

— Porque te ver com Chad me fez perceber que gosto mais de você do que eu pensei que gostasse. Isso não iria funcionar.

Ellie ficou emudecida e não consegui decifrar sua feição, estava inexpressível. Ela me encarava. Os seus olhos pulavam de um ponto do meu rosto para outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Em um ímpeto, estava debruçada sobre mim, tocando gentilmente meus lábios com os seus. Sua língua macia, com gosto de cerveja, separava a linha de meus lábios pedindo espaço e atenção. Cedi, quase que imediatamente ao toque imprudente de sua boca. A empurrei contra o sofá, apoiando sua cabeça em minha mão aberta para que não batesse no encosto e cobri seu corpo com o meu. Deliciei-me de seu sabor, da urgência com que seu corpo pedia pelo meu, a maneira como ela delineava suas mãos por baixo de minha camisa, passeando os dedos gélidos pelos gomos em meu abdômen.

Subiu as unhas pelas minhas costas e as fincou na carne de minha omoplata, descendo sutilmente pelo meu tecido. Arfei, resmungando palavrões

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

ininteligíveis contra seus lábios. Apertei sua cintura, descendo a mão até chegar a sua bunda para erguê-la.

Mudei de posição, ficando por baixo e colocando-a sentada sobre meu colo. Os hormônios à flor da pele, acordaram meu corpo. Ellie rebolou a cintura contra mim, joguei o pescoço para trás, baforando uma camada quente de ar. Ela riu e beijou meu pescoço, descendo a língua pelo meu pomo de adão. Afundei os dedos na carne de sua cintura, sentindo a dor latejante em minha virilha.

— Se nós formos até o fim — eu a afastei, segurando seu cabelo com a mão direita em um rabo de cavalo —, eu juro, Ellie, vou entender errado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não vai entender nada errado. — Ela continuou me beijando, procurou pela barra de minha camisa. — A propósito, eu nunca dormi com ninguém.

Segurei-a pelos ombros para me afastar.

— O que circulava pela escola?

— Tudo mentira. — Revirou os olhos. — Eu beijei alguns garotos do terceiro ano, é verdade. Mas...

— Mas?

Ela se acomodou em meu colo, mas manteve as mãos em volta de meu pescoço.

— Nenhum deles era você.

PERIGOSAS ACHERON

Ela continuava brincando com a barra de minha camisa, tentando tirá-la e consegui ajudá-la depois de ouvir o que tinha dito.

Segurei seu queixo e o puxei para baixo para beijá-la.

Ela grunhiu dolorosamente e se apertou em mim mais uma vez. Suas pernas envolveram minha cintura e me levantei, caminhando em direção ao meu quarto.

Assim que nos deitei, sabia que tinha chance de acordar sozinho e que ela me ignorasse pelo resto do ano. Mas não hesitei, eu fui dela naquela noite.

Completo e irrevogavelmente dela.

Ellie de fato não estava na cama quando acordei, mas havia uma mensagem em meu celular.

Acho que vou precisar de ajuda para limpar a casa da vovó. Você pode ser gentil e me ajudar a fazer isso? :(

Está tudo uma completa bagunça! Ah, minha mãe me ligou pelo menos umas trinta vezes. Disse que dormi na sua casa e que seus pais sabiam de tudo. Se por acaso ela ligar e perguntar, você confirma a história!

Te vejo daqui a pouquinho.

É claro que eu perdoei e lutei por Ellie daquele dia em diante. Fiz de tudo para que ela se sentisse amada. Nunca deixei que duvidasse, porque era verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Eu sei que não terminamos como devemos
E agora ficamos um pouco tensos
Eu me pergunto se minha mente deixa de fora todas
as partes ruins
Eu sei que não fizemos sentido
Eu admito que penso nisso às vezes
Mesmo que eu saiba que não é tão distante
Oh, não, eu ainda quero relembrar”*

**WHAT A TIME – JULIA MICHAELS FT.
NIALl HORAN**

PERIGOSAS NACIONAIS

Contornei minha caligrafia com a ponta do indicador. Minha assinatura era quase ilegível. O “E” grande demais e os dois “L” se fundiam à letra inicial de meu nome, o “I” e o “E” vinham depois, por cima das outras. Já o Coleman, escrevia de maneira que as pessoas pudessem ver que eu tinha o nome de Lincoln ao lado do meu. Eu me orgulhava de ter me casado com ele.

Subi os olhos em direção à janela de vidro que cobria a parede em frente à cozinha inteira. As vigas que sustentavam o vidro transparente de um marrom envernizado brilhante. Estava nevando e sempre gostei do frio e da neve. Eu me sentei na banquetta alta da ilha, apoiei um pé no chão e o outro na madeira entre as duas pernas do banco.

PERIGOSAS ACHERON

Suspirei, visivelmente aceitando a minha derrota, mas buscando no fundo de minha mente uma razão para continuar tentando.

Descobri algumas coisas nas duas horas em que passei encarando os papéis do divórcio e o bilhete de Lincoln para mim.

A primeira coisa que não podia contestar era que o amava. O aperto que esmagava meu peito por sentir falta dele não me deixava esquecer.

A segunda, era que havia algum sentimento em Lincoln por mim. Por mais que não admitisse, ele não teria passado a noite cuidando de mim se tivesse certeza de sua decisão.

A terceira, ele não apareceu na minha porta no meio da noite, debaixo de uma nevasca, só para me entregar aqueles papéis idiotas, que, por enquanto, PERIGOSAS ACHERON

não eram nada além de papéis.

Meu celular ao lado do envelope tocou ruidoso, interrompendo os devaneios que estavam à mercê. Respirei fundo ao ler o nome que piscava no display, era Natalie.

— Alô? — Abandonei os papéis na mão, como se minha irmã pudesse adivinhar o que estava fazendo.

— *Oi, como você está?*

— Bem e você?

— *Não mente para mim, Ellie. Mamãe contou que você e Lincoln estão indo de mal a pior.*

O fato de Lincoln não gostar que eu contasse para a minha mãe as coisas que estavam acontecendo, era que a notícia circulava rápido e, na maioria das vezes, nossos planos não haviam sido concretizados ainda.

— *Pedi a sexta-feira de folga. Vou até aí ver você!*

— Sexta-feira? — Afundei a ponta dos dedos na testa e busquei pelo calendário pregado à geladeira cromada. — É daqui a dois dias! — Empertiguei-me, sentindo meus ombros ficarem tensos.

— *Ellie* — A voz letárgica de minha irmã me fez suspirar. — *Eu sou sua irmã, estou aqui para você em qualquer situação.*

Não é um bom momento, pensei.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— *De qualquer forma, não estou perguntando se posso ir. Estou só avisando que chego na sexta!*

— Eu amo você, Natalie, e estou com saudades. Mas não é mesmo um bom momento!

— *É o melhor momento, Ellie. Você precisa de mim!*

— Natalie! — repreendi, apoiei o cotovelo na ilha para descansar a cabeça na palma da mão aberta.

— *Te vejo em dois dias!*

E antes que houvesse tempo para mais contestação, Natalie desligou o telefone.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu devia estar indo na direção que me levaria a salvar meu relacionamento com Lincoln e não preocupada com a visita inesperada de Natalie.

Esfreguei com força o couro cabeludo, desabei com a testa contra o mármore da ilha e respirei fundo na pedra.

Apertei os lábios com força e cheguei a morder o inferior com ferocidade, descamando uma pele ressecada.

Estava agindo feito uma idiota desde que Lincoln foi embora. Estava perdida e com saudade. Arrependida de não ter notado o abismo que nos aproximávamos a cada decisão absurda e discussão desnecessária. Tudo parecia ter seu sobreaviso, mas

PERIGOSAS ACHERON

não tinha o coração aberto para perceber que meus problemas do passado assombravam meu presente e amaldiçoavam meu futuro.

Eu *precisava* fazer alguma coisa.



Enviei uma mensagem para Zoe dizendo que estava melhorando do resfriado e que precisava resolver um assunto antes de ir para a livraria. Segui andando em direção à loja de Lincoln, cruzando as ruas cobertas por uma manta fofa de neve e agasalhada até o pescoço. Puxei o cachecol lilás para cima – o meu favorito –, cobrindo metade de meu rosto, deixando apenas meu nariz para fora. Escondi as mãos no fundo de meu casaco

PERIGOSAS NACIONAIS

acolchoado, preto, e coloquei o capuz com pelinhos adornando a borda para evitar que meus fios de cabelo ficassem expostos à temperatura baixa.

Assim que entrei na loja, senti um vazio. Lincoln não estava lá. Seu perfume, que costumava deixar uma marca em evidência, não pairava no ar aquecido. Ethan ergueu os olhos para mim quando o sino soou, alertando um novo cliente. Ele se debruçou sobre o balcão e, diferente de todas as vezes que nós nos encontramos, não forçou simpatia.

— Ele não vem hoje — avisou ele.

— Você pode me dar o endereço?

— Não.

PERIGOSAS ACHERON

Revirei os olhos e abaixei o tecido do cachecol para liberar meu rosto.

— Ethan.

— Ellie — provocou, arqueando as sobrancelhas.

— Qual é o seu problema comigo, hein?

— Não tenho problema com você, Ellie. Nenhum. Só estou seguindo ordens.

Fingi que o envelope protegido da temperatura dentro do casaco não estava me incomodando e me aproximei do balcão.

— Ele te pediu para não dizer onde está morando? — Semicerrei os olhos em direção a Ethan, o desafiando. — Você sabe que vou

descobrir de qualquer jeito, não sabe? — Sorri com escárnio, notando que o modo como eu o encarei mexeu com suas estruturas musculares rígidas.

— Você parece uma lunática falando desse jeito!

Bufei e revirei os olhos. Vi uma cadeira de madeira do outro lado, escorada na prateleira. Sorri e rumei para ela.

— Vou ficar aqui até ele vir. — Eu me sentei, ajeitando o casaco. — Não se preocupe, não sou de falar muito. Você nem vai notar minha presença!

Ethan pareceu chocado. O seu queixo tremeu um pouco e ele pensou sobre passar um dia inteiro comigo, o encarando. A ideia não o agradou em nada, então eu o vi sumir para dentro do escritório enquanto discava no celular.

PERIGOSAS NACIONAIS

Sorri para mim mesma, orgulhosa de ter a personificação de uma guerreira. Não tinha uma decisão que eu não tomasse, que não chegasse até o fim para ter o resultado que esperava. Eu queria falar com Lincoln, ele precisava me ouvir mais uma vez e só iria embora quando essa conversa acontecesse.

O sentimento dentro de mim me alertava de que estava andando para uma direção perigosa, um território desconhecido para mim. Lincoln deveria estar surpreso com a minha persistência, provavelmente se questionando o que estava me impulsionando a não desistir. Ele se lembrava de uma Ellie diferente, uma que não se importaria se ele quisesse ir embora. Só de pensar que ele não conhecia o que eu sentia por ele de verdade, despertava calafrios no meu corpo.

PERIGOSAS ACHERON

— Como você consegue? — Ethan sussurrou, encarando o celular na palma da mão com surpresa nos olhos.

— Consigo o quê?

— *Tudo* o que você quer.

Sorri debilmente enquanto me levantava.

— O que ele disse?

— Para te dar o maldito endereço. — Ethan foi para trás do balcão, se abaixou e escreveu em um pedaço de papel. — Não é longe daqui. — Esticou para mim e o peguei, sorrindo. — Você tem um controle sobre ele que não consigo decifrar. — Ele me encarou, com os olhos espremidos, através de

uma fresta pequena entre as pestanas. — É só dizer o que você precisa que, *boom*, ele está mudando de ideia de novo.

Ouvir Ethan confessar que Lincoln ainda demonstrava algum tipo de fraqueza quando se tratava de mim, fez meu coração quicar nas paredes da caixa torácica.

Continuei sorrindo ao dobrar o papel e guardá-lo no bolso do casaco.

— Não consigo tudo o que eu quero, Ethan. Consigo tudo o que eu *preciso*. Você pode não acreditar, mas eu preciso dele.



PERIGOSAS NACIONAIS

Não era bem um apartamento, como Lincoln havia dito. Se parecia mais com uma pousada soberba. Quando entrei, uma senhora octogenária, de cabelos grisalhos curtos e nariz retilíneo com a pontinha arredondada se aproximou de mim, arrastando-se em suas pantufas cor-de-rosa bebê.

Tudo de madeira envernizada, as grandes vigas que sustentavam o teto tinham lustres de cristais balançando. À minha direita, parecia uma recepção, com um balcão pequeno e uma cadeira de madeira de carvalho para quem quer que ficasse atrás daquele lugar tivesse um minuto de descanso no dia. À minha esquerda, havia a escada que ia de acesso aos quatro andares que tinham na casa grosseira e antiga. A senhora continuou me encarando sobre os óculos meia-lua e respirei fundo, rumando para sua direção.

PERIGOSAS ACHERON

— Oi. — Sorri, apoiando as mãos no balcão e esquadrinhando o lugar. Havia um piano de cauda ao lado esquerdo. — Estou procurando pelo Lincoln Coleman — anunciei e ela apertou os olhos para mim.

— Meu nome é Lucy — disse, sorrindo com docilidade. — Lincoln, hum? — Ela abriu o caderno, lendo os nomes. — Ah, sim! Ele se mudou hoje cedo. Está no terceiro andar. No apartamento quatro.

Apartamento?

— Você só precisa subir três lances de escada. — Ela apontou o dedo inchado para a porta em que acabei de atravessar e agradei, sorrindo.

— Obrigada.

PERIGOSAS NACIONAIS

As escadas rangiam a cada degrau mais perto de Lincoln que eu estava. O lugar estava limpo, apesar da aparência obsoleta. O caminho era pouco iluminado, mas Lucy parecia ter um aquecedor a gás potente, porque a cada lance em que passava, os corredores pareciam quentinhos.

Quando cheguei ao terceiro andar, minhas panturrilhas estavam tremendo e eu ofegava.

Simultaneamente meus olhos escanearam duas coisas: a primeira era que a porta do apartamento de Lincoln e o de seu vizinho, o cinco, estavam abertas. A segunda era que vinha uma risada baixa, porém, extremamente estonteante saindo pela porta aberta do apartamento quatro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me aproximei devagar, pisando lentamente no assoalho velho de madeira para que não fizesse barulho.

Lincoln estava soprando o dedo dela e ela ria, sentindo cócegas do ar que corria por sua pele.

Fiquei pensando que poderia dar meia-volta, simplesmente agir como se não tivesse caminhado até ali sob a neve gélida. Então, como se ela pudesse sentir a presença de alguém, seus olhos me flagraram. Acho que cambaleei, não tive certeza, mas recuei ao menos quatro passos porque senti como se as órbitas castanha-escuras pudessem queimar minha pele lívida. Arfei, entreabrindo os lábios. Lincoln acompanhou o olhar dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ellie — ele me cumprimentou, com um aceno de cabeça comedido. Entendi aquilo como um convite para que eu entrasse.

O complexo era pequeno. A sala e a cozinha dividiam o mesmo espaço e, ao meu lado esquerdo, uma porta estava entreaberta, que pude entender como o quarto. Supus que fosse uma suíte e o banheiro estivesse lá. Encarei tudo com curiosidade, Lincoln não fez nenhum comentário sobre a minha perscrutação. Os olhos da morena de cabelos longos — até a cintura — e ondulados não desviaram de mim. Ao que notei, Lincoln não disse a ela que *ainda* estava casado.

— Vejo que você foi bem rápido. — Fui mais ríspida do que planejei e rapidamente, a mulher puxou as mãos de volta, escondendo-as nas costas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln bufou e revirou os olhos.

— Por que você veio até aqui? Disse que passaria lá mais tarde.

Lá, na nossa casa, quis lembrar a ele.

— Oi, meu nome é Justine. — Ela ergueu uma das mãos para mim e notei o corte no indicador. Estava sangrando.

— Seu dedo — aponte com a mão — está sangrando. — Vinquei a testa para ela.

— Pois é. Um desastre, eu sei. — Justine revirou os olhos, rindo sem graça. — Lincoln estava com problemas para ligar a água quente. — Indicou com o polegar sobre o ombro direito para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

torneira da pia que até então não havia notado que estava aberta. — Vim para ajudar, mas acabei me machucando.

Justine estava usando jeans surrado e uma blusa colada ao corpo em tom rosa bebê, como as pantufas de Lucy. Ela calçava tênis branco, levemente manchados nas laterais. Assim que percebeu que eu estava fazendo uma rápida análise mental, Justine abaixou a mão e a escondeu outra vez.

— Eu moro aqui do lado — se apressou em explicar. Ela realmente achava que precisava me explicar alguma coisa. — E, hum, essa casa era da minha avó. Nós viemos do Texas. Reformamos não tem muito tempo!

PERIGOSAS ACHERON

— Ficou bem legal. — Encarei Lincoln, como se pedisse em silêncio para que ele pudesse dispensá-la antes que eu mesma fizesse. — Você precisa de ajuda com esse dedo?

— Ah... — Outra vez, Justine riu sem graça e vi de esguelha que Lincoln achou engraçado o desconforto dela. — Acho que minha avó deve ter alguma coisa para colocar aqui.

— Eu tenho um kit de primeiros socorros — Lincoln disse e se afastou, me deixando sozinha com ela.

— Sou esposa dele — disse, mas me arrependi em seguida, porque Justine não pareceu nem um pouco surpresa.

— Eu sei. — Ela riu, não se abstendo mais de revirar os olhos. — Lincoln contou que você estava PERIGOSAS ACHERON

vindo. — Esfreguei a boca com as costas da mão, me dando conta de que ainda vestia luvas. As tirei rapidamente e me aproximei do balcão pequeno que ligava à sala.

Lincoln não mentiu quando disse que era mobiliado. A cozinha tinha espaço apenas para uma geladeira e um fogão pequeno — ao lado, uma janela para a rua — e o balcão com a pia ocupava o resto da parede. Na sala tinha uma tevê pregada à parede e um sofá preto de couro sintético de dois lugares.

— Aqui. — Lincoln colocou a caixinha branca no balcão e se afastou. Ele a abriu e percebi que pretendia fazer o curativo. Ele odiava ter que ver sangue.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pode deixar que eu faço. Eu sei como você odeia isso — murmurei, afastando-o ao esbarrar meu ombro no seu.

Entrei na cozinha minúscula e segurei o pulso de Justine, colocando sua mão embaixo da água corrente. Quando voltei para pegar gaze e água oxigenada na caixinha, Lincoln estava olhando diretamente para mim; não soube definir que tipo de olhar era, se de orgulho ou raiva. Talvez um pouco dos dois.

Fechei a torneira e joguei a água oxigenada. Justine apertou os olhos, reprimindo um resmungo da ardência. Em seguida, limpei a ferida com uma gaze. O sangue estancou na segunda vez que maculei o dedo de Justine com a água oxigenada. Passei uma pomada analgésica, cobri a ferida com algodão e selei com fita micropore.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pronto — avisei e Justine ergueu a mão com um sorriso agradecido para o curativo.

— Obrigada.

— De nada.

Coloquei de volta as coisas na caixinha branca com uma cruz vermelha na frente. Abri o casaco, tirei o envelope que já estava incomodando de maneira insuportável e o coloquei no balcão, na frente de Lincoln.

Tirei o casaco completamente e fui até a sala, colocando-o no encosto do sofá. Livrei-me do cachecol e subi as mangas da minha blusa cinza comprida.

PERIGOSAS ACHERON

— Obrigado pela ajuda, Justine. — Lincoln sorriu para ela, como se estivesse se despedindo e ela entendeu o recado.

— Por nada, se precisar de alguma coisa, só bater na minha porta — disse, por fim. — Tchau, Ellie.

Meneei a cabeça em sua direção e Lincoln a seguiu. Assim que escutou a porta do apartamento vizinho fechar, ele também fechou sua porta.

O ar voltou a ficar pesado entre nós. O que aconteceu ontem, seu cuidado e atenção comigo pareceu descer pelo ralo.

Lincoln estava usando suéter com gola rolê preta — sua roupa favorita —, jeans escuro, combinando com seu *All Star* branco. Suspirei só

de olhar para ele, que emanava cheiro de loção pós-barba. Ele havia aparado os pelos do rosto e os cabelos estavam molhados.

— Você estava de saída? — quebrei o silêncio.

Ele continuou parado a cinco passos de mim.

— Sim. Estava indo ver você — informou, desviando os olhos e rumou para a cozinha, como se fosse insuportável manter o contato visual. Ele se acomodou em um dos bancos altos e fui até ele. Recostei-me no encosto do sofá, ficando de frente para ele e cruzei os braços. — Você trouxe — observou, encarando o envelope pardo.

— Trouxe. Estão assinados. Pode verificar se quiser.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele anuiu, mas não moveu um dedo para mexer nos papéis.

— Você está melhor?

Na verdade, sentia meu corpo pesado, mas com certeza não tinha febre.

— Estou bem. Obrigada por ter ficado ontem e *cuidado* de mim — disse enfaticamente, mas Lincoln não pareceu perceber que eu estava tentando dar mais valor a palavra “cuidado”.

Lincoln passou a mão aberta pelo rosto e esfregou a barba.

— Você tem esse efeito sobre mim. Não consigo evitar. Estou sempre tentando te proteger do mundo.

PERIGOSAS ACHERON

Quase ri de sua confissão, mas manteve o controle.

— Não ia assinar, Lincoln. — Isso chamou a atenção dele de volta para mim. Seus olhos recaíram sobre meu rosto, fazendo uma análise minuciosa. — Mas, está aí e está assinado. Eu quis vir pessoalmente porque preciso te dizer algumas coisas antes de dar exatamente *tudo* o que você quer.

Ele cruzou os braços, repetindo meu ato e desceu alguns centímetros do banco. Sua bunda ficou metade para fora do assento.

— Vai em frente e diga — incitou, seu maxilar travou imediatamente.

— Não quero fazer isso. Estou cansada. — O que eu disse o surpreendeu, Lincoln deixou os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos se arregalarem levemente. — Estou cansada de ser assim, essa Ellie que *você odeia*. Essa parte sombria de mim que *você não suporta mais*. Eu não quero mais isso, Lincoln. Quero você, a nossa vida. O seu coração.

— Ellie, eu não odeio você. Pelo contrário, sempre amei todas as suas partes. Pensei que tivesse sido claro aquele dia. Não estou me divorciando porque não te amo. Acho que nós merecemos um futuro diferente do que estamos caminhando para ter. Juntos somos bons, Ellie, mas separados somos melhores.

Eu pensei que ele não pudesse me ferir mais do que já estava magoada. O meu coração conseguia se fragmentar em pedaços minúsculos só para me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fazer entender que, quanto mais doía, mais eu tinha chance de não sobreviver a ela. A maldita dor da perda.

— Você está mentindo. — Ignorei as lágrimas, empurrando-as para o mais fundo de mim.

— Eu não minto para você. *Nunca.*

— Às vezes, eu preferiria que você mentisse. — Desloquei para mais perto dele. — Nós não precisamos de divórcio, precisamos de um recomeço!

— Sabe a pior parte de recomeços, Ellie? — Ele pausou brevemente o que iria falar, pelo modo como me olhava estava calculando o quanto eu poderia me magoar com o que diria a seguir. — É tentar salvar um barco que já afundou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tombei a cabeça para trás, como se pudesse obrigar as lágrimas que escapuliram diabolicamente por meus olhos, a voltarem para eles. Abracei o meu corpo, querendo me proteger do frio que me inundava. Lincoln percebeu, mas não moveu um músculo para tornar aquilo mais fácil para mim. Fiquei me perguntando se doía para ele tanto quanto era dolorido para mim. Se ouvia seu coração se quebrar, como eu estava ouvindo o meu ruir.

— Você está mentindo — insisti e ouvi o suspiro escapar entre seus lábios. — Três meses — repeti a proposta de cinco dias antes.

Ele ergueu a cabeça para mim e fitei seus olhos. Não soube exatamente o tipo de brilho que chispava nele, mas observei que, bem no fundo, Lincoln estava considerando a ideia. Não hoje, mas desde o dia em que a mencionei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vamos ficar juntos por mais três meses; e se não der certo, eu deixo você ir embora de uma vez por todas!

Ele cobriu a boca com a mão, pensativo. *Ele estava mesmo considerando.* Uma onda de alívio cobriu meu corpo, me afundando nela, pude relaxar. Meus ombros caíram alguns centímetros e o encarei, pesarosa, enquanto o assistia ponderar.

— Você está sugerindo que recuperemos um relacionamento que já está tão... — Ele sequer terminou, cobriu o rosto com a mão e suspirou. — Quer mesmo fazer isso? Abafar a dor com tempo? O que te faz pensar que vamos conseguir salvar um relacionamento de dez anos com três meses?

— Não sei, Lincoln, e não dou a mínima para *como*, só *quando*.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Mesmo se eu pudesse reescrever a história
É fácil perceber
Que eu ainda estaria
Amando você
Amando você”*

LOVING YOU – SEAFRET

PERIGOSAS NACIONAIS

Ellie me deixou sozinho, saiu pela porta da frente como se aquela conversa tivesse sido encerrada e não disse mais nada. A verdade é que o silêncio que veio depois do que ela disse, ficou insuportável. Ela chamou meu nome, querendo minha atenção e não consegui responder. Ela vir até mim significava alguma coisa; estava passando por cima de seus preceitos. Então percebi que estava disposta a tentar de novo e esquecer todas as coisas para trás. Eu ter saído com a Savannah parecia incomodá-la, mas, por algum motivo, ela estava afastando o sentimento para o mais fundo que pudesse conseguir e queria entender o porquê.

Escancarei a porta no instante em que Justine abriu a de seu apartamento, ignorei a morena e descí as escadas, os passos duros que conseguia

PERIGOSAS ACHERON

escutar dissiparam rapidamente, como se Ellie tivesse pegado distância e saltado de um lugar para outro em fração de segundos.

Ellie estava recostada à parede, a cabeça tombada para trás e a serenidade em seus olhos não me deixou duvidar; ela estava disposta e ficou ali, como se adivinhasse que eu viria atrás dela.

A obstinação de Ellie me fez correr até ela e me perguntar: por que ela estava se esforçando tanto?

A noite anterior não me pareceu nada de mais. Cuidar de Ellie nunca foi um sacrifício e, sendo honesto, cinco dias bastaram para eu sentir falta dela. Não fui até lá só porque queria o divórcio, eu precisava saber se ela estava bem.

Quando Ellie ficava frágil, fosse por seus problemas com a bebida no passado ou um simples

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resfriado, impelia em mim o sentimento de proteção. Pensei que nos últimos anos eu tivesse superado meu ponto fraco, a minha necessidade de querer fazê-la feliz substituído por orgulho, mas assim que a vi, me dei conta de que tudo estava lá, amortecido pelo tempo e por nossas discussões, mas estava aceso, esperando o momento certo para aparecer.

— Você já comeu? — Ellie perguntou, sem desviar os olhos da frente.

— Ainda não.

— Vamos, então. — Ela gesticulou e colocou as pernas para andar.

Havia um café próximo dali, ia algumas vezes quando estava apertado e precisava abrir a loja mais cedo.

PERIGOSAS ACHERON

Assim que chegamos, nos sentamos no fundo, em uma mesa de dois lugares de madeira clara e cadeiras com estofado mostarda. Fitei o saleiro e os pacotinhos de açúcar, ignorando o olhar apreensivo de Ellie em mim. Desviei os olhos para estudar o lugar, como se fosse a primeira vez que estivesse me sentando ali. Decoração minimalista, paredes em tom de areia, o piso de linóleo marrom claro, uma garçonete na caixa registradora e outra atendendo as mesas.

Ainda estávamos em alta temporada em Aspen, portanto os rostos desconhecidos na cafeteria não era nenhuma novidade. De americanos, brasileiros e até asiáticos, a cidade paradisíaca sob um manto gélido de neve recebia pessoas de todos os lugares. Com o tempo, você se acostuma a receber Perez Hilton ou Bradley Cooper na cidade em que você

PERIGOSAS NACIONAIS

mora e deixa de parecer algo incomum. Algumas celebridades também preferem comprar suas casas na *Snowmass* e passar o inverno.

A garçonete chegou à nossa mesa; Ellie pediu chá e eu chocolate quente, principalmente para respeitar sua luta contra o café todas as manhãs, embora eu soubesse que ela não era fã da bebida, as pessoas ao redor não tinham ideia e ela se contorcia na cadeira quando sentia o cheiro do café passar entre nós. Ela nunca explicou o motivo de não gostar, mas criei suposições de que nada mais era se não o sabor forte e que podia causar dores de barriga e gastrite. Mas nada podia explicar as rosas, a não ser, é claro, que minha esposa fosse alérgica e eu ainda não soubesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou pedindo que você me responda agora — disse enfaticamente, apoiando-se nos antebraços sobre a mesa. — Mas eu estou disposta a tentar, se você também estiver.

— Por que nós devemos? E seja sincera comigo, Ellie.

Ela olhou para o lado e se afastou da borda da mesa como se repelisse meu olhar enviesado.

— Nós estamos sempre errando um com o outro, Lincoln. — Ela suspirou. — Sei que no passado eu te magoei, principalmente quando te convidei para a minha festa de aniversário. Te magoei muito. — Fechou os olhos para apertar as pálpebras. As unhas pintadas de azul começavam a descascar nas pontas. — Fiz aquilo de propósito e preciso admitir, até perceber que estava perdendo

PERIGOSAS ACHERON

você, eu não me arrependia. Eu tinha certo prazer em te ver ir atrás de mim — confessou ela, desviando o olhar, envergonhada de admitir em voz alta. — Não. Eu *definitivamente* me sentia bem causando a você ciúme e te obrigando a me procurar. — Ellie riu, mas não tinha nenhum humor em sua risada. — E eu me arrependo muito. Você se arrepende também.

Até então, não falamos diretamente sobre o que aconteceu entre mim e Savannah.

— Eu me sinto um canalha. — Enrolei os dedos sobre a mesa. — Por que você está falando sobre o Chad agora? Já faz tempo.

— Porque eu percebi que nunca me desculpei com você por aquele dia. — Ela soltou o ar dos pulmões, exasperada. — Eu realmente sinto muito

PERIGOSAS NACIONAIS

por ter obrigado você a me ver, literalmente, na cama com outro cara quando eu sabia o que você sentia por mim. Não foi justo.

Arregalei os olhos. Ellie parecia vulnerável e verdadeiramente arrependida. Quis esticar a mão para tocá-la, dizer que estava tudo bem e raramente pensava sobre aquela noite, mas meu orgulho me calou. Eu sabia que merecia aquele pedido de desculpa. Porque naquele dia, Ellie não percebeu, mas foi a *primeira vez* que ela partiu meu coração.

Mas senti que devia a ela algum crédito por sua sinceridade. Eu estava sempre tentando fazer com que Ellie se abrisse comigo e por querer salvar o nosso relacionamento, estava deixando de lado as diferenças e priorizando o que realmente importava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A Savannah. — Esfreguei os fios de cabelo, desgrenhando-os mais. — Você não me perguntou nada sobre ela.

A garçonete voltou com o nosso pedido e Ellie ganhou tempo para formular o que dizer a mim. Encarou o líquido aguado e serviu dois cubos de açúcar na xícara. Enquanto eu bebericava da bebida fumegante, sorvendo o sabor e aquecendo o meu corpo arrepiado de frio.

Há cinco dias, eu estava completamente decidido. Não tinha dúvidas. Nós éramos novos e podíamos nos recuperar, mas bastava um olhar. Ellie não precisava de muito para me fazer olhá-la devagar e sentir que todas as decisões que tomei até aquele momento tivessem sido vãs. Meu coração ainda pulsava por aquela mulher.

PERIGOSAS ACHERON

Ela suspirou, batendo o fundo da xícara na mesa. Não precisou dizer nada. A rispidez do barulho oco ecoando pela cafeteria foi a resposta: estava irritada, com raiva; e fiquei me perguntando se agora era o momento em que ela mudava de ideia e esquecia dos três meses que pedia insistentemente.

— Eu a odeio — disse, crispando os lábios. — Estou com raiva de você. E você está totalmente certo; se eu não estivesse mudando, se não tivesse aprendido nesses anos, eu teria te colocado para fora de casa aos pontapés. — Abaixei a cabeça, rindo da maneira como ela falava, mas, acima disso, porque ela também acabou sorrindo. — Me assusta, Lincoln. Tudo isso me assusta, os sentimentos. — Ela pareceu ter enraizado as mãos em torno da xícara. As sobrancelhas finas se unindo no meio da testa. — Não estou acostumada a ceder

PERIGOSAS NACIONAIS

ou pedir para você ficar, geralmente sou eu que te mando embora. — Ela riu outra vez e percebi como seu queixo tremelicou. — Mas preciso ser sincera com você, de todo o meu coração, espero que você não vá embora. Desde que nos afastamos, tenho esse medo alojado em mim, essa angústia de que em algum momento um de nós ficaria tão cansado a ponto de não suportarmos mais. Tenho essa sensação de que estou assistindo tudo de fora, dentro de uma bolha e começo a perceber que todo o tempo não é o bastante. Nós podemos resolver sem precisarmos partir ou resolver antes de acabar oficialmente. Odiaria ter que me divorciar de você sem ter tentado, sem ter me dado a chance de te perdoar por Savannah ou sem ter a certeza de que você me perdoou.

PERIGOSAS ACHERON

Em todo aquele tempo, Ellie nunca havia sido tão falante. Ela cuspiu cada palavra e cada sentimento como se estivessem atolados em sua garganta por todos aqueles anos. Ela nunca soube como se expressar e, pela maneira como seu queixo tremia, e mordida os lábios, estava vencendo uma batalha.

Inspirei, esfreguei a ponta do nariz com o dorso da mão e apoiei os cotovelos no tampo plano da mesa. Ellie ergueu os olhos para me encarar, não deu para ignorar a alta expectativa que emanava deles.

— Me desculpa — sussurrei, soltando o ar como se estivesse descarregando um fardo pesado sobre aquela mesa. — Eu fiz merda. — Cocei a testa e fechei os olhos quando minhas mãos escorregaram pelo rosto. — Enquanto não

estivermos oficialmente divorciados, não vai acontecer de novo e se der certo — pigarreei —, se formos mesmo fazer isso durante três meses, eu prometo não quebrar o voto que fiz a você seis anos atrás.

A cabeça de Ellie pendeu para frente, acho que ela tentou esconder o sorriso no canto da boca, mas quando seus olhos voltaram para mim, percebi que estava tentando conter o resquício de lágrimas.

— Nós precisamos conversar assim mais vezes, você não acha?

— Acho — respondi, curvando os lábios em um sorriso curto.

O alívio de ter me desculpado com Ellie foi o sentimento que não esperei ter instantaneamente. Porém, não foi só instantâneo, enquanto me

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

desculpava, era como se meu coração estivesse abrindo espaço para tentar com ela outra vez. Percebi, então, que até o momento não pude dar a Ellie a chance que ela me pedia, porque me sentia culpado demais para achar justo que ela fizesse o que eu deveria estar fazendo.

— Você pode pensar, Lincoln, não precisa responder agora. — Ela me despertou do devaneio, quebrou o gelo entre nós e o atravessou ao tocar as costas de minha mão. — Se depois de pensar, ainda quiser continuar com o divórcio — deu de ombros —, então tudo bem.

Concordei com ela. Se não estivesse me dando mais tempo, eu teria aceitado, mas para ser honesto, fiquei com medo de que eu pudesse machucá-la. Ela tinha toda razão quando disse que estávamos sempre errando um com o outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ellie estava me dando tempo e espaço para entender a profusão de sentimentos que me rondavam. Queria ter esse momento para olhar para dentro de mim e ter certeza de que era capaz de cumprir minhas promessas.

Nunca fui um bom mentiroso e não prometia coisas que talvez não pudesse cumprir.

Eu era da opinião de que se existe a remota chance de algo dar errado, pode acreditar, dará.

E eu não queria cometer o mesmo erro.

PERIGOSAS ACHERON



*“Quero sonhar sonhos loucos
Ser um time como nós costumávamos
Compartilhar uma bebida, saco de dormir
Qualquer coisa como nós costumávamos
Queria poder me perder em você como eu
costumava
Como eu costumava fazer”*

**USED TO – SANDRO CAVAZZA FT. LOU
ELLIOTTE**

PERIGOSAS NACIONAIS

Falar de Savannah com Lincoln tornou o sentimento mais fácil. Eu podia não conseguir esquecer, mas podia perdoá-lo. *Queria* perdoá-lo e não olhar mais para trás. Conhecia minhas limitações e até onde meu sentimento seria capaz de ir por ele e eu ainda conseguia lutar por mais.

Nós ficamos em completo silêncio. Terminei meu chá. Ele, o seu chocolate quente. Trocamos alguns olhares, mas não dissemos nada em voz alta. Embora soubesse que uma conversa estivesse acontecendo no momento em que seu olhar travava no meu.

Descobri, sentada naquela mesa diante de Lincoln, que precisava me desculpar com ele antes que não tivéssemos mais tempo para ouvir. Foi como se tivesse me libertado e mencionar Chad não significava que estava me desculpando apenas por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aquela noite, mas por todas as outras que vieram em seguida. Por tudo que fiz ele sentir. Ele nunca teve problemas para se desculpar comigo, eu, por outro lado, estava sempre guardando rancor.

Ser capaz de olhar para dentro de mim e perceber a podridão me tornou capaz de perdoá-lo.

Um sorriso escapuliu, fazendo uma curva intensa em meus lábios. Lincoln retribuiu, entornando o último gole de sua bebida quente.

Não tínhamos muito mais a dizer e, enquanto pagava pelo chocolate quente e o chá, o vislumbrei. Ele foi atrás de mim e não teve tempo de se vestir adequadamente, portanto seu corpo tremia. Isso me sugava para lembranças de dez anos atrás, onde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln largava tudo para ir até mim, independente do que estivesse fazendo, ele fazia de mim sua prioridade e nunca mudou.

Do lado de fora, cruzei os braços para me proteger do ar gélido que encobria Aspen. Lincoln riu, cruzou os braços na mesma tentativa que a minha e ficamos parados na calçada, estreitando nossos olhares para os lados, sem ter certeza do que dizer agora. Parecia existir uma infinidade de coisas que ainda precisávamos conversar, mas não tinha nenhum caminho aberto para começarmos a falar.

— Eu tenho que ir para a livraria — decidi começar quebrando o silêncio. — Foi bom, Lincoln.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É, eu sei. — Ele chutou um pouco da neve que rodeava suas botas. — Já fazia algum tempo que não conversávamos.

— Mas ainda parece que tem uma muralha entre nós — admiti, sorrindo sem graça para ele. — Você costumava se esforçar para derrubar qualquer barreira que nos separasse.

Ele deu de ombros, não pareceu ofendido pelo que eu disse.

— Não sei como você quer fazer isso, Ellie. Nós dois mudamos. — Ergueu os ombros, escondendo o pescoço ainda mais dentro de seu suéter. — Somos quase dois completos estranhos. Se formos mesmo fazer isso, como é que vai funcionar? Não faço ideia do que você está planejando, sempre agiu por impulso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não estou planejando absolutamente nada. Acredite em mim quando digo que tudo que fiz até agora, foi seguindo meus instintos. — Delineei os lábios em um sorriso fino. — Eu mudei de ideia tantas vezes sobre esse divórcio nos últimos dias, só então percebi que estava fazendo o que você queria, e não o que eu quero. Ainda acredito em nós, Lincoln.

Anuindo, Lincoln desviou os olhos para a direção onde morava agora.

— Você precisa de carona para o trabalho? — perguntou e não resisti ao sorriso teimoso que forçava o adorno em meu rosto.

— Se você não estiver muito ocupado, sim.

— Tudo bem.

PERIGOSAS ACHERON



Lincoln desligou o motor do carro às dez e meia da manhã, em frente à livraria. Olhei de esguelha vendo Zoe organizar os livros que chegaram nas prateleiras. Sorri para a imagem de minha funcionária dedicada. Ela abria a livraria quando chegava antes de mim e a fechava se eu estivesse fora. Confiava em Zoe, era uma boa pessoa.

— Obrigada pela carona — agradei, pegando-o de surpresa. Lincoln ergueu os olhos para mim e esticou os lábios, sorrindo.

— Ellie — chamou quando já estava saindo do carro. Parei, me apoiando na porta para me inclinar em sua direção. — Você é uma pessoa que valeu a

pena conhecer.

— Você também, Lincoln.

Bati a porta e esperei que ele virasse a esquina para enfim entrar.

Zoe estava inclinada sobre a mesinha de madeira próxima a janela, observando com cautela enquanto eu entrava. O sininho que tocava para alertar um novo cliente a despertou e logo estava em pé, empertigando a postura.

— Aquele era o Lincoln? — indagou, arqueando as sobrancelhas para mim. Havia surpresa no seu tom de voz.

— Era. — Sorri, deixando a bolsa no balcão da frente e me direcionando para as caixas ainda fechadas. — O que chegou?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Romances de época.

— Perfeito!

Com uma tesoura, comecei a desfazer o lacre de fita das caixas de papelão e Zoe continuava parada diante de mim, seus músculos pareciam retesar em tensão.

— O que foi?

— Nada. Só estou surpresa.

Bufei, revirando os olhos.

— Vocês vão voltar? Vai simplesmente aceitar ele de volta?

PERIGOSAS ACHERON

Deixei a caixa cair no chão. O som causou estrépito, ecoando para o fim do corredor estreito entre duas prateleiras. Pousei as mãos na cintura e tombei a cabeça para trás.

— Não pago você para opinar sobre a minha vida pessoal, Zoe. — Voltei meu olhar furtivo para ela. — Eu te adoro, mas isso não te dá o direito de julgar as minhas decisões. Sou adulta e ainda estou casada com ele. Às vezes, você faz parecer que quer que eu faça exatamente isso; e no minuto seguinte, você não quer.

Queria responder à minha família da mesma maneira com que respondia para Zoe, mas tudo ficava mais fácil quando podia usar o poder hierárquico. Nós não éramos só colegas de trabalho, eu era a chefe de Zoe. Eu tolerava certos limites, mas outros não conseguia suportar. Notei a

insatisfação dela, pela expressão cabisbaixa, mas resolvi ignorar e agir como se eu não me importasse.

— Olha só. — Parou e largou uma caixa média da mesma maneira em que eu havia deixado a minha. — Não é porque você é minha chefe, que vou aceitar o que você diz. Pensei que, depois de todos esses anos trabalhando aqui, nós tínhamos nos tornado amigas; quer dizer, eu trabalho nesse lugar como se fosse meu. Não porque adoro o que eu faço, mas porque eu gosto de você.

— Eu não vou desistir do meu casamento, Zoe. Não ainda. Está satisfeita agora? — Cruzei os braços, encarando-a sob as longas pestanas.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha que eu me importo? Sei que vocês tiveram momentos incríveis juntos. Só estou tentando fazer você se abrir comigo!

— Por que isso importa para você?

Ela fechou os olhos, arquejando o ar dos pulmões com força desnecessária.

— Quer saber de uma coisa? Esquece. Só estava tentando ser legal.

Espremi os lábios como se tivesse ácido em minha saliva. Zoe se virou e voltou ao trabalho. Embora estivesse tentando resistir, não queria deixar que ela pensasse que estava agindo como uma pessoa vil de propósito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desculpa, é muito para mim — abri os braços, confessando. Sentei na beirada da mesa e ela rumou em minha direção, com os braços magricelas cruzados na altura do peito. — Nosso casamento está por um fio e antes pensava que a culpa era toda minha, mas depois de hoje percebi que a culpa foi de nós dois. Nós não falamos muito, estamos sempre em um silêncio profundo e que nenhum de nós quer quebrar. Hoje conseguimos conversar sem que nos atacássemos, jogando o nosso passado como desculpa. Foi a primeira vez que reconheci meus erros para ele e Lincoln fez o mesmo. Eu senti, de verdade, que podemos superar qualquer coisa se conseguirmos resolver esses problemas.

— Isso inclui a traição dele? — Zoe venceu a testa.

PERIGOSAS ACHERON

— Sim, isso também. — Esfreguei com a ponta dos dedos o couro cabeludo. — Não estou dizendo que vai ser fácil, mas eu *quero tentar*, se ele também quiser.

— Está bem, Ellie. Se acha que dessa vez vai dar certo, vou apoiar você. Só cuidado. Não quero que você termine com um buraco onde devia ficar seu coração.



Natalie sempre soube o motivo de Lincoln e eu termos nos casado, mas para ela o amor não bastava para que continuássemos em um relacionamento. Eu não esperava que ela

entendesse, minha irmã estava acostumada a liberdade e a única paixão que ela se interessava era o Direito corporativo.

Nós tínhamos a mesma característica de rosto arredondado, mas com queixo triangular e cabelos loiros avermelhados. Uma mistura estranha de tons, uma cor sem definição certa. Lábios finos, olhos pequenos e amendoados.

Natalie tinha alguns centímetros a mais, seus ombros ultrapassavam um pouco mais os meus. Embora estivesse com vinte e oito, ela tinha a aparência de uma jovem de vinte anos.

A viagem longa se totalizava em seis horas e meia, se o tempo colaborasse com os aviões que saiam de Boston até Denver.

Em Denver, ela precisaria alugar um carro e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dirigir por três horas e meia até minha casa no pé da montanha rochosa, se claro, a neve que encobria o chão e mantinha o tempo nublado não lhe obrigasse a parar no meio da estrada.

Dois dias se passaram desde a minha conversa ponderadora com Lincoln. Nós não nos falamos desde então. Resolvi não ir mais atrás dele. Tinha dito tudo o que precisava, cabia a ele decidir. Natalie, entretanto, estava mordendo as unhas em ansiedade, quase me obrigando a telefonar para ele. Uma viagem de seis horas pareceu entediá-la e minha irmã estava prestes a entrar em colapso, como se pudesse fazer algo que mudaria o destino do meu relacionamento com Lincoln para sempre.

— Você acha que ele está te dando um gelo de propósito? — Natalie esticou as pernas sobre meu colo, enquanto nos aquecíamos em frente a lareira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Ri, batendo levemente com as palmas abertas contra sua canela. — É estranho para nós dois.

— Foi ele quem pisou na bola. — Natalie revirou os olhos, deixando evidente sua reprovação com a atitude de Lincoln de sair com Savannah. — Ele quem devia estar praticamente implorando para voltar para casa!

— Natalie — a repreendi, bufando.

— Você está disposta mesmo a fazer isso? Sabe, perdoá-lo e tudo o mais.

Os cabelos de Natalie estavam esticados sobre o braço do sofá e ela massageava os fios devagar. Enrolava uma mecha densa no indicador,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

começando pela raiz e o torcia tantas vezes no dedo que quando o soltava, o cabelo parecia ter dado um nó.

— Estou, sim. Não é que eu não esteja magoada, mas estou disposta a passar por isso se ele também quiser.

Ela bufou, descontente.

— Você é quem sabe, mas é sexta-feira. Vamos sair!

— Contanto que você tenha trazido roupas o suficiente para enfrentar o frio das nove da noite, eu topo. — Sorri, afastando as pernas de Natalie. — É sério, sempre que você vem para cá, eu acabo perdendo dois ou três casacos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem estilo, Ellie! — Minha irmã me seguiu escada acima, tagarelando sobre como adorava meus casacos de inverno. — Mas eu preciso de um cachecol. Não tinha nenhum em Boston e não tive tempo de passar na casa da mamãe e do papai em Denver, então, estou despreparada para proteger meu pescoço. — Ela esticou um pouco da gola alta de seu suéter para mostrar a pele pálida.

Nós sempre fomos brancas demais, Natalie conseguiu alguma cor em Boston, mas a cidade também não passava despercebida pelo inverno.

Abri o closet e tirei um cachecol roxo, lançando-o por cima de meu ombro. Ela o pegou no ar e riu.

— O que você fez com os seus?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu perdi três cachecóis na lavanderia. — Ela revirou os olhos, demonstrando a infelicidade. — Não sei o que aconteceu, acho que misturei com as roupas do Trent.

— Quem diabos é Trent? — Virei-me nos calcanhares, pousando ambas as mãos na cintura, como quem exige explicação. — Você tem um namorado?

— Não é meu namorado, é só um cara. — As órbitas de Natalie rolaram, mas notei as bochechas empalidecidas criarem um novo tom. — Trenton O'Donnell. Ele é meu vizinho, se mudou tem uns dois meses para o apartamento ao lado do meu. Acabamos indo para a lavanderia juntos, mas não é nada de mais. Acho que misturei meus cachecóis e, como é piloto de avião, estamos sempre nos desencontrando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Trenton é piloto? — Arregalei os olhos, sem esconder a surpresa.

— É. Não fica toda animadinha! Você sabe que meu relacionamento sério é com a minha carreira. Não tenho tempo para homens. Relacionamentos são dor de cabeça! — Enquanto falava, não prestei atenção que Natalie já abandonava suas roupas e colocava pela cabeça um vestido cinza de manga longa e meia-calça preta de algodão. O tecido grosso não parecia suficiente para protegê-la do frio, mas assim que pensei em protestar, Natalie calçou as botas de salto baixo que cobriam suas pernas até os joelhos. — Se bem que com Trenton podia ser algo mais casual, nada sério. — Deu de ombros com desdém. — Foda-se, não estou raciocinando direito! — Ela abanou a mão na frente do rosto, obrigando a afastar o pensamento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você acha? — Peguei no fundo do closet uma calça de linho listrada. O tecido era leve e imediatamente me arrependi da ideia. Estava frio, quase cinco graus. — Esquece!

— Você não tem nenhum vestido de mangas compridas? — Natalie andou em minha direção, escondendo as mãos nos bolsos de seu vestido de veludo. — Nadinha?

— Vestidos no inverno? Só se eu quiser congelar. — Desviei minha atenção para Snow, que entrou no quarto e subiu na cama, se misturando na bagunça de roupas de Natalie. Ela olhou sobre o ombro, acompanhando a direção de meus olhos, riu e voltou para mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tá, vamos lá. — Aproximou-se do closet e escrutinou todo o espaço onde eu pendurava meus casacos. — Calça jeans de boca larga, preta. — Jogou-a para mim. — Suéter bege de gola rolê. — Passou a roupa para meus braços. — E casaco de inverno de brim branco.

Quando era mais jovem, pensei que Natalie acabaria estudando moda e se tornaria estilista.

— Coloque uma segunda pele por baixo do suéter. — Ela atirou em minha direção a blusa de manga comprida branca e em seguida o cachecol preto. — Botas. — Se inclinou à procura do meu par de botas de cano curto e meio salto. — Ótimo, vá se trocar!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

No banheiro, comecei me despindo. Escutei o suspiro vago de Natalie ecoar pelo quarto como um aviso silencioso de que algo a incomodava. Permaneci em silêncio, ela sabia como dar aquele passo, para mim era difícil. Falar sobre como me sinto a respeito das coisas era uma batalha que precisava ser vencida todos os dias. Eu me esforçava para melhorar e até agora, tinha sido um milagre que eu estivesse sendo honesta com Lincoln sobre meus sentimentos.

Parecia fácil. Se você está chateado com alguém, diga a ele ou ao menos reflita sobre isso com si mesma. Se você ama alguém, por que não dizer? Se está arrependido, basta se desculpar. Todos esses sentimentos parecem pitorescos, quase tolos. Para alguém como eu, os vejo como

PERIGOSAS ACHERON

perigosos. Uma brecha para que as pessoas percebam minhas fraquezas. E eu não deixava brechas.

— Ellie?

Fechei os olhos e respirei fundo. Estava esperando que ela fosse voltar no assunto a qualquer instante.

— Por que você fez aquilo? Seis anos atrás?

A lembrança era amarga. Eu a sentia instalar-se em minha língua e me envenenar. Uma lembrança dolorosa, insuportavelmente apavorante.

— Eu estava mal e perdida. Se não fosse por Lincoln, talvez ainda estivesse. — Encarei-me no espelho, sendo sincera. Se ele não estivesse comigo, eu não teria suportado.

— É por isso que acha que vocês merecem outra chance?

— É. — Dei de ombros, com desdém. — Ele me salvou, Natalie. Lincoln me salvou e eu o amei profundamente todos os dias depois daquilo. Não que eu não o amasse antes, mas foi naquele momento que percebi que Lincoln não impôs limites no que sentia por mim.



Natalie disse repetidas vezes que precisava de um drinque. Nada muito leve, contudo, não podia derrubá-la. Fomos até uma taverna no centro, a favorita de Lincoln; e assim que meus pés pousaram no local, arrependi-me amargamente de

PERIGOSAS NACIONAIS

ter concordado com minha irmã sem relutar. Poderia ter ganhado a luta sugerindo um filme e pipoca se tivesse me esforçado.

A *White House* trazia o aconchego na decoração que turistas buscavam; comida caseira americana, sanduíches e hambúrguer, vinho, coquetéis e tudo de madeira clara envernizada. Quadros adornavam as paredes – inclusive um com a bandeira dos Estados Unidos –, uma lareira ao lado direito de tijolinhos expostos e um quadro pendurado em sua chaminé – o desenho estava um pouco embaçado, mas lembrava uma mesa longa e várias pessoas sentadas comendo. O lugar mantinha à meia-luz à noite, avermelhada, e todos os rostos perdiam a distinção.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quase sem um lugar para nos sentar, ficamos esperando em uma fila com um casal de idosos e duas garotas. Ouvimos sem querer a conversa delas; estavam de férias. Discuti com minha consciência, querendo me virar para Natalie e pedir que fôssemos embora. Inclusive o balcão estava lotado, onde o barman se espremia entre as prateleiras de bebida para servir todos os homens debruçados na pedra de mármore escura.

Tombei a cabeça para trás, vendo o jogo de luzes de cores distintas presas às vigas grossas.

— Nós vamos ficar aqui até amanhã — cochichei no ouvido de Natalie, esperando que ela desistisse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu preciso muito comer um hambúrguer e aqui é o melhor lugar! — refutou, cruzando os braços. — Espera um pouco. — Ela espremeu os olhos, sobre meu ombro direito e se inclinou, apoiando as mãos abertas em meus ombros. — Aquele ali não é o Lincoln?

Eu me virei em um rompante. O tom imperioso da voz de minha irmã causou calafrios em todo o meu corpo. E era. Lincoln acabava de se levantar, ajeitou o suéter preto e a gola de seu casaco acolchoado azul-marinho. Encarei sua mesa, um pouco perplexa e principalmente enciumada; Ethan estava tomando uma caneca de cerveja e Justine — a morena bonita que conheci dois dias antes — estava com eles. Ela se inclinava para escutar o que quer que fosse que Ethan sussurrava para ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava pegando aversão ao funcionário eloquente de Lincoln. Ethan estava sempre tentando convencê-lo a sair com ele. Não me importava, mas sempre tinha uma mulher envolvida.

— Tem mais dois lugares na mesa deles. Nós podíamos ir até lá e nos sentar — Natalie sugeriu, as sobrancelhas levemente arqueadas. — Você disse que Lincoln sumiu por dois dias, é a sua chance de encurralar ele e pedir uma resposta. E quem é aquela? — Vi quando o olhar mortificado de Natalie, carregado com uma indignação que eu conhecia bem, mirou Justine.

Lincoln já tinha voltado a se sentar na mesa. Ele não parecia ter nos notado e não estava surpresa. Havia muitas pessoas e as luzes mudavam

PERIGOSAS ACHERON

de tom a cada meio minuto, impossibilitando o reconhecimento facial imediato.

— É a vizinha do Lincoln. Pelo que entendi, ela é neta da dona daquele lugar. — Tentei esconder o tom asqueroso de insatisfação que emanava de minha voz, mas foi impossível. Eu estava fuzilando a mulher antes mesmo de Lincoln me notar.

— Acho que ele te viu — Natalie me alertou e mudei a direção de meus olhos para Lincoln. Ele parecia confuso, mas nem um pouco abalado por ter praticamente sido pego no flagra. Se é que tinha algo para ser flagrado. — Ele está vindo.

— Não precisa narrar, Natalie. Eu estou vendo!

Ele caminhou em minha direção, andar autoritário e glamoroso. Ethan e Justine voltaram seus olhares para a minha direção enquanto Lincoln

PERIGOSAS ACHERON

se distanciava deles para se aproximar de mim. Meu marido parecia extravagante demais com cada passada condensada, como se soubesse o que causava às minhas pernas quando estava por perto. Escondi as mãos dentro do casaco de brim, não sabendo exatamente o que fazer com elas.

— Natalie — ele cumprimentou minha irmã com um sorriso sagaz. — Não sabia que estava na cidade.

— Você saberia se estivesse morando na *sua casa* — Natalie respondeu, sendo enfática quando disse “sua casa”. Desviei o olhar quando não soube o que dizer, fiquei um pouco constrangida.

— Espero que você esteja à vontade lá. — Lincoln não demonstrou chateação na voz. Na verdade, ele parecia autoconfiante. Ele se inclinou

um pouquinho, não soube se foi para me provocar, porque sabia que seu perfume familiar me desnorteava ou se estava tentando chamar minha atenção.

— Ah, claro. Ellie está dormindo no sofá. — Olhei para ela, repreensiva. Minha irmã apenas deu de ombros. — Nós vamos ficar um tempão nessa fila.

— Tem dois lugares vagos na nossa mesa. — Lincoln apontou sobre seu ombro direito, com o polegar.

— Ótimo. — Natalie nem esperou que ele dissesse mais alguma coisa.

Segurou-me pelo pulso e me puxou entre as mesas até onde Justine e Ethan estavam sentados, ainda envolvidos em uma conversa particular. Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

me sentei ao lado de Justine, porque Natalie praticamente incutiu que eu fizesse isso. Ela, ao lado de Ethan, o sorriso despretensioso que desdenhou em seus lábios me fez perceber que ele adorou a ideia.

Lincoln se sentou ao meu lado, embora o lado esquerdo de Justine – onde estava sentado antes – estivesse vago. Ele puxou sua caneca de cerveja para frente de si, percebi seu olhar queimar minha bochecha, mas ignorei. Tinha certeza de que ele queria saber se eu estava incomodada com a bebida alcoólica. Contudo, Lincoln cheirava à cerveja e seu perfume delicioso; e para a minha surpresa, o cheiro da cerveja não me incomodou. Sequer tive vontade de colocar uma gota daquelas na boca, pelo contrário, meu corpo parecia repudiar o sabor com a lembrança amarga de um dia já ter gostado da bebida.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom te ver de novo, Ellie — Justine começou, inclinou-se como se precisasse diminuir o espaço para que eu pudesse ouvi-la. Recuei um pouco e acabei esbarrando às costas no peitoral de Lincoln.

— Oi. — Sorri, só para não ser mal-educada. — Ethan, é melhor você não ficar dando em cima dela. — Gesticulei para Natalie, quando percebi que ele não havia perdido tempo e já começava a perturbá-la com sua conversa mole. Não que ela precisasse da minha proteção, mas ainda estava com raiva dele, porque tinha certeza de que a ideia daquele encontro a “três” era ideia sua. — Ela tem um namorado piloto de avião.

Natalie travou o maxilar, reprovando minha intromissão e aí percebi que ela *queria* que Ethan desse em cima dela.

PERIGOSAS ACHERON

— Desculpa. — Estendi as mãos, em rendição.
— Pensei que você estivesse levando o cara do avião a sério. — Ela riu e eu acompanhei.

Natalie voltou a me ignorar. Se não fosse pela conversa animalasca que envolvia Ethan, Natalie e Justine, estaríamos em completo silêncio.

Um garçom veio para anotar nosso pedido. Lincoln pediu mais uma cerveja, notei que ele estava levemente alterado pelas que já havia bebido antes de eu ter chegado. Pedi uma Coca e Natalie acompanhou os outros três na cerveja.

— Você não bebe, Ellie? — Justine perguntou e o corpo de Lincoln ficou tenso atrás de mim. Ele sabia como aquele assunto era delicado para mim.

— Não, ela não bebe — ele respondeu por mim e seu braço passou sobre meus ombros, como se

PERIGOSAS ACHERON

quisesse me deixar tranquila.

— Por que não?

— Ela só não gosta. — Lincoln entrou em defensiva, olhando apreensivo para Justine. Ela pareceu surpresa com o tom firme que ele havia usado, visivelmente não estava acostumada com Lincoln sendo ríspido. — Você está bem? — sussurrou, só para que eu ouvisse e assenti para ele.

Aproveitei que ele tinha direcionado a palavra a mim para me virar e olhá-lo. Lincoln parecia terrivelmente mais bonito do que antes. Talvez estivesse sentindo a sua falta, o que transformava seu rosto e sua postura. Ele estava mais leve e sorria com facilidade. A barba continuava da mesma maneira cobrindo parte de seu rosto, porém, estava aparada e os cantinhos desenhados com

PERIGOSAS NACIONAIS

precisão. Devolveu meu olhar, sem desviar, pousou os olhos ocres sobre mim como se estivesse estudando minha alma.

Soltei o ar entre os lábios.

— Você sumiu — acusei, não queria começar uma discussão, mas quando disse a ele que poderia pensar sobre o assunto, não imaginei que fosse desaparecer.

Embora estivesse sendo áspera, Lincoln estava sorrindo.

— Fiquei pensando sobre o que você disse. Sobre todas as coisas que dissemos naquela cafeteria. Precisava de um tempo para organizar tudo que está acontecendo, Ellie — confessou ele e não havia dúvidas, Lincoln estava sendo sincero.

PERIGOSAS ACHERON

— Organizar, quer dizer sair com Justine? —
Meu tom ríspido não afrouxou, não importava se ela estava ao meu lado e provavelmente escutando tudo.

Lincoln voltou a rir.

— Não, para ser honesto Ethan queria conhecê-la. Era para ser a noite dos homens, mas você sabe como ele é. — Desviei os olhos para Ethan e, caramba, estava surpresa que Justine não estivesse com raiva dele. Ethan não parecia conseguir mais dividir a atenção e a dava totalmente a minha irmã. — Eu prometi a você, não foi?

A insegurança já havia se instalado e estava com medo, desconfiada. Queria dizer a ele e por um momento, fiquei calada, então me lembrei de

que estávamos tentando falar sobre como nos sentimos, sem esconder nada.

— Depois da Savannah, não sei como vou reagir — confessei e ele não pareceu nem um pouco surpreso. Seu braço continuava sobre meus ombros, embora eu não precisasse mais do seu calor para me confortar. Levemente, apertou meu ombro direito e suspirou. — Acho que vou ficar desconfiada de tudo.

— Compreensível. — Ele, enfim, pareceu ter entendido. Apanhou a caneca de cerveja à sua frente e bebericou. — Você comeu hoje? Está pálida. — O seu rosto se contorceu quando escrutinou o meu.

— Eu estou bem.

Queria confessar a ele que sentia sua presença

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais leve e não tão densa como antes. A distância entre nós parecia ter dado a ele o que precisava: tempo para si mesmo.

Não havia percebido ainda, mas só porque você está com alguém, não significa que se tornou refém desse relacionamento. Comecei a notar que Lincoln não estava preso a mim só porque estávamos casados. Ele podia ter uma noite com Ethan, sair e conversar com seu amigo sem que eu fosse paranoica e acabasse brigando por isso. Muitas coisas nós descobrimos tarde demais para salvar, por sorte, eu ainda estava em tempo de perceber que o mundo de Lincoln não precisava girar em torno de mim. Assim como o meu não precisava estar voltado para ele.

PERIGOSAS ACHERON

Estamos casados, mas somos livres. O divórcio não era a liberdade que Lincoln estava se referindo. Queria um pouco de espaço simplesmente para se reconectar. Ele sempre tentava agradar a mim e acabou desconhecendo o que agradava a ele. Para mim era comum que um relacionamento de tanto tempo chegasse a esse ponto. Não que estivéssemos destinados a este acontecimento especificamente, mas quando se vive muito para alguém, você deixa de viver para você e é nesse momento que tudo deixa de fazer sentido.

— Você parece bem — respondi, sorridente, para que ele soubesse que não me sentia diminuída ou esquecida, mas que eu realmente estava feliz por ele.

PERIGOSAS NACIONAIS

— É porque eu estou. — Lincoln devolveu meu sorriso e senti a gratidão de vê-lo tão leve daquela maneira. — Já faz tempo que você não sai também, é bom que tenha saído um pouco de casa.

— Snow que não concorda muito com essa ideia — gargalhamos em uníssono e quando percebi, os três tinham os olhares em nós.

— Como tem andado a livraria?

— Estamos indo bem. Estou pensando em contratar mais funcionários e diminuir minha ida lá.
— Dei de ombros. — E a loja?

— A mesma coisa. — Ele riu, escorregando pela cadeira. — Tenho ficado cansado, estou quase deixando que Ethan cuide de tudo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem pensar — Ethan nos interrompeu e Natalie sorriu. Ele já havia passado o braço no encosto da cadeira dela, e a distância entre eles pareceu ter diminuído nos últimos minutos. — Se quiser se aposentar, contrate mais funcionários ou irei pedir demissão!

— Ele tem razão — Natalie interview, colocando os braços cruzados sobre o tampo da mesa. — É abuso de funcionário.

— Já tenho até uma advogada. — Ethan apontou o indicador para Natalie, brincalhão.

— Meu melhor amigo e minha cunhada contra mim. — Lincoln fingiu desapontamento e, de repente, estava escondendo o rosto em meu

PERIGOSAS ACHERON

pescoço, inspirando lentamente meu perfume. — É uma tragédia. — Ele voltou a levantar a cabeça, rindo descarado.

— Você e Lincoln estão casados há muito tempo? — Justine parecia querer ser inclusa em qualquer tipo de conversa, portanto, optou pelo assunto que estávamos nos esforçando para não falar. Sobre mim e Lincoln.

— Quase seis anos — respondi, sorrindo sem mostrar os dentes. — Mas nós nos conhecemos há dez.

— Isso é muito legal. — Ela sorriu e não parecia desapontada. — Estou saindo de um relacionamento de doze anos. — Arregalei os olhos para Justine. — Pois é, eu sei. Nós estávamos noivos, mas não deu certo.

— Aconteceu alguma coisa? — Ethan perguntou, parecia curioso. Entendi a razão de Justine não parecer chateada com ele por ter dado mais atenção a Natalie. Ela realmente não estava interessada.

— Só não deu certo. Somos diferentes demais e não conseguíamos aceitar. Queríamos fazer funcionar, mas já sabíamos que nem em vinte anos poderíamos fazer o relacionamento dar certo!

Fiquei intimidada. Justine parecia estar direcionando suas palavras a mim propositalmente, como se tivesse a verdadeira intenção de me ferir. Embora Lincoln não tivesse afrouxado seu abraço envolvendo meu corpo, me senti profundamente ofendida e magoada com ele. Algo me dizia que

tinha contado a ela sobre nós. Podia estar sendo paranoica outra vez, mas não deixei de ficar incomodada.

Em um ímpeto, estava de pé, encarando Justine de soslaio. Minha irmã acompanhou meus movimentos com atenção e vi quando Lincoln também se levantou. Rumei para os fundos, em direção aos banheiros. Fiquei parada de braços cruzados, esperando que ele aparecesse.

Senti seu perfume no ar e antes que estivesse diante de mim, me virei para encontrá-lo. Lincoln tinha um metro e oitenta, mais alto que eu e de ombros largos. O corpo esguio intimidava e o olhar profundo me deixava desestabilizada. Resolvi não o desafiar, então mantive a cabeça abaixada. Andei

até que estivesse próxima à parede que separava o banheiro feminino do masculino e me encostei nela.

Lincoln, entretanto, continuava me seguindo. Fosse com o olhar ou literalmente me deixando sem saída.

— Você contou a ela sobre nós, não foi?

— Claro que não! — Ele agora era quem parecia estar ofendido com minha acusação. — Não disse nada a ela, Ellie. Eu nem sabia dessa história! — Gesticulava as mãos na frente do rosto, como se os movimentos pudessem me convencer.

— Então, por que você ainda não se decidiu? Está ponderando por que não sabe se quer transar cada dia com uma ou se prefere a mim? — Arrependi no minuto seguinte que minhas palavras

PERIGOSAS ACHERON

cuspiram de minha boca. — Desculpa — tentei contornar o erro e Lincoln estava se esforçando para não explodir comigo. O maxilar travado me dava toda resposta.

— É isso que você pensa? Que estou pedindo o divórcio por que quero trepar com outras mulheres? — As sobrancelhas arqueadas demonstravam o nó que seu cérebro havia dado. Nós tínhamos dado dois passos para frente, porém, regressamos três quando abri a maldita boca.

— Não é o que eu penso. — Massageei as têmporas. — Desculpa, falei sem pensar.

— Parece que aprendeu a se desculpar. — Ele colocou as mãos na cintura e jogou a cabeça para trás, extraíndo todo o ar que enchia seus pulmões. — Não falo com Justine desde aquele dia, Ellie.

Exceto hoje, que Ethan encheu tanto o meu saco que não pude ignorar e a convidei! Acredite você ou não, eu honro a minha palavra. Savannah foi a porra de um erro! Queria voltar no tempo e apagar o que aconteceu!

Eu acreditava nele. Lincoln não era mentiroso, tampouco conseguia ser um traidor. Ele tinha um bom coração, pessoas boas cometem erros, assim como eu estava destinada a errar com ele.

— Não te dei uma resposta ainda porque estou com medo, essa é a verdade. *Medo*. Se der errado outra vez, não sei o que vou fazer! — Ele olhou para mim, fitando meus olhos, querendo mostrar toda a intensidade que tinha dentro de si.

— O que você quer dizer?

— Você pensa que é a única sofrendo aqui. Se

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu for embora ou se você decidir me deixar depois desses três meses, o que é que eu vou fazer? Você pode ser uma megera, egoísta e rancorosa, mas eu aprendi a te amar desse jeito. Então, diz pra mim, se não der certo, ainda terá tempo pra nós?

Eu colidi com ele. Joguei meu corpo contra o seu e afundei meu rosto no seu peito.

Desde que iniciamos essa briga, Lincoln não mencionou como se sentia. Não disse se ainda estava apaixonado ou se já tinha me superado. E agora, ele estava jogando na minha cara o que eu demorei para perceber: não importava quantos erros eu cometesse, Lincoln continuaria apaixonado por mim. Aquilo doeu. Ele não devia ser incrivelmente apaixonado por mim nem estar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

exponencialmente disposto a me perdoar. E, mais uma vez, me senti egoísta por ficar feliz ao ouvi-lo se confessar.

— Nós temos todo o tempo do mundo — garanti, envolvendo os braços em torno de sua cintura. — Você me tem enquanto eu respirar, Lincoln.

PERIGOSAS ACHERON



“Você está me ouvindo?

A minha voz

A minha confissão à você?

Você está me ouvindo agora?

Você pode ouvir meu coração?”

**CAN YOU HEAR MY HEART – EPIK HIGH
FT. LEE HI**

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln segurou minha mão e me guiou de volta a mesa. Ethan, Natalie e Justine estavam imersos na conversa e não perceberam quando voltamos.

— Vamos sair daqui — Lincoln sugeriu a mim, apertando firmemente minha mão.

Ele deixou algumas notas em cima da mesa. Concordei, peguei a bolsa na cadeira e acenei para Natalie quando ergueu o rosto e percebeu que eu estava fugindo pela porta da frente.

Na rua, fechei o casaco. Lincoln fez o mesmo e soltamos as mãos. Não estávamos mais acostumados a andarmos por aí de mãos dadas, portanto, não me incomodou o fato de estar com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

elas livres. As protegi do frio, escondendo-as no fundo dos bolsos de meu casaco enquanto caminhávamos.

— Não vim de carro — ele disse, com um pedido de desculpas impelido na frase. — Tudo bem se conversarmos no meu apartamento?

— Por mim tudo bem. — Dei de ombros, com desdém.

Realmente não me importava. Fiquei me perguntando se Lincoln podia ouvir a palpitação, a maneira como meu coração estava reagindo a sua confissão repentina, mas como ele agia com tranquilidade, imaginei que não. Queria perguntar a ele, enchê-lo com interrogatório; se ainda estava tão apaixonado por mim, por que ele continuou insistindo no divórcio?

PERIGOSAS ACHERON

Então me lembrei de como reagi quando falamos sobre Savannah. Ele achava que para se redimir, precisava pagar o preço e abrir mão do que nós tínhamos. Lincoln sabia que eu também precisava perdoá-lo e, se lembrando de como eu agia no passado, imaginou que essa seria a nossa única saída. Claro, eram suposições, mas o conhecendo como conhecia, não havia outra razão.

Assim que Lincoln destrancou a porta da frente – que para mim era mais uma pousada a um apartamento – desfiz o nó do cachecol em meu pescoço, ao ser recebida pelo calor do ambiente.

Ele subiu na frente e o segui escada acima. Lincoln me contou no caminho que Lucy e Justine Evans tinham se mudado recentemente para o lugar, depois de uma reforma que demorou mais de um ano. Nunca reparei na casa, mas não tinha

lembrança de ter passado por aquela rua no último ano. Também confirmou o que eu já suspeitava: a casa antiga pertenceu ao falecido marido de Lucy e que haviam morado aqui muitos anos atrás, mas quando o Sr. Jacob Evans faleceu, Lucy não quis viver no lugar.

Ela se mudou para a cidade da única filha, no Texas. Voltou depois de ter reformado todo o lugar e feito dos cômodos principais grandes o bastante para aluguéis. A Sra. Evans não conversava muito, ele disse, então se ela não fosse atenciosa, eu não precisava me preocupar. Não era nada pessoal.

Lincoln retirou as chaves do bolso e abriu o apartamento quatro. Dei uma última olhada pelo corredor e o segui.

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiz a mesma vistoria minuciosa de dois dias atrás. Nada parecia ter mudado, exceto minha relação com Lincoln. O ar entre nós da última vez que estivemos naquele lugar estava rarefeito, carregado de culpa e mágoa. Agora parecia que estávamos inquietos.

Indo em direção a geladeira, Lincoln tirou uma jarra com água e pegou dois copos. Enquanto nos servia, estudava a incógnita manchando sua expressão. Mesmo achando que tudo que precisávamos falar um para o outro já tivesse sido dito, a ansiedade dele provava o contrário.

Vagueei pelo complexo, sem saber onde me acomodar. Lincoln percebeu, uniu as sobrancelhas analisando meu vaivém interminável entre o sofá e a mesinha de centro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está com fome? Não comeu nada — observou, erguendo a mão para mim com o copo de água cheio.

— Não — objetei, mas meu estômago roncou me denunciando. Lincoln tentou esconder o deleite de seus lábios, a forma como zombavam de mim por eu ter sido pega mentindo. Sorri de volta, sacudindo a cabeça. — Um pouquinho. — Ergui o indicador e polegar na frente do rosto, fazendo uma pinça para demonstrar a ele.

— Vou pedir uma pizza.

Lincoln sacou o celular de dentro do bolso da calça e aproveitei os segundos em que esteve ocupado para me livrar do amontoado de roupas. Tirei o casaco e o cachecol, joguei-os no sofá e me sentei ao lado da pequena pilha de tecidos. Brinquei

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

com o anel em minha mão esquerda; nunca o tirei. Uma promessa tola que fiz a mim mesma um mês atrás, de que, independente de como as coisas ficariam entre nós, não tiraria aquele anel até que não estivéssemos mais juntos.

Era simples. Lincoln nunca foi fã de coisas extravagantes; nossa vida era baseada na decoração minimalista e em poucas palavras. O anel tinha menos de um centímetro de largura, adornado em todo o seu contorno e extensão por pedrinhas brilhantes como prata. Nossas iniciais foram gravadas no interior do círculo um dia antes de nos casarmos na igreja e desde que aceitei me casar com ele, não o havia tirado.

Lincoln voltou para a sala depois de pedir pizza de pepperoni. Ele se jogou no assento ao meu lado, apoiou o pescoço no encosto do sofá, fechando os

PERIGOSAS ACHERON

olhos. Inclinei o tronco para alcançar o zíper de minha bota, retirei e a chutei para debaixo da mesinha. Coloquei meus pés enluvados por uma meia quentinha e felpuda amarela sobre suas coxas, Lincoln abriu os olhos assim que sentiu o peso de minhas pernas no seu colo. Ele amparou as mãos em minha canela e vagueou o olhar por toda a extensão do meu corpo, até que seus olhos estivessem recaídos em meu rosto.

Estava com os lábios entreabertos, buscando desesperadamente por ar. O frenesi que os olhos ocre de Lincoln causava em meu corpo, fazendo meu coração entrar em cadência, me deixava sem fôlego.

— Tem algumas coisas no meu passado que eu não te contei, Lincoln. — Interrompi seu olhar, entrando em um campo minado de emoções. — Eu

quero que dê certo, mas você precisa saber a razão de eu ter me afastado naquela época, o motivo que me levou a fazer o que fiz naquele dia.

A expressão que vi em Lincoln quando mencionei o passado foi devastadora. Ele se empertigou, ajeitando a postura como se estivesse prestes a entrar em uma batalha. Os ombros tensionaram e a linha fina de sua boca enrijeceu.

— A primeira vez foi naquela noite depois de termos visto o filme e eu concordado em sair com você — inspirei, um pouco envergonhada, porque naquela mesma noite Lincoln e eu trocamos promessas. Eu quebrei a minha —, não resisti e bebi — contei ao fechar os olhos para fugir do seu olhar furtivo que fixou em mim. Embora soubesse que não estivessem me julgando, podia sentir a decepção que emanava de seu corpo rijo. — Meu

PERIGOSAS NACIONAIS

pai chegou pouco tempo depois com uma mulher. Ela tinha cheiro de *rosas vermelhas*. — Lincoln aprumou a postura, afundando os dedos finos nos fios de seu cabelo, compreendendo tudo que escoava de minha boca como verdades absolutas; ele simplesmente se deu conta de que seu encontro com a Savannah significava mais para mim do que realmente valia a pena ser. — Eu vi e ouvi as coisas que eles fizeram. Tudo que disseram. Então, fugi para o meu quarto e fiquei pensando que se não podia confiar no meu próprio pai, por que com você seria diferente?

A boca de Lincoln de repente estava pálida e seca. O contorno de seus lábios lívidos inchou com a pressão que ele fazia em raspar um no outro. Respirei profundamente, sentindo aquela dor lancinante me matando de dentro para fora, desnorteando toda a minha compostura

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

condescendente. Meu marido, no entanto, continuou com os olhos intactos sobre mim. Havia compaixão, empatia e compreensão inundando sua íris.

— Sinto muito, Ellie. Você devia ter me contado. Eu poderia ter ajudado você.

Eu ri, escarnecendo suas palavras altruístas. Não estava tentando soar arrogante nem o magoar com a minha ignorância, mas não tinha nada que ele pudesse fazer que teria me ajudado.

— Lincoln, eu estava tão envergonhada de quem era a minha família! — assumi, com sinceridade, o sentimento monstruoso que foi crescendo em mim dali em diante. — Eu conheci seus pais, a felicidade que tinham, o sentimento profundo e honesto que eles sentiam um pelo outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Fiquei com inveja e com vergonha de dizer em voz alta que a minha família parecia ter tudo aquilo, mas não passava de um teatro bem ensaiado que toldava a verdade. A verdade nua, crua e dolorosa.

— Quatro anos depois aconteceu de novo — ele tirou suas próprias conclusões, o olhar perdido no tampo retilíneo da mesinha oval. — Quando te pedi em casamento.

Assenti, enxuguei as lágrimas com força, usando os punhos do suéter.

— Acho que foi a pior de todas porque meu pai soube que eu estava lá e que assistia a tudo e me pediu para ficar de boca fechada. Fez um jogo psicológico doentio comigo, dizendo que se contasse para a minha mãe, *eu* seria a única culpada do fim daquela família. *Eu* seria a *erva daninha* que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

todos já desconfiavam que *eu* era. Que eu seria a única culpada por afundar a reputação da minha mãe, que teria que viver todos os dias sabendo que *eu* causei o desastre que nos levaria à ruína! — Eu batia em meu peito, assumindo e me posicionando como a verdadeira culpada. Devia ter parado no primeiro flagra e contado a minha mãe, mas me calei. — Pelo amor de Deus, eu tinha vinte anos, Lincoln! Não deveria ser emocionalmente vulnerável e instável. Deveria ter o controle das coisas na minha mão!

— A culpa não é sua. — Ele segurou firmemente meu punho, impedindo que eu voltasse a socar o próprio peito. — Está me ouvindo? A culpa nunca foi sua! Você, sua mãe, Natalie... todas são vítimas dos erros que seu pai cometeu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É por essa razão que tenho raiva da sua família. — Funguei, escondendo o rosto entre as mãos, fugindo do toque rústico dele. — Porque eles são tudo o que eu queria.

— Estamos casados há seis anos e agora sinto que não conheço o seu passado. — Lincoln suspirou, entristecido. Não estava magoado comigo, mas parecia tomar a culpa que eu sentia para si. — Minha família te adora, Ellie. Você sempre foi bem-vinda como parte dela!

— Pelo meu passado, eu perco você todos os dias. Um pouquinho a cada dia, você está escapando pelos meus dedos como água.

— A culpa também é minha. — Coçou a sobrancelha escura direita. — Nosso relacionamento não está ligado ao seu passado.

PERIGOSAS ACHERON

Você poderia ter contado antes, não mudaria em nada como me sinto ou o que penso sobre quem você é. Sei que tem uma visão deturpada de si mesma, eu sempre soube onde estava pisando quando te conheci, nunca estive preocupado com a sua bagagem, só com o que eu poderia fazer com ela por você. — Lincoln semicerrou os olhos em minha direção, sacudindo a cabeça. — Eu queria estar com você, Ellie. Independente de quão ruim os seus problemas fossem. Queria que estivéssemos juntos e ponto final.

Ele invadiu meu espaço pessoal, sem aviso prévio esticou a mão para tocar meu rosto e enxugar as lágrimas. Mudou de posição, ficando de lado e mais próximo, inclinou a cabeça até que seus lábios encontraram minha pele. Aquiesci ao fechar os olhos, sentindo o toque gentil cobrir cada milímetro de meu rosto enquanto ele o secava aos

PERIGOSAS NACIONAIS

beijos. Inspirei o seu perfume, a doçura de seu toque ao segurar meu pescoço para impedir que eu recuasse.

— Eu sinto a sua falta — admiti, mas não tive coragem de abrir os olhos para encará-lo. Fiquei com medo do que poderia ver através deles. — Sinto falta do que um dia nós fomos. — Abaixei a cabeça, fugindo de sua boca que ainda cobria minha pele. Estava prestes a chorar outra vez quando Lincoln amparou meu queixo com a ponta do indicador.

— Olha pra mim, Ellie — sussurrou, senti o hálito quente e mentolado tocar na ponta de meu nariz. Balancei em negativa a cabeça. — Me deixe ver os seus olhos — exigiu, embora eu continuasse apertando os lábios e negando. — Olhe para mim enquanto digo que ainda amo você.

PERIGOSAS ACHERON

Lentamente, cedi. Minhas pálpebras pareciam pesar uma tonelada enquanto as forçava para mim. Quando, enfim, vi seu rosto, ele sorriu. Foi breve, como o sopro de uma brisa, mas Lincoln sorriu de maneira sincera para mim, como se a noite tivesse encobrido seus dias por tanto tempo e o sol finalmente voltasse a brilhar.

— Tudo bem, Ellie. Você venceu. — Ajustando uma mecha grossa atrás de minha orelha, Lincoln se inclinou para sussurrar abaixo de meu lóbulo: — Você conseguiu. Não importa quantos erros eu cometa ou o quanto erre comigo, continuo amando você.



*“Querido, você faz isso tão bem
Você foi tão compreensivo, você foi tão bom
E eu estou fazendo você passar
Por mais coisa do que qualquer pessoa deveria
E eu estou me odiando porque você não quer
Admitir que isso te machuca”*

GHOSTIN – ARIANA GRANDE

SEIS ANOS ATRÁS...

Naquele momento, eu estava com borboletas no estômago assim que a porta do elevador fechou, causando a mim a sensação horrível de claustrofobia – embora não sofresse em lugares fechados –, mas acontecia com frequência, ao menos quando eu sabia que iria vê-lo. Não costumava comemorar meu aniversário, mas Lincoln tinha determinada obstinação em tornar essa data especial, mais do que ela realmente mereceria ser.

Fui vencida pela insistência de minha mãe em trabalhar na empresa com meu pai. Estava atendendo a telefones, fazendo cópias e lembrando aos advogados corporativos de suas audiências na tarde de quarta-feira quando recebi uma mensagem de Lincoln me convidando para almoçar. Tentava

PERIGOSAS NACIONAIS

ser atencioso, contudo, eu não fazia o tipo par romântico perfeito e mesmo assim, meu namorado não parecia se importar em ser atencioso por nós dois.

Senti uma pontada aguda no peito quando o vi deslumbrante em um terno preto, camisa social branca e os dois primeiros botões abertos, deixando os pelos de seu peito saltarem alguns milímetros para fora. Recostado em seu carro preto, ele retribuiu meu sorriso. Pude sentir cada centímetro do meu corpo reagir a ele, o efeito era momentâneo. A sensação podia ser comparada a saudade, quando o coração palpita e um suor incomum acaba molhando as mãos, mas sabia que os sinais não eram consequência de saudade. Havia estado com ele quatro horas atrás, acordando em sua cama e tomando café na mesa de sua casa. E tínhamos conversado sobre como o pai dele estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

relutante em ficar mais de uma semana fora, deixando o hipermercado *Coleman* nas mãos do filho com tão pouca experiência.

Entretanto, o tempo não amenizou os sinais de paixão nem as brigas diminuíram o que eu sentia por ele. Podia não dizer com clareza, mas meu coração e meu corpo reagiam ao sentimento.

— Oi. — Ele retirou as mãos do bolso de sua calça para andar em minha direção, assim que passei pela porta giratória do prédio. Me atirei nele, afundei o rosto em seu peito e agradeci por Lincoln nunca mudar sua rotina costumeira de embebedar seu corpo com perfume. — Como foi o trabalho? — Depositou um beijo casto no alto de minha testa e cobriu meus ombros, me guiando pela calçada em direção ao restaurante na esquina.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Fiz tantas cópias hoje que meus dedos estão doendo. — Fechei os olhos, suspirando pesadamente enquanto me deixava ser guiada por seus braços. — E como está seu primeiro dia gerenciando sozinho?

Lincoln deu de ombros.

— Nada mudou desde cedo. Meu pai continua querendo pegar o primeiro voo de volta para Denver. — Ele gargalhou, tombando a cabeça para trás. Adorava quando ele ria daquela maneira, descontraído e longe das preocupações de seu pai. — Quer dizer, se eu estivesse em Dublin com você nesse momento... — Parou, de repente, e enraizei meus pés na calçada. Lincoln nem se importou com os olhares intensos de desgosto que foram enviados a ele. — Estaria sendo bastante exigente em ter o máximo de privacidade possível com você.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então está decidido. — Ri, ajeitando a gola de sua camisa. — Vamos para Dublin nas férias.

Ele sorriu e cobriu meus lábios com os seus antes de continuarmos nossa caminhada para o restaurante. Comíamos lá ao menos três vezes na semana – quando não conseguíamos nos encontrar à noite – e passávamos uma hora inteira rindo ao fazer comentários despretensiosos sobre os casos mais bizarros que meu pai recebia em sua empresa.

Nós nos sentamos no lugar em que estávamos acostumados; no fundo do restaurante, em uma mesa de tampo de madeira de dois lugares. Lincoln afastou o saleiro para mais próximo da janela e apoiou os braços na superfície.

PERIGOSAS ACHERON

A *hostess* veio segundos depois de termos nos acomodado, a loira com a testa vincada parecia insatisfeita de termos nos sentado antes de sua recepção calorosa. Apoiou o bloco de anotações no punho e forçou um sorriso. Li seu nome, Jesley, na plaquinha dourada presa no bolso de sua camisa do uniforme. Eu a conhecia por sempre almoçar ali e sabia que sua maior preocupação era que seu chefe acabasse lhe dando um sermão desnecessário por deixar que os clientes se direcionassem para a mesa sem ser devidamente recepcionados.

— Oi, Jesley. — Pendurei minha bolsa no encosto da cadeira e ela sorriu para mim. — O mesmo de sempre.

— Salada, frango assado e purê de batatas. — Assenti para confirmar e descansei os braços na mesa como Lincoln. — E você, espaguete com

almôndegas, sempre.

— Isso aí. — Lincoln piscou para Jesley. Ela terminou de anotar duas Cocas e se afastou. — Acabei me esquecendo de trazer seu presente, mas feliz aniversário, baby. — Ele tocou a ponta de meu indicador e sorri agradecida.

— Poxa, a parte mais divertida de fazer aniversário é ganhar presente — brinquei, fazendo bico ao unir os lábios.

— A espera vai valer a pena. — Ele sustentou meu olhar, minha risada se fundiu a sua e o som se tornou um só.

Aquela maneira intensa, penetrante e indecifrável de Lincoln me olhar, às vezes, me deixava extasiada. Não de um jeito ruim, mas porque o modo como sua íris oblíqua me estudava,

PERIGOSAS ACHERON

parecia que ele podia enxergar minha alma e ler meus pensamentos. Ele me analisava displicentemente; observava o contorno de meu rosto, como se fosse capaz de decorar seus detalhes peculiares.

— Sua mãe ainda está insistente no jantar?

— Ah, ela está — concordei e balancei a cabeça, recordando das inúmeras discussões que tivemos pela manhã. — Não vou ceder. Acho idiota um jantar *só* para comemorar meu aniversário. Eu nem gosto tanto assim dessa data — ri, escarnecendo. Lincoln, entretanto, havia contorcido os lábios em desgosto. — Você acha que eu tenho que concordar, né? — Revirei os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não tem, se não quiser, mas sua irmã está vindo para te ver, Ellie. Seria legal se vocês pudessem se reunir — ele deu de ombros —, sei lá, só para conversar sobre as coisas que famílias normalmente conversam no jantar.

O problema é que Lincoln não sabia que a família Tate não se enquadrava no tradicional. Mamãe estava em Boston há quase uma semana com Natalie e sequer telefonou para me dar os parabéns. Além de ter insistido quase um mês inteiro antes de viajar que fizéssemos um jantar para meu aniversário, não precisava ser nenhum gênio para perceber que era uma recepção acalorada para minha irmã.

— Você vai estar lá?

— Se você quiser, é claro.

PERIGOSAS ACHERON

Suspirei. Na verdade, eu tinha certeza de que mamãe não precisava da minha autorização para fazer nada. Mesmo que continuasse dando não como resposta, seria recebida em casa por duas cozinheiras incríveis e uma mesa de jantar à luz de velas, quisesse eu ou não, essa noite aconteceria.

Contudo, se meu namorado estivesse presente, seria como vencer o dragão de sete cabeças.

Meu coração reconhecia Lincoln como seu porto seguro. Quanto mais próximo ele estivesse, mais corajosa eu me tornava.



PERIGOSAS NACIONAIS

Dez minutos são o suficiente para que você assista sua vida mudar; o sorriso de alguém, o toque quente das mãos da pessoa que você ama, a controvérsia de certo e errado, o olhar de culpa que te enviam quando você descobre algo que não deveria. Todas essas coisas acontecem simultaneamente e você nem se dá conta de como isso pode ter um peso nos seus dias ou de como aquilo vai transformar tudo o que você conhece.

Eu e meu pai temos uma relação que chamo de obrigatoriedade; ele é meu pai, portanto, preciso amá-lo. Desde pequenas, Natalie e eu fomos educadas e criadas com a ideia de que não devemos discordar do que o papai diz, mesmo quando ele está errado. O senhor Owen é respeitado pela família da minha mãe, por ela e até mesmo por nós, filhas. Mas, desde aquela noite fatídica de quatro

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anos atrás, não consigo ser justa com ele. Nem mesmo por um segundo consigo ver meu pai como um homem em quem posso confiar.

Até então, pensei que estávamos bem próximos de nos entender, quer dizer, passando mais tempo juntos no escritório, acabamos criando uma relação mais íntima. Almoçamos algumas vezes juntos e conversamos sobre coisas aleatórias no caminho até o trabalho e, às vezes, de volta para casa.

Mamãe têm vindo cada vez menos ao escritório, talvez por estar deixando a saudade da minha irmã consumir todo o seu coração ou por simplesmente não conseguir mais dividir o local de trabalho com meu pai. Pode ser que seja um pouco das duas coisas.

PERIGOSAS ACHERON

Atravessei o hall de entrada e com um aceno contido de cabeça, cumprimentei as duas recepcionistas do térreo. Rumei para os elevadores e fiquei batucando os dedos no apoio de ferro no fundo da caixa metálica. Assim que as portas se abriram, andei cautelosa em direção à minha mesa – ignorei, inclusive, os olhares furtivos de outros funcionários –, eles acreditavam que eu era privilegiada por ser a filha do dono de todo o lugar. A verdade é que meu pai não me deixava chamá-lo dessa maneira na empresa, justamente por não querer passar a impressão de que eu tinha mais crédito que qualquer outro funcionário dedicado da agência corporativa de advogados da *Tate*.

Suspirei lentamente, mantive o olhar fixo à frente e o andar firme. Minha mesa era como meu átrio e além da cozinha, para onde fugia quando

PERIGOSAS NACIONAIS

meu pai estava de mau humor, não saía do meu cubículo.

Uma mesa de tampo simples, madeira cinza e cadeira branca de rodinhas. A tela do meu computador ficava sempre na altura de meus olhos e, algumas vezes em meio a correria do dia, conseguia conversar com Gwendoline.

Gwen era uma mulher incrível de vinte e sete anos; ruiva e magra, de olhos verdes intensos. A pele alva poderia facilmente ser confundida com a pedra alabastro. Nossas mesas ficavam dispostas à frente da sala de meu pai. Ela ficou encarregada de marcar as reuniões e eu a atender os telefonemas e transferi-los para ele quando necessário.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sentei-me à mesa, ajeitei a bolsa e o casaco no encosto da cadeira e me inclinei para verificar os e-mails da tarde. Estreitei os olhos para o relógio no cantinho da tela do computador, quase uma hora da tarde e Gwen ainda não havia retornado do almoço.

Acabei me preocupando sem querer. Não era de meu feitio sentir qualquer empatia ou preocupação com pessoas que eu mal conhecia, mas Gwen não costumava se atrasar. E quando algo urgente surgia, ela telefonava para avisar. Esquadrinhei minha mesa, envolta em pilhas de papéis e decisões para serem enviadas; nenhum recado sobre o possível atraso ou de qualquer ligação de Gwen.

Mordisquei a pele solta de meu lábio inferior e apanhei o celular no fundo de minha bolsa.

Fiz a primeira tentativa de ligação para ela.

PERIGOSAS ACHERON

Dez minutos são o suficiente para mudar a sua vida.

O toque ensurdecedor reverberou quase que pela cobertura inteira do prédio. O som oco, tentando ser abafado, seja lá pelo que fosse, vinha da sala do meu pai. Encarei a porta branca fechada, com a placa de bronze com seu nome. As persianas das janelas que envolviam a sala estavam fechadas e não sei por que não reparei antes, mas meu pai nunca as fechava.

Implodi em confusão. Meu coração martelou aturdido dentro da caixa torácica, quase expulsando meu órgão para fora. Repeti a chamada quando a mesma foi desligada e caminhei, em direção ao que seria o começo do meu fim.

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu pai parecia, mas algumas vezes, ele estava longe de ser esperto. Acho que sempre agiu por impulso, no calor do momento, apenas tentando saciar o seu desejo carnal que, para mim, parecia nunca acabar. Ele era um ninfomaníaco, louco por sexo e na maioria das vezes, sexo fácil.

O celular voltou a tocar dentro da sala, mas dessa vez, o volume parecia ter sido diminuído quase ao zero, pois escutei o burburinho do toque ao colar a orelha na porta de madeira. Havia um movimento brusco, embora meu consciente soubesse que ele estava tentando fazer o menor barulho possível.

Prendi o ar e apoiei a mão na maçaneta. Ao girá-la, esperava que estivesse trancada, mas abriu tão facilmente que não precisei sequer fazer força.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O ar tinha cheiro de sexo, perfume masculino e *café*.

Uma horrível combinação, porque honestamente, adorava café. O cheiro me deixou tonta e enjoada. Cobri a boca, travei minhas traqueias querendo segurar o vômito, entretanto, foi mais rápido que eu e rapidamente meu almoço estava se unindo ao acarpetado cinza da sala de meu pai.

Gwen estava debruçada sobre a mesa de tampo de vidro, se agarrando as laterais da madeira e revirando os olhos de prazer enquanto meu pai investia bruta e contra ela. Ele agarrava os fios de seu cabelo, puxando-os feroz em um rabo de cavalo e esticava o pescoço adornado por uma joia que parecia ter custado uma fortuna.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Da última vez em que presenciei uma cena como aquela, eu fugi. Mas não consegui me mover. Meu pai olhou dentro dos meus olhos ao se afastar de Gwendoline e jogou seu paletó para cobrir a nudez da mulher.

Fechei os olhos, porque não queria vê-lo nu e me virei nos calcanhares para fechar a porta. Os cheiros daquele lugar se misturavam, me deixando mais enjoada. Temi que pudesse voltar a vomitar, portanto, desviei da poça e direcionei ao meu pai. Ele estava parcialmente vestido agora, usava sua camisa social e a gravata azul afrouxada e se apressou em vestir o calção. Tombei a cabeça para trás, suspirando ferozmente. Queria abrir as janelas, me livrar do cheiro de imundície e pecado.

Foi quando comecei a contar os minutos para que meu pai desse início à nossa ruína.

PERIGOSAS ACHERON

Um.

— Ellie, eu... — Gwen me poupou de ter que ver seus seios saltarem. Estava usando sutiã de renda roxo. Apertei as pálpebras com a ponta dos dedos e estalei a língua no céu da boca, querendo dissipar o sabor azedo que se instaurara. — Eu... realmente...

— Pelo amor de Deus, não diga sinto muito! — Minha voz soou grave e alta, embora não estivesse me esforçando para ser rude. Não tinha sequer forças para conseguir ser mal-educada. — Não diz para mim que está arrependida, porque há menos de dois segundos você estava gemendo e revirando os olhos naquela mesa! — Apontei, olhando furtiva para a minha colega de trabalho. Por pouco, não a chamei de amiga. — Sai da minha frente.

Dois.

— Você pode, por favor, só me ouvir? — ela insistiu.

— Sai. Da. Minha. Frente. — Puxei e soltei o ar com lentidão. — Não consigo nem olhar para você!

Três.

Meu pai parecia terrivelmente calmo, como se esperasse que algo assim aconteceria uma hora ou outra. O pior, diferente de Gwen, que tinha um olhar cabisbaixo de arrependimento, ele não parecia nem um pouco arrependido.

Gwendoline desistiu de tentar me convencer a falar com ela. Juntou suas roupas, desviou da sujeira e saiu, batendo a porta como se quisesse chamar a atenção dos outros funcionários. Meu pai

PERIGOSAS ACHERON

se afastou da bolha intensa que nos rodeava, foi em direção ao seu banheiro e, quando voltou, agiu como se eu não estivesse plantada à sua frente, segurando as lágrimas e a vontade de socá-lo até feri-lo.

Tinha assumido todo o sentimento que minha mãe naturalmente sentiria. Estava me sentindo mal por ela.

— Você devia chamar alguém para limpar isso.
— Gesticulou para a sujeira que eu havia feito e começou a juntar as suas coisas que se espalharam pelo chão no momento do impulso, quando o seu corpo cedia ao desejo de ter a secretária de quatro em sua mesa.

Quatro.

— Como você consegue? — Comprimi os
PERIGOSAS ACHERON

lábios e abracei o próprio tronco.

— Você já me viu fazendo isto uma vez, Ellie, e não disse nada. — Ergueu o olhar para mim e foi quando descobri que meu pai sempre soube que eu presenciei seu ato pecaminoso uma vez. — Pensei que tivesse entendido que, quando chegamos a uma fase da vida e do casamento, precisamos de certas coisas para nos dar força para seguir em frente. Quando você for casada, vai entender o que estou dizendo.

Cinco.

— Meu Deus! — Joguei a cabeça para trás, controlando o soluço preso na garganta. — Você é pior do que eu imaginava.

— Se quer contar a sua mãe, vá em frente. Diga a ela como sou horrível por traí-la. Conte como

PERIGOSAS ACHERON

você me viu, duas vezes, comendo duas putas. Uma debaixo de nosso teto e outra no meu escritório. Você será a única culpada dessa história, Ellie. A responsável por arruinar uma vida que é boa. Sua mãe se diverte em viagens e gasta o nosso dinheiro com roupas, sapatos e joias caras. É justo que eu faça o mesmo, mas do meu jeito!

Seis.

— Você não está nem com remorso de eu ter te pegado no flagra! É doentio! — gritei, quando meu pai se sentou em sua cadeira de encosto acolchoado, como se estivesse em um trono. Arqueou a sobrancelha direita, apoiando os antebraços na superfície da mesa. Ele se inclinou fitando impassível meu rosto avermelhado de raiva.

— Faça um favor para esta família, Ellie, e esqueça o que aconteceu. Já é ruim o bastante você ser a única em nossa casa a não seguir os nossos passos, não seja também aquela que vai arruinar nossa vida. Coloque uma pedra sobre isso, assim como fez quatro anos atrás e seguiremos com a nossa vida. Se você contar a sua mãe, você será a única responsável por todas as consequências.

Sete.

A culpa não é minha.

— Você devia se divorciar se não a ama mais — objetei, andando em sua direção. — Não deveria estar prendendo-a a você, se não a ama!

— Ah, não te contaram? O casamento é uma prisão.

Oito.

— Conte a mamãe ou eu conto — desafiei, fechando as mãos em punho.

Meu pai soltou a caneta sobre o papel que estava prestes a assinar. Ele se levantou, com a mão direita fechou o botão do blazer e cruzou a linha segura que nos mantinha separados.

— Sua mãe, assim como essas mulheres com quem durmo, são todas putas e desprezíveis. Quer saber uma coisa que sua mãe nunca te contou?

Nove.

— Você pode ter o meu nome, mas você não é minha filha, Ellie.

— O quê?

PERIGOSAS NACIONAIS

— É claro que você puxou ao julgamento precipitado da sua mãe. Evelyn teve um caso, vinte anos atrás e engravidou *de você*. O seu pai biológico desapareceu no mundo e nunca ligou para saber o que aconteceu com a filha.

— Mamãe... traiu você? — Pousei a mão sobre a cabeça, rodopiando como se tivesse descoberto que a minha vida inteira fosse a merda de uma mentira. — Impossível... ela é apaixonada por você, sempre foi.

— O amor nem sempre é o suficiente! — bradou e voltou a se sentar atrás da mesa com pilhas de papéis de casos para serem revisados. — Agora, sai da minha sala e pede a alguém para vir limpar essa merda quando for embora. Você acaba de ser demitida.

PERIGOSAS ACHERON

Dez.

A explosão da verdade com a realidade foi catastrófica. Assim que peguei minhas coisas e saí da sala do meu pai, não soube para qual direção rumei, mas parei sentada em um bar de fundo de beco.

Ignorei todas as ligações de Lincoln e de minha mãe. Meu pai não sentia nenhum remorso; nem por cuspir a verdade em mim nem por trair a minha mãe. Passei a entender como vingança, por minha mãe ter feito o que fez e ter tido uma filha fora de seu casamento. Owen Tate, na verdade, não era meu pai e tinha todas as razões do mundo para falar e agir da maneira como agia comigo. Ele não se importava em ferir meus sentimentos ou me culpar por seus próprios erros.

Dez minutos.

Dez minutos podem ser não só o suficiente para mudar a sua vida, mas para que você tome as piores decisões.

Estava bêbada e trançando as pernas quando parei em uma farmácia, em busca de calmantes. O farmacêutico podia ter se recusado a me vender, mas é o século XXI, as pessoas só estão pensando em alguma maneira de ganhar dinheiro.

Um médico havia me receitado para lidar com as noites insones, mas as instruções eram específicas: nunca misture bebida alcoólica com calmantes.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Você estava sozinha, deixada lá fora no frio
Apegando-se à ruína de sua casa quebrada
Muito perdida e ferida para carregar o seu fardo
Todos nós precisamos de alguém para segurar”*

**SOMEONE TO STAY – VANCOUVER SLEEP
CLINIC**

SEIS ANOS ATRÁS...

Deixe seu recado após o sinal.

— Ellie, pelo amor de Deus, estou tentando te ligar há horas! — resmunguei, para o telefone, mesmo sabendo que ela não escutaria as mensagens da caixa postal.

Como era seu aniversário, a buscaria depois do trabalho, mas, quando cheguei, a recepcionista disse que ela havia saído três horas antes de seu expediente encerrar. Mordi a pele do dorso da mão e baguncei os cabelos, desgrenhando os fios molhados. Estava enrolado na toalha, parado no meio do meu quarto e telefonando para Ellie pela milésima vez.

Ela tinha o hábito terrível de desligar o celular quando estava chateada, querendo se isolar do

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mundo e conseqüentemente me afastando dela. Tentei mais duas vezes antes de lançar o aparelho na cama. Ele quicou e parou virado com a tela para baixo, próximo ao travesseiro. Rumei em direção ao banheiro e terminei de secar os cabelos com a toalha que estava em volta da cintura.

Escovei os dentes, vesti meu jeans surrado e a camisa branca. Fui até o criado-mudo, apanhei as chaves do carro e minha carteira. A caixinha vermelha aveludada estava escondida no fundo, sob a sombra para que minha mãe não acabasse a encontrando e fazendo um escândalo. Não que minha mãe reprovasse Ellie, ela a adorava, mas não concordava com um passo tão sério e difícil. Na verdade, minha mãe conhecia o temperamento de minha namorada mesmo sem eu ter dito com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

detalhes. Nós brigávamos bastante, às vezes, por motivo nenhum, mas também tínhamos momentos incríveis, como o que tivemos hoje.

Desci as escadas de dois em dois degraus, saltando apressado. Se ela não me atendia, não me restava dúvidas de que tinha alguma coisa acontecendo. Assim que coloquei a chave na ignição e o motor rugiu, meu celular vibrou no bolso do meu moletom. No visor, li o nome de Evelyn.

— Alô? — atendi, apreensivo. Segurei o volante com força e respirei pesado. Embora Evelyn não tivesse dito nada que pudesse me deixar ansioso, meu coração não estava facilitando. Estava prevendo algo ruim e todos os pelos de meu corpo eriçaram com a possibilidade de algo ter acontecido com Ellie.

PERIGOSAS ACHERON

— *Lincoln? Você falou com a Ellie hoje?*

— Sim, na hora do almoço, mas não consegui falar com ela depois.

— *Soube que ela e o pai tiveram uma briga horrível hoje no escritório e ele a demitiu!* — Prendi a respiração e encarei a rua enevoada pela queda da temperatura. Comprimi os lábios e fechei os olhos, inspirando o ar fresco.

Droga!

— Você tem alguma ideia de onde ela pode estar? — perguntei, olhando ao redor.

Queria que ela visse em mim um porto seguro, mas sempre que estava chateada, ela fugia para o mais longe que fosse possível ir. E mesmo quatro

PERIGOSAS NACIONAIS

anos depois de estarmos juntos, não conseguia fazê-la confiar no que eu sentia por ela.

Ellie era complicada, se entregava a dor emocional com facilidade e por todos aqueles anos estava lutando para que ela pudesse correr em minha direção quando ficasse insuportável. Mas ela expurgava o sentimento de outra maneira: bebendo e se isolando. Sua atitude fazia com que todos nós ficássemos em estado de alerta – exceto seu pai, ele costumava dizer que a filha só queria chamar atenção para si –, às vezes, ficava enfurecido com Owen por ter tanto descaso com o sentimento dela.

Por mais que pareça ridículo para ele, cada um sente de uma maneira diferente e só porque algo não é importante para você, não significa que não

PERIGOSAS ACHERON

será importante para outra pessoa. É preciso respeitar a dor do outro, ninguém reage da mesma maneira.

— Não! Ela não apareceu em casa! — Encarei o relógio digital no painel do carro e marcava oito horas da noite. — Estou preocupada, Lincoln.

— Tudo bem, nós vamos encontrá-la. Me ligue se ela chegar em casa!

Engatei e acelerei para o carro sair da vaga. Circulei pelas ruas próximas do prédio onde a empresa de Owen operava e não encontrei nenhum rastro dela. Quase trinta minutos depois, meu celular tocou no painel e respirei aliviado quando vi o nome no display.

— Ellie? — atendi com um tom ameno na voz, estava prestes a brigar com ela por ter

PERIGOSAS ACHERON

desaparecido.

— *Ah, esse é o nome da garota?* — um homem, de voz rouca e arrastada respondeu. — *Ela esqueceu o celular aqui, então, pensei em ligar para os números de emergência. O seu é o primeiro da lista.*

— Onde ela esqueceu o celular?

— *Aqui, no Vermilion, vou te enviar o endereço por mensagem!* — ele concluiu e desligou em seguida.

Fiquei esperando o endereço chegar. O homem na linha parecia ser um bêbado e, a princípio, desconfiei. Mas o Vermilion é um bar de fundo de beco, com placa de néon vermelha extravagante. A única luz bruxuleante em um vestíbulo estreito e

úmido. Recebi o endereço cinco minutos depois e dirigi pelas ruas de Denver como se a vida de Ellie dependesse do meu cronômetro.

— Você deve ser o Lincoln.

O homem que me ligara me reconheceu assim que abri a porta do bar. Ela rangeu, por estar velha e o cheiro de mofo misturado à cerveja invadiu minhas narinas. Esfreguei a ponta do nariz e funguei. Meu tênis afundou no assoalho velho do lugar, como se estivesse andando em uma piscina de areia. Segui em direção a voz rouca. Ele tinha cabelos compridos, quase nas costelas e uma barba que cobria grande parte de seu rosto. Usava botas pretas e longas, calça jeans rasgada nos joelhos e um velho colete sujo. Havia uma caneca vazia de cerveja na sua frente, a pouca luz do lugar não me deixou aperceber mais nada e, por fim, estava

parado de braços cruzados ao seu lado. O celular de Ellie estava sobre a mesa, com a tela virada para cima e assim que o homem apertou no botão do meio, o display se iluminou.

O papel de parede era uma foto minha com Ellie, em nossa última viagem. Tínhamos optado por Aspen, onde esquiamos juntos pela primeira vez. Ela estava com a ponta do nariz vermelha na fotografia, usando uma roupa térmica cor-de-rosa e touca cinza. Meu rosto estava colado ao dela e sorriamos para a câmera. Meu estômago revirou, e pigarreei, querendo expurgar a bola de saliva que ficou parada na garganta.

— Ela está aqui? — Olhei para os lados, à sua procura, mas antes mesmo de fazer a varredura com meu olhar, tinha certeza de que Ellie teria me notado assim que entrei.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — Ele empurrou o celular para mim e ergueu a caneca de vidro para o barman, pedindo por mais em um gesto silencioso. — Mas ela disse algo como: preciso ir para o único lugar onde realmente me sinto bem.

Apertei os olhos em direção ao homem enquanto pegava o celular distraidamente sobre a mesa e colocava no fundo do bolso da calça jeans.

— Você... falou mais alguma coisa com ela?

— A menina estava perturbada. — Vi uma ruga intensa se formar na testa do homem. — Disse muitas coisas confusas de que ela precisava que essa dor acabasse e que sua vida é uma mentira. Também disse algo sobre o pai dela ser um cretino mentiroso e idiota. — Nessa última frase, um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso esboçou e pude ver os dentes sujos e amarelados. — Ela pagou a conta e se mandou. Deixou o celular aqui na mesa.

— Obrigado por ligar.

O homem assentiu e, quando dei as costas, o barman já estava servindo-o com mais bebida. Foi uma pessoa aleatória que Ellie e eu conhecemos e sequer perguntei o nome dele, mas, no caminho de volta ao carro, fiquei me perguntando para onde ela iria se quisesse afugentar o sentimento que estava a enlouquecendo.

Ir para o lugar onde realmente se sente bem?

Como um estalo, minha mente foi clareada e me lembrei vagamente de termos conversado sobre. Não necessariamente o lugar, mas Ellie amava sua avó e era a única com quem parecia se dar

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

realmente bem. Henrietta não a julgava nem tomava decisões precipitadas a respeito da neta. E além disso, respeitava todas as decisões que Ellie tomava. Ela tinha grande admiração pela senhora Henrietta e o único lugar que minha namorada enxergava como porto seguro seria a avó.

Corri em direção ao carro, sabendo exatamente onde procurá-la. Ellie se recusou a colocar a casa da senhora Henrietta para alugar, mesmo com a mãe insistindo veementemente que ela poderia lucrar algum dinheiro se assim fizesse. Dirigi como um louco pela rodovia e cortei alguns sinais vermelhos quando tive certeza de que era seguro – mesmo sabendo que algo grave poderia partir disto –, estacionei o carro em frente à minha casa, sem me importar com seu alinhamento e rumei para a casa vizinha.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

As luzes estavam apagadas, mas quando tentei abrir a porta, a maçaneta girou e pude entrar. O rastro do cheiro foi instantâneo; assim que entrei, fui infundido pelo odor de álcool e caminhei em direção à escada. Enquanto subia, encontrei os sapatos de Ellie e sua meia-calça preta no caminho. Comecei a pular de dois em dois degraus, me apressando.

A única luz acesa no vestíbulo era o do banheiro. Estava terrivelmente silencioso e podia escutar minha respiração irregular à medida que me aproximava.

— Ellie? — chamei, mas ela não me respondeu.

Continuei caminhando e quanto mais me aproximava da porta, mais temia que algo ruim pudesse acontecer.

PERIGOSAS ACHERON

Então, o meu medo se tornou real.

Ela estava pálida dentro da banheira, com os braços pendendo pelas bordas.

— Ellie! — gritei, espantado e me ajoelhei ao seu lado.

Passei o braço por trás de seu pescoço e ergui seu corpo, puxando-a para fora da banheira. Ela estava mortificada, a pele pálida e as mãos geladas. Os lábios começando a arroxear e um rastro de baba escorrendo pelo canto de seus lábios.

— Ellie, fala comigo. — Dei leves batidas em seu rosto e puxei as pálpebras. As pupilas estavam bem.

Deitei-a no chão e verifiquei o pulso. Estava lá, porém, irregular.

Por favor, não, não.

— Ellie, amor, o que foi que você fez? — Ela estava com o casaco, comecei a apalpar os bolsos da frente e encontrei o frasco com os calmantes.

Encarei o rótulo e me lembrei das instruções claras do médico quando receitou: nunca, em hipótese alguma, ela devia misturar os calmantes com a bebida. *Nunca.*

— Tudo bem. — Passei as mãos com os dedos abertos no cabelo e voltei a erguer sua cabeça. — Você vai ficar bem!

Respirei pesadamente, apoiei-a em meu braço e abri sua boca. Fechei os olhos e, com o indicador, afundei-o em sua garganta. Ela resfolegou e rapidamente virei sua cabeça para que ela não engasgasse com o próprio vômito. Repeti o

PERIGOSAS ACHERON

processo até que Ellie eliminasse toda a toxina. Ela resmungou baixo e abriu os olhos para mim. Apoiei sua cabeça em meu peito e me joguei contra a parede, exalando o ar que prendi em meus pulmões.

— Não ouse me deixar — sussurrei, mesmo sabendo que ela não poderia me ouvir de verdade.

Peguei o celular no bolso traseiro de meu jeans e disquei para a ambulância.

Ellie parecia dormir, embora a respiração continuasse lenta. Beije o topo de sua cabeça enquanto esperava com ela por socorro. Acaricie sua pele fria e com a manga de meu moletom, limpei seus lábios sujos. Envolvei meus braços ao seu redor, como se pudesse protegê-la.

Eu queria protegê-la.



Meu coração apertou dentro do peito quando a vi pela primeira vez, desde que chegamos ao hospital. Natalie, Evelyn e Owen chegaram logo depois de os paramédicos terem a socorrido. Ela teve sorte, eles disseram. Não tinha mais de trinta minutos que o remédio havia se misturado ao álcool, o organismo não teve tempo suficiente para ser absorvido.

Uma longa conversa aconteceu entre os pais de Ellie e o médico que a atendeu. Eles disseram que ela não tinha depressão e Evelyn foi eloquente em seu discurso ao dizer que sua filha não tinha razões

para tentar suicídio, que os calmantes serviam para fazê-la dormir nas noites insones, mas não eram em todas que precisava deles.

Fingi que não estava interessado no que eles conversavam enquanto Natalie ficava absorta em pensamentos inatingíveis. Owen gesticulava quando Evelyn o fuzilava e apontava o dedo para seu rosto. Concluí que ela o culpava por Ellie estar nessa situação. O médico movia os lábios de maneira solene e, enfim, tive coragem de ir para aquela direção.

— Eu posso vê-la agora? — O médico rapidamente desviou os olhos dos pais de Ellie para mim.

— Não seria melhor que ela descansasse? — Evelyn interviu, assim que percebeu que o médico de Ellie me daria autorização. — Acho melhor que ela fique só com a família agora, Lincoln.

Fixei meus olhos em Evelyn, queria que ela percebesse como aquilo soava ridículo. Nos últimos quatro anos, eu tinha sido mais família para ela do que eles jamais foram. E ela sabia disso. A mãe de Ellie estava sempre em Boston, visitando Natalie como se ela fosse a única filha que precisasse de sua atenção. Owen estava tão sorvido pelo trabalho que não se preocupava em saber como os dias da filha estavam indo. A falta que a senhora Henrietta fazia para Ellie, eles sequer tinham ideia de como ela se definhava na saudade da avó. Ninguém além de mim se importava.

— Desculpe, Evelyn — escondi as mãos nos bolsos do meu moletom para que ela não percebesse o quanto os apertava em punho enquanto a fitava —, mas acho que tenho todo o direito de ficar com ela nesse momento. Não estou dizendo que ela não precisa da família, mas eu estou aqui por ela e não vou a lugar nenhum.

Owen suspirou, apertando as pálpebras como se não pretendesse sequer discutir o assunto. Evelyn, entretanto, aprumou o corpo e inflou o peito com o máximo de ar que conseguiu.

— Desde que vocês começaram a namorar, ela fica instável emocionalmente — acusou, apontando o dedo com a unha pintada de vermelho em meu rosto. Mesmo assim, permaneci condescendente e enraizei meus pés no chão sem me deixar abater. —

PERIGOSAS NACIONAIS

Vocês brigaram, não foi? Minha filha não faria algo tão horrível consigo mesma se o relacionamento de vocês não fosse tão tóxico!

— Onde a senhora estava quando eu a encontrei? — Trinquei o maxilar. Prometi a mim mesmo, diversas vezes, que as ofensas da mãe de Ellie não me afetariam. Até porque eu sabia que ela iria se arrepender mais tarde. — A senhora pode ser a mãe dela, mas não a conhece como eu. — Entreabri os lábios, sorvendo o ar. — Posso vê-la ou não? — questionei o médico, que, com um sorrisinho vitorioso, assentiu para mim.

No caminho, o médico não disse nada. Tinha certeza de que ele não me contaria mesmo que eu perguntasse, afinal, não era nada além do namorado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você deve gostar muito dela para enfrentar os pais e não ter medo que eles forcem vocês a se separarem — comentou quando paramos em frente ao quarto dezesseis. Encarei a porta branca fechada, meus dedos dos pés se contorceram de ansiedade para vê-la.

— Eu amo a Ellie. Não é nada como eles disseram. Nós não somos tóxicos.

— Todos nós somos um pouco tóxicos, Lincoln. Afinal, crescemos e fomos educados por pessoas diferentes. Não dá para julgar alguém sem conhecer o seu passado e, pelo pouco que vi nos pais da Ellie, essa garota tem enfrentado um turbilhão. É bom que ela tenha alguém como você por perto.

Anuí, concordando com ele.

PERIGOSAS ACHERON

Nunca sabemos ao certo o impacto que daremos na vida de outra pessoa, mas esperava que o meu na de Ellie fosse grande o bastante para que ela me dissesse *sim*.

Senti a caixinha tocar a ponta de meus dedos no bolso do moletom. Respirei fundo e entrei. Pensei que ela estaria dormindo, mas, na verdade, os olhos de Ellie fitavam o teto branco do quarto. Estavam fixos e inexpressíveis. Rumei em direção à poltrona ao seu lado na cama e mesmo depois de me sentar, ela continuou encarando o ponto branco sem desviar. Pigarreei, querendo chamar sua atenção. Ela virou a cabeça em minha direção e um sorriso fraco despontou em seu rosto.

— Você continua me salvando — brincou e voltou a olhar para o teto branco. — Obrigada por ter me encontrado, se você não tivesse aparecido,

acho que eu estaria morta agora.

— Por que você fez isso, Ellie? — Apoiei o queixo nas mãos enquanto a encarava. — Nunca tive tanto medo na vida de perder alguém como tive hoje! — Esfreguei o rosto impaciente.

— Não pensei em nada, só queria dormir. — Ela fechou brevemente os olhos e, no minuto seguinte, se virou para mim. — Não me olha desse jeito, a briga com meu pai hoje foi quase impossível de suportar.

— O importante é que você voltou pra mim. — Toquei a mão dela e entrelacei nossos dedos. O local onde a agulha intravenosa estava espetada, deixou a mão dela um pouco arroxeadas, mas sua mão não estava mais fria nem os lábios estavam roxos. — Você tem um problema sério com a

bebida, Ellie, e agora os calmantes. — Balancei negativamente a cabeça enquanto pensava. — Sua família te deixa instável e você se coloca em risco, estou preocupado que um dia eu não chegue a tempo.

Ellie costumava brigar comigo quando eu dizia isso, mas, pela primeira vez, pareceu compreender e ficou apenas parada, me encarando sob as pestanas.

— Você precisa se cuidar! Se hoje tivesse acontecido o pior, você tem ideia de como eu ficaria? Como isso me destruiria?

— Não pensei em nada, Lincoln. — Ela fechou os olhos e afastou a mão para longe de mim.

Aproveitei o momento em que ela não estava olhando para pegar a caixinha dentro do bolso e
PERIGOSAS ACHERON

retirar o anel. Era simples, adornado por todo seu contorno com pedrinhas brilhantes. Coloquei todas as minhas economias dos últimos três anos naquele anel e esperava poder vê-lo no dedo de Ellie algum dia.

A ideia era fazer formalmente, pedi-la na frente da família no seu jantar de aniversário, mostrar a ela o quanto a amava.

Estiquei a mão para pegar a sua e a puxei. No instante em que deslizei o anel por seu anular na mão esquerda, Ellie abriu os olhos arregalados e o queixo caiu.

— Ellie Ann Tate — comecei —, espero que o fato de não ter feito isso no jantar de hoje à noite, você compreenda, que acima de tudo e qualquer coisa, eu quero estar com você. Todos os dias da

PERIGOSAS NACIONAIS

minha vida, porque eu te amo. Eu te amei desde aquele dia, na beira da piscina da vovó Henrietta, quando dançamos de um jeito muito desengonçado *Can't help falling in love*. A música que coloquei para tentar te animar, porque naquele momento não tinha nada que eu quisesse mais que te fazer esquecer toda a dor que sentia. Você pode, por favor, dançar *Can't help falling in love* comigo para o resto de nossas vidas?

— Você está falando sério? — Ela sorriu, esticou a mão e os dedos para vislumbrar o anel. — Quanto você pagou por isso?

— Estou falando sério e não se preocupe, estou juntando dinheiro para esse anel há três anos. — Caímos na gargalhada.

PERIGOSAS ACHERON

Nossas risadas se uniram e o timbre que elas tinham quando estavam juntas fez meu coração se aquecer.

— Sim! Sim! — exclamou e me inclinei para beijá-la.

Ellie nunca contou o que aconteceu exatamente naquele dia com seu pai, mas contanto que eu pudesse fazê-la sorrir todos os dias, nós ficaríamos bem.



*“Me diga que você me ama
O jeito que você costumava me amar
Você vai sussurrar no meu ouvido
Essas três palavras que eu quero ouvir?
Me diga que você me ama
O jeito que você costumava me amar”*

**TELL ME THAT YOU LOVE ME – JAMES
SMITH**

Há muito tempo não acordava com os cabelos de Ellie em meu rosto nem suas mãos cobrindo meu peito. Estávamos sempre distantes, com um iceberg nos separando e parecia que iria durar uma eternidade. Meu braço estava sob sua nuca, enquanto sua cabeça se aninhava na curva que ligava meu ombro ao pescoço. A respiração lenta e suave lambia a pele daquela região.

Conscientemente estava acordado, mas não queria me mover. Gostava de tê-la por perto, em meus braços, aninhada a mim. Seus cabelos embromados embaçando minha visão, o seu abraço me envolvendo e se espremendo contra mim, mesmo que fosse um ato inconsciente. Ellie tinha sono leve. No mínimo movimento, poderia afastá-la e, da maneira como estávamos, sentiria falta daquele toque inocente.

Para ser honesto, fiquei surpreso ao ter sido tão sincero com ela, assim de repente. Não falávamos sobre sentimentos nem coisas que nos magoavam. E não porque não quisesse falar sobre o assunto, mas Ellie sempre foi arisca a conversas emocionais que a deixassem fragilizada. Não existia um jeito fácil de conversar com a minha esposa. As coisas precisavam acontecer do seu jeito e pronto. Nós acabávamos nos resolvendo na cama e no outro dia, tudo parecia estranho, porque na verdade, nada havia sido resolvido.

Agora, por alguma razão, Ellie estava diferente. Fosse pelo medo de perder o que nós tínhamos ou por finalmente ter compreendido minhas razões; ela estava diferente. Não só eu havia percebido, como Ethan também e a própria Ellie. Gostava do rumo

PERIGOSAS NACIONAIS

que estávamos tomando, das nossas escolhas e de sua nova forma de pensar. Isso me fazia realmente querer amá-la como sempre fiz.

Minhas costas doíam, porque acabamos adormecendo no sofá, em uma posição completamente desconfortável. O som gutural de minha voz quando me mexi fez com que Ellie abrisse os olhos, o movimento do meu braço buscando conforto, embora tivesse sido sutil e quase imperceptível, a despertou. Piscou algumas vezes, acostumando-se com a realidade ao redor. Seu corpo me prendendo contra o encosto do sofá pequeno, minha mão esquerda pousada displicentemente em seu quadril e seu braço envolvido em meu peitoral.

PERIGOSAS ACHERON

Criando consciência de como estávamos, Ellie se levantou, pigarreando. Não havíamos cochilado por muito tempo, constatei quando busquei pelo relógio digital na cozinha e percebi que tínhamos dormido por apenas trinta minutos desde que conversamos. No começo, a ideia era de acalmá-la e cessar o choro, mas fomos vencidos pelo cansaço e adormecemos.

— Dormimos por muito tempo? — indagou, perscrutando a sala em busca de algo. — A pizza ainda não chegou?

— Não, ainda não. — Sorri gentilmente.

— Eu...

Ela separou os lábios e estava prestes a falar quando as batidas abruptas na porta a sobressaltaram. Abaixei a cabeça para esconder

PERIGOSAS ACHERON

meu sorriso e pigarreei para que não se tornasse uma gargalhada cheia de energia e pudesse deixá-la desconfortável. Como não falávamos sobre muitas coisas há muito tempo, acabou que começamos a nos sentir deslocados.

Ellie poderia estar envergonhada por ter me contado tudo sobre seu pai e eu me sentia na adolescência, admitindo meus sentimentos sem receio. Embora já tivéssemos passado por aquilo uma vez, era como se revivêssemos tudo de novo. Admitir os sentimentos. Falar abertamente sobre eles. Assumir todos os erros e se responsabilizar por eles.

— Vou abrir a porta. — Toquei sua mão antes de me levantar.

Peguei a carteira na mesa e retirei o dinheiro para dar ao entregador. O homem por trás da porta parecia impaciente, batucando os dedos longos na tampa da caixa de pizza. Estava vestindo um colete vermelho e um casaco acolchoado da mesma cor. Na cabeça se protegia do frio com um boné, onde a aba escondia seus olhos.

— Bom apetite — disse assim que segurei a caixa e entreguei as notas para ele.

Quando voltei para dentro, Ellie estava na cozinha pegando duas latas de refrigerante na geladeira. Coloquei a caixa na mesa de centro e a abri. O cheiro rapidamente se espalhou pelo apartamento e meu estômago roncou.

— Acho que você é quem está com fome. — Ellie riu, colocou a latinha de Coca-Cola na minha frente e se sentou ao chão. Ela apoiou o cotovelo no assento ao meu lado e inclinou o pescoço para me olhar. — Acabei adormecendo no meio de uma conversa séria — brincou, pegando um pedaço de pizza na caixa e mordeu a ponta.

— Você disse tudo que precisava dizer? Sobre sua família?

Ela parou de mastigar e me encarou, apreensiva.

Não, não tinha dito tudo. Seu olhar havia mudado instantaneamente quando perguntei. A leveza, o brilho que tinha neles, dissipou.

Qualquer outra pessoa diria que Ellie ter tentado suicídio naquele dia foi exagerado. Ela não

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

tinha que carregar um fardo que não pertencia a ela. O problema é que minha esposa estava sempre carregando o problema dos pais para si mesma e não sabia como ser racional se tratando deles, portanto, não pensava em seus motivos como absurdos. Eram válidos para ela. Mas, ainda assim, alguma coisa na maneira como Ellie reagiu quando perguntei me fez acreditar que continuava me escondendo detalhes daquele dia. Detalhes que eram importantes para ela.

Os lábios de Ellie foram separados por um suspiro profundo. Ela terminou de engolir o pedaço que havia mordido e tomou um gole longo de refrigerante por cima, como se estivesse abastecendo seu corpo. O pedaço de pizza inacabado que estava em sua mão voltou para a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

caixa e no minuto seguinte, ela empertigava o corpo para me encarar. Parei de comer para dar total atenção a ela.

— Meu pai me contou uma coisa naquele dia — ela desviou os olhos de mim, fugindo como se o que estava prestes a contar fosse me fazer querer deixá-la de novo —, eu não sei como te contar porque nunca mais voltei a falar com ele sobre isso. Você sabe como meu pai é. Ele só pensa em trabalho e em si mesmo. Contanto que o que ele me disse não o incomodasse, não se daria o trabalho de esclarecer para mim certas coisas e fiquei com tanta raiva que me calei, quer dizer, nós acabamos nos casando quatro meses depois!

Ela estava enrolando.

— Ellie.

PERIGOSAS ACHERON

— Hum?

— O que seu pai te disse?

— Não sei como te contar. — Afastou a madeixa grossa que pendeu sobre seu olho direito e a ajeitou atrás da orelha. — Eu não sou filha dele.

— O quê?

Não fiquei perplexo nem chocado no primeiro momento porque parecia uma piada de mau gosto. Entretanto, Ellie permaneceu ereta e estável. O corpo estacou no lugar e sua mandíbula travou, chateada por eu não parecer surpreso instantaneamente. Mas qualquer um no meu lugar teria achado que a frase “*Eu não sou filha dele*” fosse um jeito natural de zombar da cara de

alguém. Porém, à medida que a chateação na expressão de Ellie se atenuava, percebi o grande erro que eu tinha cometido ao duvidar dela.

Os olhos límpidos se tornaram dois pontos aquosos e obtusos. Cheios de mágoa e angústia, por um passado não resolvido. A conversa que teve com o pai naquela sala, ninguém nunca saberia de fato o que aconteceu. Ninguém além deles. Então, Ellie estava confiando a mim o segredo que vinha anuviando seus pensamentos, machucando as pessoas que ela amava e a afastando de todos que a amavam. Foi doloroso, praticamente insuportável vê-la se desfazer diante de mim sem poder dizer nada para amenizar o sentimento.

— Ellie, como assim?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele disse com todas as palavras, Lincoln, que minha mãe teve um caso e engravidou *de mim*. Sabe para que tipo de buraco essa confissão me levou e há quanto tempo eu estou presa nele?

— Você falou com sua mãe? — Deslizei a mão aberta nos cabelos, desgrenhando os fios. — Ellie, meu Deus! — Lancei o corpo pesado contra o sofá. O fardo que era só dela recaiu sobre mim também. — Por que você nunca me disse nada?

— Estou te dizendo agora! Muda alguma coisa? Não!

— Claro que muda, Ellie! — Apertei as pálpebras com a ponta dos dedos, deixando todo o meu corpo amolecer e se acentuar ao couro do sofá. — Não entre a gente. Não muda nada entre nós,

PERIGOSAS ACHERON

mas você precisa parar com isso. Parar de esconder as coisas de mim como se estivesse me poupando de alguma coisa!

— Não sei o porquê de eu não ter dito nada a você, Lincoln. Só achei que seria melhor não pensar em mais nada além de nós dois naquela época.

— Sua mãe não faz ideia que você sabe a verdade, não é?

Ela me estudou, apreensiva, calculando as chances de eu ficar bravo se concordasse. Não foi necessário, entretanto. Antes mesmo de Ellie dizer que eu estava certo, ela estava com a cabeça baixa e mordendo o lábio inferior como uma criança que foi pega no flagra fazendo arte. Comprimi os lábios, meu coração doendo por ela. Não estava

PERIGOSAS NACIONAIS

chateado por ter guardado segredo, mas porque poderia ter sido mais fácil se conseguisse compartilhar comigo.

Uma dor pode se tornar suportável se tem pessoas cuidando dela com você.

— Você precisa contar para ela, Ellie.

— Não consigo. Não ainda.

Suspirei.

— Quando você estiver pronta, estarei do seu lado — prometi.

Ellie assentiu, desviou os olhos e permaneceu em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem — inalei o ar com força, inflando meus pulmões. Parei por um segundo para encará-la — mais alguma coisa que eu precise saber? Por favor, não minta mais para mim.

— Não. — Ela pressionou os lábios. — Não tem nada.

— Tudo bem. Preciso de um banho.



Durante o banho, senti que havia me casado com Ellie sem conhecê-la de verdade. O meu amor por ela não girava em torno de sua família, mas descobri em meio a todas as nossas brigas que a maioria delas se dava ao fato de minha esposa não conseguir conversar comigo. Nunca entenderia seus

PERIGOSAS ACHERON

motivos, porque nunca me mostrei como alguém que ela *não* pudesse confiar. Talvez todas as ações de Owen tivessem a levado a crer que ninguém era confiável o bastante.

Voltei para o quarto com uma toalha envolvendo a cintura. Ellie estava sentada à lateral da cama, abraçando o próprio corpo e empertigada, suprimindo a respiração. A tensão estava visível em seus músculos.

Fiquei parado, analisando o ambiente amplo. Embora parecesse pequeno, o quarto do apartamento naquele andar era o maior de todos, segundo Lucy. O espaço grande com uma cama de casal padrão, um banheiro mediano e uma aparência rústica de casa vitoriana. Pigarreei para chamar a atenção de Ellie, o corpo miúdo

PERIGOSAS NACIONAIS

sobressaltou e notei que sua atenção estava voltada para as duas malas apoiadas uma sobre a outra atrás da porta.

— Você não desfez as malas — observou, sem desviar os olhos para mim.

— Não tive tempo — menti e caminhei até o closet ao lado esquerdo da cama, onde coloquei apenas as peças básicas que usava à noite.

Na verdade, me faltou coragem para tirar peça por peça das malas e ajeitá-las em um canto onde as coisas de Ellie não estivessem juntas. Preciso admitir que no minuto em que a deixei para trás, me arrependi. Escondi o sentimento porque não queria que Ellie se sentisse pressionada ou que me considerasse um homem que não conseguia

PERIGOSAS ACHERON

compreender os próprios sentimentos. Por tudo que passamos, ambos tínhamos nos tornado confusos e complicados.

— Você não precisa ficar aqui, Lincoln. Pode voltar para casa. — Ellie se levantou em um rompante, mantendo os braços em volta do tronco. Ela queria se proteger de algo, mas não conseguia ver *do que* estava tentando se proteger.

Passei os dedos pelos cabelos úmidos e abri a porta do armário. Procurei pela camiseta de dormir enquanto Ellie queimava minha nuca com o olhar.

— Em três dias é dia de *São Valentin*. Vamos passar juntos.

Virei para ela, passando a camiseta pela cabeça. Em seu olhar havia uma súplica escondida por trás da voz mansa.

Não tinha me tocado que o Dia dos Namorados estava se aproximando. Sustentei o peso que seu olhar causava em mim, demolindo toda a barreira com os pensamentos conflituosos que me afetaram durante o banho. O olhar de Ellie, mais uma vez, me açoitava.

Se não fosse o toque do meu celular, reverberando na sala, teria aceitado imediatamente. Estava louco para acabar com esse iceberg que nos distanciava e quanto mais tempo passávamos separados, mais sentia que nos afastávamos.

Abandonei a toalha e Ellie arfou, sorri silencioso e me virei para o armário em busca de uma calça de moletom. Vesti-a e segui em direção ao aparelho barulhento e o encontrei na mesa de

centro, na sala. No visor vi que era minha mãe. Não era de seu feitio me ligar depois das dez, portanto imaginei que fosse importante.

Sentei-me à beirada do sofá e atendi a ligação. Ellie me acompanhou, se acomodando ao canto oposto dele.

— Oi, mãe. — Ellie subiu os olhos em minha direção, os fechou e inspirou. Poupei meus pais do drama que era o nosso relacionamento e nunca contei a eles os altos e baixos que vínhamos enfrentando há dois anos.

— *Lincoln! Ah, que bom que você atendeu. Fiquei preocupada de estar ligando tarde!*

— Tudo bem, mãe. Estamos acordados. — Encarei Ellie, para tranquilizá-la.

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo que Ellie nunca tivesse se afeiçoado a minha família como eu gostaria, agora entendia os motivos e esperava que toda a angústia de minha esposa pudesse ser superada.

— Seu pai e eu conversamos, faremos um jantar em família para o Dia dos Namorados. Por que vocês não vêm para cá? Faz tanto tempo que não passamos um tempo juntos!

Conhecendo Ellie como conhecia, sabia que sua resposta seria não. Mordi o canto da bochecha, chateado por ter que recusar o convite de minha mãe. Desviei para minha esposa, brincando com a barra da blusa distraída e nem um pouco curiosa. Com tudo que havia acontecido, ver o rosto impassível de Ellie me fez acreditar que isso poderia ser mudado. Se ela estava disposta a tentar de novo, incluía meus pais também.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou falar com a Ellie, mãe. Ver se tudo bem para ela fechar a livraria por três dias. — Ellie rapidamente voltou a olhar para mim, apoiei a mão no queixo barbudo e sorri torto para ela, em resposta.

— *Ah, maravilha! Por favor, diga a ela que estamos sentindo saudades. Significa muito para mim que vocês venham!*

— Eu te retorno amanhã. Tchau, mãe.

Assim que desliguei, Ellie manteve o olhar fixo em minha direção. Suspirei, puxei as pernas para cima e me arrastei até ela. Os glóbulos de seus olhos estavam acompanhando meus movimentos, saltando de um ponto para outro e fixaram em mim quando apoiei a mão em seu braço.

Há muito tempo não conseguia tocá-la

PERIGOSAS ACHERON

displacientemente daquela maneira. Havia me esquecido como sua pele era macia e como meu corpo todo despertava ao sentir seu calor. Enquanto meu indicador descia e subia por seu antebraço, traçando linhas ininteligíveis, os pelos se eriçaram. Sorri, comedido, não querendo causar a ela qualquer desconforto, mas aparentemente Ellie parecia relaxada ao sentir meu toque e seu olhar tinha um resquício de gratidão genuíno.

— Minha mãe quer que passemos o dia de São Valentin com eles. — Decidi não arriscar a uma troca de olhar indesejada naquele momento. Tinha medo de que acabasse ficando irritado com ela se, por alguma razão, Ellie estivesse enojando a ideia de voltar para Denver por meus pais. — Sei que nós estamos passando por uma situação complicada agora, Ellie. E que começamos uma conversa que não faço ideia de como terminar. — Aventurei-me

PERIGOSAS NACIONAIS

em olhá-la, encarar o que quer que estivesse acontecendo em seus olhos naquele momento e, para minha surpresa, ela parecia estar aceitando. — Sobre você, o seu pai e sua mãe, só quero que saiba que nada disso importa para mim da maneira como você pensa. Não ligo para quem seja o seu pai biológico, a não ser que isso seja importante para você. Para mim, você continua sendo a Ellie com quem dividi fones de ouvido na piscina da senhora Henrietta e que dançou *Can't help falling in love* comigo. Mesmo que eu tente, Ellie — inspirei, revirando os olhos e sorrindo —, não consigo evitar me apaixonar por você.

Eu pude jurar que seus olhos sorriram.

— Naquela época, quando me pediu em casamento, fiquei pensando se tinha feito a escolha certa em dizer sim. Eu havia descoberto a verdade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais dolorosa de toda a minha vida. Mas todos os dias depois daquele foram por nós.

— Hoje nós entramos para a lista de recordes. O dia em que brigamos menos e conversamos mais.

Ela riu, concordando com a cabeça.

— Lincoln, mas ainda tem uma parte de mim bastante egoísta. — Ela apertou os olhos em minha direção, como se me desafiasse. — Vou viajar para a casa dos seus pais, se você voltar para o lugar de onde nunca deveria ter saído: a nossa casa!

— Ellie Coleman — inclinei-me, ficando apenas alguns centímetros de tocar seus lábios —, você continua extremamente irritante e manipuladora!

— Lincoln Coleman, você ainda não viu nada.

PERIGOSAS ACHERON

Não recuei com a aproximação repentina. Ellie mantinha sua respiração regular, sem exaspero enquanto meu coração machucava meu peito, implorando para que eu cedesse à tortura de tê-la tão perto e não conseguir tocá-la por medo de ser rejeitado como nas outras vezes em que tentei.

— Ellie.

— Sim?

— Você vai se afastar?

— Não vou mais.

Ela segurou minha nuca e deixei o limite no fundo de minha consciência. Envolvi meu braço em sua cintura e puxei-a para o meu colo. Encerrei a distância e coloquei um ponto final definitivo na saudade. Acalmei meus nervos ao cobrir sua boca

com a minha e sem delongas, separei os lábios enterrando minha língua e apreciando o sabor adocicado que ela tinha.

Ellie gemeu baixo contra mim, agarrou meu pescoço como se quisesse ancorar seu corpo ao meu. Enfiei os dedos em seus cabelos, puxando-a para mais perto com urgência.

Senti cada nervo do meu corpo se contorcer, meu sexo se contraindo na calça e a ânsia de poder tê-la por completo. O som rouco que sua voz extraía ao se movimentar contra mim reverberava pela sala.

— Espera. — Ela parou, de repente, exalando o ar contra meu rosto. — Você tem camisinha?

Arqueei a sobrancelha direita, encarando-a apreensivo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, quer dizer — fechei os olhos, apertando a pálpebra com a ponta dos dedos —, tenho em casa.

Ela desmoronou, colocando a testa em meu ombro em uma visível derrota.

— Não vai rolar.

Ellie se afastou e mordeu a ponta do polegar. Ela se recusava a transar sem camisinha, mesmo depois que nos casamos e eu a respeitava. Um filho precisava vir quando os dois estivessem prontos e na situação atual, não precisávamos de uma bagagem extra. Embora ter um filho que tivesse os traços dela fosse um sonho.

Joguei a cabeça para trás deixando a frustração aparecer.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ellie — inspirei profundamente, com os lábios entreabertos, como se estivesse sufocando —, preciso aliviar essa tensão sexual. — Virei a cabeça de modo lento em sua direção, a expressão interrogativa fez marca em seu rosto.

A puxei para perto, envolvi seu tornozelo em punho até que seu corpo estivesse de volta em colisão ao meu. Eu a incentivei a subir em meu colo outra vez, acariciando sua cintura. Estudei seu rosto, a beleza natural e singular que Ellie tinha me deixava intrigado, hipnotizado e morrendo de tesão por ela. Minha esposa era o ser mais lindo que tive a sorte de encontrar. A luz que irradiava dela na nossa adolescência parecia estar mais forte agora, com ela entrelaçando minha cintura com suas pernas.

PERIGOSAS ACHERON

Com um impulso, estava de pé e os tornozelos de Ellie prensando minha costela. Apoiou as mãos na superfície de meus ombros e escondeu o rosto na curvatura de meu pescoço. Sua respiração estava densa, assim como a minha. Deitei-a na cama e seus cabelos esparramaram sobre ela. Não consegui evitar olhá-la, daquela maneira descontrolada, sem censura.

Seu jeans se assentando perfeitamente à curva acentuada de seu quadril, os cabelos ondulados e esparramados pela cama, ela mordiscando o lábio inferior de maneira enlouquecedora. Voltei algum tempo atrás, antes de tudo entre nós ficar absurdamente estranho. Como éramos bons juntos. Como éramos ótimos na cama.

Eu me inclinei em sua direção e desabotoei o botão de sua calça. Ellie exalou, mas não me impediu. Não pretendia chegar *lá*, mas o desejo pungente na minha virilha estava acabando comigo.

Desci o tecido até seus tornozelos, levando a calcinha junto.

— Me casei com você, Ellie, por todo o pacote.

Coloquei a mão sob o tecido de sua blusa de manga comprida, passeando com ela por toda a extensão de sua barriga e segui em direção aos seios visivelmente intumescidos. Ellie não costumava usar sutiã por baixo de tanta roupa de inverno, o que sempre tornava o trabalho de tirar as roupas íntimas mais fácil. Arqueando as costas, ela resmungou assim que meu indicador beliscou a ponta do mamilo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Sempre linda, excitante, com um sorriso que iluminaria uma cidade inteira. — Trilhei com o indicador em direção ao seu umbigo e parei, no momento em que a fitei morder o lábio inferior, esboçando seu desejo em pequenos detalhes. — Eu me casei por estar apaixonado por tudo que envolvia você.

Continuei descendo até estar com o dedo próximo ao seu sexo. Ellie respirou mais fundo quando a toquei. Apoiei o joelho direito dobrado na superfície da cama e tombei em direção ao seu lábio para beijá-la. Meu dedo escorregou mais alguns centímetros, separando os lábios vaginais e, por instinto, Ellie se inclinou mais em minha direção, pedindo que eu a tocasse mais fundo.

Movi o dedo lentamente, penetrando-a.

PERIGOSAS ACHERON

A expressão sôfrega aplacou seu rosto.

— Lincoln?

— O que foi, amor? — sussurrei, beijando a lateral de seu pescoço.

— Faz isso de novo — exigiu em um apelo quase silencioso.

Retirei o indicador e, mais bruscamente, penetrei-a outra vez. Ela arfou, se agarrando ao meu ombro, cruzando os braços em minha omoplata. Beijou meu queixo e voltei a pressioná-la, usando dois dedos dessa vez.

Embora não pudesse estar dentro dela, como meu desejo ansiava, podia estar com ela como costumávamos fazer. Com o passar dos anos, o

sexo se tornou tão bom que era impossível, para nós dois, ficar sem.

O gemido que escapulia por seus lábios entreabertos deixou de ser controlado e ela passou a ignorar para se entregar ao que queria.

O meu toque. A minha boca na sua. Matando a saudade que nos matava.

Depois de todo aquele tempo sem admitir que a amava, quando fiz pela primeira vez de novo, não conseguia parar. Queria ser bruto para amá-la da maneira selvagem como estávamos acostumados e queria ser gentil para que ela tivesse a certeza de que ainda éramos nós. Com um relacionamento que precisava ser reconstruído e uma vida inteira pela frente para fazê-lo.

Com esse pensamento, afastei meus dedos de
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua entrada encharcada e observei seu rosto. Ela estava prestes a resmungar pela distância quando me abaixei naquela direção e, em um ímpeto, afundei meu rosto entre suas pernas. O grunhido imperioso que golfou entre seus lábios me deu motivação. Raspei a língua contra a carne inchada, lambendo e sugando a região sensível.

Ellie gemia meu nome.

Ellie me pedia por mais.

Agarrou-se aos meus fios de cabelo e se entregou ao clímax enquanto o puxava.

Ela se entregou.

E eu a amei mais uma vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Então, obrigado
Por me dar uma chance
Eu sei que não é fácil
Mas eu espero fazer valer a pena”*
NEXT TO ME – IMAGINE DRAGONS

Acordei no meio da noite. O braço de Lincoln me prendia contra seu corpo. Fui cuidadosa ao escapar de seu abraço protetor, com medo de

PERIGOSAS ACHERON

acordá-lo. Em silêncio, segui em direção ao banheiro e, de frente para o espelho, estudei minha expressão.

Embora cansada, eu estava visivelmente satisfeita. Meu rosto vermelho e meus cabelos grudados em minha testa devido ao suor me fez sorrir para o reflexo, orgulhosa por ter lutado bravamente nos últimos dias pelo amor que tinha por Lincoln. O homem que de alguma maneira conseguia demolir qualquer barreira que eu impunha.

Contar a ele sobre meu pai e como aquele dia havia sido horrível para mim, não foi fácil, mas no fim, estava feliz de ter feito.

Eu consigo ir até o fim.

Voltei para o quarto, mas não resisti a vontade

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de assisti-lo dormir. Com a lateral do corpo e a cabeça descansando à soleira da porta, cruzei os braços. Lincoln tinha cobertores em volta de si, a cabeça virada em minha direção, dormindo serenamente. Pedi a Deus, em silêncio, que me permitisse lembrar daquela tranquilidade para sempre.

Eu não era o tipo de pessoa que acreditava em Deus, mas naquele momento em especial, quis acreditar.



Eu tentava não pensar muito sobre meu passado e meu pai biológico. Nunca tive vontade de conhecê-lo nem curiosidade de saber a sua história com minha mãe. As palavras duras esbravejadas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por Owen, o homem que me criou, bastaram para que eu criasse repulsa; tanto por minha mãe, como por ele. No entanto, não significava que concordava com as ações do meu pai de criação. Se ele não a amava mais, devia deixá-la livre e se libertar.

Tinha medo que Lincoln e eu estivéssemos seguindo os passos dos meus pais. Eu o amava e estava lutando contra tudo, até comigo mesma, para que não cometesse nenhum outro erro com ele. Mas nossos três meses mal começaram e já sentia que estava traindo sua confiança.

Levantei antes de Lincoln naquela manhã, preparei torradas e deixei sobre o balcão. Peguei minhas coisas e fui para a livraria, na esperança de que ficaria sozinha. No caminho, telefonei para Asa e ao agradeci por ter ficado com Snow. Pedi que

PERIGOSAS ACHERON

cuidasse dele até as quatro e o buscaria antes de sair de viagem. O garoto concordou, mas exigiu um extra pelas horas a mais.

Assim que cheguei à livraria, Zoe estava empoleirada em uma escada mediana, com um pano úmido limpando as estantes. Embora a plaquinha de fechado estivesse pregada na porta, minha funcionária dedicada abria a livraria quase duas horas antes.

Zoe desceu os degraus em pulos e veio para a recepção.

— Você chegou mais cedo. — Retirei o cachecol e estreitei os olhos em sua direção.

Loira, de cabelos ondulados que emolduravam seu rosto fino, Zoe tinha uma aparência sempre apresentável. Diferente de mim que usava as roupas

PERIGOSAS ACHERON

do dia anterior e um coque alto para disfarçar o cabelo sujo.

— Passei a noite fora. — Desviei dela, que ficou enraizada no caminho e rumei para o escritório. — Vou viajar, Zoe. Você pode cuidar da livraria enquanto eu estiver fora?

Ajeitei-me atrás da mesa, tirei o casaco e o pendurei no assento da cadeira. Zoe me seguiu e escorou o corpo ao batente da porta.

— Você sabe que não me importo. — Deu de ombros, com certo desdém. Porém, em sua expressão havia um semblante curioso. Ela mordeu o lábio como se tentasse reprimir a vontade de me perguntar.

Suprimi um suspiro.

— Vou para Denver. — Liguei o computador e Zoe aproveitou meu momento de distração para se sentar na cadeira à minha frente. — Com Lincoln — pontuei, arqueando a sobrancelha direita.

— Vocês se resolveram? — ela quis saber. — Espera um pouco — jogando o corpo para trás, um sorriso atrevido se estendeu no rosto de Zoe —, você está um *pouquinho* diferente hoje.

Parei de mexer nos papéis sobre a mesa para escutá-la. Zoe estava sorrindo abertamente.

— Como assim *diferente*? — disse enfática. Apoiei as mãos no rosto.

— Parece que você está com uma cor a mais. O que fizeram ontem? — Sustentou o peso do corpo ao descansar o braço na superfície da mesa. Uma sobrancelha de Zoe se ergueu, sendo sugestiva. — PERIGOSAS ACHERON

E eu vi o seu sorriso quando entrou. Vocês se resolveram na cama também, não foi? Sinceramente, estou com inveja — bufou, tombando a cabeça para trás. — Queria ter um marido para me satisfazer depois do estresse do dia!

Revirei os olhos, mas não deixei de sorrir.

— Você pode arrumar um namorado, Zoe.

— Em Aspen? O único homem bonito aqui são os famosos que vemos visitando a cidade. E Ethan, mas ele é um completo babaca. Nem que fosse o último homem de Aspen teria coragem de ficar com ele.

— Ah, merda! — Bati com a testa no tampo da mesa, me lembrando de que, desde a noite passada, não havia falado com minha irmã. — Droga.

PERIGOSAS ACHERON

Droga!

— O que foi?

Peguei minha bolsa e o casaco, corri de volta para a entrada e apanhei o cachecol sobre o balcão da recepção. Quando abri a porta para sair, Natalie estava amparada na parede da livraria de braços cruzados e encolhida.

— Natalie?

— Oi! — Ela riu e abriu espaço para que pudesse entrar.

Zoe acenou para ela e apontou para a escada, me avisando de maneira silenciosa que voltaria ao trabalho de limpar as prateleiras.

Suspirei aliviada por Natalie estar ali. Gesticulei com a ponta do queixo em direção à porta aberta do meu escritório e voltei para a sala. Minha irmã me seguiu por todo o caminho e assim como antes, fui me desfazendo do cachecol, do casaco e a bolsa.

— Então, como foi a noite? — minha irmã perguntou, sentando-se no sofá de corino. — Para ter passado a noite toda fora, vocês devem ter se acertado.

Subi e descii os ombros de maneira rápida, quase imperceptível. Natalie acompanhou o movimento sutil com os olhos.

— Eu fico feliz por vocês, Ellie — disse intransigente, mas embora estivesse parecendo sincera, a dureza em sua expressão me deixou

preocupada. — Passei a noite na sua casa e até pensei em acabar na cama com Ethan, mas não quero ficar em maus lençóis com Trenton. Estou mesmo gostando daquele cara. — Enchendo seus pulmões com ar, do bolso de seu casaco, Natalie tirou as chaves de casa e a depositou na mesa. — Encontrei... umas coisas no seu banheiro esta manhã. Eu quis te ligar, mas achei melhor vir e falar com você pessoalmente.

— Não tem nada de mais no meu banheiro. — Sorri, mas pude sentir meu queixo fraquejar.

Antes mesmo de Natalie me dizer, precisei encará-la nos olhos. Estavam vermelhos, chorosos, obtusos e inchados. Se tinha uma coisa que minha irmã se recusava a fazer era chorar na frente das pessoas. Um sentimento que ambas compartilhávamos: demonstrar fraqueza, se expor a

PERIGOSAS NACIONAIS

tal fragilidade fugia de nossa personalidade extremamente forte. Talvez eu fosse mais complicada que minha irmã, mas ainda dividíamos o mesmo poder de autocontrole para nos beneficiar e principalmente, proteger.

— Ellie, se você está com problemas... com drogas...

— Natalie. — Pressionei os lábios, impedindo que ela continuasse. — Chega. Não quero te ouvir.

Natalie apertou a boca, se calando, mas ao empertigar o corpo, soube que minha irmã não estava desistindo, apenas resistindo.

— Você está tentando acabar com a própria vida outra vez? Lincoln sabe?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lincoln não sabe de nada e agradecerá se você não contasse a ele.

— Ele é seu marido. O homem que você escolheu compartilhar a vida! Será mais doloroso para ele descobrir sozinho!

Em um ímpeto, fiquei de pé. Fiquei com medo de que minhas pernas trepidassem e acabasse desmoronando de vez. Natalie me acompanhou com o olhar quando me levantei. Apoiei com a ponta dos dedos na madeira superior da mesa, aprumei o corpo inalando o ar quente.

— São só remédios para me manter calma.

— Não, Ellie, são anticonvulsivantes! — Ela se levantou, impondo sua autoridade sobre mim. — Estou preocupada com você.

PERIGOSAS ACHERON

— Não tem com o que se preocupar. Estou bem, Natalie. De verdade!

Fechou os olhos e sustentou o peso do corpo com as mãos espalmadas no tampo da mesa.

— Não conte nada a ninguém, está me ouvindo? Esse segredo não é seu para espalhar. — Apontei o dedo em riste para seu rosto. Seu lábio tremeu em resposta. — Se a mamãe ou Lincoln souber, você terá implantado uma guerra, feito um drama completamente desnecessário, então, por favor, fique quieta sobre isso!

— Você está falando como o papai agora. — Meus ombros tensionaram, porque nunca contei a ninguém sobre as coisas horríveis que já tinha escutado da boca de Owen, contudo, Natalie parecia conhecer cada palavra. — Eu sei. Na sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cabeça, Ellie, você pensa que foi a única a ter que lidar com as traições, mas não foi. É por causa disso que fui embora, porque não aguentava mais. Eu sentia como se fosse um fardo pesado para nossos pais e, na primeira oportunidade, eu resolvi sair. Foi escolha sua, não nossa, escutar e aceitar tudo que o papai dizia. Também foi escolha sua absolver as maldades que ele dizia. E também foi total escolha sua não contar nada a mamãe. Quando eu descobri a primeira vez, corri e contei a ela. Mamãe nunca se importou com nada disso, então parei de me importar também. Você devia ter feito o mesmo!

— Por que você está me dizendo todas essas coisas?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para que você pare com essa idiotice de achar que a vida inteira tudo foi ruim *só* com você! Era ruim para todos, merda! — ela gritou a última frase, resfolegando como se estivesse usando uma força extracorpórea para me fazer entender. — Vou te dar um tempo para se resolver com Lincoln e finalmente acabar de uma vez com todas as mentiras. Depois, quando eu voltar, se não tiver contado a ele que está se drogando com anticonvulsivantes, eu juro por tudo que é mais sagrado, Ellie, farei por você.

Desabei quando a porta do escritório bateu. Desabei no sentido literal, de me desmanchar em lágrimas, de me odiar por mentir para todos e, principalmente, para mim mesma. Eu me odiei tanto. Detestei cada segundo que passei, no último mês, tentando me convencer de que tudo ficaria

PERIGOSAS ACHERON

bem se eu conseguisse reatar com Lincoln. Se conseguisse ao menos salvar o meu casamento, mas tudo que fiz foi contar mais e mais mentiras.

Para mim.

Para todos.



Passei o resto do dia enraizada em minha cadeira no escritório, agindo como se não estivesse magoada com minha irmã e colocando nossa conversa acalorada no fundo do baú de minhas memórias ruins. Quando me recuperei do choque, respirei fundo e comecei a trabalhar. Natalie, entretanto, estava certa. Precisava encerrar de uma

PERIGOSAS NACIONAIS

vez por todas o sentimento de autoflagelação que tinha por mim mesma; superar os problemas com meus pais.

Portanto, decidi que visitaria meus pais em Denver e colocaria um ponto final naquela história. Não havia razão para permanecer naquele eterno martírio, presa em minha própria bolha, lamentando meu passado devastado e vergonhoso. Precisava seguir adiante.

Suspeitei que Zoe tivesse escutado grande parte da conversa, mas nenhuma de nós mencionou o assunto. Resolvi não importunar minha funcionária com perguntas que pudessem chateá-la. Zoe tinha discrição, precisava admitir. Ela sabia quando falar e quando agir como uma completa estranha para mim. Naquele momento, era exatamente dessa maneira que ela agia.

PERIGOSAS ACHERON

Nosso dia de trabalho foi em um ritual silencioso. Ela apareceu no meu escritório três vezes, trazendo consigo chá de canela e maçã. Na terceira e última, trouxe biscoitos de açúcar. Dei uma ordem para que ela colocasse um aviso na porta de *contrata-se* e, quando voltasse de viagem, começaríamos as entrevistas. Ela pareceu animada com a ideia. Não discutimos o perfil ideal, contanto que a pessoa se parecesse com Zoe, a livraria ficaria bem.

Por volta das três e meia, Lincoln apareceu. Usava óculos de sol, cachecol preto que eu tricotara para ele, a famosa blusa rolê e luvas de algodão esquentando as mãos. Ele entrou, cumprimentou Zoe – eles não tinham muita intimidade para conversas longas – e ficou esperando enquanto terminava minha encomenda de livros com as editoras. Quase vinte minutos depois, ele

continuava apoiado ao balcão da recepção, inspecionando com os olhos curiosos os cantos da livraria.

No começo, eu o ajudei a montar sua loja de snowboard e itens para turistas e ele me ajudou a montar as prateleiras da livraria. Ele fez todo o trabalho de carpintaria e organizamos os livros por ordem de gênero. Foi um dia divertido que eu nunca esqueceria.

A porta do meu escritório estava semiaberta, então pude assisti-lo enquanto me esperava. O cotovelo descansava na superfície de madeira óleo, a barba crescendo cada dia um pouco mais. Seu perfume, *Cool Water*, tão conhecido por mim, se maculando por toda a livraria. Inalei o cheiro ao inspirar profundamente. O barulho que fiz ao puxar o ar, o fez desviar os olhos para a minha direção e,

PERIGOSAS NACIONAIS

como se tivesse sido pega no flagra, abaixei a cabeça, disfarçando enquanto guardava os papéis na primeira gaveta da mesa.

Lincoln caminhou lentamente em minha direção. Empurrou a porta devagar e se encostou à lateral, cruzou os braços para me perscrutar perdida em meio à bagunça.

— Já estou terminando — anunciei. O cheiro de seu perfume estava distante, mas agora parecia que me rondava como uma tortura interminável.

Levantei-me de repente e, no intuito de ser rápida, bati com a cabeça na prateleira acima de mim. Lincoln se locomoveu e senti sua mão se fechar em volta de meu punho quando tentei acariciar minha cabeça, na região dolorida. Ele riu baixinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é tão desastrada — observou e, devagar, sua mão massageou onde minha cabeça havia trombado com a prateleira. — Não combinou com Asa às quatro? — Ergui o rosto em sua direção. Lincoln estava com o cenho franzido, escrutinando meu rosto.

— Combinei, mas enviei uma mensagem a ele avisando que atrasaria um pouco — argumentei, voltando a minha tarefa de guardar os papéis bagunçados na mesa. — Também conversei com ele para ficar com Snow enquanto estivermos fora.

— Ethan disse que pode ficar com ele. — Lincoln deu de ombros e escondeu as mãos enluvadas no bolso de seu casaco preto.

— E você confia no Ethan? — Vinquei a testa e uni as sobrancelhas no centro da testa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que não confiaria? Sei que não parece, mas ele é bem responsável.

— Claro — desdenhei e peguei minha bolsa depois de vestir o casaco, ainda desorientada pelo perfume.

Fechei a porta do escritório e rumamos para a saída. Despedi-me de Zoe e avisei que estaria de volta em três ou quatro dias. Do lado de fora, Lincoln fez algo que há muito tempo nenhum de nós fazia. Ele estendeu a mão para mim, incentivando que eu a segurasse no percurso até seu carro recentemente consertado.

Encarei a mão estendida, me perguntando se assim que a aceitasse, ele me rejeitaria. Ainda estava me acostumando à ideia de estarmos tentando de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi? — Ele riu quando notou que eu hesitava. — Qual o problema?

— Sua mão — acentuei, encarando a mão suspensa em minha direção com a palma virada para cima. Embora estivesse coberta por um tecido quente, conhecia sua mão e o calor familiar que ela tinha. — Nós não andamos de mãos dadas desde que nos casamos, Lincoln.

Ele suspirou, mas não parecia tão frustrado como imaginei que estaria. Minha mão direita escondida no bolso do casaco, assim como a mão esquerda dele. Lincoln puxou meu braço e deslizou os dedos por toda extensão, em busca dela. Quando a encontrou, entrelaçou nossos dedos e me puxou para perto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estou levando todas as minhas coisas de volta — ele avisou, com um sorriso no rosto. De repente, fiquei preocupada que Lincoln encontrasse os remédios que escondi em um fundo falso na gaveta do banheiro social. Pensei que conseguiria ser mais articulada em disfarçar, mas em um rompante, nossos corpos estavam parados no meio do passeio, impedindo a passagem. — Aconteceu alguma coisa?

— Tive uma discussão com Natalie hoje de manhã. Ela foi embora.

— Por que discutiram? — Lincoln parecia surpreso e fiquei aliviada por Natalie ter cumprido sua promessa de manter segredo.

— Ela acha que sou egoísta. — Ri, mas sem nenhum humor. — E tem toda razão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln suspirou e colocando a mão em minha nuca, desfez a distância que mantinha nossos corpos separados. Descansei minha testa em seu peito e fechei os olhos.

— Pensei que eu fosse a única sofrendo pelo que sei sobre o meu pai e a minha mãe, mas ela também sabe.

— Não posso discordar da sua irmã que às vezes você é egoísta, mas isso não quer dizer que não esteja mudando. Em outros tempos, não teria me contado sobre essa discussão e passaria o resto do dia chateada. Nós acabaríamos brigando porque, ao tentar te ajudar, você colocaria a culpa em mim e tudo ficaria um caos. Ter sido sincera comigo agora faz toda a diferença.

PERIGOSAS ACHERON

Voltamos a caminhar. Fui guiada quase o percurso todo por Lincoln. Sua mão envolvida em meus dedos, a outra amparando minha cintura e o toque carinhoso de seus lábios em minha têmpora foi como jogar gasolina sobre uma casa em chamas.



Mordi o lábio assim que vi Lincoln soltar o peso de seu corpo sobre a nossa cama. Eu estava retirando o casaco, assistindo apreensiva Snow correr pela casa, saltitando de alegria pelo meu marido. Ele estava em casa. Embora isso fosse real, ainda havia uma muralha nos separando. A muralha que eu criei em volta de mim contando mentiras e guardando segredos. No momento em que entrei no quarto, quis dizer a ele tudo sobre minha conversa

com Natalie, sem esconder nada, mas não sabia por onde começar ou se ele compreenderia minhas razões por ter mentido de novo.

E se ele soubesse e acabasse indo embora outra vez? Se descobrisse, eu veria nos olhos dele a decepção? Ou pena por que estava me afundando? Não queria ver nenhuma dessas reações partindo de Lincoln. Não queria que se decepcionasse ou me odiasse nem ouvir mais uma vez que fui egoísta.

— Quer ajuda para arrumar suas coisas? — perguntou, se referindo à mala que precisava fazer para passar os próximos três dias em Denver.

— Não, tudo bem. Pode descansar. — Sorri e voltei para o closet.

Procurei pela mala antiga de couro velho escondida sob caixas de sapato e lembranças de PERIGOSAS ACHERON

infância. Encontrei-a sob um amontoado de roupas para doação. Afastei as caixas de papelão para o lado e puxei a mala. Lincoln ficou olhando para mim enquanto dobrava uma blusa.

— Você tem certeza de que está bem em relação a sua irmã?

— Para ser sincera, não. Acho que eu preciso falar com a minha mãe sobre meu pai. Meu pai biológico — acrescentei, parando na frente de Lincoln. Suas pernas estavam dobradas para fora da cama e as solas dos pés tocavam o chão. — Descobrir quem ele é.

— Se é importante para você, podemos fazer isso juntos. — Lincoln se levantou, ajustou a postura e estendeu a mão para me tocar. Enlaçou meu braço e, de repente, estava sentada em seu

colo, passando os braços em volta de seu pescoço.
— Vou ficar do seu lado, Ellie, e compensar todos esses anos que você viveu com esse segredo sozinha. Por favor, não tente me afastar.

— Não vou. — Suprimi um suspiro e apertando fortemente o ombro de Lincoln, continuei: — Mas precisa me prometer que, se eu precisar de espaço, você tem que ceder. Não é um assunto fácil para mim e com certeza não será para minha mãe, Lincoln.

— Tudo bem. — Ele afastou uma mecha longa de cabelo que cobria meu ombro direito e a jogou para trás. — Eu prometo. Se acenar duas vezes, eu me afasto.

— Obrigada.

— Agora, você precisa arrumar suas coisas.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Logo vai anoitecer. — Ele sorriu e beijou meu queixo, em seguida, segurou minha nuca para me manter por perto e subiu alguns centímetros. Invadiu lentamente minha boca, raspando a língua aveludada na superfície de meus lábios e intensificou o beijo até que não pudéssemos mais respirar. — Ellie.

— O quê?

— Você ainda me ama? — Ele encostou a testa na minha e inspirou.

— Por que você está me perguntando isso agora?

— Porque, mesmo que você tenha insistido tanto para não nos divorciarmos, não ouvi você dizer que ainda me amava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele tinha toda razão. Embora meu coração soubesse, Lincoln precisava ouvir. O ser humano tem essa necessidade de ouvir o tempo todo como o outro se sente.

— Você sabe que falar em voz alta me apavora.

Lincoln franziu a testa.

Tínhamos conceitos diferentes sobre o amor. Para mim era sentir e pronto. Para Lincoln era sentir e dizer. Ele tentou, mas não conseguiu esconder a expressão de derrota evidenciando as linhas em seu rosto.

Segurou minha cintura com as mãos abertas e me afastou, colocando-me sentada na cama ao seu lado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Uma mudança de cada vez — murmurou e, se não estivesse me inclinando em sua direção, não teria o escutado.

— Por que dizer em voz alta é tão importante para você? — refutei, abraçando o próprio tronco.

— Porque você não é transparente, Ellie. Nunca foi. Suas emoções, seus sentimentos, a maneira como você toma suas decisões me deixa confuso e não faço ideia de como agir depois. Quero ouvir você dizer!

— Estamos juntos. Eu praticamente implorei para você voltar para mim! Não é suficiente? — questionei, minha sobrancelha direita arqueada. Lincoln já estava de pé, se afastando e, de repente, estávamos discutindo de novo e nem era algo importante.

PERIGOSAS ACHERON

Fechei os olhos e puxei o ar para meus pulmões lentamente.

— Não quero brigar com você. Sei que vamos ter problemas e juro que estou me esforçando — eu o encarei, ele mantinha a postura austera e de braços cruzados na minha frente —, mas vamos devagar. Por três meses, vamos devagar. Se o que tenho a te oferecer não for o bastante, você pode simplesmente ir embora.

Lincoln assentiu, concordando em silêncio e se virou, rumo ao banheiro do quarto.

Esperei que ele voltasse, que se desculpasse, que dissesse que entende como me sinto, mas não aconteceu. Encarei a janela, a neve que caía sutilmente e criava um manto gélido sobre as ruas de Aspen. Sempre que discutíamos, nevava. Era

PERIGOSAS NACIONAIS

como um sinal Divino de que nós precisávamos começar a compreender o sentimento um do outro. Embora amasse Lincoln com todo o meu coração, mesmo que cada batida em meu peito pertencesse a ele, ainda não era o suficiente para que ele entendesse.

Escutei o chuveiro sendo ligado e soube que ele tinha dado aquela conversa por encerrada. Nós voltamos a brigar, talvez não da maneira como costumava acontecer. Pensei que soubesse a proporção do meu sentimento por Lincoln, mas foi quando fiquei com medo de perdê-lo que descobri quanto o amava.

Unindo toda a coragem que tinha, movida e guiada por ela, andei em direção à porta do banheiro. Como esperado, não estava trancada e a fechei atrás de mim ao entrar. Lincoln estava

PERIGOSAS ACHERON

distraído, ensaboando os cabelos. O vapor subia, embaçando o espelho e o vidro do boxe. Respirei fundo, o ar quente invadindo meu peito. Abri a porta de vidro, esperando que Lincoln ficasse surpreso, mas, na verdade, seus olhos recaídos sobre mim não tinham essa evidência.

— Eu não quero que você vá embora. Não quero que me peça o divórcio outra vez. Eu... — Fechei os olhos e inspirei, o cheiro do xampu masculino que emanava de meu marido me deixou entorpecida. — Eu não consigo, Lincoln. Mas isso não quer dizer que eu não sinta. Porque eu sinto. Sinto tudo, exatamente como você. Sinto de maneira intensa e dolorosa. Às vezes, quero gritar. — Comecei a andar de um lado para o outro, em um vaivém descontrolado, gesticulando com as mãos enquanto ele me assistia. — Você é cada batida do meu coração, Lincoln.

PERIGOSAS NACIONAIS

Foi rápido.

Muitas coisas aconteceram simultaneamente.

Minha perna. Ela fraquejou. Amoleceu no caminho e bambeou como duas gelatinas. Em um segundo estava de pé; no outro, buscava por apoio na pia do banheiro. A mão que correu à procura de sustentação errou o alvo e no segundo seguinte, estava no chão.

Eu havia tomado aquela porcaria nos últimos dias?

Tinha feito isso?

Estava me amaldiçoando tomando aqueles comprimidos?

PERIGOSAS ACHERON



Meu corpo desfalecia, mas eu vi e senti tudo. Escutei os gritos de Lincoln irrompendo pelas paredes, senti a dor lancinante e pungente em minha testa, quando bati com a cabeça na borda da privada. Senti o sangue escorrer, partir meu rosto entre as sobrancelhas e as mãos de Lincoln envolvendo minha cintura para me carregar para fora do banheiro. O seu corpo inteiro tremia, embora o meu parecesse amortecido, estava acordado e assistindo ao desespero que emanava dele.

Lincoln me colocou deitada na cama. Correu por todo o espaço amplo do quarto e foi em direção ao banheiro. Escutei o barulho de portas se abrindo

e fechando. Contorcia meus dedos dos pés de dor. Dor na minha cabeça. Comprimia os lábios e meus dentes rangiam. Em determinado momento tudo pareceu se intensificar em um som agudo, fundo e distante, porém, só incomodava a mim.

Através de um borrão vi Lincoln se aproximar e me ajudar a ficar sentada. Ele me pediu, com a voz embargada, para não me render a dor e não dormir. Ergui a mão instintivamente querendo tocar a ferida em minha testa, próxima ao couro cabeludo – de onde vinha a dor mais intensa – e Lincoln segurou meu pulso antes que meus dedos chegassem ao seu objetivo.

Pisquei uma. Duas. Três vezes.

PERIGOSAS NACIONAIS

Queria recuperar a visão, alinhar as imagens que meus olhos capturavam, entender o que estava acontecendo e o que pareceram ser dez minutos depois, o rosto preocupado de Lincoln finalmente voltou a sua forma normal.

A expressão fantasmagórica estava lá, da maneira como havia percebido, tão preocupado e respirando pesado, com medo de que minha queda tivesse trazido danos maiores além de um corte superficial no meio da testa.

— Você está bem? — perguntou ele, ao notar que estava voltando aos poucos e tocou gentilmente minha testa com um algodão molhado. Ardia. Ardia muito. — O que aconteceu, Ellie? Num minuto você estava falando e no outro estava desmaiando!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Acho que foi só um mal-estar — menti e, como em todas as vezes, Lincoln acreditou em mim. — Ai! — resmunguei, franzindo a testa.

— Já estou terminando.

— Você odeia sangue.

— É, eu odeio.

— Posso fazer isso sozinha, Lincoln.

Ele bufou, impaciente.

— Quero ajudar você, tá? Fica quieta! — exigiu quando tentei desviar do toque do algodão com antisséptico. Lincoln segurou meu rosto com a outra mão, para me manter imóvel. — Pronto —

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

avisou, colocou um band-aid e fechou a tampa da caixa de primeiros socorros. — Vou ligar para a minha mãe e avisar que não vamos.

Segurei o braço dele, impedindo que andasse. Lincoln olhou para mim repreensivo.

— Ellie, você está pálida. Acabou de desmaiar e está machucada. Não vou colocar você dentro do carro e viajar por três horas até Denver sabendo que você não está bem!

— Lincoln, eu estou bem. Foi só uma queda de pressão, não precisa exagerar!

Os vincos profundos em sua testa mostravam a mim que ele não deixaria as coisas assim. A maneira como cruzou os braços e umedeceu os lábios disse claramente que ele estava prestes a discutir comigo.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está comendo direito?

— Hoje foi complicado! — Gesticulei com as mãos e as apoiei no colchão. Fiz menção de me levantar e Lincoln fechou os olhos, inspirando profundamente em busca de paciência antes de segurar meus ombros para me manter sentada. — É sério, eu estou bem! Não consegui comer durante o dia porque fiquei trabalhando e Natalie apareceu logo depois. Não tive apetite.

— Uma viagem longa agora não vai ajudar.

— Eu quero ir.

— Você quer? — Sua voz saiu em tom zombeteiro. — *Você quer?* — enfatizou, arqueando uma de suas sobrancelhas. — Ellie, eu realmente não sei qual foi a última vez que você *quis* ir a PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Denver. Você só concordou porque fizemos um acordo. Eu viria para casa e nós visitaríamos meus pais.

— Foi um acordo justo. — Tentei me erguer outra vez e, de novo, Lincoln voltou a me sentar. — Olha só, eu quero. Quero ir de verdade. — Ele revirou os olhos. — Você sabe que, se eu não quisesse, já teria feito todo um drama para ficar. — Cruzei os braços, emburrada, porém, convincente. Os olhos ocres de Lincoln ficaram em um tom mais intenso e escuro. — Não sou mulher de fazer o que eu não quero! Você me conhece, Lincoln.

— Tá. — Ele estendeu as mãos para o alto, na altura dos ombros, em forma de rendição. Encarou meu rosto apreensivo, estudando minuciosamente

PERIGOSAS ACHERON

para garantir que não havia dúvida em minha expressão. — Mas se você se sentir mal outra vez, nós voltamos.

— Por mim tudo bem. — Dei de ombros. — Preciso terminar de arrumar minhas coisas.

Fiz minha última tentativa de me levantar. Lincoln, mais uma vez, empurrou meu ombro para que eu voltasse a ficar sentada. Embora parecesse impassível, vi um sorrisinho apontar no canto de seus lábios.

— Eu termino de arrumar para você.

Eu me encostei à cabeceira da cama e o assisti guardar as roupas que separei na mala. Não quis preocupá-lo, mas havia um resquício de tontura e moleza em minhas pernas quando olhava fixamente para ele. Precisava piscar algumas vezes para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recobrar a minha visão límpida, mas no segundo seguinte, ela estava se turvando outra vez. Quando ele olhava para mim, sorria despretensioso e me obrigava a retribuir.

— Ellie. — Ele parou, colocou a última peça na mala e a fechou. — Você me deve uma ida ao cinema.

Eu devia, sim. Mesmo que tivéssemos nos acertado um tempo depois de eu tê-lo dispensado, não tivemos a oportunidade de ter encontros românticos, como idas ao cinema. Comecei a trabalhar com meu pai e concentrar minhas energias em outro lugar. Um que me obrigasse a fugir da realidade que me cercava. Um que me abria as portas para um mundo exterior, onde toda aquela merda não me alcançasse.

PERIGOSAS ACHERON

Era apaixonada por Lincoln. O amava desde aquela época. Ele era meu ponto de fuga, embora ele não soubesse disso. Ir a encontros, ao cinema e coisas assim não faziam parte do nosso cronograma como casal. Seu pai o obrigou a trabalhar nos hipermercados assim que terminou o colégio e nossa vida foi dessa maneira desde então.

— Na verdade, Lincoln, é você quem me deve um encontro de verdade.

Ele sorriu para mim. Não um sorriso qualquer, mas aquele que abria as portas do paraíso para mim. Só para mim.



*“Contanto que você e eu
Viajemos por este mundo como uma dupla
Eu sempre terei tudo que preciso
Você nem percebe o que quer dizer
Ninguém poderia se apaixonar por você como eu
Ninguém poderia me pegar tão perfeitamente
Você nem percebe
Você é tudo que eu preciso
Porque eu quero você e eu, você e eu”*

YOU AND ME – JAMES TW

Quando Ellie e eu começamos a namorar, descobri verdades que nem mesmo ela conseguia perceber. A maneira como enrubescia sempre que eu me declarava, como sua íris ficava mais clara quando ela mentia e como escureciam quando ficava com medo.

Nós nunca fomos fãs de formalidades. Não a pedi em namoro, isso simplesmente aconteceu. Depois da primeira noite que ficamos juntos, a escola inteira comentou que não nos separávamos mais. Eu respirava Ellie Ann Tate. Não estou dizendo que é saudável, mas aconteceu. Pisquei e estava completamente apaixonado pela garota esquisita, que preferia a solidão.

PERIGOSAS NACIONAIS

O que nos tornou um casal oficialmente, foi quando paramos de negar que estávamos juntos. Então, o silêncio nos consentiu.

Parei de convidar outras garotas para sair, Ellie parou de ir à festas onde beijava mais caras que conseguia contar em uma única mão. Passávamos grande parte do nosso tempo na casa dela, mais especificamente na janela de seu quarto. Nós assistíamos o sol se pôr, víamos seu pai chegar tarde da noite embriagado – embora, em todas as vezes em que estive com Ellie, ele chegara sozinho – e recebíamos sua mãe quando ela voltava de viagem.

Quando se formou no colegial, a acompanhei em seu baile de formatura, mas não ficamos a noite toda. Nós dançamos algumas músicas e bebemos ponche até a meia-noite. Ela quis terminar a noite

PERIGOSAS ACHERON

na casa da senhora Henrietta, era mórbido, porque a casa nunca mais teve moradores depois da morte dela, mas era o refúgio de Ellie e ela não queria perdê-lo.

Sleep Talking, de Charlotte Lawrence, ressoava dos alto-falantes das portas do carro. Ellie estava com a cabeça recostada ao vidro, cantarolando baixinho para si mesma. Eu a estudei com vislumbre. Momentos únicos de uma Ellie relaxada e sorrindo sem se importar com as vozes barulhentas em sua mente, a julgando por não ter sido corajosa no passado.

Tirei a mão do volante para diminuir o volume. Os olhos obtusos de Ellie miravam em minha direção. Sorri para ela, inocentemente.

— Gosto de ouvir você cantar — confessei e voltei a me atentar a estrada.

Sáímos de casa às cinco da tarde. Estava quase anoitecendo e nevava. Naturalmente levaria em torno de três horas para chegarmos a Denver, mas com a neve isso poderia demorar um pouco mais. Decidimos deixar Snow com Ethan – mesmo que Ellie não aprovasse – e meu amigo não se importou de cuidar dele enquanto estivéssemos fora.

— Minha voz nem é tão boa assim, Lincoln. — Ela riu despretensiosa, jogando os ombros para cima tentando ser convincente. Mas, na verdade, Ellie tinha sim uma voz linda.

Era rouca e grave quando cantava. Tinha o timbre perfeito e ela não errava nenhuma nota.

— Agora você está sendo modesta —
PERIGOSAS ACHERON

provoquei.

— *Cause you've been talkin' in your sleep, oh oh* — ela cantarolou e aproveitei o embalo para acompanhá-la. — Gosto da melodia dessa música, mas a letra — Ellie suspirou, pousando as mãos entrelaçadas no colo — não é lá uma das melhores.

— A letra é legal. — Eu ri, mas o olhar repreensivo de Ellie me calou.

Charlotte cantava sobre seu parceiro, que durante o sono falava sobre a amante.

Porque você andou falando enquanto dorme, oh oh. E você andou aprontando comigo, eu pensei ter lhe dito uma vez, ooh. Eu acho que você não estava ouvindo. Eu aguardo até a manhã, posso até deixar você dormir. Não te darei um aviso, só saiba que eu estou partindo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— A letra só é...

— Sincera demais? — Ellie completou, as sobrancelhas estavam arqueadas em sugestão. — Traz lembranças ruins?

— É, um pouco dos dois.

— Você acha que se eu tivesse contado para minha mãe, ela teria deixado meu pai?

— Não sei, Ellie. Mas, independente da escolha da sua mãe, você não teria culpa de nada. Os dois são adultos, podem tomar as próprias decisões.

— Você tem razão, mas ainda me sinto responsável. — Ela desviou os olhos de volta para a estrada, que se ampliava a nossa frente. — Lincoln?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Hum? — Mantive o olhar preso e concentrado em dirigir.

— Obrigada por ter voltado para mim. Sei que não falo muito como me sinto — ela suspirou, fechando os olhos e vi pelo canto do olho quando seus dedos se fecharam sobre as coxas —, mas quando estou com você sinto que tudo o que eu preciso está bem do meu lado.

— Obrigado por ter sido resistência quando eu só fui caos.

Estiquei a mão para segurar a dela.

O resto da viagem passei acariciando as costas de sua mão com o polegar até que ela pegasse no sono.

PERIGOSAS ACHERON



— Não acredito! — Minha mãe sorriu, receptiva, saltou os degraus da varanda e correu em nossa direção.

Estreitei os olhos para Ellie, que encolheu os ombros com a proximidade de minha mãe e os gritos estridentes para toda a vizinhança ouvir. Meus pais a intimidavam, dava para notar mesmo quem não estivesse prestando atenção. Ellie ficava reclusa, escondendo o rosto e enviando para minha mãe sorrisinhos abafados.

Passei o braço em volta de sua cintura, buscando tranquilizá-la. Ellie sorriu em forma de agradecimento.

O que a assustava na minha família era a receptividade. Aquilo que não tinha com seus pais. Ela estranhava toda e qualquer forma de gentileza que eles viessem a ter, embora meu pai não acreditasse que fosse possível termos nos apaixonado tão perdidamente naquela época. Para ele, ainda estava agindo de acordo com o que minha mãe havia me pedido; ser gentil e amigável com Ellie, porque ela sofrera uma grande perda. Meu pai a aceitava, só não compreendia porque eu precisava me casar tão jovem.

— Vocês vieram. — Mamãe me segurou pelos ombros, ignorando completamente o frio que nos congelava do lado de fora. Ela me afastou de Ellie para poder me abraçar e me beijar. — Você está tão velho. — Ela deu leves palmadinhas em meu rosto, sobre a minha barba. — Jesus Cristo, Lincoln, você precisa dar um jeito nessa barba! — Revirei os

PERIGOSAS NACIONAIS

olhos. No minuto seguinte, estava debruçando sobre Ellie e a agarrando em um abraço que sufocava. — Você continua linda!

Minha mãe tinha cabelos loiros e lindos olhos verdes. Contudo, não herdei nenhum de seus traços delicados. Era robusto, alto e esguio como meu pai.

— Eu podia jurar que iam ligar e desmarcar. — Suspirou, pousando as mãos na cintura e encarou Ellie. — Ah, Ellie, tomei a liberdade de avisar aos seus pais que vocês estavam vindo. Eles ficaram muito felizes que vocês resolveram tirar uma folguinha!

Ellie estava engolindo em seco, olhando apreensiva para a minha mãe que tinha os olhos estalados em sua direção. Pressionei os lábios sem entender o que a reação de ambas significava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mulher odiava que minha mãe tivesse qualquer contato com seus pais. Depois de toda a explicação dolorosa de Ellie para mim, conseguia compreendê-la melhor e respeitar sua decisão de manter nossas famílias separadas. Por vergonha, Ellie não queria que minha mãe e meu pai soubessem que ela era uma mulher com um passado sombrio e que sequer conhecia seu pai biológico.

Não falamos mais sobre seu pai ou como isso a magoava. Sobretudo porque conhecia a minha esposa. Se ela quisesse falar sobre o assunto, encontraria um jeito sozinha. Eu forçá-la só pioraria as coisas.

— Hum... — Ellie pressionou os lábios. — Obrigada, Jenna.

PERIGOSAS ACHERON

— Imagina, querida. Achei estranho quando telefonei e descobri que você não tinha entrado em contato com eles ainda. — Mamãe começou a nos guiar para dentro da nossa antiga casa, entretanto, Ellie parou de súbito, os olhos fixos na casa ao lado. A casa da senhora Henrietta estava acabada do lado de fora, precisava de uma reforma e a grama ficava cada vez mais alta. Com um suspiro longo, Ellie balançou a cabeça e seguiu em frente. — Queria conversar com você sobre a casa da senhora Henrietta, Ellie. Se quisesse, eu poderia contratar alguém para cortar a grama semanalmente e, talvez, até uma pintura!

Assim que entramos, o ar quente do aconchego interior da casa nos chicoteou. Ela respirou fundo, ficando à vontade pelo calor. Retirei o casaco e o coloquei no closet, na entrada. Ajudei Ellie com

seu casaco e sua touca de inverno. Guardei seus pertences no armário, deixei nossas malas ao lado da porta e continuamos seguindo minha mãe.

Ela continuava exatamente como há seis anos. Tudo em seu tom neutro, porém, feliz. O toque de decoração da minha mãe continuava impregnado nas paredes da sala com luminária e vasos de plantas espalhados pelos vértices. Minha mãe nos guiou em direção a cozinha. Ellie esquadrinhava os cantos da casa, querendo reconhecer os detalhes.

— Meu pai não voltou ainda? — perguntei ao puxar a cadeira na mesa de jantar para me sentar. O cheiro de ensopado estava se espalhando pelo cômodo.

— Seu pai anda muito ocupado com o trabalho desde que você se casou e foi embora, ele não conseguiu contratar um substituto. — Minha mãe sorriu, como se quisesse me dizer que estava tudo bem, mas as olheiras e a maneira como o lábio inferior tremeu me mostraram o contrário. — É difícil você encontrar alguém de confiança. Mesmo que ele ficasse preocupado de deixar você sozinho às vezes, ainda assim você era o único confiável o bastante para assumir o lugar dele.

— Mas logo completa seis anos. — Ellie contraiu a sobrancelha involuntariamente enquanto encarava as costas de minha mãe.

— Eu sei, querida, mas o sonho de Robert era que o filho seguisse seus passos, afinal, a rede de hipermercados Coleman é uma empresa familiar. Para ser passado de geração em geração. Não

PERIGOSAS NACIONAIS

podemos entregar para qualquer um e, com certeza, Robert não conseguirá cuidar de tudo por muito mais tempo sozinho!

Vi quando Ellie se contraiu no seu assento e a culpa adornou seus olhos amendoados.

— Acho que ele tem esperanças de que Lincoln mude de ideia e concorde em voltar a trabalhar com ele. — Pela maneira como minha mãe olhou para mim, ela também tinha.

— Entendo. — Ellie hiperventilou por alguns instantes, antes que eu segurasse sua mão.

— Mas, e vocês? Como estão as coisas em Aspen? Aquela cidadezinha é mais pequena do que parece?

PERIGOSAS ACHERON

— Na verdade, ela é maior do que parece — Ellie respondeu, apoiou o antebraço no encosto de sua cadeira e virou o tronco em direção à minha mãe que estava mexendo no ensopado. — Aspen é mais frio que em Denver e todos lá parecem se conhecer. Eu gosto de Aspen — suspirou ao admitir. Sua mão esquerda ainda estava com os dedos entrelaçados nos meus. — É frio. Bonito e aconchegante. Também é onde tenho as lembranças mais bonitas da minha vida — confessou ela.

Os olhos de Ellie estavam pequenos pela viagem de três horas que, em grande parte, passou adormecida. Queria levá-la para o cinema, passar um tempo sozinho com ela, mas como estava caindo de sono, provavelmente me pediria para deixar para outro dia. Eu fiquei a encarando enquanto conversava com minha mãe, algo que notavelmente não acontecia com frequência. Elas

PERIGOSAS NACIONAIS

não tinham muito assunto, por Ellie ser sempre tão calada era de se esperar que a sua relação com meus pais fosse inexpressível. Porém, eu via através da maneira como esticava os lábios para sorrir ou como se movia desconfortável na cadeira, querendo manter o assunto.

Por um minuto, fiquei fora de órbita. Apenas observá-la ali, despreocupada e se esforçando tanto, me fazia lembrar de uma das razões de ter me apaixonado por Ellie. Ela era pertinente e obstinada. Poderia sim, em alguns momentos, se deixar agir pela impulsividade, ser levada pelo calor do momento e fazer escolhas que a faziam parecer egoísta, mas assim como seus defeitos, ela também tinha uma lista extensa de coisas incríveis que pertenciam somente a ela. Que se não fossem dela, não seria perfeito em mais ninguém.

PERIGOSAS ACHERON

Primeiro, seu sorriso. Eu o amava. Ele tinha energia e contagiava.

Segundo, seu toque. Era sempre com inocência, mas fazia minha pele arder.

Terceiro, sua coragem em ser persistente. As pessoas podiam dizer que sua livraria nunca daria certo em uma cidade como Aspen, mas Ellie nunca deu ouvidas a elas.

É interessante quando você coloca em uma balança o que te faz ser totalmente apaixonado por alguém.

De um lado, todas as coisas que você ama nessa pessoa; e do outro, todas as razões pelas quais você deveria abandoná-la. Se tivesse feito isso antes, não teria pedido a Ellie o divórcio. Enquanto a olhava, listando os motivos que me faziam ser tão louco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

por ela, me fez entender que havia mais razões para continuar ao seu lado do que simplesmente desistir dela.

E o mais louco sobre Ellie é que, quando minha mulher mentia, deixava rastros da verdade em cada palavra que dizia. E o mais louco sobre mim é que sempre estava apaixonado demais por ela para perceber.



Meu pai chegou mais tarde aquela noite, quando minha mãe estava prestes a pegar no sono no meio do jogo de *Jenga* que iniciamos depois do jantar. Como imaginei, Ellie se absteve de sair e me pediu para deixarmos para amanhã.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, Sr. Coleman. — Mais do que minha mãe, meu pai apavorava Ellie.

Ela se levantou do chão, passou as mãos abertas pelo jeans tentando limpá-lo de uma sujeira inexistente. Meu pai deixou sua pasta no sofá em que minha mãe estava sentada, beijou sua testa e sorriu para nós.

— Lamento ter perdido o jantar, Jenna — se desculpou. — As coisas ficaram realmente difíceis hoje.

Sem querer, Ellie esbarrou na mesa de centro e derrubou a pilha de tocos de madeira de nosso jogo.

— Parece que você perdeu de novo — brinquei, rindo ao olhar para as peças espalhadas pelo tampo.

PERIGOSAS ACHERON

— Quanto tempo faz que não jogamos em família, hein? — Meu pai se aproximou para cumprimentar Ellie, embora ele não fosse nenhum homem orgulhoso e horrível como minha mulher imaginasse, ela se retraiu um pouco ao retribuir seu abraço. — Posso me juntar a vocês?

— Guardei um pouco do ensopado para você, Robert. — Minha mãe ficou de pé e sorriu para meu pai. Ela saiu de mansinho enquanto ele retirava o paletó e o deixava no encosto do sofá atrás de si.

— Obrigado, querida! — ele gritou sobre o ombro e voltou seu olhar para mim e Ellie. — Como foi a viagem? Jenna e eu até apostamos se viriam ou não para nosso jantar. — Riu, coçando a ponte do nariz. — É claro que eu ganhei. Jenna estava deprimida, achando que vocês ligariam de

PERIGOSAS NACIONAIS

última hora e dariam qualquer desculpa, eu disse a ela que tinha a impressão de que vocês estavam determinados a vir desta vez.

— Ellie não se sentiu bem antes de sairmos — contei e Ellie se agarrou ao meu braço, refutando minha decisão. As sobrancelhas grossas dele se uniram no centro da testa. — Mas ela insistiu em vir, então cá estamos.

— Você está bem, Ellie? — meu pai quis saber, escrutinando o rosto pálido dela.

— Sim, estou. Foi só um mal-estar. É comum quando trabalho demais.

— Ah, eu entendo bem. — Meu pai cravou seu olhar em cima de mim e soube que teríamos uma conversa de homem para homem quando as garotas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estivessem dormindo. — Não durmo direito há dias.

— E nem come! — Minha mãe voltou com uma taça de vinho e a entregou para meu pai. — Está sendo difícil fazê-lo ficar relaxado.

— Muito trabalho, meu bem — confessou ele, bebericando da taça intensamente. — Uh, precisava disso. Obrigado, Jenna.

— Deixei seu prato na mesa. Vá comer antes que esfrie! — Minha mãe deu leves palmadas no ombro de meu pai para incentivá-lo.

— É claro. — Apoiando as mãos nas coxas, conseguiu impulso para se levantar. Ele me encarou por alguns segundos. — Lincoln, você me faz companhia enquanto as garotas remontam o jenga?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Olhei para Ellie. Um sorriso fraco escapou de seus lábios e assenti para meu pai. O segui em direção à cozinha. Ele se sentou e gesticulou com a ponta do queixo para a cadeira diante de si.

— Fico muito feliz que vocês tenham vindo, Lincoln. De verdade. Sua mãe estava realmente ansiosa para te ver. Comecei a desconfiar que teria que levá-la até Aspen para mostrar a ela que você estava bem, saudável e feliz. — Ele parou por um instante, perscrutando meus movimentos minuciosos ao puxar a cadeira e me sentar. A garrafa de vinho estava diante de seu prato fumegante. Ele aproveitou o momento silencioso para servir mais um pouco de vinho. — Você está feliz, certo?

— Nós tivemos alguns problemas, mas estamos bem agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não foi o que nós soubemos de Evelyn e Owen.

Vinquei a testa para meu pai.

— O quê? Vocês sabiam?

— Sabíamos de tudo, Lincoln. Ellie pode ser emocionalmente mais fechada com você, mas ao que parece conta muita coisa sobre o casamento de vocês para Evelyn. A mãe dela ficou preocupada e ligou para a sua mãe. É claro que nós sabemos que vocês são adultos, casados e podem resolver os próprios problemas.

— Mamãe não disse nada, que sabia que estávamos... nos divorciando.

— Sua mãe tem esperança de que Ellie não seja o monstro que as pessoas dizem que ela é.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pai, Ellie não é nenhum monstro. Evelyn exagera!

— Aquela garota não é um monstro, Lincoln, nós sabemos disso, mas também sei que, quando vocês foram embora, você recusou qualquer ajuda que viesse de mim por orgulho. Porque sabia que eu não concordava com o casamento repentino de vocês.

Meu pai deu uma colherada no ensopado e o enfiou na boca. Em seguida, tomou um gole longo do vinho. Descansou os punhos na lateral da mesa.

— O que você está tentando me dizer? — Afinal, meu pai não estava nem um pouco disposto a conversar comigo depois que elas dormissem. Queria falar agora, sem se importar que Ellie estivesse no cômodo ao lado.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu não te vejo tem três anos, Lincoln.

— Os últimos anos foram difíceis.

— Foram difíceis ou Ellie se recusava a sair de Aspen?

Joguei a cabeça para trás, controlei a vontade de revirar os olhos e apenas libertei meus pulmões ao soltar o ar pela boca com força.

— Foi uma escolha de nós dois, pai. Nós escolhemos não voltar para Denver por um tempo.

— Lincoln, só quero que saiba que nós estamos do seu lado. Sua mãe e eu sempre apoiaremos você, mesmo que não concordemos com suas escolhas. Não te vejo há tantos anos e eu fico realmente emocionado de te ver nessa casa outra vez. — Ele sorriu para mim e pude ver cada linha de expressão

PERIGOSAS NACIONAIS

despontando em seu rosto. Se levantou e deu dois tapas em meu ombro, brincalhão. — Obrigado por ter vindo, filho, estava sentindo a sua falta.

— Também senti a sua, pai.

Meu pai estava com os cabelos brancos e uma barba grande no mesmo tom. Os olhos estavam fundos em seu rosto, perdidos e afugentados.

— Quão ruim estão indo os negócios? — perguntei ao cruzar os braços e esticar as pernas debaixo da mesa, de forma descontraída.

Ele largou a colher no prato e cruzou as mãos embaixo do queixo.

— Quão ruim você acha que eles estão?

— Pelo que a mamãe disse? Estamos falindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Já estivemos piores, pode acreditar em mim.

— Pai — pigarreei e endireitei o corpo na cadeira —, vou te perguntar uma coisa e quero que seja totalmente sincero comigo.

— É claro, filho.

Descruzei os braços e estiquei a mão sobre a mesa, entrelacei os dedos e suprimi um suspiro, empertigando o corpo.

— Você precisa de mim aqui?

— Preciso. — Seu olhar ficou mais intenso, porém, havia um brilho de sinceridade cintilando neles que não via há algum tempo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Nos últimos três anos que fiquei sem vê-los foram os piores para mim. Diferentemente de Ellie, que era desapegada de seus pais, isso não funcionava tão bem comigo. Amava meus pais, estivemos juntos e fizemos viagens incríveis pelo mundo quando eu era apenas um garoto. Minha mulher nunca entenderia o sentimento, talvez explicar para Ellie fosse inútil, mas havia a necessidade de atendê-los quando precisavam de mim.

— Foi por isso que vocês me chamaram até aqui?

— Não, Lincoln. — Meu pai franziu a testa, sua voz soou indignada. — Por Deus, claro que não!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ellie e eu estamos vivendo um momento intenso agora, pai. Escolhas difíceis precisam ser feitas. E, bem, Ellie está diferente. — Mirei meu olhar nela, que já havia iniciado uma nova partida com a minha mãe. Seu olhar compenetrado na próxima peça que tiraria me fez perder o fôlego. A ideia de Ellie se chatear comigo esmagava meu coração, mas pensar que meus pais precisavam de mim também me deixava magoado. — Talvez eu consiga ficar algum tempo por aqui e te ajudar a recuperar os negócios.

— Você tem certeza?

— Não. — Roubei a taça de vinho de sua mão e a virei em um único gole. — Definitivamente não. Vocês são a minha família, pai. Mas a Ellie é parte dela e ela também precisa de mim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero que você fique em maus lençóis com sua mulher, filho. Você não precisa vir se não puder, mas me ajudaria.

Inspirei fundo e servi mais um pouco de bebida na taça. Dessa vez, até a borda.

— Eu vou falar com ela.

Meu pai me agradeceu muitas vezes enquanto brincávamos de virar as taças cheias com o líquido escuro.

Ellie e eu estávamos perto de tornar nossa reconciliação em realidade. Ainda era estranho para nós dois agirmos normalmente depois de tudo que passamos, mas não dava para negar e dizer que não tínhamos avançado nas últimas vinte e quatro horas.

PERIGOSAS ACHERON

Vinte e quatro horas de duas mil cento e oitenta e quatro horas.

Ellie e eu tínhamos duas mil cento e oitenta e quatro horas antes que tudo acabasse. Não queria desperdiçá-las, talvez todas as minhas escolhas tivessem sido diferentes se eu soubesse qual seria último capítulo de nossa história.



“Porque quando você ama alguém

Você abre seu coração

Quando você ama alguém

Você abre espaço”

LOVE SOMEONE – LUKAS GRAHAM

— Ellie, cuidado! — Jenna alertou, quando andei de costas para a tevê e quase a derrubei ao me encostar.

PERIGOSAS NACIONAIS

Estava com os olhos presos em Lincoln e Robert, tão preocupada com a conversa deles que perdi a concentração no que estava fazendo com Jenna, que era juntar todas as peças de jenga e recomeçar o jogo. Meu marido tinha o olhar apreensivo no pai, as mãos cruzadas sob o queixo e piscava lentamente, assimilando tudo que Robert dizia.

— Minha nossa! — soltei as peças no carpete e arfei, encarando Jenna. Um pedido silencioso de desculpas brilhou em meus olhos, mas não consegui mover os lábios. Lincoln olhou em minha direção, arqueando as sobrancelhas, preocupado com o movimento hostil que acontecia na sala.

— Tudo bem aí? — gritou, esticando o pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo ótimo, querido. Foi só a Ellie que derrubou as peças do jenga! — ralhou Jenna, me olhando repreensiva. — Mais cuidado, Ellie.

— Foi sem querer.

— Eu sei, só, cuidado. — Ela riu, tentando amenizar. Percebeu que o tom soou mais duro que o esperado. Com um suspiro, Jenna largou todas as peças espalhadas sobre o tampo de vidro da mesa de centro e deu palmadas no lugar vago ao seu lado no sofá. Sentei e cruzei as mãos no colo. — Estamos passando por um momento difícil na empresa, Ellie. Não quero que nada se quebre e tenhamos um prejuízo maior do que podemos pagar.

PERIGOSAS ACHERON

— Está tão ruim assim? — quis saber, encolhi os ombros no instante seguinte, porque não queria ser indelicada com Jenna, embora isso no passado não tivesse significado nada. Não me esforçava para agradar os pais de Lincoln.

— Está sim. — Suspirou e o olhar se tornou cabisbaixo. — Robert não está mais na idade para levar essa empresa sozinho. Até larguei meu emprego na revista local para poder ajudá-lo, mas...

— Espera — estendi a mão para pausá-la —, você largou seu emprego como jornalista no jornal? Lincoln sabe disso?

— Ah, não. Ele ficaria decepcionado comigo. — Seu pescoço se afundou no cardigã. — Queria contar a verdade a ele. Nós dois queríamos, mas

não tínhamos a intenção de preocupá-lo, quer dizer, não é como se Robert nunca tivesse passado por uma crise com a rede.

Até onde sabia, Jenna havia batalhado muito para conseguir seu lugar ao sol no jornal. Ela entrou como estagiária e ficou por muitos anos antes de conseguir subir de cargo e redigir matérias que as pessoas de Denver realmente fossem ler. A maioria dos sonhos são grandes, daqueles que você tem absoluta certeza de que é incapaz de alcançar, independente do quanto se esforce, seu braço é curto demais para escalar a montanha, mas não Jenna. O sonho dela cabia dentro da palma de sua mão, portanto, Lincoln e Robert não tinham dúvidas de que seria só uma questão de tempo até ela realizar seu sonho de se tornar uma jornalista

que tem matérias de grande importância. Os maiores assuntos da cidade de Denver eram escritos e falados por ela. Todos conheciam Jenna Coleman.

— É sobre isso que eles estão conversando? —
Olhei por cima do ombro, Lincoln estava bebendo vinho. Uma taça atrás da outra. A preocupação pareceu ter se intensificado, transformando o ar que o rodeava mais denso. Notei seu ombro tenso e a forma como seu olhar ficava perdido quando estava fitando o pai.

— Pela maneira como Robert está se contorcendo na cadeira, sim. Estão falando exatamente sobre isso.

— O que vocês esperam que Lincoln faça?

Ela suspirou, abriu e fechou a boca como se fosse difícil admitir em voz alta.

— Nós precisamos que ele fique por aqui, por um tempo, até que as coisas voltem ao normal. Seria de grande ajuda se ele pudesse ficar por um mês ou dois. Lincoln tem conhecimento em administração, Ellie. Robert criou toda a estrutura do negócio baseado em sorte, mas nem sempre podemos contar com ela. Nós precisamos do nosso filho.

— Eu também preciso dele.

Voltei meus olhos para Lincoln. Ele também estava mirando seu olhar em mim, perfurando minha nuca. Soube que ele ponderava, na verdade, pelo modo carregado de seu olhar, Lincoln já havia se decidido. Nós iríamos voltar para Denver ou ele simplesmente me deixaria em Aspen.



Quando Lincoln ficava confuso e precisava se afastar, ele ia para o banho. Provavelmente porque sabia que ninguém ousaria entrar no banheiro de repente com alguém lá. Nós subimos para seu quarto antigo em silêncio, contudo, ele notou que parte da história já havia sido adiantada para mim por sua mãe. Ele tirou a blusa, colocou as malas perto do closet e entrou no banheiro. O silêncio entre nós foi ensurdecedor.

A decisão que foi obrigado a tomar não era exatamente a que eu teria tomado. Ele nunca reagiu bem a pressão e, naquele caso, não havia muito o que se pensar.

Lincoln nunca quis viver em Denver depois que nos casamos. Sonhava com a sua independência, mas no auge de sua vida, houve a inversão. Agora seus pais dependiam desesperadamente dele.

Estava sentada na lateral da cama, olhando evasiva para a casa do outro lado do jardim. As janelas estavam fechadas e empoeiradas. O peitoril começava a descascar sua pintura. A casa de minha avó precisava de atenção e, diferentemente de Lincoln que se importava com tudo que envolvia sua família, não estava muito ligada à minha. Amava minha avó, mais do que eu um dia conseguiria dizer a ela. Não conseguiria viver naquela casa sem tê-la lá, mas me sentia ingrata quando cogitava vender.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto encarava aquela velha casa de três quartos, pensei em Lincoln. No dia em que ele me tirou daquela casa em minha festa de aniversário e passamos a nossa primeira noite juntos em sua cama.

Lincoln era como trilho para o meu trem desgovernado.

O quarto estava em seu tom de azul-escuro, as colchas na cama cinza e os móveis de madeira escura. Havia fotos de nós dois na mesinha de estudos, ao lado do closet e no criado ao lado da cama de casal, que ficava recostada na parede que ligava o banheiro. A luz que atravessava da janela acima do criado-mudo banhava todo o cômodo escuro. Tinha cortinas em tom de azul, com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

manchas cinzas imperceptíveis se não olhasse diretamente e um acarpetado puído em tom mostarda.

Mais de trinta minutos depois a água parou de escoar pelo encanamento. No tempo em que ele levava para se secar, tirei as botas, as roupas e vesti o suéter de gola rolê que ele estava usando antes de entrar no banho. Puxei o edredom e o lençol da cama, me aninhando sob o tecido. Recostei à cabeceira, encolhida no canto da parede enquanto esperava por ele.

O cheiro de xampu masculino e sabonete inundou o quarto assim que a porta foi aberta. Lincoln saiu por ela com uma toalha em volta da cintura, o cabelo molhado, a água escorrendo em gotas pelo ombro e peitoral. Mordi o lábio inferior ao sentir a fisgada entre minhas pernas ao vê-lo.

PERIGOSAS ACHERON

Sinto muita falta de tocá-lo.

Meu coração pulou para a garganta só de imaginar as mãos dele escorregando pela minha cintura. Senti minhas entranhas se contorcerem só de pensar nos lábios dele lambendo meu pescoço.

Ele parou de frente para o closet e se abaixou para pegar sua calça de moletom na mala. Puxei as pernas de encontro ao tórax, querendo distrair minha cabeça a pensar em outra coisa que não no corpo de Lincoln em cima do meu daqui a cinco minutos.

Ele soltou a toalha que caiu ao redor de seus calcanhares. Vi seu traseiro e, involuntariamente, estava sorrindo. Foi muito rápido; em alguns segundos, ele estava vestido e caminhando em direção a cama.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você quer sair? — perguntou e busquei pelo relógio no criado, ao lado do abajur aceso.

— Está tarde. São quase onze e meia — Ele anuiu, concordando comigo. Puxou o edredom e o lençol para se juntar a mim na cama. O cheiro de banho que emanava dele estava me deixando extasiada. — Lincoln?

— Que foi? — Virou o pescoço em minha direção. Suas costas estavam contra a cabeceira. Ele me encarava com um fio de esperança acoplando em seus olhos.

— A gente pode não falar sobre você se mudar para cá hoje? — Lincoln franziu a testa. Por alguns segundos, não dissemos mais nada. Ele esticou a mão para afastar uma mecha de cabelo que cobria

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meu olho. — Vamos conversar sobre como isso será ruim amanhã ou depois de amanhã. Não me importo. Só não quero falar nesse assunto hoje.

— O quão chateada você está? Só preciso ouvir isso de você hoje.

— Muito chateada — confessei.

— Sinto muito, Ellie. Eu te amo.

— *Sinto muito e eu te amo* na mesma frase é a pior de todas as respostas — sussurrei.

— Estou prestes a fazer uma coisa de que vou me arrepender. Sei que eles são meus pais, mas você também é parte da minha família. Não consigo me imaginar te deixando sozinha por dois meses!

PERIGOSAS ACHERON

Afastei as costas da cabeceira e me sentei em seu colo. Uma perna de cada lado de seu corpo. Lincoln arfou contra meu rosto, pousou as mãos em minha cintura e com um aperto, nos uniu um pouco mais. Seu peito desnudo tocou o tecido do seu suéter que eu usava. Suas mãos escorregaram gentilmente para debaixo do pano.

— Pensei que tivesse dito para não falarmos nisso hoje — refutei, entrelaçando os dedos na nuca de seu pescoço.

— Tudo bem, tudo bem. — Ele encostou a testa na minha e deslizou sua língua para dentro da minha boca, separando meus lábios.

Eu o beijei com fervor. Meu quadril deslizava sutilmente contra sua ereção. Ele grunhia contra mim e lambia meu lábio inferior sempre que se

PERIGOSAS NACIONAIS

afastava. O apertei contra meu corpo com força, puxando-o para mim quando fazia menção de nos afastar. Simplesmente queria aproveitar cada segundo que tivesse com ele, não importava quais as circunstâncias e como nós discutiríamos as coisas de agora em diante.

Só queria amá-lo. Senti-lo. Recuperar o tempo que perdíamos com brigas idiotas. Nós só tínhamos o agora e há algumas semanas, havia me decidido que o agora era tudo o que importava.

Lincoln segurou a barra da blusa que eu usava e ergui os braços para facilitar a tirada. Estava sem sutiã, o que facilitou o toque quente da boca dele em minha pele. Ele lambeu o bico intumescido do seio, contornando a aréola com a ponta aveludada da língua. Arqueei as costas, arquejando com o toque de uma de suas mãos no outro mamilo. Ele o

PERIGOSAS ACHERON

apertava com força, envolvia minha cintura com o outro braço, impedindo que meu seio escapasse de sua boca.

Agarrei os fios de seu cabelo e os puxei sem cerimônia. Segurei-os com firmeza, estimulando-o a continuar o toque grosso de sua língua contra a minha pele. Rebolei, incentivando sua ereção e o enlouquecendo enquanto gemia.

— Por favor — supliquei enfática, erguendo seu rosto ao segurar seu queixo —, preciso de você dentro de mim. *Agora*. Estou com saudade.

Lincoln riu, solícito. Esticou a mão em direção ao criado e abriu a gaveta. De lá, retirou uma embalagem laminada.

— Há quanto tempo está aí? — questionei com as sobrancelhas se unindo no centro de minha testa.

PERIGOSAS ACHERON

— Coloquei assim que chegamos. —
Gesticulou com a ponta do queixo em direção a
móbia e rapidamente a embalagem foi rasgada.

Afastei o quadril e o ajudei a tirar o moletom.
Ele colocou a camisinha e sentei em seu colo.

Ergui o quadril e desci lentamente, sua ereção
preenchendo os cantos sensíveis da minha região
encharcada. Joguei a cabeça para trás, sentindo-o
me abrir completamente. Umedeci os lábios,
deslizando devagar nele. Lincoln me estimulou,
agarrou as mãos em minha cintura me guiando em
ritmo frenético em seu colo. A cada arremetida
contra ele, um grunhido mais alto, até que se tornou
um gemido gutural que escapava dele,
simultaneamente de mim.

Escutei o barulho da cama.
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Finquei as unhas na cabeceira de madeira.

Movi o quadril como uma dança sensual.

Senti as mãos de Lincoln deslizando em meu corpo, o esculpando como uma peça de museu.

Eu vi o seu sorriso polido. E sorri de volta porque ele me enchia de luz. De uma luz que eu havia perdido há muito tempo.

Subi e desci meu quadril em um solavanco bruto. Ele escondeu o rosto em meu ombro, mordendo-o levemente para abafar o urro de prazer ao atingir o clímax. Afundei meu rosto em seu tufo de cabelos, fazendo o mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tudo o que eu senti naquela noite, debruçada nele com minhas pernas tremendo, nosso suor escorrendo e grudando no lençol, as batidas descompassadas de nosso coração em cadência, foi absurdamente melhor que qualquer outra vez que fizemos amor.

Foi diferente porque dessa vez não estávamos com raiva nem magoados com alguma coisa que dissemos. Nós apenas nos amamos. Sem culpa. Sem dor.

O barco que Lincoln dizia já ter afundado, na verdade, estava ancorado em uma ilha onde só nós dois existíamos e melhor do que isso, estávamos a salvo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



“Então deixe ir

Deixe cair

Deixe voar

Continuaremos tentando

Porque eu sabia que estava apaixonado por você

Quando nos sentamos em silêncio”

SILENCE – BEFORE YOU EXIT

PERIGOSAS NACIONAIS

O problema de deixar conversas inacabadas para o dia seguinte, é que o dia seguinte chega e é impossível adiar mais porque você sabe que a situação piorará com o passar do tempo. Ellie estava acostumada a não lidar com sentimentos que são ruins, para ela, tudo fica mais fácil quando não estamos pensando. Mas, agora, enfrentávamos um problema maior que nós dois.

Meu pai e minha mãe estavam no ápice do estresse, prestes a deixar que tudo desmoronasse sem fazer nenhum esforço para uma tática controversa. Estavam dispostos a desistir, embora não dissessem, conseguia ver nos olhos do meu pai que se eu não estivesse ao seu lado, ele desistiria do que trabalhou a vida inteira para construir.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Convidei Ellie para sairmos à noite. Ela não quis ir ao cinema, a noite em Denver era iluminada na praça e preferia um jantar no centro. Durante o dia todo, Ellie ficou ao lado de minha mãe como uma desculpa para fugir de mim. Precisávamos conversar e ela continuava se escondendo.

Sua última fuga, na verdade, estava voltada para o jantar que minha mãe estava preparando para o dia seguinte. Estava preocupado com a reação de nossos pais na mesma sala, ambas as famílias com opiniões fortes e imutáveis.

Minha mãe convidou Ellie para ir até um dos hipermercados de meu pai, para fazer a compra do jantar. Ellie sequer ponderou, comemorou a saída à tarde com minha mãe e me ofereci para dirigir e acompanhá-las nas compras. Minha esposa refutou, disse que eu devia ficar e falar com meu pai sobre

PERIGOSAS ACHERON

negócios. Meu pai percebeu imediatamente que ela estava fugindo de algo e ele recusou de pronto minha ajuda.

Nós saíamos para as compras às duas da tarde. Ellie se sentou no banco de trás e se distraiu no celular — o que acontecia com pouquíssima frequência — e minha mãe continuava tagarelando sobre o prato peculiar.

— Ellie, você gosta de cozinhar? — Ellie ergueu os olhos em direção à minha mãe, rindo para o retrovisor e me lançando um olhar de cumplicidade.

— Na verdade, Jenna, Lincoln que geralmente assume a cozinha. — Ela riu e minha mãe me encarou espantada.

— O quê? Isso é verdade?

Dei de ombros.

— Mãe, eu adoro cozinhar. — Balancei a cabeça em negativa, gargalhando da expressão assustada dela. — Se não tivesse me formado em administração, provavelmente teria aberto meu próprio restaurante à beira-mar.

— Você nunca disse que queria se tornar cozinheiro! — mamãe retorquiu, cruzando os braços e franzindo a testa.

— Não era nenhum sonho especial — desdenhei, voltando a olhar fixamente para a estrada — e o meu pai precisava de alguém para ajudar.

Minha mãe me estapeou. Ellie cobriu a boca com a mão para coibir a risada.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você ficou maluca, mãe? — ri, me encolhendo sem tirar as mãos do volante. — Vai me fazer bater o carro!

— Por que nunca disse que queria ter seu próprio restaurante? Nós teríamos apoiado você!

— Eu já disse, não era bem um sonho. Só uma vontade. Não era prioridade, mãe.

Ellie ficou carrancuda, vincando a testa a cada frase que eu dizia. Não era mesmo um sonho, mas se eu tivesse escolha, teria me formado em gastronomia.

— Você podia cozinhar pra gente amanhã — Ellie deu ideia, arqueando as sobrancelhas de forma sugestiva. — Mostra para a sua mãe como você tem talento para cozinhar!

PERIGOSAS ACHERON

— Ha-ha-ha, vocês duas estão se unindo contra mim?

Vi pelo canto do olho que minha mãe se virou para trás e piscou para Ellie sobre o ombro, um sinal claro de cumplicidade. Estava feliz de vê-las se dando bem. Minha esposa não costumava ser muito receptiva com minha família, talvez, com o passar do tempo, Ellie tenha amadurecido e nos últimos três anos que passamos sem vê-los, ela os reconhecia como parte da família também.

— O que vocês querem comer no jantar de Dia dos Namorados? — perguntei, inclinando a cabeça em direção a minha mãe e olhando para Ellie através do retrovisor.

— Que tal costelas de porco ao molho barbecue e *brownie* de sobremesa? — Ellie sugeriu, colocou o indicador no queixo para mostrar que estava pensando. Acabei sorrindo para a visão perfeita que tinha dela.

— Perfeito. Simples e delicioso. — Minha mãe estalou a língua no céu da boca. — Minha nossa, já estou com fome.

Estacionei o carro na primeira vaga e descemos. Esperei por Ellie e estendi a mão para que ela a segurasse.

Nós seguimos minha mãe pelo vasto estacionamento em direção ao hipermercado. As portas se abriram automaticamente ao nos aproximar e entramos. Estava lotado, como imaginei. Ellie apertou minha mão com mais força

e continuamos andando. Minha mãe pegou um carrinho de compras e seguimos em direção ao açougue.

Ellie parou no caminho algumas vezes e apanhou algumas bobagens; salgadinhos, chocolate e doces. Eu a encarei repreensivo. Ela tinha emagrecido alguns quilos nos últimos meses, além do mal-estar e a palidez. Desconfiava que a sua alimentação nada saudável fosse a grande culpada.

— Lincoln, aquele não é o Chad? — Minha mãe apontou por cima do meu ombro.

O antigo namorado de Ellie estava organizando os novos produtos enlatados na prateleira, usando um uniforme vermelho escrito do lado direito do peito em amarelo “*Rede Coleman*”.

— Chad está trabalhando aqui? — Ellie

PERIGOSAS ACHERON

enrugou a testa, apertando os olhos em direção a ele. — Vamos lá falar com ele! — Ela apontou com o indicador para o lugar onde ele estava sentado.

— Eu vou na frente para adiantar as compras — avisou minha mãe, já dando as costas e seguindo para outra direção.

Ellie não esperou nem mesmo eu responder; segurou minha mão e me puxou para perto dele como se eu quisesse realmente falar com Chad sobre qualquer coisa. Nosso passado não era lá algo que eu gostaria de me lembrar porque sempre que olhava para ele, me lembrava que a última interação que nós tivemos fui eu o vendo enfiar a língua na boca da Ellie.

— Oi, Chad. — Ellie acenou.

— Ellie! — Ele riu e se levantou para abraçá-la,
PERIGOSAS ACHERON

mas quando me viu abaixou as mãos. *Ótimo.* — Quanto tempo, você está incrível.

Enfiei as mãos no casaco preto acolchoado e fiquei subindo com a ponta dos pés e voltando com o calcanhar. Desviei os olhos porque embora Ellie quisesse falar com ele, talvez por toda a história que tiveram no colégio como amigos ou *quase* namorados, eu estava longe de gostar daquele cara.

— Você se lembra do Lincoln, né? — Ellie apontou para mim e lancei meu olhar em Chad. Percebi que ele estava sem graça, não sabia se erguia a mão para me cumprimentar ou continuava a esfregando contra o jeans surrado.

— Como esquecer o cara que você escolheu em vez de mim — ele riu, brincalhão e eu continuei cético. Ellie, contudo, o acompanhou e gargalhou.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que vocês estão fazendo aqui? Pensei que tivessem se mudado para Aspen.

— Ah, nós nos mudamos sim. Lincoln vai voltar para Denver daqui alguns dias, para trabalhar com o pai dele — Ellie apontou para mim por cima de seu ombro —, mas hoje estamos só a passeio.

— Por que você não vem junto?

— Minha casa é em Aspen — ela retorqui, guardando as mãos no bolso de seu casaco também.

— Nós provavelmente vamos nos ver muito por aqui então. — Chad cruzou os braços e sorriu para mim. — Por quanto tempo?

— Dois meses — falei, sem interesse.

PERIGOSAS ACHERON

— Uau! — Chad assoviou. — Não está se sentindo mal por deixar Ellie sozinha todo esse tempo?

Chad costumava ser sarado, musculoso e com uma personalidade que deixava todas as garotas do terceiro ano enlouquecidas, mas enquanto o observava estruturar sua forma de ser um completo babaca comigo nos próximos minutos, percebi que ele havia deixado para trás todo seu corpo esguio. Ele estava maior, em questão de altura, mas o tanquinho sumiu, os músculos estavam murchando e o cabelo escuro estava levemente desgrenhado. Havia duas entradas intensas no topo de sua cabeça, o que mostrava que ele andava perdendo cabelo.

— Chad te conheço tempo o bastante para saber que você está me provocando. — Sorri, sarcástico e esfreguei a ponta do nariz com as costas da mão. —

Nunca superou o fato dela ter te dado o fora, não é?

— Fiz uma pergunta simples, cara. — Ele arqueou as sobrancelhas. — Se ela fosse a minha esposa, estaria preocupado em deixá-la sozinha.

— Espera um pouco — Ellie ergueu as mãos para nos parar no meio da discussão —, por que ele deveria estar preocupado?

Chad riu com amargura.

— Ah, Ellie, a cidade inteira soube...

— Soube o quê? — Os olhos de Ellie estavam pipocando, de um lado para o outro, obtusos e arregalados em direção a Chad. — O QUE SOUBERAM? — gritou, batendo o pé.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Que você é uma viciada. Se embebedou e tomou calmantes para se matar. Em todas os reencontros de turma que tivemos do colégio, comentavam o quanto lamentávamos por Lincoln ter se casado com você. *Por pena.*

Foi como dar um soco na boca do estômago de Ellie. Ela caiu para trás e esbarrou em mim. Eu nunca tinha visto aquele olhar na minha mulher. Um olhar lamentável de culpa e repulsa de si mesma. Ela se virou e escondeu o rosto em meu peito, para que Chad não a visse chorar. Apertei os lábios e fechei os punhos, querendo imediatamente socá-lo e tirar aquele sorrisinho idiota do rosto com minhas próprias mãos.

— Qual é! Todo mundo sabe. — Chad revirou os olhos — Não fazia qualquer sentido você se casar com ela depois de ter tentado suicídio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Foi um acidente — argumentei, encarando-o com o olhar cerrado.

— Um acidente? — Ele riu, jogando a cabeça para trás. — Lincoln, você estar andando de bicicleta e um carro te acertar é um acidente. Você beber e se entupir de remédios é suicídio.

— É melhor você calar a boca, Chad — o incentivei.

— Vamos sair daqui. — Ellie afundou os dedos na barra do meu suéter e me puxou.

Eu a segui.

— Ellie! — ele gritou fazendo-nos parar. — Da próxima vez que tentar se matar, certifique-se de que não vai falhar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Todas as palavras de Chad ofendiam diretamente Ellie e provavelmente nada me afetaria tanto quanto a afetava, mas ele dizer aquelas palavras com tanta certeza e repulsão foi como dizer para mim. Diretamente a mim. Senti a faca afiada ser cravada em meu peito pelas palavras duras de Chad e, como se não bastasse a dor de ter sido acertado, ele continuou girando e jogando álcool na ferida para doer mais e mais.

Escutei um estrépito alto que ecoou por todo o hipermercado. Depois eu vi sangue na minha mão e, em seguida, o grito agudo de Ellie.

O sangue na minha mão era de Chad, o estrépito veio das prateleiras que tombaram quando eu o acertei no meio do nariz com toda a força da ira que eu tinha.

PERIGOSAS ACHERON



Chad quebrou o nariz e meu pai teria que arcar com todos os danos: físicos, morais e psicológicos. Porque tudo estava sendo julgado injustamente. Aquele filho da puta tinha ofendido Ellie de inúmeras formas e ninguém estava falando sobre o dano que ele causara a ela, apenas o soco que dei nele no seu horário de trabalho. Como filho do dono do hipermercado, foi considerado agressão ao funcionário, o que tornava nossa situação ainda pior.

— Você tem ideia do que fez? — Meu pai andava de um lado para o outro no corredor do hospital, olhando para a minha mão enfaixada e dolorida. Minha mãe estava de pé, recostada à

PERIGOSAS NACIONAIS

parede e Ellie ao meu lado, com a mão entrelaçada na minha. — Nós já estamos lidando com dívidas que não podemos arcar e você agride um dos funcionários! Nós demos muita sorte dele ter concordado em fazer um acordo, Lincoln!

— Ele teve sorte de eu não ter quebrado as costelas dele — refutei, reprimindo a raiva ao apertar os dedos em punho.

— Você está falando sério? — Ele parou de andar, cessou seu vaivém insuportável para me encarar. Estava indignado. — Quantos anos você tem? Dezoito?

— Pai, ele disse literalmente que a Ellie deveria cometer suicídio. — Eu me levantei, aprumando o corpo. — Você está maluco se acha que eu deixaria esse desgraçado agir desse jeito!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tem outras formas de resolver esse tipo de situação, filho — minha mãe interveio.

Revirei os olhos e bufei.

— Você está de brincadeira comigo? — Encarei minha mãe, apertei as pálpebras com a ponta dos dedos. — Como o quê? Nós iríamos demitir ele?

— Mas é claro! — Meu pai ergueu as mãos, como se fosse óbvio.

— Enquanto nós temos que arcar com todos os gastos, ele sairia ileso com uma simples demissão. — Suspirei e esfreguei o rosto, visivelmente exausto. — Quer saber de uma coisa? Pode enviar o valor que temos que pagar para esse filho da puta, eu não me importo. Posso arcar com tudo. O que eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não posso, pai, é deixar que um cara babaca como o Chad saía impune das merdas que saem da boca dele!

Isso o calou e calou minha mãe. Nenhum dos dois voltou a se interpor, então, entendi que o problema real ali não era o fato de eu ter defendido Ellie e sim o maldito dinheiro.

Estendi a mão para Ellie, a convidando para sair daquele lugar. Desde que eu socara Chad, ela não disse uma palavra sequer, ficou encolhida e preocupada, mas não recusou minha mão quando ofereci a ela. Com um impulso, se agarrou a mim.

Eu não me importava. Ellie poderia me segurar e nunca mais soltar. Era exatamente isso que eu esperava que fosse nossa vida.

PERIGOSAS ACHERON



Nós passamos em casa e tomamos banho antes de sair. Por mais que Ellie já tivesse perdido a vontade de espairecer, precisava tirá-la de casa. Meu pai e minha mãe não ficariam nos lembrando a cada segundo do que aconteceu, mas os pensamentos diabólicos de Ellie a faziam se sentir culpada e não a abandonavam nem por um minuto. Eu a conhecia e o olhar anuviado a entregava.

— O que você quer comer? — perguntei assim que estacionei o carro no centro da cidade.

— Não sei. — Deu de ombros.

Fechei as mãos em volta do volante.

— Ellie. Por favor. Não vamos ficar assim, nesse silêncio! Está me enlouquecendo! Se você tiver que dizer alguma coisa, só me diz de uma vez.

Ela fechou os olhos e suspirou.

— Obrigada por ter me defendido, é a primeira vez que te vi bater em alguém por mim. — Ela parou e apertou os lábios. — Mas seus pais têm razão.

— Porra nenhuma. — Franzi a testa, encarando-a. — Ellie, ele continuaria te ofendendo!

— Lincoln, a vida inteira tive pessoas me ofendendo. Não ser filha do meu pai foi como uma ofensa para mim. Owen me olhou como se eu fosse algum tipo de aberração. Contanto que você saiba quem eu sou e como eu sou, a opinião das pessoas não significa nada para mim.

Passei a mão direita no cabelo, entreabri os dedos para os fios escaparem. Fechei os olhos e tombei a cabeça até que estivesse escorada no vidro do carro.

— A sua opinião é tudo o que importa para mim.

— Não me casei por pena! — disse, por fim, com os olhos ainda fechados. — Você acredita?

Ela permaneceu em silêncio.

— Você não acredita.

— Não é isso, Lincoln. Nosso casamento aconteceu muito rápido! Em um segundo era sua namorada, quatro meses depois me tornei sua mulher. Foi tudo repentino e mais estranho ainda

PERIGOSAS NACIONAIS

que você fez o pedido quando eu estava no hospital! É claro que as pessoas começariam a falar.

Soquei o volante com força quando a ouvi.

— Já estava planejando pedir sua mão, Ellie.

— Você sabe. Mas eu e as pessoas não sabiam.

— Então, por que você aceitou? — gritei, arregalando os olhos. Ela fechou os seus e se encolheu.

— Porque eu queria fugir, tá? — ela confessou e houve um resquício de culpa ao admitir. — Queria fugir dos meus pais, da minha vida e sabia que me casar com você era a minha única chance.

— O que foi que você disse?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sinto muito, Lincoln. Mas essa é a verdade.

— Eu sei que disse muitas vezes que se não tivéssemos nos casado você teria enlouquecido na sua casa, mas ouvir de você... — Eu ri, irônico. — Ouvir isso de você acaba comigo, Ellie.

Abri a porta e a bati com força. Encostei nela e cruzei os braços.

Escutei quando Ellie abriu e fechou a porta do passageiro.

Ela apareceu na minha frente, se ajeitou entre as minhas pernas e envolveu os braços na minha cintura. Mantive os braços cruzados.

Ellie pressionou os lábios no meu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não quer dizer que eu não queria me casar *por você. Por nós.* Eu queria, Lincoln. Eu queria muito ser sua mulher, mas, naquele momento, tudo o que me passou pela cabeça foi a minha oportunidade de fuga. Não quero mentir e dizer para você que não foi. Se é a verdade que você quer, essa é a verdade que eu tenho. — Ela me beijou. No pescoço. No queixo. Na boca. — Me desculpa — completou. — Sinto muito, Lincoln.

— Você aprendeu mesmo como usar as palavras *me desculpa e sinto muito.*

— Aprendi, Lincoln. Porque entendi que se não aprendesse o quão importante é pedir perdão por nossos erros, nosso relacionamento não resistiria a tanta mágoa.

PERIGOSAS ACHERON



Ellie escolheu comida tailandesa e, enquanto comíamos, ela se esquecia dos motivos de termos discutido mais cedo e, conforme a noite adentrava, não me lembrava mais que havia agredido Chad.

Ellie ficou relaxada. Ela riu e comeu à vontade. Nós conversamos sobre o passado, o presente e o futuro.

— Que tal um filho agora que conseguimos nos resolver? — perguntei esperançoso quando saímos do restaurante tailandês. Ellie se virou para mim rindo. — Seria bom ter um filho meu com seu rosto — confessei, encarando seu rosto angelical.

— Você acha que eu poderia ser uma boa mãe?

— Ellie, você seria uma mãe incrível! — Eu a envolvi com os braços pela cintura e caminhamos pelo centro de Denver daquela maneira, devagar. Inspirei seu perfume de lavanda demoradamente enquanto andávamos.

— Não tenho certeza. Minha mãe é boa, mas não diria tão boa assim. — Ela riu, descansando a cabeça em meu ombro. — Minhas experiências com minha mãe não serviriam de base. Ela adora jogar na minha cara o quanto você deve estar exausto de mim!

— Ela diz isso? — Franzi o cenho, embasbacado.

— Algumas vezes, sim. Quando ajo como uma pessoa horrível.

— Sua mãe não faz ideia da filha que tem. —
PERIGOSAS ACHERON

Beijei seu rosto, raspando a barba em sua pele. Os pelos de seus braços eriçaram, sorri contra sua bochecha. — Então, podemos tentar ter um filho?

— Vamos esperar mais um pouquinho.

Revirei os olhos, mas sabia que se continuasse discutindo com ela sobre o assunto, poderíamos ter uma briga indesejada. E ela tinha razão, agora não era o momento certo. Não quando meu pai estava vivendo sua pior crise financeira na rede em todos esses anos de trabalho.

— Minha nossa, vamos comer, por favor. — Ela apontou para frente com o indicador suspenso em direção ao senhor de mais ou menos cinquenta anos, vendendo algodão-doce para crianças.

Olhei para Ellie com as sobrancelhas arqueadas e um sorriso despontando em meus lábios.

— Algodão-doce? Sério?

— Por que não? — Ela parou, unindo as sobancelhas ao se virar para mim. — Ah, vamos lá. Não temos *macarons* hoje.

— Está bem. — Revirei os olhos e enfiei a mão no bolso atrás da carteira.

Ellie se sentou em um dos bancos da praça me aguardando. Quando voltei, ela estava desfiando a manga de seu casaco de tricô. Eu ri para chamar sua atenção e entreguei a ela a bola enorme de algodão doce cor-de-rosa. Sem delongas, Ellie roubou um grande pedaço e o colocou na boca, estalando a língua e grunhindo ao sorver o sabor adocicado.

— Meu Deus! Não me lembrava mais de como amo algodão-doce!

Ela tirou mais um pedaço grande e dessa vez o colocou na minha boca. Eu a abri e recebi o doce, fiz o mesmo de estalar a língua até que o açúcar tivesse derretido em minhas papilas gustativas.

— Doce. Muito doce. — Fiz careta e Ellie riu.

— Sobra mais pra mim. — Ela deu de ombros e continuou lambendo os dedos enquanto tirava um pedaço do algodão e o colocava na boca.

— Odeio atrapalhar seu apetite, mas precisamos conversar — eu me virei de lado para ela a tempo de vê-la revirar os olhos — sobre a minha mudança de dois meses. Quero saber o que você acha e como está se sentindo em relação a isso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu já disse como estou me sentindo —
respondeu a contragosto, ainda desfazendo a bola
de algodão de açúcar. — Muito chateada.

— Só isso?

— Sim.

— Não está com raiva?

— Não.

— Nem com uma vontade absurda de me
mandar à merda?

Ela riu.

— Não, Lincoln.

— Agora estou mesmo preocupado com você.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou chateada. Estou com raiva e estou com muita vontade de mandar você para o inferno, Lincoln. — Ela parou de comer o algodão-doce para me dar atenção. — Mas eu não vejo nada que eu possa fazer! É o seu pai, o trabalho da vida dele! Se eu dissesse: de jeito nenhum você vai fazer isso! Estaria sendo egoísta e agindo como a antiga Ellie faria, mas se você não percebeu, eu estou tentando *não* ser essa pessoa.

— Você podia vir comigo.

Ela ficou em silêncio, apenas mexendo a boca para acomodar o sabor doce na língua.

— Não. De jeito nenhum. — Suspirou. — Não é que eu não queira vir para cá com você, eu só não posso. Tenho muito trabalho para fazer em Aspen com a livraria! Estou pensando em abrir uma loja

virtual para expandir os negócios e queria resolver isso logo, de preferência nos próximos três meses. — Ela fez uma pausa para sorrir para si mesma, com orgulho. — Eu não ganho tanto dinheiro com a livraria como eu gostaria, mas se arriscarmos uma jogada diferente pode ser interessante. Muitas cidades vizinhas menores terão a oportunidade de comprar pela nossa loja virtual!

— Nossa! — exclamei, chocado. — Você se tornou mesmo uma empreendedora. Estou orgulhoso de você, baby.

— Agora vamos aderir apelidinhos carinhosos? — Ela revirou os olhos, com desgosto. — Não vou te chamar de *baby boo* nem *baby*. Não conte com isso!

— Tudo bem, baby. Faço por nós dois! —
Segurei sua nuca para trazê-la para perto e a beijei.

O sabor do algodão-doce se acoplou ao de Ellie perfeitamente. Ela sempre foi doce, mas, naquela noite, conseguiu ir além e eu a amei mil vezes mais.



*“Eu vou lutar
Vou lutar por você
Eu sempre lutarei até meu coração ficar roxo
E eu vou ficar
Ficar contigo
Nós vamos chegar ao outro lado como os amantes
fazem”*

DON'T GIVE UP ON ME – ANDY GRAMMER

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você acha? — Virei nos calcanhares, alisando a saia rodada do vestido azul-marinho.

— Não é nenhum evento importante, baby. São só seus pais. — Lincoln semicerrou os olhos em minha direção.

Ele estudou meu vestido curto, com o comprimento acima dos joelhos. Minhas pernas estavam cobertas por uma camada fina do tecido da meia-calça. Meu colo escondido sob o decote quadrado. Prendi os cabelos em um rabo de cavalo para evidenciar meu rosto.

Lancei um olhar de repreensão para Lincoln. Ele largou o livro que estava lendo no criado-mudo e empertigou o corpo, ajeitando a lapela do blazer. Se levantou e andou em passos lentos em minha direção.

PERIGOSAS ACHERON

— Você está linda, Ellie. Estou repensando minha decisão desse jantar. E se fôssemos só nós dois?

Através do reflexo no espelho, vi seu cenho franzir. Era uma proposta tentadora, mas estava disposta a enfrentar meus pais finalmente, depois de quase três anos sem olhá-los nos olhos. Lincoln alisou meus braços, descendo dos meus ombros até tocar a ponta de meus dedos e entrelaçar os seus neles. Depositou um beijo casto na superfície desnuda de meu ombro direito antes de se afastar.

— Preciso fazer isso — admiti, olhando para ele pelo reflexo. — Você vai ficar do meu lado, certo?

— Não vou a lugar nenhum.

— Obrigada. — Estiquei os lábios em um

PERIGOSAS ACHERON

sorriso contido. Apertei sua mão com mais força. — Você também não está nada mal. — Pisquei para ele, que gargalhou e escondeu o rosto em minha nuca, inspirando profundamente.

— Já estou sentindo sua falta, consegue acreditar nisso? — confessou ele, sibilando contra a pele sensível do meu pescoço. — Se nós tivéssemos *mesmo* divorciado, acho que teria batido na sua porta e implorado para voltar.

Gargalhei, tombando a cabeça para trás em seu ombro.

— Que bom que sou uma cretina egoísta, que só pensa nos próprios sentimentos.

— Estava magoado demais para perceber o quanto ainda sou capaz de te amar. É uma droga, sabia? Ser aquele que mais ama na relação.

Revirei os olhos, levando na brincadeira seu comentário, mas, no fundo, sabendo que ele tinha toda razão.

— Lincoln! Ellie! — Jenna bateu na porta duas vezes. Sobressaltamos e voltei meu olhar para a direção da voz estridente. — Evelyn e Owen chegaram. Estamos esperando por vocês na sala!

— Pronta? — Lincoln sussurrou, depositando um beijo em minha bochecha. Fechei os olhos no instante em que seus lábios tocaram minha maçã.

— Nunca estou pronta para os meus pais. — Soprei o ar. — Você pode ir na frente? Desço em alguns minutos.

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln assentiu. Deixei que ele me beijasse e, assim que a porta fechou atrás dele, corri em direção ao banheiro. Estava me sentindo enjoada desde a manhã e não consegui comer nada. Ele insistiu copiosamente para que eu ao menos tomasse um suco ou uma vitamina para manter meu estômago cheio até o jantar. Eu fiz e no instante em que meu corpo consumiu o líquido o senti querer voltar pela garganta.

Debrucei na privada, agarrei a borda de porcelana e cuspi o líquido fora. Resfoleguei, sentindo que todas as minhas entranhas escapuliriam pela minha boca. Passei a mão pelo cabelo preso, me certificando de que ele estava intacto. Eu me sentei no chão, abraçada ao vaso e deixei uma tonelada de culpa escapar enquanto

PERIGOSAS ACHERON

dava a descarga. Sabia exatamente o que estava fazendo comigo mesma, contudo, não conseguia evitar não estragar tudo.

Eu continuava cometendo o mesmo erro. Várias e várias vezes.



Eu não via Owen há tanto tempo que havia me esquecido de como seu olhar era assustador aqui debaixo. Meu pai tinha os olhos mais verdes que já vi em toda a minha existência fraca. Jenna ficava para trás na intensidade dos olhos dele. Conseguia enxergar meu reflexo quando ele me encarava. Me arrepiava inteira de medo e angústia, sofria por um passado que deveria ter ficado exatamente para trás. Alguma coisa no modo como Owen olhava

PERIGOSAS NACIONAIS

para mim, me sugava, tirava toda a minha coragem. Eu conseguia ser egoísta e egocêntrica quando queria, mas quando se tratava do homem que me criou, ficava desarmada e com medo de que ele pudesse me ferir outra vez com suas palavras.

Minha mãe continuava incrivelmente linda e feliz. Um sorriso que não sumia nem nas situações mais devastadoras. Ela parecia ainda mais jovem desde a última vez que a vi. Os cabelos castanhos escorriam sobre seus ombros em ondas perfeitas. Usava um vestido vermelho, colado ao corpo escultural. Os olhos claros dela me fitaram quando descii o lance de escadas. Ela parecia chocada, entretanto, sorria para disfarçar. O queixo tremeu um pouco ao me esquadrihar, fazendo uma análise mental sobre o meu estado: magra, pálida como um fantasma, com olheiras fundas e evidentes.

PERIGOSAS ACHERON

— Minha filhinha. — Mamãe correu na minha direção.

Abandonou a taça de vinho que estava em uma de suas mãos, a colocou na mesa de centro da sala e se jogou contra mim. Seu abraço quase me sufocou. Apoiei o queixo em seu ombro, inalando o perfume 212. Meu pai bebericou de seu copo mediano, o líquido âmbar o fez retesar. Ele não poupou os olhares em minha direção. Tomou goles curtos até finalmente deixar o fundo do copo bater na mesa e se levantar para vir até mim.

Segurei minha mãe pela cintura para afastá-la. Meu pai não teve tempo para me abraçar, estiquei a mão direita estendida à sua frente, sabendo que ele não merecia nem mesmo minha hospitalidade com um aperto de mãos cordial. Pelo canto do olho, enxerguei minha mãe engolindo em seco. Ele ficou

parado diante de mim, seus olhos pulando do meu rosto para minha mão suspensa e finalmente a segurou, quando percebeu que eu não cederia. Era tudo que ele poderia ter de mim naquele dia.

Robert pigarreou quando sentiu a tensão.

— Ellie, você quer beber alguma coisa? — Robert direcionou o olhar para mim, arqueando as sobrancelhas para me pedir calma em silêncio.

— Eu mesma pego um refrigerante, Sr. Coleman. — Sorri amistosa e ele voltou a se sentar ao lado de Jenna. — É bom ver vocês — falei, fitando minha mãe e depois o homem que eu costumava chamar de pai.

— Nós não acreditamos que você estava de volta, minha linda menininha. — Minha mãe estendeu a mão para tocar a maçã de meu rosto, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mas desviei. Quando vi seu olhar de chateação, sorri para acalmá-la. — Sei que nossa última conversa não terminou bem, Ellie. Entendo que está chateada comigo.

— Não, mãe. Você está enganada. — Continuei sorrindo. Senti minha mandíbula doer com o excesso em que esticava o rosto para fingir um sorriso. — Não fiquei chateada com você. Fiquei decepcionada. Você é a minha mãe, de todas as pessoas desse mundo você era a última que eu esperava ficar contra mim em um momento tão importante.

— Vamos acalmar nossos nervos — meu pai interveio. — Aqui não é lugar para lavar a roupa suja. Podemos conversar em casa. Nós três. — Seu olhar injetado de repreensão me atingiu no meio do estômago.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É o que você gosta de fazer, não? —
Espremi os olhos para ele. — Fechar a porta de sua sala e esconder de todos os seus segredos.

— Ellie! — Mamãe cruzou os braços, exasperada. — Chega. Seu pai tem toda razão, vamos conversar sobre nossos problemas em casa. Você deveria ter ido direto para lá!

— Mãe, eu não sou mais uma garotinha. Meu marido está nessa casa e é exatamente onde eu deveria estar.

— Um marido que queria abandoná-la e não tem muito tempo — meu pai escarneceu, um sorriso vitorioso quase rasgando seu rosto ao meio.

Ri e abaixei a cabeça para que ele não visse a mágoa em meus olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você não mudou em nada mesmo, pai — disse, enfática. — Aproveitem a bebida. Vou ajudar Lincoln na cozinha. — Apontei para o cômodo ao lado e saí.

A cada discussão com minha família, sentia um pedaço do meu coração sair de dentro de mim e se espatifar bem diante dos meus olhos. Eu me sentia fraca e impotente, sem conseguir fazer nada para colar os pedaços quebrados que tinha no peito. Queria poder ser o elo que une a minha família, mas sou a erva daninha que arruína o belo jardim.

Lincoln deixou o blazer nas costas da cadeira e dobrou a camisa até o cotovelo. Ele preparava as costelinhas de porco na assadeira quando me aproximei. Abri a geladeira e apanhei uma Coca-Cola. Servi em um copo o refrigerante e me aproximei do meu marido.

PERIGOSAS ACHERON

Encostei a cintura na ilha e bebi meu refrigerante em goles lentos.

— Você escutou? — perguntei, olhando sobre a borda do copo.

— Seu pai sendo um babaca? — Ele riu, sem olhar para mim, mas notei a mágoa maculando suas palavras. — Escutei. Acho que todos naquela sala escutaram.

— Sinto muito. Ele é babaca sem perceber que *é* um babaca.

— Eu não concordo com você, Ellie. Seu pai é um babaca e ele *sabe*!

— Não quero discutir sobre eles com você. Só quero te ajudar a cozinhar. — Deixei o copo na ilha e me aproximei. — O que você quer que eu faça?

Ele riu. Segurou minha mão e me guiou para a mesa do outro lado da ilha. Puxou uma cadeira para mim e quando me sentei, voltou para pegar meu copo de refrigerante. Ele se inclinou para mim, cobriu minha boca com a sua em um beijo casto, porém, demorado. Quando minha língua pediu espaço para atravessar o limite, Lincoln se afastou.

— É Dia dos Namorados, baby. Quero cozinhar para você. Sente e assista enquanto preparo o melhor jantar que você já comeu na sua vida!



Lincoln se sentou ao meu lado e conversou normalmente com meu pai, que se sentou diante de nós com minha mãe ao seu lado. Jenna e Robert nas duas pontas da mesa de jantar. A mãe de Lincoln

PERIGOSAS NACIONAIS

decorou a mesa de forma aconchegante, com velas em castiçais rústicos em bronze e guardanapos de pano vermelho. Quando pôs a mesa, quase uma hora atrás, deixou um recadinho em cartões de coração sobre o prato de cada um de nós.

O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

A frase de Coríntios, escrito em caneta preta no cartão em formato de coração fez o meu peito doer. Não acreditava que o amor tudo sofre nem que tudo crê ou espera, menos ainda que tudo suporta. Não acreditava até ver Lincoln sorrir, então, entendi que eu podia sofrer, crer, esperar e superar se assim pudesse vê-lo sorrir todos os dias. Enquanto eu respirar, o tempo que me for permitido, queria estar ao lado dele e vê-lo sorrir. Mais do que isso, ansiava poder ser a razão de cada sorriso dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Como está indo seu negócio, Lincoln? — meu pai perguntou, esvaziando seu copo de uísque em um único gole.

Bebendo demais. Isso é ruim.

— Bem. Estou contratando mais funcionários. Agora mais do que nunca, já que preciso voltar para Denver para ajudar meu pai. — Apertei a perna de Lincoln debaixo da mesa o repreendendo por contar aos meus pais. — O que foi? — sussurrou.

— Vocês vão voltar para Denver? — minha mãe quis saber, debruçando um pouco sobre a mesa.

— Não. Só Lincoln vai. — Peguei minha taça com água e a virei. — Preciso ficar em Aspen e cuidar da livraria.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por que você não pode simplesmente contratar mais funcionários como seu marido e voltar para casa? — Foi a vez do meu pai de intervir.

— Porque eu não tenho uma casa em Denver.
— Franzir a testa, arqueando as sobrancelhas.

— O que você fez com a casa da sua avó?

— A casa da vovó está exatamente como ela deixou, mãe.

— Então, você tem uma casa.

— Não tenho, pai.

PERIGOSAS ACHERON

— Acho que a Ellie não quer voltar para Denver — Lincoln me defendeu, cobrindo minha mão com a sua sob a mesa. — Ela prefere ficar em Aspen e cuidar da livraria pessoalmente. Não vou voltar para ficar. Será em torno de dois meses, talvez menos.

— Você vai deixar nossa filha sozinha? — Meu pai apertou o copo de vidro em punho, lançando um olhar odioso para Lincoln.

— Desculpa. O que o senhor disse? — Lincoln semicerrou os olhos, como se convidasse meu pai a desafiá-lo. Apertei sua perna debaixo da mesa. Meu pai continuou em silêncio. — Ellie não é uma criança, Sr. Tate. Não sei o que pensa que ela poderia fazer ficando sozinha. *Se drogar?* — Ele riu e me encolhi na cadeira. — Por favor, Ellie não é mais assim. — Meu marido fitou o copo do meu

pai. Talvez ele tivesse tomado mais daqueles do que nós poderíamos contar. — Não se preocupe, ela vai ficar muito bem sem mim por dois meses. Tenho certeza disso.

— Lincoln — eu o chamei e, como se um estalo em seu cérebro tivesse o acordado para a realidade, Lincoln se empertigou na cadeira e pigarreou.

— Só estou dizendo que vocês não têm com o que se preocupar. Ellie sabe se cuidar.

— Alguém quer mais vinho?

Jenna se levantou com um sorriso melancólico no rosto. Aparentemente, havia percebido o quão ruim tinha sido a sua ideia de convidar os meus pais. Uma guerra estava acontecendo naquela mesa e nós mal tínhamos notado que ela começou, não naquela noite, mas há muito tempo.

— Gostaria de mais um copo de uísque. — Owen ergueu o copo para Robert, que assentiu ao pegá-lo. Minha mãe, entretanto, segurou o punho de meu pai para abaixá-lo.

— Você já bebeu demais por uma noite, Owen.

— Eu estou bem, Evelyn. — Ele se afastou do toque dela bruscamente e entregou o copo ao pai de Lincoln, que sumiu para dentro do corredor em direção a sua adega. Jenna o seguiu, levando consigo a taça de Lincoln e a de minha mãe. — Você não precisa me tratar como se eu fosse um moleque.

— Vocês podem parar? — pedi, apertando a mão de Lincoln com força. — Hoje não, por favor.

— É, Evelyn, *hoje não*.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você também. Chega — sibilei, apertando os lábios ao tentar controlar a ira.

— Sua filha *bastarda* está me pedindo para parar.

— O que disse, Owen? — Minha mãe se virou rudemente em direção ao meu pai, que lambia os dedos depois de comer uma costelinha.

— Não se preocupe, Evelyn. Nossa querida Ellie já sabe de tudo. — Lançou um olhar em minha direção. Ele tinha repulsa dominando seus olhos. — Não é, Ellie? Que eu contei a você que sua mãe trepou com um filho da puta qualquer enquanto eu comia a minha secretária? Aquele foi o melhor dia da minha vida. Não aguentava mais guardar esse segredo, precisava contar a você e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

acabar de uma vez por todas com esse fardo! Eu ficava louco de esconder uma coisa tão importante como essa!

— Já chega! — Lincoln se levantou e puxou minha cadeira para que eu me afastasse da mesa. — Vocês dois são piores do que imaginei. Ellie me contou que o senhor tinha sido duro com ela ao contar a verdade, mas não pensei, nem por um minuto, que era tão repulsivo! Não consigo olhar para você! Owen, pelo amor de Deus, aquele foi o pior dia na vida de Ellie. — Meu pai abriu a boca para contestar e Lincoln apontou o dedo em riste em seu rosto. — É melhor você escolher bem as palavras que vai usar, Owen. Porque se você se atrever a magoar Ellie mais uma vez, juro por Deus, eu não me importo quem ou o que você seja, eu *acabo* com você.

PERIGOSAS ACHERON

— Lincoln! — Jenna parou na entrada, segurando duas taças com vinho até a borda. — O que você pensa que está dizendo?

— Ellie, querida — minha mãe se levantou quando consegui sair da cadeira —, vamos falar sobre isso. Por favor. Eu não fazia ideia que você...

— Que eu sabia. Eu sei, mãe. Eu escolhi guardar para mim e sofrer sozinha, mas, pensando bem, eu concordo com ele. — Gesticulei para o homem repugnante diante de mim. — Esse fardo não é meu para que eu carregue. Nem dele. É seu. Foi escolha sua trair o homem com quem se casou. Escolha sua esconder a verdade de mim. Então, por que eu continuo sofrendo por um erro que nem mesmo cometi? Não preciso e nem quero saber o que aconteceu entre você e esse homem. Não hoje,

talvez outro dia, quando eu já não tiver mais escolha. Mas, enquanto eu puder escolher, vou ficar com a opção de nem mesmo saber o nome dele.

Segurei a mão de Lincoln e estagnei na sala, quando minhas pernas tremeram. Busquei apoio no encosto do sofá e Lincoln me amparou. Ele segurou minha cintura, a envolvendo com seu braço direito.

— Ellie — sussurrou e afastou a cortina de cabelo que cobria meu rosto —, você quer ir para algum lugar?

— Quero sair daqui — soprei com a voz embargada. — A casa da minha avó. Por favor.

— Você trouxe a chave?

PERIGOSAS NACIONAIS

Disse a ele que tinha guardado uma cópia em seu closet quando começamos a namorar. O instruí a procurar nos bolsos de seu antigo uniforme do hipermercado. Lincoln subiu os degraus com pressa e voltou tão rápido quanto sumiu. Na mão, ele trazia seu antigo *iPod*, a chave da casa, algumas velas e um cobertor.

Ele me guiou para fora e, em um instante, estava sorrindo com Lincoln. No outro, sentia como se todo o meu corpo fosse feito de cera e estava derretendo com o calor da raiva.



A casa estava tão empoeirada como conseguia imaginar. Lincoln cobriu a sala com o cobertor, acendeu as velas do outro lado, para iluminar e

PERIGOSAS ACHERON

aquecer o lugar. Ligou seu antigo *iPod* e deixou que sua playlist favorita dos tempos do colégio tocasse.

Estava recostada à parede, com a cabeça tombada para trás e Lincoln se sentou ao meu lado. Os braços estavam apoiados no alto de seus joelhos.

— Acho que nunca te contei, mas sempre que meus pais brigavam por minha causa, eu corria para a casa da minha avó e passava o fim de semana todo aqui. Não saía muito, então, com certeza, você não me viu muitas vezes do lado de fora, mas a vovó me deixava assistir televisão até tarde e me empanturrava de chocolate quente com *marshmallow* no inverno. Eu não fazia ideia do motivo deles brigarem tanto e o porquê de eu sempre ser o assunto, mas agora entendo. Antes,

PERIGOSAS NACIONAIS

achava que era por estar decidida a não fazer a faculdade que toda a família fez. Sabe, eu estava quebrando uma tradição de anos.

— Sua avó sempre me pareceu ser uma velhinha legal. — Ele riu e beijou a lateral de minha cabeça.

— Ela era a melhor coisa que eu tinha na vida. Quando soube que havia falecido, meu mundo desabou. Foi como se... um Deus que eu sequer acreditava, estivesse me punindo, mas naquele mesmo dia conheci você. Então me perguntei se estava sendo punida ou alertada.

— Alertada?

— É, que eu devia começar a acreditar porque se anjos existiam, Deus também devia existir em algum lugar.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nossa. — Ele assoviou. — Você pode continuar sendo extremamente filosófica. Eu nem mesmo vou mais me importar se não quiser dizer eu te amo para mim pelo resto de nossas vidas!

Eu o empurrei com o ombro e rimos.

— Eu até faria chocolate quente para você com *marshmallow*, baby, mas tudo o que temos aqui é um cobertor — segurou o pano grosso para se justificar — e algumas velas para clarear o lugar.

— Está perfeito, Lincoln.

— Não quero que fique pensando nem se culpando pelo que aconteceu hoje.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu odeio essa cidade — grunhi, segurando o choro na garganta até senti-la doer. — Desde que chegamos só coisas ruins aconteceram.

— Quando eu voltar para Aspen, prometo que vou tirar um ano sabático e vamos sair de férias.

— Será que vamos conseguir?

— Ellie, o tempo não é nosso inimigo. Quero usar o meu com você.

Assenti, sorrindo.

No instante em que deitei minha cabeça em seu ombro, a música de Elvis Presley, *Can't help falling in love*, soou do pequeno aparelho no meio do cobertor. Lincoln ergueu a cabeça para olhar para mim e, em um ímpeto, estava de pé com as mãos estendidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É a nossa música. Quando ela toca, nós paramos tudo o que estamos fazendo para dançar.

Dei minhas mãos a ele.

Passei os braços em volta de seu pescoço, minhas mãos pendendo em seus trapézios. Lincoln enlaçou minha cintura e afundou o rosto na curvatura de meu pescoço. Escondi o meu em seu peito e inalei o perfume masculino. Nossos corpos se moveram lentamente. O cobertor velho sendo nossa pista e à meia-luz das velas nosso conforto.

Estar nos braços de Lincoln poderia ser comparado ao melhor presente que a vida me deu.

— Você será para sempre meu *Valentine's day*, Ellie.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*Eu não vou esperar até que você termine
De fingir que não precisa de ninguém
Estou aqui, vulnerável (vulnerável, vulnerável)
Estou aqui, vulnerável (vulnerável, vulnerável)
Eu não vou tentar até você decidir
Que está pronta para engolir todo o seu orgulho
Estou aqui, vulnerável (vulnerável, vulnerável)
Estou aqui, vulnerável (vulnerável, vulnerável)*

NAKED – JAMES ARTHUR

Nós voltamos para a casa dos meus pais no meio da noite, muito tempo depois de ouvirmos Owen e Evelyn discutindo no jardim, sobre quem deveria voltar para casa dirigindo. Ellie tinha pegado no sono, aninhada em meus braços, portanto, não escutou quando seus pais pareciam prestes a avançar um no outro. A abracei mais forte, como se fosse capaz de protegê-la de todo o mal externo que sua família podia causar a ela.

Não conseguia compreender o sentimento de dor de Owen. Anos atrás, quando estava prestes a me casar com Ellie, me lembro de tê-lo escutado dizer a Evelyn que eu estava prestes a levar sua filha para longe da família, para longe, principalmente, dele. Não tinha nenhuma explicação para o tratamento horrível que Owen tinha com Ellie. Talvez estivesse magoado com Evelyn e o pai biológico de Ellie, mas a única

PERIGOSAS NACIONAIS

pessoa frágil o bastante emocionalmente para ser atingida era Ellie. Decidi que consideraria essa ideia, até que pudesse ser provado o contrário.

Meus pais estavam cochilando na sala com a tevê ligada quando entramos. Ellie enrolada no cobertor, afugentando o corpo do frio e da neve que nos nocauteou nos poucos passos que demos da antiga casa da senhora Henrietta até ali. Minha mãe foi a primeira a se sobressaltar quando a porta bateu, conseqüentemente acordando meu pai.

Ellie ficou parada no hall, encarando minha mãe e tentando se esconder atrás de mim. Estava envergonhada. Vi pela visão periférica quando separou os lábios, prestes a dizer alguma coisa e, em seguida, desistiu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem, Ellie? — minha mãe quis saber ao se levantar e caminhar com cautela em nossa direção. Minha esposa estava parecendo um bichinho arisco. Ela buscou consolo em mim, descansou sua cabeça em meu braço e entrelaçou nossas mãos. — Quero que você saiba que nós entendemos. Robert e eu sempre te vimos como parte desta família — confessou ela, esboçando um sorriso de compreensão. — Não quero que você pense que estamos forçando a barra, Ellie. Nós só queremos garantir que você saiba que não nos importamos com a maneira como seus pais agiram esta noite. Todas as famílias têm seus problemas. Lincoln não se lembra, mas Robert e eu também tivemos nossa fase de desavença.

— Minha mãe traiu meu pai e me teve. — Ellie suspirou. — Vocês tiveram um problema assim?

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe pressionou os lábios, sendo calada pela dor que emanava das palavras de Ellie. Contudo, não pareceu nem um pouco chateada com a sinceridade de minha esposa.

— Esse não é um problema que cabe a nós resolver, querida. Nem mesmo você.

— Sinto muito que os problemas dos meus pais tenham estragado essa noite. Sei que queria um jantar de São Valentin perfeito.

— Ah, por favor. — Meu pai se levantou, prepotente. — Você não tem que se desculpar, Ellie. Agora mais do que nunca, nós compreendemos seus motivos de manter distância. E quer saber de uma coisa? É melhor que se afaste daquilo que te causa desequilíbrio. Você estar bem é o mais importante aqui.

— Muito obrigada!

Ellie sorriu sinceramente para meus pais e seguimos em direção ao quarto.

A noite pareceu durar uma eternidade. Nós passamos algumas horas rolando na cama, esperando que o sol enfim aparecesse. Quando aconteceu, juntamos as malas e fomos embora. Prometi ao meu pai que em uma semana estaria de volta a Denver e cumpriria com a minha promessa de ajudá-lo por um tempo.

Então foi desse modo que a nossa viagem a Denver me pareceu um erro, mas ao mesmo tempo acreditava que tudo que havia acontecido, precisava ser daquela maneira. Ellie finalmente tirou o peso que a afundava naquela areia movediça. Para sua mãe não era nenhum segredo que Owen a traía – e

Ellie pôde tirar a culpa de si por nunca ter contado — e agora Evelyn sabia que seu passado com um amante não era mais um segredo para a sua filha.



— Você fez o quê? — Ethan me confrontou na manhã seguinte a viagem.

Ele estava debruçado sobre o balcão enquanto eu organizava as camisetas novas que chegaram no fim de semana passado. A loja ainda estava fechada e aproveitei para contar a ele sobre o que aconteceu com Chad, que ele estava disposto a um processo contra a rede de hipermercados Coleman e meu pai, mas também aberto para um acordo.

No ápice da raiva, eu estava disposto a arcar com todos os danos financeiros que causei ao meu pai por ter atacado um de seus funcionários e ao colocar tudo na ponta do lápis, talvez não tivesse tanto dinheiro quanto pensei.

— Não podia deixar que ele insultasse Ellie bem na minha frente.

— Você podia ter esperado ou, sei lá, deixado quieto. Você não faz o tipo violento, Lincoln!

— Ethan, ele literalmente disse a Ellie que ela deveria *tentar de novo* e dessa vez *não falhar*! Eu e ela já conversamos sobre isso. Ela diz que foi um acidente, e acredito nela, mas...

— Mas e se não foi? — concluiu ele, com um suspiro pesado. — Tudo bem, cara. Mas onde vai arranjar grana para pagar as despesas? Porque logo

PERIGOSAS ACHERON

a conta do hospital chega, os remédios e não vai demorar até que você seja intimado pelo advogado do Chad! — Ele deu a volta no balcão e se aproximou. — Nós dois sabemos que essa loja vem cambaleando há alguns meses.

Ethan estava certo, mas eu costumava ser otimista quando o assunto era dinheiro. Ser comerciante tinha vários fatores que precisavam ser levados em consideração e um deles é que, em certos momentos, você mais gasta do que lucra e na última temporada foi exatamente assim que minha loja caminhou. Tinha clientes, mas não lucros o bastante para cobrir todos os gastos pessoais e despesas do negócio.

— Fiquei assustado quando sugeriu que contratássemos mais um funcionário. Você mal consegue pagar meu salário! — Arqueei incrédulo

a sobancelha para Ethan e ele pigarreou.

— Foi só uma temporada ruim. Vai ser melhor no próximo inverno — garanti, semicerrando os olhos. — Além disso, vou trabalhar com meu pai pelos próximos dois meses. O salário não é ruim, meu pai sempre foi um chefe que gosta de satisfazer seus funcionários com bom pagamento.

— Se você está dizendo. — Ele ergueu as mãos na altura dos ombros em forma de rendição. — Você não acha estranho que a Ellie esteja lidando com tudo numa boa? Quer dizer, eu conheço a sua mulher desde que conheço você. Ela nunca foi compreensiva, amigável e companheira — Ethan contabilizou com os dedos, mostrando-os para mim. — Não tem algo errado acontecendo? É muito estranho, cara. Natalie concorda comigo.

— Ah, agora você e Natalie são amigos?

— Não de verdade, nós nos divertimos naquela noite e conversamos um pouco sobre a Ellie.

— Olha só, eu confio nela, tá legal? Você e Natalie estão sendo intrometidos. Se surgir algum problema, nós vamos resolver e quando digo *nós*, Ethan, estou falando sobre mim e Ellie. Meu casamento só diz respeito a mim!

— Tudo bem, mas não diga que não avisei.

— É melhor você calar a boca e começar seu trabalho.



Ethan passou o dia no balcão atendendo e eu no escritório contabilizando os gastos do último mês. Eu estava ferrado em um sentido maior do que a palavra poderia descrever. Não conseguia medir o tamanho da catástrofe quando ela finalmente chegasse, mas estava me preparando psicologicamente para vender a loja caso os lucros não fossem suficientes nos próximos três meses. Ainda tinha um dinheiro extra guardado no banco para casos extremos assim, mas iria variar com o acordo que Chad pediria. Ele estava sempre com raiva de mim a julgar pelo nosso passado, então não podia esperar que ele fosse condescendente se tratando de Ellie. Afinal, minha esposa não tinha uma fama no colégio por ser adorável.

Saí duas horas mais cedo do trabalho para ir ao meu apartamento e devolver as chaves a senhora Evans. Ela era compreensiva e tive sorte de Lucy

não querer me cobrar multa por sair do lugar antes do contrato de três meses vencer.

— Ei, Lincoln. — Justine estava no balcão no lugar de sua avó, acenou e sorriu para mim assim que atravessei a porta da frente e o sino de alerta tocou. — Vovó disse que talvez você passaria hoje para entregar as chaves.

— Justine — anuí para ela e apoiei os antebraços na superfície da madeira. — Sua avó deixou os documentos para eu assinar?

— Sim, estão aqui — Ela colocou a rescisão do contrato e o termo onde eu declarava que estava saindo por vontade própria. — Ela também me pediu para devolver o dinheiro do aluguel. — Justine se abaixou, procurou por algo nas portas do balcão e quando voltou colocou diante de mim um

PERIGOSAS NACIONAIS

envelope branco com as notas. — Ela disse que não tem problema, na verdade, já imaginava que isso iria acontecer no instante em que viu a Ellie pela primeira vez.

— Como ela sabia disso? — Ri, enquanto assinava no local com meu nome.

— Ela usou a palavra *peculiar* para descrever a sua Ellie. Todos os homens gostam de uma mulher com a personalidade como a dela. Você tem sorte, Lincoln. Realmente muita sorte por ter encontrado alguém que te faça feliz.

— Ellie me enlouquece às vezes, mas ela também sabe me amar como ninguém.

— Fico feliz por vocês. Se precisar de alguma coisa, pode ligar.

PERIGOSAS ACHERON

Assenti. Peguei o dinheiro, minha cópia da rescisão e saí.

Fiz uma parada rápida no caminho de volta para casa em uma joalheria no centro de Aspen. Não era famosa, não tinha tantas opções, mas eu precisava de uma aliança nova e o dinheiro que Lucy devolveu para mim daria para comprar uma e ainda sobrava um pouco.

Não tinha muitas exigências, escolhi uma simples e que combinava com o anel de noivado. Era prata e com menos de um centímetro de largura.

Costumava dizer que a vida gosta de nos pregar peças. Não importa em que auge esteja, algo vai acontecer para te surpreender. Assim que saí da joalheria, com a aliança de casamento já no meu

dedo e sorrindo como se tivesse ganhado na loteria, só pelo simples fato de me sentir completo por Ellie e eu estarmos vivendo o casamento que sempre almejei termos, *eu a vi*.

Savannah Delaney estava recostada na porta do motorista de seu carro branco. Desta vez, Cora não estava junto. Ela segurava um copo de café e bebericava a goles curtos, como se tentasse controlar a ansiedade. Assim que a porta da joalheria fechou atrás de mim, ela aprumou o corpo e tive certeza de que havia andado me procurando. A cidade era pequena, portanto, não precisava de muito esforço para encontrar alguém. Bastava querer.

Ela havia me enviado algumas mensagens e telefonado na última semana, mas não respondi e recusei todas as ligações. Quando percebi que ela

PERIGOSAS NACIONAIS

não iria parar, bloqueei seu número. Agora que Ellie e eu estávamos nos entendendo, não queria nenhum contratempo e Savannah era não só um contratempo, mas um problema. Ela já tinha se provado uma kryptonita para os meus sentidos.

Uma aparência de modelo, sorriso angelical e gostava de curtir a vida de maneira leve. Qualquer pessoa se sentiria atraído por sua personalidade e beleza.

Os cabelos loiros estavam sob uma touca branca, trajava um suéter azul-escuro, jeans claro e botas impermeáveis.

— Eu tentei te ligar para avisar que estávamos voltando, mas acho que você mudou de número. — Ela veio até mim, num caminhar lento e

PERIGOSAS ACHERON

propositalmente sensual. — Ou você está me evitando.

— Por que você voltou? — Pressionei os olhos, querendo protegê-los do sol de fim de tarde.

— Quando voltei para Miami fiquei com a sensação de que tinha deixado algo para trás. Não é tão simples assim. Nós começamos uma coisa naquele dia, eu quero terminar.

Ah, droga.

— Pensei que tivéssemos conversado sobre isso no dia que você foi embora. Foi só um momento. Você se desculpou, eu me desculpei e acabou. Eu ainda estou casado!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Espera um pouco. Eu achei que você estivesse a um passo de se divorciar! — ralhou, ela lançou o copo de café contra a lixeira a poucos centímetros de distância de nós. — Você só pode estar sacaneando comigo!

— Savannah, eu sinto muito. Sério, aquele dia, nós dois... foi um erro. Eu amo a minha mulher!

Savannah ficou fora de órbita por um momento. A respiração rarefeita, carregada de um visível desespero e quanto mais olhava para ela, mais percebia que não conhecia a mulher que estava diante de mim. Ela se mostrou uma mulher controlada, livre e leve no dia em que nos conhecemos, que não se importava de ter uma noite casual com alguém sem precisar de ligações

PERIGOSAS ACHERON

emocionais mais fortes. Porém, eu vi a tristeza em seu olhar, a fraqueza que minhas palavras causaram em seu corpo e senti *culpa*.

Eu a havia colocado naquela situação. Sozinho tinha decidido que queria sair com ela e fiz com que acreditasse que meu sentimento por Ellie não era mais que um simples gesto de gratidão por todos os anos que passamos juntos, quando, na verdade, eu a ainda amava de forma que me queimava de dentro para fora.

Ela se desequilibrou e buscou por apoio no topo de seu carro. A mão errou o alvo e estiquei as minhas para segurá-la antes que a queda a seguir fosse escandalosa. Savannah se agarrou em meu braço como se dependesse de mim.

— Você está hospedada em que hotel?

— No hotel *Jerome* — disse com a voz enrolada.

— Melhor deixar seu carro aqui. Eu te levo.

Ela concordou, anuindo a cabeça. A guiei em direção ao meu carro e preendi o cinto em volta de sua cintura. Dentro do carro, liguei o rádio para disfarçar o silêncio e não ser obrigado a voltar a falar no assunto. Savannah, entretanto, pareceu ser mais ousada e desligou o aparelho dez segundos depois. A música de *Girls like you*, de Maroon 5, tinha acabado de começar. Mesmo assim, evitei olhar para ela por todo o caminho e desviei de qualquer conversa que ela tentou começar.

O hotel Jerome era um dos mais famosos de Aspen, conhecido como a joia da coroa da cidade. Ele ficava na *East Main Street* e tinha uma

PERIGOSAS NACIONAIS

estrutura de tijolo que foi construído em 1880. O hotel com sua estrutura rústica foi listado como um lugar histórico e sua aparência rústica era um chamariz do lugar. Ajudei Savannah a sair do carro, a guiei para dentro do hotel e me deslumbrei com a aparência do hall.

A lareira estava acesa e a luz dos lustres amena, dando um ar mais aconchegante ao lugar. As paredes com tijolos expostos, sofás em tons mostardas e poltronas brancas, estrategicamente bem posicionados. Logo perto dali, havia um bar. As pessoas se serviam de bebida e se aconchegavam em um dos sofás.

— Obrigada por ter me trazido. Acho que foi só um mal-estar, porque não comi o dia todo. Cheguei de viagem tem menos de duas horas e fui te

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

procurar — ela pigarreou. — Sinto muito por ter confundido as coisas. Eu pensei que a mesma conexão que eu senti, você também sentiu.

— Você é uma mulher legal, Savannah. Sou eu quem estou me sentindo culpado por ter te confundido. Quando nos conhecemos pensei que estava decidido sobre o meu casamento, mas Ellie me fez perceber que não. Eu a amo e preciso dela.

— Não se preocupe, eu não sou de me prender a caras como você por muito tempo. Tenho certeza de que amanhã vou estar em outra! — Ela enviou uma piscadela para mim.

— Você vai ficar bem?

— Vou, mas posso te pedir uma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Coloquei as mãos no bolso da calça. Na verdade, queria ir para casa e jantar com Ellie.

— Bebe um drinque comigo?

Eu a encarei, estava prestes a recusar quando seu olhar ficou cabisbaixo.

— Um drinque e vou embora.

— Um drinque! — exclamou ela, estendendo o indicador.

Nós fomos até o bar. Savannah pediu uma margarita e eu uma cerveja corona com limão.

— O que foi que te fez mudar de ideia sobre o casamento? — Ela afastou uma almofada laranja do sofá para se sentar no canto. Eu me sentei ao seu lado, contudo, mantive distância.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ela. Você tinha razão quando disse que eu só precisava encontrar um motivo para continuar lutando. Ela é meu único motivo.

Ela suspirou.

— Estou com inveja de você, Lincoln. É sério. Mesmo que você tenha partido meu coração em mil pedacinhos, a forma como você fala dela me faz acreditar que ainda vou encontrar alguém para falar de mim do mesmo jeito.

Eu ri.

— Você parece estar sempre se controlando, Savannah. Te conheço há pouco tempo, mas consigo dizer sem problema nenhum que o que te prende, também é o que te faz ser livre.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tenho um espírito selvagem, garanhão. — Ela sugou o líquido de sua taça pelo canudo curto. — Eu me apaixono fácil, preciso admitir. Sei que não parece, mas é assim que sou. Na maioria das vezes, o cara está comprometido ou não tem a intenção de me levar a sério! Acho que foi assim que aprendi a me desligar. — Deu de ombros com desdém.

— Você é bonita e inteligente, vai encontrar o cara certo. Só para de tentar se envolver com os caras errados. — Nós rimos em uníssono.

— Você é o último cara errado com quem tento me envolver. Fiz essa promessa no minuto que notei a sua aliança. — Gesticulou com a ponta do queixo para minha mão esquerda. — Xeque-mate, Lincoln. — Ela ergueu a taça em minha direção, brindando a sua perda.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É a última vez que nos encontramos. Não quero que a Ellie pense errado. — Bati com o gargalo da minha garrafa em sua taça.

— Está me dizendo que não vai contar a ela sobre nosso reencontro? — Savannah ergueu uma de suas sobrancelhas, não soube definir seu tom de voz, mas soou como uma surpresa. — Do que ela tem medo?

— Eu a traí com você. Do que acha que ela tem medo?

— Nossa! — Ela sugou mais um gole da margarita. — Não achei que você tivesse contado a ela nosso *segredinho sujo*.

— Claro que eu contei, não dá pra recomeçar escondendo as coisas um do outro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É melhor você parar de falar, quanto mais você fala, mais eu acredito que não será possível encontrar um cara como você por aí.

Nós rimos de novo.

Foi divertido passar um tempo com Savannah. Não parecia que estávamos tentando alguma coisa, apenas conversando como bons amigos. Isso até Ethan me ligar.

— *Cara, onde você está?*

— Eu me encontrei com Savannah e paramos para conversar — contei e Savannah riu, erguendo sua segunda taça em minha direção e pedindo ao mover os lábios para dizer oi a Ethan. — Estou voltando para casa. Por quê?

— *Ah cara, isso é ruim, muito ruim.*

PERIGOSAS ACHERON

— O que foi, Ethan? — Eu me levantei, abandonei a garrafa de cerveja. Acho que estava na segunda.

— *Desculpa, cara. Não pensei que você seria idiota o bastante para concordar sair com Savannah outra vez!*

— Do que é que você está falando?

— Se for o Ethan, diz para ele desligar, porque eu já cheguei.

A voz de Ellie estava firme e prepotente. De braços cruzados, com a bolsa preta pendurada no ombro. Savannah se levantou no mesmo instante, em um ímpeto, quase derrubando parte de seu drinque em sua roupa. Ellie não estava só magoada, mas enfurecida. A testa com vincos profundos ameaçando acabar comigo.

— *Ela chegou aí, não chegou? Foi mal mesmo! Não foi a minha intenção contar a ela! Mas a Savannah apareceu aqui hoje atrás de você e, bem, Ellie chegou quase uma hora depois que sua amiga saiu. Eu sabia que a Savannah estava hospedada no Jerome e...*

Desliguei o telefone porque já tinha entendido tudo.

— Enquanto vinha para cá, fiquei pensando que eu só precisava ter certeza. Porque confio em você. Porque sei que não faria nada para me magoar, depois de tudo de incrível que você fez por mim nos últimos dias. Quando Ethan disse que ela foi te procurar, eu tinha certeza de que você a dispensaria na mesma hora.

— Ellie...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se você vai usar a frase “eu posso explicar”, pode poupar o seu fôlego! Para mim não interessa que é só um drinque idiota. — Ela apontou, furiosa para a taça de Savannah e, em seguida, para a minha cerveja esquentando na mesa de centro. — Depois dela ter te beijado, você não deveria nem mesmo pensar em olhar para ela, Lincoln! Não importa o quão ruim estivesse o nosso casamento, eu nunca faria uma coisa dessas com você! Eu nunca te trairia!

— Pensei que nós tínhamos resolvido esse problema! — gritei ao abrir os braços e, em seguida, senti olhares pesarem em mim.

— Quer saber de uma coisa? Eu também achei, mas a verdade é que sempre que você não chegar na hora certa em casa, é nela que vou pensar! —

PERIGOSAS ACHERON

Ela respirou fundo ao tombar a cabeça para trás. —
Acho melhor você ir para Denver hoje mesmo.

— O que você quer dizer com isso?

— Você pode ter certa facilidade em perdoar,
Lincoln, mas eu não consigo. É demais para mim.

— Eu não posso ir para Denver hoje, Ellie!

— Preciso de um tempo para pensar e não
consigo fazer isso com você dormindo na mesma
cama que a minha. Talvez tenha um espaço para
você na cama dela! — Apontou para Savannah, que
se retraiu.

— Você está sendo injusta comigo de novo.
Não está me dando a chance de me explicar!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por mais que eu pense, não vejo nenhuma justificativa para vocês dois juntos de novo! — Ellie suspirou profundamente. — Só por um minuto se coloque no meu lugar, Lincoln. Tente entender como você se sentiria se me visse bebendo com Chad.

Minha mandíbula travou, porque só de pensar nos dois juntos sentia minha garganta fechar e a raiva dominar cada membro do meu corpo.

— Que bom que você entendeu.

— Eu não quis te provocar, Ellie. Me desculpa.

— Não dá. Eu entendi que, enquanto isso me magoar, não posso te perdoar. Estava dando certo porque não pensava em vocês dois juntos, mas eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vi a maneira como você ri e se diverte com ela e eu... — Fechou os olhos e apertou os lábios. — Não consigo.

— Talvez eu deva ir para Denver hoje.

— Acho que é o melhor para nós dois.

Ellie não derramou nenhuma lágrima enquanto me mandava embora. Já eu, quando a vi partir, foi como se ela estivesse levando meu coração junto porque ela era tudo que o fazia bater.

PERIGOSAS ACHERON



*“Então vamos, deixe para lá
Apenas deixe acontecer
Por que você não pode ser apenas você?
E eu ser eu mesmo?
Tudo o que está quebrado
Deixe o vento levar
Que tal você apenas ser você
E eu ser eu mesmo?”*

LET IT GO – JAMES BAY

Uma semana depois...

Existia uma coisa sobre mim que muitas pessoas não entendiam; a mágoa que guardava se transformava em rancor e eu não conseguia me livrar dele. Nos primeiros dias foi fácil me convencer de que tinha tomado a decisão certa de mandá-lo embora uma semana antes do previsto, mas depois a saudade arrefeceu meu coração e por muito pouco não cedi a ela.

Estava tão magoada com Lincoln por tê-lo visto com Savannah que fiquei cega. Tinha me esquecido de todos os motivos que me levaram a querer perdôá-lo. Ethan jurou que Lincoln jamais faria nada que pudesse me magoar e acreditava nele.

PERIGOSAS NACIONAIS

Acreditava de verdade. Só não conseguia entender o porquê de meu marido não ter chegado a tempo de jantar comigo naquele dia.

Ele me enviou mensagens todos os dias. De manhã, quando ia trabalhar com seu pai; e à noite, depois que chegava em casa. Descobri que ele estava trabalhando mais do que normalmente acontecia quando estava em Aspen e precisei controlar a vontade de ligar para ele, para ter certeza de que a rotina pesada não estava o adoecendo.

A página no Facebook da rede de seu pai também andava atualizada. Não era chegada em redes sociais, mas nos últimos dias achei uma grande utilidade para elas; conseguia ficar mais perto de Lincoln sem ter que ferir meu orgulho.

PERIGOSAS ACHERON

Minha mãe tentou falar comigo algumas vezes nesse período. O telefone tocou, mas não cedi às suas mensagens tristes e apelativas. Ainda não estava pronta para ouvir o que quer que ela quisesse me dizer.

Na casa, Snow me fazia companhia. Durante o dia, me contentava com as conversas de Zoe. Mergulhei profundamente no trabalho e em uma semana o site da livraria estava pronto. Contratamos uma garota de vinte e um anos chamada Spencer Turner para monitorar os pedidos on-line e Zoe ficou encarregada de fazer o despacho. Em menos de dois dias, já tínhamos vendido mais de cem livros.

Oi, cheguei agora em casa. Espero que esteja bem. Estou com saudade.

Recebi a primeira mensagem de Lincoln da sexta-feira por volta das oito da noite. Estava comendo um hambúrguer gorduroso, tomando Coca-Cola e aninhada ao sofá sob uma manta felpuda, com Snow se aconchegando nos meus pés. Assim que o celular vibrou na mesinha oval de centro, meu husky siberiano ergueu as orelhinhas como se soubesse que era Lincoln.

Deixei o sanduíche de lado e me inclinei para pegar o celular. Rolei o dedo no display, soltei um suspiro derrotado. Havia tantas mensagens dos dias anteriores não respondidas que me deixava aturdida. Queria poder não ser absolutamente ciumenta e instável. Lambi a ponta dos dedos e ajeitei a postura. Meus dedos dançaram na tela e vi os olhinhos azuis de Snow me fitarem enquanto me distraía ao digitar a primeira mensagem para Lincoln depois de uma semana.

Meu Deus. Você está mesmo digitando uma mensagem?

Recebi antes mesmo de conseguir de terminar a frase que estava escrevendo. Ri para a tela e joguei o corpo contra o encosto com força.

Eu realmente sinto muito, Ellie. Não foi minha intenção te magoar. Fui até lá para ser claro com ela. Savannah vinha me enviando mensagens de texto e me ligando algumas vezes. Mesmo depois de ter bloqueado o número dela, ela ainda não tinha desistido. Quando conversamos, percebi que Savannah não sabia que nós estávamos nos entendendo. Foi um erro. Eu sei que você está puta comigo.

Meus polegares pairaram sobre o teclado virtual do celular e mordisquei o lábio inferior, desistindo de responder. Apaguei todas as palavras que havia escrito e bloqueei a tela.

Voltei minha atenção para a tevê ligada. O filme sequer era interessante. Tinha perdido todo o foco do filme repetido do *Cisne Negro* que passava. Enterrei ainda mais o corpo no sofá e debaixo do cobertor.

Snow continuava olhando para mim, como se me pedisse silenciosamente para responder ao homem que eu amava, mas que eu não conseguia esquecer seus erros como ele havia feito comigo.

É engraçado como nós, seres humanos, somos egoístas. Lincoln havia me perdoado tantas vezes, por tantos erros diferentes e eu não sentia que

conseguiria fazer o mesmo por ele.



Duas semanas depois...

— Spencer, o pedido de Colorado Springs! — Zoe gritou para a garota de cabelos escuros até a cintura e olhos castanhos sentada atrás do balcão. Ela veio com cinco livros empilhados nos braços e os jogou na frente da garota. — Preciso do nome completo e endereço — numerou Zoe, apontando com os dedos na frente do rosto de Spencer.

Acabei rindo baixinho. As duas estavam sempre se enfrentando, era como se não pudessem se entender por serem orgulhosas demais para

PERIGOSAS ACHERON

seguirem ordens.

— Eu te entreguei o nome completo e o endereço ontem, Zoe. — Spencer cruzou os antebraços no balcão e semicerrou os olhos para a loira.

— Não, você me entregou um pedido de Glenwood Springs!

— Eu tenho certeza de que te entreguei tudo certo, mas posso imprimir uma nova cópia. Basta admitir que perdeu no meio da sua bagunça os papéis que te entreguei!

— Não perdi nada! — Zoe retorquiu, retorcendo os lábios e inflando as narinas. — Quer saber? Esquece! Se você me entregou deve estar por aqui em algum lugar.

PERIGOSAS NACIONAIS

A livraria estava uma completa bagunça, com caixas abertas espalhadas por todos os cantos e livros novos sobre as duas mesas de trabalho que tínhamos próximas a janela de vidro que ocupava todo o comprimento da parede. Suspirei, vendo-as discutir. Nos primeiros dias, Spencer só estava tentando se adaptar, mas na segunda semana, ela notou que para lidar com Zoe não bastava apenas um processo de adaptação. Minha antiga funcionária não era só exigente, mas se considerava uma gerente e tudo precisava estar em ordem para quando eu chegasse.

Fiquei sentada em uma das mesas, atrás de uma pilha enorme de livros de romance *young adult*. Mordi a tampa da caneta que estava na mão, anotando as finanças do último mês e estiquei o pescoço para assistir a discussão que se desenrolava.

PERIGOSAS ACHERON

— Ellie, acho que precisamos de mais funcionários! Eu mal consigo encontrar a minha xícara de café no meio de toda essa bagunça. — A voz esganiçada de Zoe soou mais autoritária do que de costume. Eu a encarei sobre os livros, com a testa franzida. — Eu sei que você é quem manda, mas olha só para esse lugar! — Ela esticou os braços para mostrar a nossa volta, a bagunça descomunal tomando conta dos quatro cantos. — Isso aqui está uma zona e com tantos pedidos por dia no site, não temos espaço para a separação dos livros!

— Então não precisamos de mais funcionários, precisamos de espaço. — Arqueei as sobrancelhas e cruzei os braços sobre o caderno em que estava anotando. Zoe se aproximou e cruzou os braços diante de mim para se manter firme. Eu mantive nosso contato visual. Recostei no encosto da

cadeira. — Acabei de contratar uma funcionária nova, Zoe. Não posso alugar um lugar maior. Um passo de cada vez.

— Falou como uma verdadeira empreendedora — Spencer interveio, com um sorrisinho cúmplice rasgando seu rosto. Sorri de volta para ela.

— Você é a novata. Fica quieta — Zoe respondeu, apontando o dedo em riste, mas ela também devolveu a Spencer um sorrisinho de companheirismo e percebi que, embora a discussão parecesse séria, elas estavam bem. — Estou aqui há quase seis anos e a Spencer já acha que pode opinar!

— Ela pode. — Fechei o caderno e me levantei. Abotoei o cardigã rosa e ajeitei meu jeans claro, preso na cintura com um cintinho branco. — Vou

PERIGOSAS NACIONAIS

pensar sobre contratar mais funcionários e ver um lugar maior, tá? Estou terminando de fazer o levantamento, os lucros aumentaram exponencialmente com a abertura da nossa livraria virtual.

— Talvez devêssemos contratar alguém para o marketing. — Zoe me seguiu em direção ao meu escritório enquanto falava, reluzente, sobre como a livraria estava deslanchando com a abertura de um site. — Precisamos de um nome mais chamativo do que “*Canto dos sonhos*”. Parece nome de loja de pijamas para criança!

— Ah, é? — Eu ri, joguei o caderno na minha mesa e Zoe entrou atrás de mim. Puxou uma cadeira na frente para se sentar e me acomodei na minha. — Alguma sugestão?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que você acha de *Livraria Sunshine*? —
Ela apertou os olhos e deslizou com as mãos pelo ar. — Ou *Estante da Ellie*?

— Estante da Ellie parece bem original.

— Tem personalidade, quer dizer, tem a sua personalidade superdifícil!

— Ha-ha-ha, eu aposto como você vem enchendo a cabeça da coitada da Spencer com mentiras sobre mim.

— Ué, ela precisa saber como você lida com os funcionários por aqui.

— Até onde sei, sou uma ótima chefe. — Abriu a gaveta e retirei de lá um envelope pardo. Havia papéis ali que poderiam definir o futuro de Zoe para sempre.

PERIGOSAS ACHERON

— Estou te pedindo um aumento há meses — ela retrucou, cruzando os braços e bufando. — É sério, o valor do meu aluguel aumentou!

— Que tal isso? — Joguei o envelope em sua frente. Zoe me encarou, apreensiva e desviou para o envelope.

Zoe abriu o envelope e puxou o pequeno montante de papéis. Ela leu quieta, os olhos saltaram de seu rosto à medida que ela chegava mais a fundo nas informações. Assim que terminou, largou o contrato na mesa e se apoiou nos braços da cadeira. Mesmo que não tivesse risco de cair, Zoe afundou os dedos no estofado, com medo de que seu corpo cedesse. Acabei sorrindo porque tive a mesma sensação quando finalmente abri a livraria.

— Por que você está me dando trinta por cento da *Canto dos sonhos*?

Respirei fundo e me inclinei, cruzando as mãos debaixo do queixo.

— Você se lembra quando eu disse que precisava de um tempo para mim? Que eu queria descansar? — Ela assentiu, então continuei: — Preciso de alguém de confiança cuidando do meu sonho aqui, Zoe. Você é a pessoa mais competente que eu conheço e é minha amiga.

— Pensei que não podíamos misturar as coisas. Sabe, você sempre disse que nossa relação era profissional, que existe uma linha limite que eu nunca deveria atravessar.

— Você a atravessou todas as vezes que me deu conselhos que eu não pedi. É isso que os amigos PERIGOSAS ACHERON

fazem. — Apanhei uma caneta no porta-lápis e estendi para ela. — Então, você vai assinar ou preciso procurar outra pessoa? — Zoe riu, como se ainda não conseguisse acreditar e, finalmente, pegou a caneta.

— Obrigada, sócia.

— De nada, sócia.

Quando Zoe terminou de assinar, devolveu o contrato para o envelope pardo e o abraçou. Aquele sentimento era único e nada poderia roubar o momento em que você alcança algo que almeja, mas que sequer sabia.

— Que tal *Livraria Zellie*? — perguntou ela, antes de sair da sala.

— O que Zellie significa?

Ela revirou os olhos.

— Pelo amor de Deus, sócia. Em que mundo você vive? É claro que *Zellie* é nosso nome shipper. Porque eu shippo nós duas! — Zoe enviou uma piscadela para mim.

— Que seja Zellie, então.

Assim que Zoe saiu, meu celular vibrou dentro da gaveta e meu coração perdeu uma batida.

*Voltei mais cedo para casa. Acho que fiquei
doente. Estou com saudade.
Para sempre seu, Lincoln.*



Três semanas depois...

Lincoln não me enviou nenhuma mensagem nos últimos sete dias e estava enlouquecendo. Apesar de magoada e rancorosa, saber que ele estava bem me tranquilizava e desde a última mensagem, não tive nenhum retorno dele. Zoe estava encostada na ilha da minha cozinha, bebendo de sua caneca de chá e me encarando sobre a borda como se eu fosse abrir um buraco debaixo dos meus pés enquanto andava de um lado para o outro sem parar.

Ela esticou as sobrancelhas, quase as fazendo tocar na raiz do cabelo. Parei, inquieta e Snow latiu para mim, abanando o rabo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você acha que devo ligar para ele? — perguntei ao meu cachorro, que olhava para mim com os olhos arregalados em expectativa. — E se ele estiver muito doente?

— Você devia ligar se está tão preocupada. — Zoe largou a caneca na pia e deu a volta na ilha. Encostou o quadril no mármore e me encarou. — Não estou entendendo o porquê de todo esse drama. Você só precisa pegar seu telefone e pronto!

— Não falo com ele há três semanas, desde que o peguei bebendo com aquela mulher linda e que me deixa insegura — bufei, caminhando para frente da lareira para me aquecer. Abandonei as pantufas antes de subir no sofá e dobrar as pernas para me sentar sobre elas. Snow e Zoe me seguiram. — Será que ela ainda está na cidade? Talvez eu devesse procurá-la e acabar logo com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E você vai fazer o quê? Brigar com ela?

— Não! — Passei a mão pelo cabelo, tentando desviar a tensão. — Não sei por que pensei nisso, é mesmo uma péssima ideia.

— Olha só, quando nós conversamos sobre isso — Zoe se sentou ao meu lado e Snow deitou no tapete próximo ao fogo — você estava decidida a esquecer o que aconteceu e seguir em frente com o seu marido. Por que você está tão inquieta de repente?

— Porque ele mentiu pra mim!

— Você tem sérios problemas em expor o que sente — minha amiga bufou, descansou a cabeça na mão e apoiou o cotovelo no encosto do sofá. — Por que você é assim?

PERIGOSAS ACHERON

— Porque eu acredito que falar sobre sentimentos é como abrir a porta da frente e convidar as pessoas que vão te magoar para conhecer a sua alma e o seu coração. Isso te deixa fraco e vulnerável. Eu não quero ficar fraca ou vulnerável, Zoe.

— Você já está. Tem três semanas que te vejo pra baixo, andando de um lado para o outro inquieta. E sabe, de verdade, o que mais me chocou? Trabalho para você há seis anos e eu nunca fui convidada para vir à sua casa, até hoje. O que significa que a ausência de Lincoln não só está te deixando vulnerável, mas com medo. Só não consigo entender do quê.

Mordi o lábio inferior. Senti que a aceleração do meu coração aumentou exponencialmente, quase podia senti-lo tocar a minha garganta a cada

compasso. Estalei a língua no céu da boca, o amargo do sabor que tinha nela se espalhou e evidenciou o meu medo. Minha irmã havia descoberto a minha verdade, mas não a verdade nua e crua como eu gostaria de ter contado.

Zoe estava diante de mim, se mostrando interessada e disposta a me ouvir. Se contasse a ela, estaria abrindo meu coração e deixando que ela enxergasse toda a podridão que me habitava.

— Se eu te contar, você promete que não vai agir por impulso e me deixar dizer a ele do jeito certo?

— Você está me assustando. — Zoe ficou sobressaltada, se moveu em inquietude no lugar e estiquei a mão para tocá-la. Assim que senti sua pele sob a palma da minha mão, ela entrelaçou seus

dedos nos meus e inspirei. — Independente do que seja Ellie, estou com você. Não fui embora em todos esses anos que você foi uma megera comigo no trabalho, não irei agora.

Eu precisava falar com alguém, ver a reação de alguém, porque sei que preciso contar, mas começar por ele é complicado.

Umedeci os lábios, fazendo o contorno deles com a ponta da língua. Eu respirei fundo como se fosse mergulhar no oceano e, enfim, afundei.



Quatro semanas depois...

Estou vivo e bem. Fiquei doente, alguns dias de cama e antibióticos. Não sou fácil de ficar doente, você sabe, mas por incrível que pareça aconteceu.

Droga, Ellie, você nem mesmo me ligou para ter certeza de que estava tudo bem!

Você pode atender a porra do telefone?

É sério, eu preciso ouvir sua voz.

Não é justo!

ATENDE O TELEFONE, ELLIE.

— Ele não para de ligar — Zoe me alertou, olhou para a tela do meu celular na mesa.

Estávamos sentadas em um café, perto da loja de Lincoln. Ele me ligou a manhã toda e eu não conseguia falar com ele. Por mais que tentasse, não conseguia. Minha voz estava mais abatida e não queria que percebesse o quanto eu estava sofrendo.

Não é justo, Lincoln.

— Eu posso atender e dizer que você está ocupada. — Sacudi a cabeça, em negação, mas o movimento sutil me causou uma leve tontura e enjoo. — Tem certeza?

— Tenho.

— Não vai comer nada? — Zoe sussurrou e inspirou fundo o ar quente da cafeteria.

Deus, como odiava aquele lugar. Aquele cheiro me deixava nauseada.

O que eu preciso fazer pra você falar comigo?

— Ellie é sério — Zoe encarou meu celular, com o olhar sôfrego para a tela —, estou com pena dele.

— Não estou com fome — respondi sua pergunta anterior, sem conseguir olhar para meu celular. Havia tantas mensagens dele que era quase insuportável ler cada uma delas.

Não consigo me concentrar no trabalho.

Porra, Ellie.

Fala comigo.

Diz qualquer COISA!

— Se você não responder, eu juro que vou...

— Você prometeu! — A lembrei, batendo com a lateral do punho contra a mesa.

Mais um suspiro. Mais uma vez, Zoe assentiu e bebericou de sua xícara.

— Desculpa, é que eu fico angustiada de ver vocês dois assim.

Eu sinto sua falta o tempo todo e isso é uma merda. É pior porque você está me evitando. E está fazendo de propósito!

Eu te amo.

Para sempre seu, Lincoln.



Existem momentos na vida em que você se pergunta por que determinada coisa está acontecendo com você. Sete bilhões de pessoas no mundo e justo você está passando pela pior fase que um dia imaginou. A questão é que meu problema estava longe de ser apenas uma fase.

Meu coração estava palpitando além do normal quando cheguei em casa no final daquele dia. Pensei que estava guiando Snow para casa, mas, na verdade, era ele quem levava. Cada passo que eu dava em direção a minha casa, sentia cada membro do meu corpo se contorcer em uma dor profunda, como se o frio os tivesse congelado. A visão borrada não colaborava com meus passos e várias

vezes tropecei nos meus próprios pés por perder a noção do que era real. Passava mais tempo drogada do que vivendo. Estava sobrevivendo a cada dia com a certeza de que seria meu último.

Meu último dia.

Meu último suspiro.

Tudo que eu queria era poder vê-lo e falar com ele, mas eu sequer conseguia atender as suas ligações; fosse por medo ou por vergonha, estava cada vez mais afundada naquele oceano imenso de dor e culpa.

Então, simultaneamente fui surpreendida e Snow disparou a correr em direção a nossa casa. As luzes estavam acesas e o carro de Lincoln parado em frente a garagem. Snow estava com pressa de chegar e revê-lo, portanto, não suportei segurar a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

coleira e a soltei. Corri atrás, querendo pará-lo, mas em questão de minutos, estávamos os dois ofegantes em frente a porta.

Snow a raspava com as duas patas da frente a porta para que Lincoln pudesse abri-la. Eu me inclinei para frente, sentindo que meus pulmões haviam sido obstruídos pela corrida. Apoiei as mãos na ponta dos joelhos e busquei controlar a respiração, inspirando e soltando o ar lentamente pela boca.

Peguei a chave no bolso do meu casaco branco acolchoado e destranquei a porta.

Meu coração ainda acelerado deu cambalhotas, não por que eu o vi, mas porque a casa estava revirada. Lincoln e eu éramos organizados. Não havia bagunça nem louça do outro dia na pia, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

naquela noite, não só a cozinha como a sala de estar e a sala da tevê estavam uma zona completa. Então, o vi sentado com as mãos na cabeça, escondida entre as pernas e tudo desmoronou em uma fração de segundo.

Não conseguia respirar. Foi como se o ar tivesse sido roubado de mim, quanto mais me aproximava, mais minha garganta se fechava como se uma mão grande e monstruosa estivesse me estrangulando. E essa mão era a minha mentira me fazendo pagar por meus pecados.

Desviei dos copos e pratos quebrados, das panelas criando uma trilha que levava direto a Lincoln e de uma pilha de roupas espalhada na sala. Em sua volta, nosso álbum de casamento e os

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

papéis que estavam escondidos dentro de envelopes pardos no meio do álbum, alguns rasgados, outros simplesmente foram jogados ao vento.

E, enfim, todos os remédios que eu vinha tomando desde janeiro.

Minha perna ficou trêmula e minhas mãos não paravam.

— Corticosteroides, anticonvulsivantes...
Quando...

Ele cortou a frase, ergueu o rosto encharcado em minha direção e meu coração se partiu pela segunda vez naquela noite. Lincoln dificilmente chorava, mas ele estava fazendo isso livremente. Os olhos inchados, o olhar aquoso me punindo como se eu fosse a desgraça que amaldiçoou sua vida e,

PERIGOSAS ACHERON

por fim, os lábios. Eles tremiam violentamente ao falar porque eu sabia que a realidade, a verdade, era dura demais para qualquer um ouvir.

— Eu mesma ia te contar. Eu juro.

— Você ia? — Erguendo a cabeça, Lincoln raspou o dorso da mão na ponta do nariz vermelho.

— O nome dele é Arthur Lawrence — comecei, dando passos curtos em sua direção. Queria tocá-lo, mas tinha medo da sua reação. — O médico que está me tratando.

— Não.

— Fui diagnosticada tem quase dois meses, poucos dias antes de você pedir o divórcio.

— Já chega!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu tinha de dois a três meses!

— Cale a maldita boca, Ellie!

— Eu estou morrendo, Lincoln! — explodi. Gritei tão alto que foi como se minhas cordas vocais tivessem estourado.

Não era uma viciada, como minha irmã pensou.

Não estava sendo imatura e ridícula o perdoando por sua traição, só estava ganhando tempo ao lado do homem que eu amava, porque talvez não conseguisse ser sincera com ele como merecia.

— Eu tenho um glioblastoma multiforme. É um tumor no cérebro. E quanto mais o tempo passa, mais ele cresce. *Eu... ia te contar.*

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Quando? — Lincoln irrompeu de seu lugar, andando bruscamente em minha direção e, na defensiva, dei passos para trás querendo afastá-lo. — QUANDO, PORRA? QUANDO VOCÊ PARASSE DE RESPIRAR?

— Você queria se divorciar! Se eu tivesse contado, você teria ficado comigo por pena! — berrei, minha boca quase tocando a barba em seu queixo quando fiquei na ponta dos pés.

— Meu Deus! — Ele parou, jogou a cabeça para trás e afundou os dedos nos fios de cabelo, os puxando com força visceral. — MEU DEUS. EU. VOU. PERDER. VOCÊ! — ele gritava pausadamente, tentando e falhando ao controlar sua voz irracional, cegada pela dor do reconhecimento do que estava prestes a acontecer comigo. — Eu

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vou perder você... — sibilou, apontando o dedo em riste para o meu rosto. — Eu... não consigo. Tem que ter um jeito, porra!

— Você viu nos exames. — Apontei para a maioria dos papéis rasgados no chão, circundando o nosso universo, nos lembrando que por mais que tenhamos tentado ter o controle de tudo, nós não tínhamos. — Sem chance de cirurgia porque ele já tomou parte da merda da minha cabeça! — gritei, apontando diretamente para a região esquerda tomada pelo tumor. — Eu poderia fazer quimioterapia, radioterapia, acabaria morrendo de qualquer jeito! EU NÃO TIVE ESCOLHA SE NÃO ACEITAR QUE...

— Não acredito que você escondeu isso de mim. — Ele fechou os olhos e vi mais duas lágrimas escorrerem em suas bochechas. — Por

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quê? Por que você fez isso comigo? Por que está me castigando? POR QUÊ? POR QUÊ? — continuava gritando, se aproximando, me aprisionando entre seu corpo e a parede atrás de nós. Snow latiu sobre o grito, mas tudo continuava desmoronando à medida que a verdade nos englobava. — POR QUE VOCÊ É SEMPRE TÃO EGOÍSTA? — Sua barba tocou gentilmente a ponta da minha testa. O calor que emanava de seu corpo em contato com o meu foi doloroso. Muito doloroso porque agora ter um tumor cerebral, que me faria parar de respirar, me fez lembrar de que eu nunca mais o tocaria.

Encostei minha testa em seu peito e agarrei a barra de sua camisa. Eu me desnudei de força. Abandonei a firmeza que sustentava meus

PERIGOSAS ACHERON

sentimentos. Eu me esqueci completamente a razão de ter permanecido em pé durante todo este tempo, guardando aquele segredo.

Eu me desfiz.

Chorei descontroladamente em seu peito, me deixei ser lavada por cada lágrima. Implorei, se Deus existisse, que ele me curasse. Que ele pudesse me salvar. Mas Deus estava surdo para mim e a minha cura nunca veio.

— Eu não quero morrer — soprei contra seu peito, a garganta estava fechada enquanto tentava controlar o choro e eu simplesmente não conseguia... não conseguia parar de chorar. — Eu não quero morrer. Não quero morrer. Não quero te deixar.

Lincoln segurou meu corpo nos seus braços
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

quando desabei. Ele me poupou de uma dor física que jamais superaria a dor interna que eu tinha de vê-lo me odiar. Porque ele tinha um olhar de mágoa, angústia e depreciação. Ele estava com raiva, me odiando por ter escondido a verdade. Por ter finalmente cumprido o que disse a ele que aconteceria muitos anos atrás: *que eu o destruiria*.

Ele me colocou deitada no sofá e se inclinou, encostou sua testa na minha e soprou o ar contra a minha pele suada. Estava frio lá fora, frio dentro de mim e ainda assim, estava suando.

Toda a dor que passei por causa do tumor, as inúmeras vezes que corri para o banheiro para vomitar meu almoço ou meu café da manhã, as vezes que me encolhi debaixo do chuveiro sob a água gelada em uma tentativa de afastar a dor que eu sentia em minha cabeça, como se ela fosse uma

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

bomba que explodiria a qualquer momento. Nada se comparava a dor que eu sentia no meu coração. Nada se comparava ao som do meu coração se partindo. Nada se comparava a dor de ouvi-lo chorar contra a minha testa, enquanto suas lágrimas chapinhavam meu rosto.

Eu podia passar semanas tentando explicar, mas não seria capaz.

— Foi por isso que me mandou embora, não foi? Porque esse mês seria difícil.

— Estava te protegendo. Não quero que você me veja assim.

— Você não me protegeu de nada, só me fez sentir um idiota por não ter visto os sinais. — Ele se afastou e segurei seu pulso, impedindo-o de ir embora de novo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu te amo, Lincoln. Eu te amo — confessei. Disse a frase que ele tanto esperou, no momento mais inoportuno.

— Você se lembra que combinamos que quando precisasse nos afastar, acenaríamos duas vezes e nos afastaríamos? — sussurrou, olhando para mim deitada no sofá. Acabada. Destruída pela minha própria decisão de omissão.

Eu assenti.

Ele acenou uma.

Ele acenou duas.

— Preciso de um minuto sozinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele se afastou sem perceber. Sem nem mesmo escutar o quanto eu gritava por ele. O quanto implorava por perdão. Ele se foi sem entender o peso que o meu amor tinha.

Naquela noite descobri uma das coisas mais terríveis da minha vida: eu tive a sorte que muitas pessoas não tiveram; encontrei o amor para a vida inteira, sem saber que a minha seria tão curta.

PERIGOSAS ACHERON



*“Diga-me, quando a luz apagar
Que mesmo no escuro podemos encontrar uma
saída
Diga-me agora, porque eu acredito em algo
Eu acredito em nós”*
US – JAMES BAY

Apertei o volante com força abrupta, sequei cada lágrima que deixei cair e respirei fundo, a fim de me controlar. Eu encarei a estrada vasta, sem fim, sob o manto escuro do céu, sem nenhum vestígio das luzes brilhantes das estrelas. O aperto em minha garganta me lembrava do azedume que se espalhava pelo meu paladar, como se minha saliva tivesse sido transformada em ácido. Por mais que tentasse, não conseguia poupá-la do meu ódio, do sentimento infinito de desgosto que se apossou de mim.

Cada palavra dita a mim no último mês girava em torno do segredo monstruoso de Ellie. Do segredo que a tiraria de mim para sempre. Toda vez que ela disse que me amaria enquanto respirasse, tinha um significado maior do que eu imaginava ou a maneira como ela implorou para que eu não a deixasse, porque no futuro, me arrependeria. Em

PERIGOSAS NACIONAIS

todas as vezes que ela me implorou por mais uma chance, ela sabia que seria a última, falhando ou não, seria a última vez que erraria comigo.

Era como se uma mão estivesse em volta do meu coração, o esmagando com toda a força que fosse possível impor.

Rondei a cidade sem direção, raspando o lábio um no outro, comprimindo minha dor em uma tentativa de diminuí-la até que não fosse mais possível sentir. Tudo estava difícil. Pensar. Respirar. Me mover. Agia no automático. Minha mão direita trocava a marcha, meu pé direito freava e acelerava, tudo na trivialidade dos dias.

Cheguei em casa àquela noite, trinta dias antes do prometido ao meu pai para tentar resolver as coisas com a minha mulher. Meu coração, de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algum modo, conhecia o de Ellie e, no fundo, eu sabia que todo o seu esforço para não nos divorciarmos tinha um motivo além do que meus olhos alcançavam. A minha Ellie jamais teria sido tão insistente em me convencer a ficar ao seu lado, a não ser, que ela tivesse um motivo. Eu a conhecia. Seu egocentrismo, egoísmo e orgulho. Estava fora da minha compreensão, mas conhecia.

Mais uma vez, ignorei os sinais. Fiquei cego por estar apaixonado por ela.

Encontrei o álbum, as radiografias, os exames e as receitas médicas para a dor em cima da mesa de centro da nossa casa. Ellie tinha tanta certeza de que eu não atravessaria três horas de estrada por ela, que não se preocupou em manter tudo escondido no tempo em que eu passaria fora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enfim, estar sem direção me levou para o meu bar favorito em Aspen. Estava parando no estacionamento do *White House*, contorcendo os dedos dos pés em meus coturnos. O suor que escorria pela minha coluna, maculando minha camiseta branca costumava me incomodar e teria desligado o aquecedor do carro se tivesse força. O som da música *Us*, de James Bay, preencheu o vazio do silêncio. Estendi a mão com dificuldade, usei o indicador para girar o botão do volume e aumentei. Queria que cada batida da música silenciasse a dor e os pensamentos que me confundiam. Ansiava para que a voz arrastada de James me fizesse esquecer, que me sugasse e eu sucumbisse em um mundo onde eu não precisaria me preparar para dizer adeus a única pessoa com quem eu me importava mais que qualquer outra.

PERIGOSAS ACHERON

Suprimi um suspiro. Escorreguei no banco, ficando meio sentado e meio deitado. Cobri o rosto com o antebraço, bloqueando as luzes do estacionamento.

Meu celular estava no painel e tocava desde que saí de casa. Porém, desta vez, o nome a aparecer na tela do aparelho não era da minha mulher e sim de Ethan. Peguei o aparelho sem a intenção de atender. Havia dez ligações de Ellie, cinco de Ethan e duas de Zoe.

Me perguntei se todos eles sabiam, se apenas eu estava agindo como se o meu mundo não fosse acabar. Mais uma vez me senti enganado, traído e o pior de todos: impotente. Pela primeira vez, não havia nada que eu pudesse fazer para salvá-la. Quando Ellie estava em apuros, eu dava um jeito. Eu a fazia sorrir. A levava para um lugar que

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia fazer com que esquecesse todos os problemas. Mas... eu era humano e não operava milagres.

Finalmente tive coragem de abrir a porta. Desliguei o som e peguei meu casaco de couro marrom no banco de trás, estofado por um tecido felpudo e me protegi do frio que beliscava a pele. Rocei a barba no ombro da jaqueta e afugentei as mãos do frio colocando-as nos bolsos. Segui arrastado em direção à porta de madeira da taverna, encolhi os ombros e assisti os rostos alegres quando entrei. Todos estavam felizes, aproveitando a noite, bebendo e sorrindo para os amigos enquanto conversavam sobre a semana. Ninguém olhava para mim e via como eu estava destruído por dentro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Harry, o garçom que sempre me atendia quando vinha, me viu assim que entrei. Era um jovem inglês magricela, pálido de um metro e oitenta, de olhos azuis e cabelos pretos como a noite. Gesticulei para que ele me arrumasse um lugar no balcão e não demorou até que eu fosse guiado para um dos bancos altos.

— O de sempre? — perguntou, com o sotaque britânico evidenciado.

— Vou precisar de algo mais forte hoje. Conhaque — pedi e Harry uniu as sobrancelhas, denunciando o que eu já sabia. A confusão em seus olhos, entretanto, não me incomodou.

Em poucos minutos minha dose estava na minha frente. O líquido âmbar, forte como o inferno, que rasgava a garganta nunca foi uma

PERIGOSAS ACHERON

atração para mim. Eu preferia a cerveja, mas, naquela noite, tudo que eu queria era beber até que meu fígado queimasse.

— Você brigou com sua mulher de novo? — Harry começou a secar alguns copos do corredor, mas percebi que não havia por que ele estar fazendo isso, já que a maioria estava seco.

— Pode se dizer que sim.

— Por que você simplesmente não se divorcia? — Subi os olhos para o rosto lívido, as sobrancelhas grossas e escuras de Harry estavam arqueadas.

— Sabe, Harry — engoli a bebida em um único gole e bati o copo no balcão pedindo por mais —, se você tivesse me dito isso dois meses atrás, eu diria que você tem razão, mas as coisas entre mim e PERIGOSAS ACHERON

Ellie estão mais intensas do que nunca. — Observei enquanto despejava da garrafa em meu copo. — E eu com certeza a amo.

— Então, qual é o problema?

Ela vai me deixar.

— Graças a Deus, eu te achei. — Ethan puxou o copo de minha mão quando eu o ergui para beber e se encostou na abertura entre mim e uma garota que bebia ao meu lado. Ele impediu que Harry continuasse seu monólogo, no fundo fiquei grato, mas percebi que em breve Ethan faria o seu. — Onde está seu telefone? Estou te ligando tem mais de meia hora, Lincoln!

— Você tinha razão. — Apoiei os antebraços na mesa e deitei a testa sobre eles. — Algo de muito errado estava acontecendo e eu não consegui

PERIGOSAS ACHERON

ver.

— Eu sinto muito, cara — murmurou, amparando meu ombro direito com sua mão. — Ellie acabou de me contar. Posso achá-la uma vaca egoísta, mas...

— Não diz — falei em tom de repreensão. — Não fala, porque se você disser será tão real quanto já é.

A mulher que estava sentada ao lado, lançou um olhar enviesado para Ethan, que tentava ganhar espaço. Ela resmungou baixo, pegou sua taça de vinho e se afastou de nós. Meu amigo não se importou em ocupar o lugar rapidamente.

Ele não disse mais nada por um tempo. O escutei pedir dois hambúrgueres e uma cerveja para me acompanhar na bebida. Na primeira hora estava

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

convencido de que Ethan tinha se levantado, desistindo de me fazer aceitar toda a merda que estava acontecendo. Quanto mais doses de conhaque eu bebia, mais sentia minha traqueia se fechar.

O barulho no local era alto, ensurdecedor, mas tudo que eu conseguia ouvir era a minha respiração pesada e a garganta dormente de tanta bebida. Encarei o gelo boiando na superfície do copo, sobre todo o líquido ambarino. Aos poucos, dissolvia e se unia ao conhaque, tornando-o mais leve, mas não menos útil. Não importava quantas doses daquela eu conseguisse ingerir, o rosto de Ellie não se apagava de minha memória, do momento em que ela descobriu que o tumor havia deixado de ser seu segredo. Mais uma vez, ela sofreu sozinha. Mais uma vez, ela se absteve de me contar tudo, querendo me proteger.

PERIGOSAS ACHERON

— Você devia voltar para casa — Ethan disse, segurando a garrafa de cerveja com força em punho. Desviei os olhos do meu copo para ele. — Se eu tivesse uma mulher e descobrisse que eu não tenho muito tempo, gastaria cada segundo ao lado dela. Entende o que quero dizer?

Continuei em profundo silêncio.

— Ellie nunca foi de se abrir com ninguém. Nem mesmo você conseguiu romper a muralha que envolve aquela mulher, mas de uma coisa eu sei, Lincoln: ela descobriu que tinha três meses de vida e escolheu passar todos os dias com você. Ela não se preocupou com mais nada além de você. Era de se esperar ver uma Ellie reclamona, fútil e que estaria culpando Deus e o mundo por algo que nenhum ser humano é capaz de controlar. Acredite em mim, fiquei surpreso quando recebi a ligação

hoje. Ela implorando para que eu te encontrasse. Ela contando tudo para mim aos prantos no telefone e dizendo: *só encontre ele. Se ele não quiser vir para casa, tudo bem, mas encontre ele.*

— Eu não sei o que fazer agora — confessei e entornei o último gole goela abaixo. — Parece que tudo se transformou em uma tela branca. Sinto como se a minha vida não tivesse mais nenhum propósito porque, quando pensava no futuro, eu a via nele. Daqui uns dois anos nós sairíamos de Aspen. Passaríamos um tempo fora viajando e conhecendo lugares diferentes, talvez morássemos na beira da praia por um tempo e voltaríamos para casa e construiríamos uma família. Em dez anos teríamos dois filhos, o nosso cachorro Snow e no inverno nos sentaríamos em volta da lareira para contar histórias que nunca vivemos. Teríamos uma menina tão turrone quanto Ellie e um menino com

sede de conhecer o mundo como eu. Esse não era só o meu objetivo como homem, mas era o desafio que escolhi para mim. Sem a Ellie é como se eu estivesse a caminho da linha de chegada e não vou vencer.

Ethan suspirou. Ele não compreendia, mas admirava sua força de vontade em tentar.

— É engraçado ver você dizendo todas essas coisas porque quase dois meses atrás estava decidido que queria se divorciar. Sabe o que isso prova? Que as pessoas não dão valor ao que tem e só percebem o que tinham quando não pertence mais a elas.

— E o seu conselho é?

— Volte para a sua esposa enquanto ainda é tempo.



Ethan parou meu carro na entrada de casa por volta das onze da noite. As luzes estavam apagadas. Vislumbrei as janelas fechadas, a neve caindo no telhado e formando a espessa camada fofa de flocos. Estreitei os olhos para enxergar meu amigo, queria ser grato por ter me convencido a voltar para casa e me dado uma esperança ínfima do futuro. Porém, não consegui. Fui contaminado, outra vez, pela dor. Eu me sentia vulnerável, incapacitado e fraco.

— Vou levar seu carro. Vai ser difícil conseguir um táxi uma hora dessas e debaixo dessa neve. — Ele inclinou um pouco a cabeça para o lado, buscando um fio de luz através da densa

escuridão da noite. Nem mesmo o lampejo do poste parecia útil. — Amanhã venho com ele antes do trabalho.

Concordei, anuindo a cabeça devagar. Olhei de novo para a casa diante de mim. Apertei o lábio um no outro, suprimindo a carga pesada de ar que tendia a escapar sempre que pensava em Ellie. Desafivelei o cinto e saltei do carro. Coloquei as mãos nos bolsos do meu casaco e dei as costas para Ethan ao andar em direção a minha casa.

A escuridão permeava pelo hall assim que entrei, mas ao dar o primeiro passo para dentro, as luzes com sensor acenderam.

Embora eu tivesse feito uma bagunça quando cheguei, a cozinha e a sala estavam impecáveis. Esfreguei o rosto, sentindo culpa e remorso. Ellie

não tinha que limpar minha bagunça. Ela não precisava lidar com a minha negação, quando tinha que conviver com a sua própria, porque no fundo eu sabia que estava sendo não só difícil para minha esposa, mas insuportável. Viver cada dia na esperança de poder chegar ao fim dele era uma carga que Ellie nunca imaginou ter que carregar.

Nosso álbum de fotografia, onde encontrei os exames de sangue e a ressonância, estavam postos sobre a mesinha de centro na sala. A madeira na lareira ainda queimava. E tudo que consegui pensar analisando aquele cenário impecável era que Ellie estava tentando me dizer que enfim os segredos entre nós tinham acabado.

Mudei a direção quando vi que o sofá estava vazio. Antes de sair, tinha a deixado ali, emaranhada em um cobertor puído. Rumei para o

PERIGOSAS NACIONAIS

segundo andar, subi as escadas devagar e, antes de atingir o topo das escadas, escorei a mão no corrimão. Deixei um grunhido escapar pela garganta enquanto fechava a mão em punho na madeira.

A porta do nosso quarto estava aberta e Snow deitado nos pés da cama. Assim que entrei no quarto, ele ergueu a cabeça acinzentada e arregalou seus olhos azuis para mim, estudando para ter certeza de que eu era confiável. As narinas molhadas inflaram e quando terminou sua inspeção, abanou o rabo peludo. Sorri para ele e me aproximei, afagando o topo de sua cabeça.

Ellie estava deitada do outro lado, de costas para mim e com o edredom cobrindo acima de seu queixo. Ela não pareceu acordar quando me sentei à borda e me abaixei para tirar as botas e o casaco.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Snow, entretanto, acompanhava cada ação minha de forma minuciosa. Ele farejou minhas mãos quando as apoiei no colchão, afundando-as no macio. Joguei a cabeça para trás e suspirei. Raspando o focinho úmido no dorso de minha mão. Finalmente cedi a sua tentativa de receber atenção, resvalei a palma da mão no topo de sua cabeça e fiquei assim por longos minutos.

Ellie se remexeu na cama e este foi o único motivo que me fez desviar o foco. Virei a cabeça para a sua direção, esperando ansioso ver seus olhos, mas ela continuava do mesmo modo, exceto pelo edredom que desceu até a altura de seus ombros. Ela respirava pesadamente, como se estivesse fazendo mais força que o natural.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu me inclinei para alcançar o edredom e o subi alguns centímetros para cobrir até seu pescoço. Ellie sentia mais frio que todas as pessoas que eu conhecia. Acreditava que cada um de nós sentia calor e frio em variações; o que era frio demais para ela, não era tanto assim para mim.

— Lamento pela bagunça e os pratos quebrados — sussurrei antes de deixar um beijo na lateral de sua cabeça. Ela se remexeu outra vez.

— Você sempre limpa a minha bagunça também. — Sua voz soou mais baixa e arrastada. Mesmo acordada, Ellie não moveu nenhum músculo nem fez menção de se virar para me olhar. — Fiquei preocupada. Por onde andou?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Deitei ao seu lado. Coloquei o braço esquerdo sob a cabeça e espalmei a mão na nuca. Puxei o edredom para me cobrir também. Fitei o emaranhado de fios loiros, esparramados por seu travesseiro.

— Tomei algumas doses de conhaque no *White House*. — Alisei seus fios longos e raspei a barba em meu próprio bíceps, ficando impaciente porque queria poder conseguir me aproximar mais do que aquilo e olhá-la nos olhos.

— Não sei por que perguntei, consigo sentir o cheiro do álcool daqui — riu, abafado. — Você pode me abraçar.

Fiz o que ela pediu. Exilei a distância, arrastei o corpo para mais perto e envolvi sua cintura, perpassando o braço direito a seu redor. Afundei o

PERIGOSAS ACHERON

rosto em sua nuca, inalando o cheiro comum de lavanda que emanava de Ellie. Inspirei profundamente várias vezes, como se eu pudesse eternizar o efeito que ele causava em mim.

— Sinto muito por ter... você sabe — murmurei e exalei o ar.

— Para ser sincera, eu imaginava algo muito pior do que um surto. Pensei que você iria embora sem olhar para trás. Depois de quase ter te perdido, era tudo o que eu esperava. Você ter quebrado alguns pratos e rasgado algumas fotos foi inusitado, mas compreensivo. E melhor do que isso, você voltou.

— Você achou mesmo que eu te abandonaria depois de tudo que passamos?

— Bom, achei.

— Você sempre tirando conclusões precipitadas e muito, muito erradas. — Aprofundei o aperto em volta dela. Queria que não houvesse nenhum centímetro de distância entre nós. Com isso, Ellie entendeu que eu queria ter aquela conversa olhando em seus olhos e, em súbito, virou seu corpo e me encarou.

O olhar cabisbaixo, tristonho e inchado estava lá, pesaroso e fixando em mim como se pudesse ler meus pensamentos. Ellie entreabriu os lábios, mas não emitiu nenhum som além de sua respiração densa escapulindo e tocando a ponta do meu nariz. Encostei minha testa na dela e a ponta do seu nariz tocou o meu. Aproveitei o contato para beijá-la. Fiquei quatro semanas sem sentir seu corpo e seu

PERIGOSAS NACIONAIS

calor. Foi uma tortura não poder ter nada disso e, ainda mais difícil, sem saber o que estava acontecendo entre nós dois.

— Eu não sabia como te contar. Queria muito, mas não fazia ideia de por onde começar. Estava enlouquecendo, entorpecida por continuar escondendo as coisas de você, então, resolvi começar pelo mais fácil. Conteí para Zoe e ela me deu força. Estava planejando contar a você quando voltasse da sua viagem e...

— Eu nem teria ido se tivesse me dito o que estava acontecendo, Ellie. Largaria qualquer coisa, juro, qualquer coisa, para te ajudar. Você sabe disso. Sabe que tudo que eu sinto por você é mais valioso para mim do que qualquer outra coisa no mundo.

PERIGOSAS ACHERON

— Seu pai precisava de você, Lincoln.

— É e você também. Nós teríamos dado um jeito.

Ela suspirou, acariciou os pelos em minha nuca e voltou para me beijar. Com a língua macia, lambeu e contornou minha boca. Suguei seu lábio inferior e invadi sua boca raspando a língua em sua carne. Puxei sua cintura, trazendo-a para mais perto. Ellie respirou fundo contra mim e, enfim, a hesitação deu espaço para o calor que nos envolvia. Afastei a barra da sua blusa para enterrar meus dedos em sua pele, acariciei seu abdômen e subi a mão para a fenda entre seus seios.

Snow latiu para chamar nossa atenção. Nos afastamos e ergui a cabeça para olhar o husky siberiano enciumado na ponta da cama. Ellie

acabou rindo e me puxou de volta para olhá-la.

— Tenho uma consulta amanhã de manhã. — Ela brincava com a gola de minha camiseta, sem olhar direto em meus olhos. — Queria que você fosse comigo.

— É claro, Ellie.

Estiquei o braço para o abajur e o acendi. Snow ergueu o corpo, as orelhas antenadas para minhas ações.

— O que foi? — indagou, apoiou o cotovelo no colchão e a cabeça na palma da mão, estudando enquanto eu procurava por um anúncio que tinha guardado há quatro meses, dentro de uma das gavetas do criado-mudo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você se lembra que uma vez queria visitar as fontes termais em *Glenwood Springs*? — questionei, ainda vasculhando a terceira gaveta. Ellie assentiu e continuei: — Encontrei um panfleto na loja há quatro meses e guardei. Nós devíamos ir.

— Espera, deixa eu ver se entendi — ela se levantou, recostou-se à cabeceira e as sobrancelhas encurvaram —, você está sugerindo, nas entrelinhas, que eu devia criar uma lista das coisas que eu gostaria de fazer antes de morrer?

— E por que não? — Parei, empertigando o corpo. Olhei para ela, que continuava inexpressível. Minha intenção era buscar fazer coisas que ela gostaria e que eu sabia, mas aquela ideia também servia.

Ela fispou o lábio inferior, pensativa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lincoln, eu nem pensei nisso. É muito mórbido e de algum jeito estava tentando fugir dessa realidade maluca de morrer aos vinte e cinco anos com um tumor no cérebro!

Parei, inflexível. Ouvi-la dizer aquelas palavras em voz alta dava um sobressalto em meu coração. Era como ser esmagado remetidas vezes e ainda ter forças para continuar lutando. Para ela parecia natural, talvez por ter tido mais tempo para aceitar e eu ainda estava vivendo aquela fase.

— Você pode não falar “morrer” e “tumor no cérebro”? — pedi, suplicante. — É demais para mim.

— Desculpa — ela hesitou, encolhendo os ombros. — Eu já passei dessa fase de negação, Lincoln. Para mim é o fim da linha e não dá para

PERIGOSAS ACHERON

fingir que não é.

— Não é tão fácil para mim, Ellie. Olho para você e está aqui, não consigo imaginar essa cena no futuro onde seja só o Snow e eu. Acabei de te ver sorrir. — Esfreguei a testa, ofegante e sequer entendia a razão de estar exasperado. — Dói ver você sorrir, porque eu sei que o seu sorriso tem prazo de validade. Então, vamos a um passo de cada vez.

Ela anuiu a cabeça, concordando em silêncio.

— Você tem razão, sinto muito. Sobre a lista, acho que é uma boa ideia. Ainda tem algumas coisas que eu gostaria de fazer.

— Ótimo. Faremos todas elas.

Ellie sorriu de novo. Aquele maldito sorriso que me desestabilizava inteiro, que fazia todo o meu mundo girar e voltar para o seu lugar. O que eu faria, meu Deus? O que eu faria quando ela não estivesse mais lá para sorrir para mim?



*“O vazio é difícil acostumar
Ainda bem que não hesitei em te abraçar
O nó afrouxa até a mão querer soltar
Mas da tua mão eu não larguei até voltar
Pra direção da tua calma, ah-ah”*

**PRA ME REFAZER – SANDY FT.
ANAVITÓRIA**

PERIGOSAS NACIONAIS

O que você faria se descobrisse que está morrendo? É uma pergunta que, com certeza, há dois meses eu teria respondido de uma maneira diferente. Eu diria que adoraria ir a um show do *Maroon 5* e tomar sorvete de choco menta com chantilly até passar mal. Comería um bolo de chocolate inteiro sozinha. Fumaria um maço de cigarro e tomaria uma garrafa de vinho enquanto comia uma pizza inteira de pepperoni. É engraçado a maneira como reagimos para cada situação; hoje, eu tenho uma lista menos extensa e com coisas que realmente importam para mim. Ir ao show do *Maroon 5* seria uma realização pessoal, mas não importante o bastante para eu considerar fazer nos meus últimos meses de vida.

Então, a lista que Lincoln sugerira que eu fizesse se tornou tão minúscula que era impossível não olhar e dar uma risadinha cômica para as

PERIGOSAS ACHERON

palavras que escrevi. Descobri através do Dr. Arthur Lawrence, depois de inúmeros exames e algumas ressonâncias do meu cérebro, que tinha um tumor e saí do centro de oncologia com o coração esmagado contra as paredes do meu peito.

A realidade parecia soberba demais. A minha vida, desde quando criança, não era fácil e como sou apresentada no futuro? Uma morte lenta e dolorosa. Não bastava ter sofrido com minha família, perder a minha avó, a única pessoa que eu sentia que podia confiar e ter o meu casamento a um fio de acabar, a vida me mostrou que podia ser pior. Eu podia ter um tumor cerebral; não um tipo comum, mas um que atinge um grupo de células específicas, que são chamadas de “*células glia*”, que auxiliam na composição do cérebro e na função dos neurônios. Além disso, o glioblastoma

multiforme é um tumor agressivo, de grau quatro, ou seja, dificilmente é possível haver cura deste câncer.

Eu me dei conta de que tinha chegado ao fim da linha assim que coloquei meus pés para fora da oncologia, que era acoplada ao hospital de Aspen. Senti o vento gélido lambar meu rosto e ricochetear meus cabelos. Então, fui sugada para o meu destino irreversível.

Eu iria morrer.

Talvez não naquele momento, mas em breve.

Em três ou quatro meses.

Eu tinha uma escolha. Tentar exterminar o tumor que cresce ao longo do tecido cerebral com radioterapia e quimioterapia ou aceitar que

PERIGOSAS ACHERON

independente dos tratamentos, ainda assim, seria arrastada para um único final. Decidi não sofrer com um matador de células.

Escolhi passar os minutos fazendo na minha vida o que eu não havia feito nos últimos – quase – vinte e seis anos.

Eu escolhi amar.

Perdoar.

E respirar enquanto ainda podia.

Na primeira semana que descobri, entre janeiro e fevereiro, Lincoln pediu o divórcio. No fundo, teria entregado a ele sem insistência – mesmo contrariada, meu orgulho não me deixaria

fraquejar. Se descobrisse a relação dele e Savannah, teria sido vingativa. A Ellie com tempo estimado de vida desconhecia a Ellie egoísta e rancorosa.

Vislumbrei o pedaço de papel no meu colo, enquanto Lincoln e eu aguardávamos a minha vez de consultar na recepção. O cheiro de antisséptico hospitalar hospedou em minhas narinas, embora no passado me incomodasse, agora me sentia familiarizada com ele.

No topo da folha de caderno, escrevi:

Lista do “antes que tudo acabe”:

PERIGOSAS NACIONAIS

- 1. Visitar as piscinas termais em Glenwood Springs;**
- 2. Refazer meus votos de casamento;**
- 3. Perdoar minha família;**
- 4. Me desculpar com as pessoas que magoei;**
- 5. Comer *macarons* no telhado de minha casa em Aspen com Lincoln;**
- 6. Morrer sem arrependimentos.**

— Sua última escolha é sórdida — Lincoln sussurrou, esticou o pescoço para espiar sobre a minha cabeça, a folha meio amassada.

PERIGOSAS ACHERON

Ri, descansando a cabeça em seu ombro.

— Eu sei. É meio estranho ler isso tão naturalmente.

Lincoln estava se esforçando para disfarçar o que realmente sentia, mas podia ver através de sinais sutis e quase imperceptíveis que ele estava com medo. Os seus olhos tentavam me enganar, mas ele não percebia que eu o olhava intensamente e nada passava por mim despercebido quando se tratava dele. As mãos se contorciam sobre as coxas enquanto aguardávamos. Notei a aliança no dedo anelar na noite anterior, mas não disse nada a respeito e Lincoln não comentou nada também.

— Às vezes, eu fico com medo — confessei, fixei meu olhar nas revistas sobre o tampo de vidro da mesa de centro — de sofrer muito quando a hora

chegar. Eu espero que seja rápido e indolor. Como naqueles filmes, onde a pessoa dorme olhando o sol se pôr e não acorda nunca mais.

Eu o olhei de esguelha, seu maxilar estava travado.

Enrosquei o braço no dele, tentando suavizar o vinco permanente que se formara entre seus olhos desde que acordamos naquela manhã. Inspirei profundamente e sorri.

— Já estou me acostumando com esse cheiro
— Lincoln enrijeceu em meu braço quando confessei. — Sabe, o cheiro de café se misturando com o de antisséptico de hospital.

— Você? Se acostumando com o cheiro de café? — Enfim, a linha dura em seus lábios se desfez. — Isso é um avanço.

— Já está mais do que na hora de superar, não acha? — Dei de ombros, com desdém. — Se quero cumprir o número três dessa lista — evidenciei, levantando o papel e sacudindo a folha —, preciso começar com o cheiro de rosas vermelhas e café.

— Tudo bem. Você quer tomar uma boa dose de cafeína quando sairmos daqui? — Ele apontou por cima do ombro com o polegar para a saída.

— Um passo de cada vez, Sr. Coleman. Primeiro o cheiro, depois a degustação — pontuei, sorridente.

Lincoln sacudiu a cabeça em negação, rindo. Uma fração de segundo, foi o tempo que durou seu sorriso. O doutor Arthur abriu a porta branca de sua sala e saiu, usando o jaleco branco com seu nome bordado no bolso do lado esquerdo do peito. Ele

PERIGOSAS ACHERON

sorriu assim que me viu. Era um homem franzino, magro, alto e de cabelos grisalhos. Devia ter pouco mais que cinquenta anos.

Não precisou chamar meu nome, levantei de prontidão e Lincoln me seguiu ao entrelaçar os dedos nos meus. Fomos guiados para a sala mediana de paredes acinzentadas e móveis pretos, com cadeiras brancas. Atrás da mesa, um painel longo de LED que cobria quase toda a extensão e a luz fluorescente branca estava acesa.

Havia feito uma nova ressonância na segunda semana posterior a partida de Lincoln. Talvez não estivesse tão magoada com meu marido por tê-lo flagrado com Savannah, mas precisava de um motivo para afastá-lo. Meu consciente agiu por impulso e briguei com ele. Não o querer por perto quando tinha certeza de que as quatro semanas em

que passamos separados seriam as mais difíceis e dolorosas para mim. Eu sabia. Sabia que essa era a razão de o doutor Arthur querer me ver antes do previsto e fui me preparando para o que ele estava prestes a falar no instante em que recebi a ligação do hospital. Entretanto, não disse nada a Lincoln.

— Fico feliz que você tenha trazido companhia dessa vez, Ellie. E sem eu precisar exigir. — O doutor Arthur riu, puxou a cadeira para se sentar e Lincoln e eu fizemos o mesmo.

Lincoln não largou minha mão.

— Eu disse que na hora certa ele viria.

— Muito bem. — Ele pegou o envelope que estava sobre a mesa e recostou-se na cadeira. — Você é uma paciente proativa, Ellie, então, acho

que não preciso amaciar o terreno para as más notícias.

— Desculpe. O que você disse? — Lincoln interveio, desentrelaçando nossos dedos e se inclinou em direção ao médico.

— Embora ela seja teimosa — completou o doutor Arthur, cruzando os dedos sobre a mesa depois de deixar o envelope de lado. As narinas do médico se inflaram e a posição empertigada denunciou que ele viria com um monólogo que eu já estava acostumada —, você deve ser o marido dela. Já tem algum tempo que venho pedindo para Ellie vir acompanhada de seu parceiro, porque, infelizmente, o glioblastoma que identificamos no lobo temporal de Ellie está se espalhando rapidamente. Tenho aqui uma nova angiografia por ressonância que fizemos há duas semanas, que

pode mostrar as alterações que o tumor teve no último mês. Devo dizer, Sr. Coleman, que sua esposa chegou até mim já com um tumor em estágio avançado. Gosto de ser transparente com meus pacientes e dizer a eles exatamente o que penso a respeito. O tratamento era uma escolha para Ellie, mas em noventa por cento dos casos, não há eficácia. O que temos feito é amenizar os sintomas com remédios, também por escolha de sua esposa. Pode ser que nas próximas semanas ela venha a ter alguma alteração na visão e dificuldade de compreensão.

— Dificuldade de compreensão? — Lincoln curvou os ombros para frente, escrutinando a expressão pesarosa do médico. — O que isso significa?

— Que Ellie terá dificuldade para se lembrar de determinados momentos ou situações. Ela pode até mesmo ter um pouco de problema para reconhecer você, Sr. Coleman. O problema de visão é pelo tumor já ter se expandido e atingido o lobo occipital, uma pequena parte do cerebelo também foi lesionado, isso pode causar desequilíbrio e dificuldade para andar. Essas são situações que podem ocorrer nas próximas semanas. Quando esses sintomas acontecerem, é melhor que Ellie seja internada.

Nem mesmo Lincoln ou eu fomos capazes de fazer perguntas ou refutar o que o doutor Arthur dizia. Em meio ao silêncio, ele retirou a ressonância do envelope branco e a posicionou no painel de LED. Em seguida, buscou a primeira ressonância que fizemos, no final de janeiro e a colocou ao lado da recente.

PERIGOSAS NACIONAIS

A mancha preta que antes era uma bola de gude estava bem próxima de se tornar uma bola de tênis. Na parte inferior do meu cérebro, ela se estendia sobre o meu tecido como se fosse parte dele e não um invasor e destruidor de vidas.

Não me contive. O choro travado na garganta me fez soluçar e meu peito vibrou, anunciando as lágrimas violentas de dor que eu deixaria esvair. O doutor Arthur se recostou na cadeira, porém impassível e cruzou os braços, esperando que meu surto passasse. Lincoln envolveu o braço direito por cima de meus ombros e apoiou a cabeça na lateral da minha.

Enxergar aquele tumor crescendo, invadindo e arruinando a minha vida sem poder fazer nada me levou na direção errada; me senti fraca, impotente,

PERIGOSAS ACHERON

vulnerável e *morta*. Acima de toda a profusão de sentimentos que eu tinha, a sensação de ser um peso morto não me escapuliu.

Por que continuar lutando?

Por que continuar tentando?

Por que ainda insistir se aquilo era tudo que eu teria?

Então, uma lágrima de Lincoln pingou em minha blusa de lã. Depois outra e mais outra, até simplesmente ficar encharcada. Por longos minutos, havia me esquecido o porquê e bastou vê-lo sofrer para me recordar a razão de eu estar sendo tão forte e durona. Por ele. Aguentaria firme até o último segundo, *por ele*.

Porque eu escolhi amar.

Perdoar.

E morrer sem arrependimentos.

Com a manga da blusa de frio branca, enxuguei o rosto e pigarreei, para afastar a bola de saliva que se acumulou na passagem da minha garganta.

— Tudo bem. Eu estou pronta para o que vier a seguir. De verdade, não me importo. Só... me dê mais uma receita para continuar tomando os corticosteroides e anticonvulsivantes, por favor.

O doutor Arthur suspirou e resignado, apanhou sua caneta do porta-lápis para escrever. Lincoln continuou etéreo, respirando devagar e fitando o médico que prescrevia lentamente os remédios.

Em silêncio, o doutor Arthur me entregou a receita.

Em silêncio, Lincoln e eu nos levantamos para ir embora.

Em silêncio, tudo ficou estranho e tenso.

E em silêncio, eu esperava que fosse a minha partida.



Lincoln brincou um pouco com Snow na sala enquanto caminhei para o quarto para encher a banheira. Precisava de água quente até o meu pescoço, afundar para calar os pensamentos tóxicos e me livrar daquela sensação de fraqueza absoluta. A pior parte de voltar das consultas com o doutor Arthur era o sentimento que ficava depois de ouvi-lo falar. Os dias continuariam passando, seguindo

PERIGOSAS NACIONAIS

para a direção que precisavam ir e enquanto essa trajetória acontecia, eu abria os olhos me perguntando se a casca que era meu corpo aguentaria mais um dia.

Joguei essência de lavanda na água. Retirei as peças pesadas de frio, entrei na banheira e afundei o corpo até a altura dos ombros. Pendi a cabeça pela lateral, descansando a nuca na borda. Fechei os olhos e inspirei o cheiro acentuado da lavanda. Meus cabelos estavam presos em um coque alto, alguns fios desprendiam da amarração e acabaram molhados, mas sentada ali me aquecendo e limpando a minha alma, foi como se minha vida não tivesse mudado drasticamente nos últimos meses. Tudo parecia um pesadelo e eu estava prestes a acordar na pior parte.

PERIGOSAS ACHERON

Porém, a única coisa que aconteceu foi Lincoln entrando no banheiro com uma toalha pendendo em seu ombro. Ele a colocou no gancho próximo a banheira e se sentou atrás de mim, massageando o músculo tenso de meus ombros.

— Nós podíamos viajar para Glenwood amanhã — sugeriu ele e mantive os olhos fechados para me concentrar na sessão de relaxamento. — Zoe pode cuidar da livraria, Ethan pode cuidar da loja e Asa pode ficar com Snow enquanto estivermos fora. O que acha?

— Parece perfeito, Lincoln.

— Você está bem?

— Estou ótima.

Não precisei abrir os olhos para saber que ele estava contorcendo o nariz e enrugando a testa sem conseguir acreditar que, com tudo que escutamos de manhã, eu poderia estar realmente bem, mas, na verdade, conformada para mim era o mesmo que estar bem.

— Eu juro. Me sinto muito melhor depois de ter contado tudo a você.

— Chega pra frente, vou entrar aí com você.

Abri os olhos e aprumei o corpo, ficando sentada na banheira. Lincoln estava tirando o casaco, a calça e as meias. Em pouco tempo ele se sentava atrás de mim, mergulhando na água até o tórax. Ele segurou as laterais da banheira para não

PERIGOSAS NACIONAIS

escorregar. Mudei de posição, ficando de frente para ele, coloquei os joelhos dobradas no fundo da banheira e me sentei em seu colo.

— Você não me contou se conseguiu ajudar seu pai.

Ele suspirou.

— Na verdade, acho que não consegui fazer muita coisa. Voltei para cá um mês antes do planejado e, bem, precisei comparecer ao tribunal para responder ao processo de Chad.

— Minha nossa! — Espalmei a mão contra a boca. — Ele seguiu *mesmo* com isso? Não acredito. Pensei que ele estava disposto a um acordo! Será que o meu depoimento ajudaria em alguma coisa?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não sei — deu de ombros —, podemos resolver com o advogado, mas acho que nada justificaria eu ter agredido o cara e, como ele era um funcionário da empresa do meu pai, as coisas se complicaram ainda mais. Você é a minha esposa, seu depoimento a meu favor seria como uma tentativa de me defender sem eu ser verdadeiramente inocente.

— Quanto ele vai pedir?

— Ele pediu quinhentos mil.

— O quê?!

— Chad apareceu com um papo de que sofreu danos emocionais e psicológicos, além dos físicos. Comprovados por um laudo médico. Também fez a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

porra de um drama por dizer que a mãe está doente em uma cama de hospital, com uma esposa e filha para sustentar.

— Ele se casou?

— Eu não fazia ideia disso, mas sim. Ele se casou. E tem uma filha de dois anos.

— O que aconteceu com a mãe dele?

— Ela sofreu um AVC e está internada. Enfim, se eu não aceitar o acordo e pagar a multa, serei preso.

— Por que deu um soco na cara de um babaca?

— Não esquece de mencionar os danos emocionais, psicológicos e físicos que eu causei. — Lincoln revirou os olhos, achando irônico que ele

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

poderia ser preso por algo que ele realmente não fez.

Ele jogava água quente sobre meus ombros e massageava a extensão dos braços. Respirei fundo, arrepiada com o toque carinhoso.

— Nós temos esse dinheiro? — Mordi o lábio inferior.

Eu sabia a resposta, mas não custava arriscar.

— Tenho cento e cinquenta mil em conta. Guardei em caso de emergência.

— Quanto você acha que vale a casa da minha avó?

PERIGOSAS ACHERON

Estava desenhando com o indicador no peito de Lincoln, linhas e sinais ininteligíveis enquanto falava. Abaixei a cabeça quando seu olhar pesaroso recaiu sobre mim. Lincoln não parecia estar disposto a considerar a ideia de vendermos a casa de minha avó para arcar com a despesa de Chad, principalmente, porque era injusto e nós sabíamos que Chad não era nenhum santo. Ele viu uma brecha e aproveitou.

— Ellie, você não precisa vender a casa da sua avó. O problema é meu. E sinceramente? Não me arrependo de ter socado a cara daquele imbecil.

— Não precisava ter feito aquilo.

— Precisava, sim.

Revirei os olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. E as câmeras de segurança?

— Nenhum áudio. Não temos provas que sustentem a história de que ele te insultou primeiro. Não me deixaria isento de multa, mas ele seria obrigado a aceitar uma contraproposta.

— Droga — entoei.

— Vamos esquecer isso. — Ele passou os braços em volta da minha cintura e me puxou para mais perto. — Não quero pensar em Chad agora. Você está em cima de mim e nua. Se não for um problema... — riu.

— Não tem nenhum problema — rebati, devolvendo seu sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

Ele beijou meu queixo, minha mandíbula e continuou seguindo o contorno do meu rosto até descer para meu pescoço. Fechei os olhos, entreguei-me e fiquei feliz. A guinada em meu coração, as batidas sobressaltadas quase atingindo o topo de minha garganta. Eu me apoiei em seus ombros, descendo o quadril lentamente contra ele; ignorei todos os meus princípios e me preenchi.

— Hmmm... — murmurou, mordendo a carne do meu pescoço e afundou o rosto na curva de meu ombro enquanto me movimentava.

Lentamente, dolorosamente, subia e descia, o quique intenso sob o som da água salpicando no chão.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agarrei seu queixo, afundei os dedos em suas bochechas e lambi cada centímetro de sua boca. A respiração acelerada de Lincoln tocava a extensão da pele de meu pescoço enquanto erguia a cintura. Eu o abracei, envolvi sua cabeça contra meu peito e continuei o movimento sedento e quente, até, finalmente, explodir no clímax.

Recostei minha testa na dele, exalando o ar lentamente contra a sua pele aquecida. Beije a ponta de seu nariz e, mais uma vez, senti que estava realizada. Completa.

Ele tinha o dom de fazer minha vida voltar aos trilhos. Lincoln era meu botão de *restart*.

PERIGOSAS ACHERON



*“Você é como o Sol, sai sem razão alguma (sai sem
razão alguma)
Dando luz e calma
Apenas uma flor que eu guardo para mim
E sua voz que me desarma
Eu sei que você me ama um pouco
Com sua carinha deitada no meu ombro
Olha, quem está cantando é a voz da minha alma”*

**MI PERSONA FAVORITA – CAMILA
CABELLO FT. ALEJANDRO SANZ**

PERIGOSAS NACIONAIS

Em dias mais difíceis, conturbados pela dor estuporante em minha cabeça, eu tentava não demonstrar. Lincoln se apavorava. Esse foi um dos motivos que nos fizeram adiar a viagem por mais de uma semana.

Meu corpo se curvava de dor, desfalecia no cansaço da luta contra o assombro lancinante das pontadas grotescas que iniciavam pouco acima da nuca e se espalhava como veneno rapidamente por toda a minha cabeça. O suor frio deixava minhas roupas encharcadas, os urros de dor eram guturais enquanto me embalava no canto do banheiro, perto o suficiente da privada para vomitar, ensurdeciam e atormentavam Lincoln. Ele várias vezes relutava quando eu pedia distância porque conseguia me virar melhor quando não estava por perto. O vai e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

vem de seus passos do lado de fora do banheiro, embora me enlouquecessem, muitas vezes eu não conseguia sequer prestar atenção.

Agora acontecia com mais frequência. Acordava de noite com dores e náuseas. Assim como o doutor Arthur previu, minhas pernas ficavam dormentes e não conseguia chegar a tempo no banheiro. Vomitava o jantar todo no carpete púido do quarto; algumas vezes conseguia não fazer tanto barulho, em outras, era tão alto e doloroso que Snow latia ao meu lado e acordava Lincoln.

Debruçada sobre o carpete, era a terceira noite consecutiva que acontecia. Os dedos de minha mão se agarravam ao tapete e, ferozmente, urrava a cada golfada. Minha barriga se contraía e sentia como se minhas entranhas fossem estourar. Eu sabia que a

PERIGOSAS ACHERON

náusea vinha da dor eminente em minha cabeça, um alerta que o tumor estava, cada dia mais, se engalfinhando a mim e dizendo repetidas vezes: *não vou embora, lide com isso. Me suporte, se for capaz; ou ceda, se não aguenta.*

Resfoleguei quando os jatos que fugiam por minha garganta pararam por uma fração de segundo. Meu peito subia e descia, inspirava forte, como se minhas traqueias tivessem se fechado e, mais uma vez, meu estômago revirou. Tentei revidar, lutar contra, mas em súbito minhas costas se arquearam e vomitei outra vez.

— Ellie? — Lincoln chutou os cobertores, correu em minha direção e puxou a cortina de cabelo que circundava meu rosto. Algumas

PERIGOSAS NACIONAIS

madeixas sujaram, mas ele não pareceu se importar. Segurou os fios em um rabo de cavalo e acariciou minhas costas enquanto terminava.

— Me coloca debaixo do chuveiro — pedi, em tom súplice. Fiz um esforço para me levantar com as mãos que sustentavam meu corpo em ponte sobre o tapete, mas não consegui. — Não consigo me levantar, não consigo... — sussurrei, com a voz embargada de choro.

— Eu te carrego, tudo bem.

Lincoln me ajudou. Sua mão direita espalmou atrás dos meus ombros e com o antebraço esquerdo, transpassou nas costas de meus joelhos. Ele me ergueu gentilmente. Escondi o rosto sujo em seu peito, fugindo da luz fraca que acendeu quando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

passamos pela soleira da porta. Snow nos acompanhou, vi de esguelha o cachorro preocupado que nos seguia.

Lincoln me deixou sentada na privada enquanto ligava o chuveiro e a água na banheira enchia.

— Gelada — soprei, sem erguer os olhos. Abracei a cintura, reprimindo os tremores.

— Mas você tá tremendo, Ellie!

— Gelada, Lincoln — murmurei, enfaticamente.

Ele assentiu a contragosto.

Enquanto a água gelada caía na banheira, Lincoln rumou para mim e, em um ritual silencioso e cabisbaixo, começou a me despir. Peça por peça

PERIGOSAS ACHERON

sendo jogada a nossa volta. Sob tremores e dor profunda, estudei sua expressão temerosa. Os lábios em uma linha dura, o maxilar travado e escutei os dentes rangerem quando, enfim, Lincoln deslizou as mãos para o elástico da minha calça de moletom.

Ele me ergueu mais uma vez e fui colocada na água. O jato do chuveiro acertou o topo de minha cabeça e respirei fundo, deixando a água gelada tomar meu corpo. Continuei a tremer, mas, desta vez, de frio.

— Não é melhor aquecer a água?

— Não. Eu consigo aguentar!

Quando a água na banheira aumentou o nível, afundei. Deixei que a temperatura amena do banho invadisse e fizesse seu milagroso trabalho. Os

PERIGOSAS ACHERON

segundos se transformaram em minutos. Só voltei a superfície quando não conseguia mais respirar. A água do chuveiro havia sido desligada.

Lincoln estava sentado na tampa da privada, os dedos entrelaçados embaixo do queixo. A cada dia, sua barba preta estava maior e, quanto mais o tempo passava, mais eu tinha certeza de que ele não tinha intenção alguma de se livrar dela.

Afastei os fios molhados do rosto e recostei a lombar na banheira. Ele manteve os olhos fixos em mim, como se esperasse que eu dissesse não, que eu pedisse alguma coisa.

— Nós devíamos ir para o hospital.

— Não — refutei, em teimosia. — Não vou morrer em um hospital. Não importa o que você ou o doutor Arthur digam, não vou morrer naquele

PERIGOSAS ACHERON

lugar.

Lincoln fechou os olhos penosamente, puxou o ar com força inflando seus pulmões e esfregou o rosto com ambas as mãos. A frustração em seu rosto era tudo que eu via.

— Tem piorado muito nos últimos dias, Ellie. Você ouviu o que o doutor Arthur disse. Talvez nas próximas semanas, você tenha problemas até mesmo para se lembrar de mim e nós nem contamos para os seus pais ainda.

— Eles vão saber no momento certo.

Ele não concordava comigo. Havia inúmeras coisas que Lincoln e eu discordávamos veementemente e contar aos meus pais era uma delas. Eu acreditava que meu pai continuaria sendo uma pessoa tóxica, principalmente no meu pior

PERIGOSAS ACHERON

momento e mamãe se culparia por não ter me dado atenção enquanto teve chance. Provavelmente ela se mudaria para a nossa casa e tentaria fazer por mim o que não fez nos meus vinte e cinco anos de vida.

Comprimi os lábios ao sentir uma pontada na nuca, como se uma agulha tivesse sido penetrada em meu crânio. Respirei fundo e voltei para debaixo da água gelada. Perdurei debaixo dela por longos segundos. Escutei a movimentação a minha volta e, assim que voltei, Lincoln estava ajoelhado ao meu lado, amparando os braços às laterais da banheira.

— Quando é o momento certo?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não quero falar sobre isso agora. Você pode buscar meus remédios? — desconversei sob a voz trêmula.

Lincoln revirou os olhos, mas não insistiu. Girou nos calcanhares e sumiu para a penumbra do quarto. Quando voltou, estava com dois comprimidos na palma da mão e um copo com água na outra. Engoli as duas pílulas que travaram em minha garganta e terminei de engoli-las com um longo gole de água. Soltei uma lufada de ar entre os lábios, devolvi o copo para Lincoln e deitei a cabeça na borda do monumento de porcelana. Meu corpo se acostumou a temperatura baixa e não tremia mais.

— Vou ligar para o doutor Arthur e ter certeza de que você pode viajar nessas condições.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu devia fazer exatamente o que eu quero. Você não concorda? Estamos falando de mim e dos meus dias contados. Eu deveria poder nadar nua no Alasca se sentisse vontade. Me embriagar e arriscar tudo, porque no final nada disso importa! — Bati com as mãos abertas contra a água, salpicando gotas na calça de moletom de Lincoln e em suas meias cinzas.

Já sentia a dor esvaindo, mas elas estavam cada vez mais acentuadas e poderosas no decorrer dos dias. A qualquer minuto, elas voltariam e acabariam comigo outra vez.

— Já te pedi para não falar desse jeito!

— Por que não? É a verdade! Goste você ou não!

— Finalmente alguma reação de você que não
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

seja a conformação! — ele gritou de volta, com as mãos para o alto. — Tudo que você diz é que já aceitou e que está tudo bem, mas no fundo, não está!

— É claro que não está bem, Lincoln! Você acha que estou feliz com essa...

A palavra fugiu e manteve a boca aberta esperando que ela voltasse, mas não retrocedeu. Não havia definição certa para expressar o que era estar morrendo, o que era estar por um fio. Olhava para Lincoln e eu tinha certeza de que tudo que ele queria era poder acordar do pesadelo que fomos colocados. Ele esperava, dia após dia, que as coisas voltassem ao seu lugar. Lincoln se agarrou a uma esperança inexistente, para uma salvação inalcançável, para uma solução que a ciência ainda não tinha avançado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mesmo que eu dissesse que estava conformada, que aceitava o meu destino, havia dias que eu não conseguia concordar. Eu era jovem, amada e feliz, embora só tivesse percebido o quanto depois de descobrir que era o fim da linha para mim.

Tinha um emprego que amava, uma melhor amiga que me apoiava, uma irmã que se importava comigo. Eu tinha uma família, àquela que eu escolhi. E, definitivamente, queria viver para celebrar tudo o que eu tinha.

Tudo que você quer se torna insignificante perto de tudo que você tem nesse exato momento. Foi o meu auge da vida compreender. Queria morrer sem arrependimentos, mas sempre que pensava nisso, me lembrava dos momentos em que eu perdi sendo fria, brigando com meu marido por coisas que não eram culpa dele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu podia ter expurgado todos os sentimentos ruins devolvendo fardos que não eram meus para seus verdadeiros donos.

— Lincoln, eu só quero estar com você. Não importa se é aqui, em Denver ou Glenwood Springs. Eu não ligo se no final de tudo, o que me restar seja na cama de um hospital. Mas agora, nesse momento, o que eu quero mais do que qualquer coisa, é estar com você! — exclamei, cuspiendo aquela enchente de palavras nele e o deixando decidir sozinho. — Eu quero fazer as coisas que estão naquela lista e não dá para esperar mais uma semana ou duas. *Precisa* ser agora.

Lincoln olhou para mim, triste, porém, resignado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Existem relatos que dizem que as pessoas pressentem quando vão morrer. Minha vontade de entrar em um carro e fazer tudo que eu queria podia ser o prenúncio do fatídico dia em que meu coração pararia de bater.



Glenwood Springs ficava a uma hora de Aspen se o trânsito estivesse fluído. Para a nossa sorte, saímos bem cedo, mas não antes de Lincoln telefonar para o doutor Arthur. Mesmo com meu discurso, ele não queria arriscar. Fez uma ligação rápida para o hospital, sabendo que ele era o único neurologista plantonista e falou com ele. Fui clara quando disse que o estava avisando e não pedindo permissão ao viva-voz. Convincente ou não, aquele havia sido o acordo para viajarmos: se eu sentisse

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qualquer coisa além de enjoos constantes, voltaria imediatamente para casa e me internaria. Este foi o acordo e eu o selei.

Passaríamos a manhã em Glenwood e de lá, pegaríamos estrada para Denver e visitaria meus pais. Telefonei para a minha mãe, que foi pega de surpresa na madrugada ao acordá-la. Ela não esperava uma ligação minha depois do fracasso no dia de São Valentin.

— *Ah, querida, que bom que você está vindo. Nós temos tanto o que conversar!*

— Temos. Se Lincoln e eu pudermos ficar no meu antigo quarto por uma noite, seria incrível.

— *Mas é claro que sim, Ellie. A casa é sua. Seu pai pode ser...*

PERIGOSAS ACHERON

Ela parou. Pensei em interrompê-la, mas sua consciência o fez por mim.

— *Owen pode ser severo, mas acredite em mim quando digo que ele sempre a amou como filha. O problema dele é comigo.*

— Por que você simplesmente não se divorcia, mãe?

— *Apesar de tudo, eu o amo.*

Fechei as mãos em punho, sentindo repulsa e ao mesmo tempo revolta. Como ela podia dizer, abertamente, que ainda o amava quando tinha o traído, tido uma filha com *outro* homem? E quando ele a traía e a humilhava tão penosamente? Pressionei as pálpebras e fazendo uma pinça com o indicador e polegar, apertei a ponte do nariz, como se isso fosse o suficiente para encontrar o

PERIGOSAS ACHERON

autocontrole dentro de mim. Eu me obriguei a uma despedida sucinta, porém calorosa e desliguei o celular. Lincoln me lançou um olhar enviesado, conhecia cada reação minha quando se tratava dos meus pais e não fez nenhuma pergunta.

Lincoln também telefonou para Jenna e pediu que ela reservasse um horário com o padre na igreja no centro da cidade. Queríamos refazer os votos no lugar onde nos casamos e sua mãe pareceu animada em preparar tudo para um segundo grande dia. Nenhum deles, contudo, perguntou por que estávamos fazendo isso às pressas.

As *Glenwood Hot Springs Resort* eram as maiores fontes termais do Colorado, com piscinas e spa. Chegamos cedo, portanto não tivemos problemas para estacionar. Comecei me desfazendo do amontoado de roupas. Aspen era frio e tinha

PERIGOSAS NACIONAIS

neve por todo o lado, mas em Glenwood, onde as fontes termais ficavam rodeadas por um manto de floresta e ar aquecido, não precisávamos delas. Por baixo de todos os suéteres e casacos, estava usando um maiô vermelho escuro e Lincoln um short azul-marinho de tecido leve.

Seguimos em direção a piscina maior, onde se aglomerava um número generoso de pessoas se banhando na fonte termal. As luzes amareladas do resort estavam acesas e não deixei de vislumbrar os tijolinhos marrons expostos e o telhado avermelhado. O lugar onde ficava os aposentos e o spa delimitava a piscina. Conseguia enxergar o alto das montanhas rochosas, a relva molhada e todas as árvores que rodeavam o lugar.

PERIGOSAS ACHERON

Lincoln saltou na piscina primeiro, respingando a água quentinha em minha pele pálida e fria. Coloquei o polegar do pé primeiro, testando a temperatura — mesmo sabendo que não havia qualquer chance de a água estar menos do que quente e aconchegante.

Lincoln subiu à superfície e limpou o rosto e barba com a mão para tirar o excesso de água.

— Ellie, entra! — Ele riu, quando me pegou no flagra colocando primeiro os pés e me sentei à borda, sobre as pedras que delineavam a piscina. — Está com medo?

— Você sabe que eu não sei nadar. — Tombando a cabeça para trás, ele caiu na gargalhada.

— Tudo bem, não é fundo e eu posso segurar

PERIGOSAS ACHERON

você.

— Tá, mas me ajuda aqui. — Estiquei os braços como uma menininha que morria de medo de água para me amparar em seu corpo.

Lincoln riu, sacudiu a cabeça salpicando mais um pouco de água quente em mim e ergueu os braços em minha direção também. Segurou minha cintura, apertando-a com os dedos firmes e, com um impulso, saltei na água me agarrando em seus bíceps. Ele riu mais uma vez quando afundei e me levantei depressa, mesmo sentindo o fundo da piscina tocar meus pés, finquei os dedos em sua carne.

Ele riu, sacudindo a cabeça em negação e me puxou pela cintura para que ficasse próxima dele, o suficiente para que meu peito tocasse o seu.

PERIGOSAS NACIONAIS

Envolvi seu pescoço, entrelaçando os braços em sua nuca e deixei um beijo em sua boca. Estava quente e molhada.

— Sabe o que dizem dessas águas termais?

— Não, o que é que dizem? — Enrolei meus calcanhares em sua pélvis e mantive os lábios sobre a barba felpuda em seu queixo.

— Os índios *Ute* acreditavam que as termas tinham poder terapêutico mágicos e consideravam esse lugar sagrado.

— Acha que é verdade?

Ele deu de ombros, desdenhoso.

PERIGOSAS ACHERON

— Só porque não acredito, não quer dizer que não seja verdade. Para ser bem sincero, assim que entrei, senti como se tivesse superado grande parte dos meus traumas — disse em tom suave e de brincadeira. — Ainda não tinha superado aquela noite em que vi você e o Chad juntos. Foi bem traumático.

— Hum, pensei que você tivesse superado com aquele belo soco — eu ri, beijei seu queixo e depois a ponta de seu nariz.

Lincoln continuava nos arrastando para mais fundo na piscina e não me soltou por nenhum minuto.

— É, acho que extravasei um pouco da minha raiva naquele dia.

— Acho que também estou sentindo isso —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

inspirei o ar quente —, parece que consigo lidar com meu pai e minha mãe melhor agora!

— Espero que sim, porque a última vez que estivemos com eles não acabou bem.

— Não vai ser fácil encarar o meu pai. Gostaria de conseguir parar de chamar ele desse jeito.

Lincoln suspirou, derrotado.

— Entendo o que você quer dizer. — Ele jogou para trás uma mecha de cabelo molhada que cobria meu ombro. — Ele é repulsivo, controlador e abusa da sua fraqueza. O que presenciei aquele dia foi só uma parte de como ele realmente pode agir com você e sua mãe. E vou estar com você a todo momento.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma sombra anuviou seu olhar. O braço de Lincoln que envolvia minha cintura, apertou ainda mais ao meu redor. Entrelacei os dedos em sua nuca e mantive o rosto próximo. Ele me olhava como se não quisesse falar sobre essas coisas, mas não havia outro jeito de lidar com a dor senão encará-la. E ele me encarava, copiosamente. Eu o enxergava, mas não fazia ideia do que estava vendo; se ele já tinha entendido o que nos aguardava, se estava apenas relutando sobre a realidade ou se tinha decidido que apesar de tudo, a morte era só uma parte da equação que não podíamos fugir.

Pensando nisso, cobri seus lábios com os meus. Queria afastar qualquer pensamento que ele estivesse tendo, bom ou ruim, não importava. Éramos só nós dois, embora a piscina termal estivesse recheada de banhistas, nós nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

embalamos nas batidas frenéticas de nossos corações, na profusa sensação de pacificidade que a água ejetava.

— Obrigada, Lincoln. Eu sei que isso é horrível. — Segurei seu rosto, usando ambas as mãos e fitei seus olhos. — Queria poder fazer alguma coisa para melhorar a situação, mas eu não tenho o controle de nada há dois meses — sussurrei, um misto de angústia e pesar ressoaram de minha voz —, eu sinto tanto, tanto, por isso.

— Ei — Lincoln raspou o polegar em meus lábios, limpando o excesso de água —, você não tem que se desculpar. Não é culpa sua. Não é culpa de ninguém, Ellie. Para ser sincero com você, não faço ideia se estou ou não agindo da maneira certa com você. Se estou aceitando numa boa demais ou se devo simplesmente agir como um louco, porque

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

é assim que me sinto. Não consigo pensar em um jeito de lidar com tudo. Sempre que penso no futuro, eu me vejo segurando a sua mão até o último minuto. Eu espero muito que seja o suficiente.

— É mais do que suficiente — falei, sincera, porque para mim bastava.

Para uma pessoa que passou grande parte da vida tentando não ser só aceita pelo pai, mas também amada, saber que Lincoln estaria comigo do primeiro ao último minuto, fazia com que minhas pernas se solidificassem, minhas forças, de repente, se transformavam. Eu me renovava, dia após dia, só de ouvi-lo dizer que ficaria ao meu lado independente do que acontecesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Temia por ele. Por ter que assistir tudo, impotente, sem poder mover um músculo para ajudar. Porém, também ficava feliz por mim. Encontrei alguém que passaria pelo inferno só para estar comigo.

— Eu te amo, Ellie. Da terra ao céu de ida e volta.

— Eu também. *Da terra ao céu de ida e volta.*

Descansei minha cabeça em seu ombro, flutuando sobre a água quente. Escondi o rosto porque não queria que ele me visse chorar. Acontecia poucas vezes no passado, mas ultimamente tenho chorado com frequência quase absurda e não podia demonstrar fraqueza. Queria

PERIGOSAS ACHERON

que Lincoln me visse como a mulher forte e prepotente que ele conheceu e que um câncer não me faria agir diferente. Nem hoje, nem nunca.



— Você quer que eu faça alguma coisa pra ajudar? — Lincoln estava estacionando o carro na frente da casa dos meus pais.

O relógio digital no painel, em números vermelhos, marcava quase seis da tarde. O sol se escondeu àquela altura e as luzes estavam acesas. Imaginei meu pai na frente da tevê, segurando uma garrafa de cerveja enquanto assistia ao jogo de futebol. Minha mãe se aninharia na poltrona ao lado do grande sofá e leria a última revista da Vogue.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, tudo bem. Só segura a minha mão —
minha voz soou mais calma do que imaginei.

— Não vou soltar — prometeu e abriu a porta
do carro no mesmo instante em que abri a minha.

Lincoln estendeu a mão aberta em minha direção. Entrelacei nossos dedos, seu polegar acariciava as costas de minha mão pelo caminho ladeado de pedras brancas do jardim, delimitando a passagem até a porta. Subi os quatro degraus da varanda, escrutinei o banco de balanço de dois lugares estofado em estampa floral que se movia lentamente sob a influência do vento de fim de tarde do lado direito e a mesinha de madeira escura ao esquerdo, com um vaso de flor no tampo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Meu coração deu uma guinada quando escutei a voz de Natalie, permeando dentro da casa através das paredes. Não fazia ideia de que ela estaria lá, mas no mesmo instante me ocorreu que mamãe telefonaria para ela para contar tudo sobre meu pai biológico antes que eu tivesse tempo de fazer. Minha irmã podia saber sobre as traições do meu pai, mas com certeza não fazia ideia do que nossa mãe também aprontou e que eu não era só a erva daninha da família, mas fruto do pecado.

Lincoln ficou parado, olhando para mim. Senti como se ele tivesse o poder de perfurar minhas bochechas enquanto me fitava. Cada membro do meu corpo pôde sentir a vivacidade da realidade batendo à porta dos meus pais. Estendi a mão com o punho fechado, dei três longas batidas e fechei os olhos, inalando o ar gelado do inverno.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minhas botas estavam com um amontoado generoso de neve na sola e, para passar o tempo sem pensar muito, as raspei no assoalho. Lincoln continuava concentrado em mim, como se esperasse que eu pedisse que fôssemos embora. Ele estava convicto de que eu desistiria no último minuto e nos faria dar meia volta. Contudo, enterrei a mão esquerda cerrada no bolso do meu casaco, apertei com mais força sua mão, finquei os pés de modo enraizado no chão e permaneci firme como uma rocha. Por mais que quisesse correr e me abrigar em nossa casa em Aspen, para nunca mais voltar a vê-los, não podia. Eu precisava fazer aquilo.

Morrer sem arrependimentos às vezes é tão doloroso quanto *só* morrer.

PERIGOSAS ACHERON

— Ellie. — Natalie foi quem abriu a porta. Ela estava de braços cruzados e não consegui distinguir a expressão em seu rosto. Havia um misto de raiva e pena. Àquela altura, estava a par do segredo de nossos pais e, provavelmente, magoada comigo por eu nunca ter dito nada. — Mamãe me ligou assim que recebeu seu aviso de que estava vindo. Estamos até preparando um bobó de camarão. — Ela desviou os olhos para Lincoln, o tratando como cúmplice da mentira. — Oi, Lincoln.

— Oi, Natalie.

— Entra.

Ela abriu a porta, nos dando espaço para atravessar. Acertei a postura de meu pai que estava na sala hipnotizado pela tevê e quase não prestou atenção em mim quando entrei, mas minha mãe

PERIGOSAS NACIONAIS

estava na cozinha ao longo do corredor ao lado esquerdo, depois da entrada da escada para o segundo ambiente. A porta vai e vem branca balançando depois de minha irmã ter atravessado, nervosa e impaciente.

Eu a segui, me agarrando a mão de Lincoln como se ele pudesse me resgatar se as coisas ficassem difíceis.

Minha mãe estava com o rosto sujo de molho de tomate e os olhos vermelhos porque estava picando cebola. Natalie recostou-se à pia, de braços cruzados e o peito estufado. Pela sua postura, imaginei que estivesse esperando saber de mim o que já havia descoberto por nossos pais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Oi, querida. Lincoln. — Mamãe sorriu, amigável e compassível. — Como foi a viagem? Estamos preparando um bobó de camarão, seu preferido.

— Obrigada, mãe. Mas não precisava se incomodar, você odeia cozinhar tanto quanto eu.

— Ela insistiu — emendou minha irmã, bufando. — Disse que a última conversa de vocês causou um grande desconforto!

Lincoln e eu trocamos olhares pesarosos. Fechei por alguns segundos os olhos, me convencendo de que falaria com eles tão rápido que a noite terminaria com Lincoln e eu emaranhados nos lençóis do meu antigo quarto. Eu me refugiaria nele e esqueceria o fracasso que foi a conversa, simples assim.

PERIGOSAS ACHERON

— Onde estão as malas? — Mamãe olhou para minhas mãos vazias e Lincoln apenas estendeu a sua que não estava sendo esmagada pelo meu aperto, mostrando uma mala pequena. — Vão ficar só por uma noite?

— Não posso ficar por mais tempo, mãe.

— Por que não? Pensei que Zoe pudesse se virar sozinha — Natalie interveio, unindo as sobrancelhas de maneira carrancuda e incompreensiva.

— Ainda sou dona daquela livraria, Natalie. Zoe é minha sócia e amiga, é claro que ela consegue se virar sem mim. Só não *quero* que ela faça isso.

— Vamos pular a cordialidade — Natalie se afastou da pia onde estava, deu passos curtos em

PERIGOSAS ACHERON

minha direção e descruzou os braços, desfazendo sua armadura —, por que você *nunca* contou nada para mim?

— Natalie — minha mãe a repreendeu.

Soltei a mão de Lincoln pela primeira vez e ele entendeu que eu precisava de espaço para aquela discussão. Ele se encostou na ilha grande e lustrosa onde minha mãe cortava a cebola, abaixou a cabeça e cruzou os braços. Estiquei a mão espalmada para minha mãe e, pela visão periférica, notei seus lábios contraírem.

— Eu não sabia como. Até então, nem mesmo nossa mãe tinha ideia de que o segredo sujo que ela guardava havia criado asas e voador. Na última vez em que nos falamos, você disse que não foi ruim só para mim, que para você também, mas quer saber

PERIGOSAS NACIONAIS

de uma coisa, Natalie? Nunca foi tão difícil para você como era para mim! — gritei a última frase e o silêncio veio em seguida. — Não dou a mínima que você esteja chateada, porque tem coisas muito mais complicadas acontecendo agora e não posso dar a chance de ter outra pessoa magoada comigo! Você pode ficar chateada e se sentir traída, mas a culpa não é minha. Nunca foi. Sou tão vítima dessa história quanto você. Não é uma competição para saber qual vida está pior, irmã, é apenas a absurda e escandalosa verdade: nós não somos quem pensamos ser.

— Já chega! Vocês acabaram de chegar e estão discutindo! — Mamãe largou o avental e o pano de prato que usou para enxugar as mãos. Ela entrou no nosso meio, criando uma barreira entre mim e

PERIGOSAS ACHERON

minha irmã. — Vocês duas precisam parar com isso já! — bufou, impaciente. — Diga alguma coisa, Owen!

Não tinha percebido a chegada de meu pai e, pelo modo como Lincoln empertigou o corpo ao ouvir o seu nome, também não havia notado.

Natalie subiu os olhos em direção a ele. Notei as nuances em seu rosto; a maneira como sua mandíbula estava contraída de raiva, na mesma intensidade em que as veias de seu pescoço saltavam, denunciando o quanto ela segurava o choro na garganta.

— É o momento em que vamos lavar a roupa suja, finalmente? — Natalie soprou, fixando os olhos em mim.

— Foi exatamente para isso que vim —
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

declarei, aprumando o corpo e criando uma postura autoritária ao inflar o peito. — Estou aqui para *lavar* a roupa suja. Não vim para agir como se nossa família fosse perfeita. Ela está longe de atingir o mínimo do *bom*.

— Estamos adiando essa conversa há anos, Evelyn. Enfim, chegou a hora — Owen disse, suspirando. — Na sala, *todo mundo*. — Lincoln desencostou da ilha, pronto para sair. — Você não.

Lincoln olhou para mim, sem dizer uma sequer palavra. Ele esperava que eu entrasse em sua defesa, mas assim que acenei para ele duas vezes com a cabeça, voltou a descansar o quadril na ilha e respirou fundo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Se precisar de mim, estarei bem aqui — ele disse, assentindo para mim como se dissesse para eu não me acovardar.

Devolvi o movimento sutil de cabeça para ele e segui minha irmã e minha mãe para a sala de estar.

O barulho dos passos em direção aquele lugar foi como correntes que me penalizavam, porque foi naquele mesmo lugar que vi meu pai trair minha mãe pela primeira vez.

Foi ali que tudo mudou e que tudo mudaria outra vez, *no mesmo maldito lugar*.

PERIGOSAS ACHERON



*“Fique, fique com suas pedras
Porque isso é tudo que você sabe fazer
Eu fiquei preso no meio
Eu engulo minhas palavras até o fim
Porque nada é assim tão simples”*
THE STORY NEVER ENDS – LAUV

PERIGOSAS NACIONAIS

O sofá branco, com ornamentos de madeira era o mesmo. Posicionado exatamente onde eu me lembrava. Havia duas poltronas brancas dispostas do outro lado. Um tapete bege, felpudo e fofo no centro, sob uma mesinha de centro de vidro. A lareira estava bem à frente, com porta-retratos de nós em cima. Na parede acima dela, uma foto dos meus pais no dia do casamento deles. Tudo que circundava aquela casa parecia uma fachada para que as pessoas não falassem como dois advogados brilhantes haviam deixado a família ruir daquela maneira.

Eu me apressei em me sentar em uma das poltronas, me recusando a ficar próxima daquele sofá. Natalie me seguiu a passos pesados. Ocupou uma das poltronas e me acomodei na outra. Meu pai ficou sentado em um canto do sofá, minha mãe

PERIGOSAS ACHERON

do outro, afastados como já estavam há muitos anos. Perscrutei a cena. Estava tão semelhante à de um filme, com um final não menos do que horrível.

Meu pai – ainda não conseguia parar de pensar nele desse jeito – inclinou o corpo para frente, curvando sua coluna, apoiou os cotovelos nas coxas e sustentou o peso da cabeça nos dedos entrelaçados sob o queixo. Minha mãe estava com as pernas juntas, os dedos inquietos sobre o colo. Ela trajava um vestido cor-de-rosa claro, de corte reto. Minha mãe estava sempre elegante, querendo esconder o que tinha de mais sombrio por dentro.

— No começo eu não queria saber, mãe. Mas agora eu preciso. — Ajeitei a postura, raspei o traseiro no estofado branco querendo estar mais

próxima dela. — Quem é o meu pai? — Owen mirou seu olhar em mim. — Quem é o homem com quem você traiu Owen?

O queixo de minha mãe tremeu e, por mais espantoso que pudesse ser, meu pai ficou ereto, pronto para ouvir. Foi quando tive certeza de que ele também não sabia de quem se tratava.

— Você não sabe quem é? — Natalie teve a mesma conclusão que a minha e relanceou o olhar sobre nosso pai. — Merda, isso é pior do que eu estava imaginando! — Ela jogou o corpo para trás, frustrada.

— Você se lembra do Brandon Korsh? — ela começou encarando meu pai. Ele, entretanto, retesou o corpo. O nome não pareceu ser de um desconhecido para ele.

— Você está brincando comigo, Evelyn? Porra!

— Em súbito, ele estava de pé. Passando a mão pelos fios de cabelo, os desgrenhando do penteado perfeito de advogado que mantinha. Os fios loiros ficaram tão bagunçados que deu uma nova expressão a meu pai. Os olhos verdes me fitaram.

— Tantos homens para você se envolver, você escolheu o merda do *Brandon Korsh*? Não acredito nisso, Evelyn!

— Por que é que eu sinto que essa conversa começou tarde demais? — Minha irmã se levantou e cruzou os braços, lançou um olhar de repulsa para minha mãe. — Por que esse nome não soa estranho?

Parei e inspirei. Na verdade, não me lembrava. Não conseguia ligar nenhum rosto ao nome, embora, no fundo de minha memória, eu soubesse

que já o tinha escutado em algum lugar.

— Pai. — chamá-lo de pai pareceu ter o desarmado completamente. Suas sobrancelhas caíram milimetricamente, deixando seu rosto mais entristecido. — Quem é ele?

— Brandon Korsh. Não se lembra? Nós fomos no enterro dele há uns oito anos. Ele descobriu um tumor cerebral e fez o tratamento por seis meses, mas não sobreviveu.

Escondi o rosto nas mãos, respirando profundamente. Ele tinha câncer. Tinha um tumor cerebral. Essas palavras foram ressoando em minha mente até se transformarem em pó. Levantei a cabeça e encarei meu pai.

— Nós dois éramos melhores amigos. Desde o colégio, até a faculdade, onde conhecemos a sua
PERIGOSAS ACHERON

mãe. Eu me apaixonei por você no minuto em que te vi. — Ele apontou o dedo em riste para minha mãe e riu, amargurado. — Mas você sempre foi apaixonada por ele. Desde àquela época, você não tinha olhos para ninguém além dele, não é, Evelyn?

Minha mãe abaixou a cabeça resignada a culpa.

— Eu sabia que sua mãe gostava dele, mas não desisti. Afinal, Brandon via as mulheres de um modo distorcido. Para ele, tudo era *só* sexo. Com Evelyn não foi diferente. Vocês dormiram juntos na época da faculdade, você era gostosa e chamativa. Uma mulher deslumbrante, por dentro e por fora, com uma inteligência e confiança em si inabalável. Quando ele a dispensou no dia seguinte, ela correu para mim e ficamos juntos. — Meu pai direcionou os olhos para mim e minha irmã. — Mas três anos depois de Natalie nascer, Brandon apareceu

PERIGOSAS NACIONAIS

procurando por emprego em nossa firma. Você *jurou* para mim que tinha acabado, Evelyn! Que estava apaixonada por mim! — berrou, exasperado. — Então, assim que ele apareceu, você abriu as pernas para ele?

— Eu achei que tivesse acabado! — ela gritou de volta.

— Você disse para mim que tinha dormido com um maltrapilho de circo, Evelyn!

— Espera aí um pouco — Natalie levantou as mãos abertas, na altura dos ombros —, você está me dizendo que ela contou por livre e espontânea vontade sobre o casinho que teve com seu melhor amigo, mas sem dizer que era o seu melhor amigo? — No olhar de Natalie chispou uma confusão momentânea.

PERIGOSAS ACHERON

— Ele mandou flores para ela no escritório, com o nome de *Bobby*. Sua mãe me disse que era um cliente agradecido por ter vencido um caso! Então, encontrei mensagens no celular dela. Mensagens bem peculiares, não foi, Evelyn? — Minha mãe assentiu, enxugando o rosto com as mãos. — Sua vadia, safada! — Ele deu passos apressados em direção a ela e, em um ímpeto, fiquei de pé, diante dela. Isso o afastou, mas não diminuiu sua ira.

— Você acreditou que era esse tal de *Bobby*? — perguntei, ao cruzar os braços.

— É claro que eu acreditei na sua mãe! — Ele apontou o indicador para ela, embasbacado. A frustração estava exalando em seu perfume. — Eu acreditei nela que era o Bobby, mas, no fundo, sabia que tinha algo errado. Pouco tempo depois,

ela fez vários testes de gravidez. Eu tinha certeza de que o filho não era meu. Não transávamos há muito tempo, desde que ela começou a se envolver com esse filho da puta! Mas eu assumi você, porque assim que o Brandon soube que sua mãe estava grávida, ele pediu demissão e desapareceu. Quando você fez dezoito, nós recebemos uma ligação da mãe dele com a notícia!

— Ele tem família? — Encolhi os ombros, ressentida.

Meu pai gargalhou, jogou a cabeça para trás. A sua risada escarneceu minha pergunta.

— Brandon nunca quis esposa ou filhos, Ellie. Se ele tivesse um pinga de amor por sua mãe, ele teria assumido a responsabilidade, mesmo que isso custasse a ele alguns dentes quebrados! Continuei

acreditando que o Bobby era real. Um malabarista de circo, como sua mãe havia me contado e que ele nunca mais a veria outra vez ou veria você!

— Mãe, você tem algo a dizer? — Natalie quis saber, os olhos estavam lacrimejando.

— Eu sinto tanto — sussurrou, a voz embargada atropelando as palavras. — Tanto, Owen. Você sabe como me sinto magoada, como tenho tentado me redimir aceitando todas as merdas que você faz! Na esperança de que volte a olhar para mim como costumava fazer antes da Ellie nascer!

— Isso nunca vai acontecer.

Não houve nenhum ressentimento ao ouvi-lo dizer aquelas palavras. Diferente de mim e Lincoln, que ainda tínhamos espaço no casamento para PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compreensão, amor e perdão, meus pais estavam em um estágio onde já haviam esgotado todas as suas forças, onde o amor havia sido eximido pela traição e mentira.

Houve minutos de silêncio. As palavras faltaram. Meu pai deu as costas para minha mãe, que chorava violentamente ao escutar o marido dizer que aquele era o fim da linha para eles. Ele encarou a lareira apagada, o retrato preso na parede acima. O nariz de minha mãe tocava sua mandíbula enquanto meu pai sorria, olhando para ela. Seu braço esquerdo envolvia sua cintura, a mantendo perto e a mão direita acariciava a bochecha rosada.

Aquele era o vestígio de que em algum momento o relacionamento deles funcionou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nunca pedi o divórcio porque eu quis fazer você sentir exatamente o que eu sentia quando me lembrava do que havia acontecido, mas hoje vejo que isso sugou nossas filhas para nossos problemas e elas sofreram as consequências por nós dois. Eu quero o divórcio, Evelyn. Há tempo de ter a vida que eu mereço e você nunca conseguiu me proporcionar por *ainda* ser apaixonada pelo Brandon. Mesmo depois de morto, acho que você continua vivendo esse luto sem fim.

Encarei meu pai e vi sua dor. Vi no que ela o havia transformado e temi que Lincoln sofresse assim quando eu partisse. Minha mãe estava viva, mas, para ele, era como se o tivesse deixado há muito tempo para viver com a pessoa que ela realmente gostaria de ter passado seus dias. Eu o vi desarmado, sem o véu que cobria sua verdadeira

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

face. Esqueci o porquê de ter passado parte dos anos magoada com ele, por enfim poder vê-lo despido de toda a sua resistência.

Olhei por cima do ombro, para a minha irmã que acariciava os ombros de nossa mãe, mas ao mesmo tempo entendia ambos os lados.

— Chega de dor — ela sussurrou para minha mãe e depois anuiu para meu pai, respondendo por sua mulher. — Chega de julgamentos. Chega de guardar mágoas. Vocês dois têm uma vida inteira pela frente, não existe nenhuma razão para continuarem se maltratando.

— Não acabou — comecei e me afastei deles o bastante para enxergá-los amplamente. Meu pai acompanhou meus passos e minha mãe ergueu a cabeça. Natalie estava com as sobrancelhas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

curvadas formando um V entre os olhos. — Eu... não sei como dizer isso porque fracassei em contar para o Lincoln. — Natalie endireitou o corpo, sabendo que contaria sobre os remédios, mas nada a preparou para o que realmente estava acontecendo comigo. — Sou jovem, acho que faz sentido meu pai verdadeiro ter morrido por causa de um tumor. — Abaixei a cabeça, deixando escapar um soluço pela garganta que se forçava a permanecer fechada. — Também tenho um tumor no cérebro, chamado glioblastoma multiforme e ele já se espalhou. O médico acha que as próximas semanas podem ser minhas últimas.

Eles não disseram nada. Todos ficaram lá parados, olhando para mim como se esperassem que eu dissesse que era uma brincadeira. O silêncio se estendeu, transformando a bolha em que estávamos envolvidos em tóxica.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Só não queria morrer sem dizer que sou grata, a você, Owen, por ter assumido a responsabilidade pelo meu pai. Que ele foi covarde, mas você não. Queria poder olhar nos seus olhos antes de tudo acabar, só para dizer que eu te perdoo, sabe? Por aquele dia no seu escritório, por aquela noite ali — aponte o indicador para o lugar onde a lembrança vívida me assombrava —, eu te perdoo por tudo. Eu não podia deixar de te dizer isso porque agora entendo que não importa o quanto magoada eu esteja hoje, amanhã é um novo dia e, infelizmente, eu não terei a sorte de receber essa nova chance como vocês.

Minha mãe começou a chorar tão descontroladamente que não houve espaço para ela falar muito. Exceto pela frase “*a culpa é minha*” que escapava de seus lábios a cada dois minutos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela dizia, repetidas vezes, que se não fosse por Brandon, eu viveria. Teria filhos para amar como ela nos amava.

Eu segurei o choro na garganta porque não queria que eles pensassem que não estava lidando com aquilo, pois eu estava. Do meu jeito, mas estava.

— Eu preciso de uma bebida. — Meu pai se afastou e escutei a porta do escritório no fim do corredor bater.

— Ellie — minha irmã me chamou, ainda consolando minha mãe.

Eu me sentei ao lado de nossa mãe e encostei a cabeça em seu ombro. Segurei sua mão, entrelaçando nossos dedos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Tudo bem. Eu estou bem de verdade.

— Os remédios... — Natalie sussurrou.

— Sim, eram do tratamento. Obrigada por não ter contado a ninguém, Natalie.

— Eu não quero te perder — minha irmã soprou, a voz soando em um fiapo. — Não posso. Você é a minha irmãzinha, não importa quem seja seu pai.

Estiquei os lábios, delineando um sorriso sincero.

— Você vai cuidar deles por mim quando eu for, não vai? — indaguei, e estiquei a mão para alcançar a sua que estava nas costas de minha mãe.

— Não fala assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Natalie, tá tudo bem — garanti com firmeza.
— Todas as pessoas morrem em algum momento, algumas vão antes que as outras, mas no final temos o mesmo destino.

Ela fechou os olhos, comprimindo os lábios para não gritar. Deitou a testa na cabeça de nossa mãe e chorou em silêncio.

— Eu amo muito vocês — sussurrei e beijei a bochecha de minha mãe. — Muito.

— Você devia falar com seu pai — minha mãe pediu. — Eu sei que vai dizer que ele não é seu pai, Ellie, mas ele cuidou de você. E pai é quem está ao lado. Ele pode ter cometido muitos erros, mas nós também erramos.

— Você vai ficar bem?

PERIGOSAS ACHERON

— Pode ir. Vou ficar bem — ela garantiu, dando palmadinhas no dorso de minha mão.

Quando me levantei e rumei para o escritório, a escutei dizer:

— Uma mãe nunca deveria enterrar um filho.
Nunca.

Engoli o choro e enfrentei meu passado.



Bati duas vezes à porta, mas não houve nenhum ruído do lado de dentro. Preguei a orelha na madeira, persistente, mas ele continuava terrivelmente silencioso do outro lado. Suspirei porque meu pai odiava que entrássemos no escritório se ele não tivesse dado a autorização.

PERIGOSAS NACIONAIS

Enchendo meus pulmões com ar, refreando minhas palpitações para manter a calma, girei a maçaneta. A porta se abriu e o vi.

Ele estava sentado atrás da mesa grande e robusta de madeira luminosa. Os papéis que ele trazia para casa do escritório, empilhados em desordem. À sua frente, uma garrafa recentemente aberta de conhaque. Na mão, apertava o copo mediano. Ele o levava aos lábios, dava goles curtos e o voltava a sua posição anterior, dançando entre os dedos e fazia com que o líquido ambarino sambasse no recipiente, ameaçando pular e manchar o carpete puído do escritório.

Fiquei parada diante dele, com os braços envolvendo minha cintura. Estava com medo de ser rejeitada por ele, receosa de que a recém-descoberta do meu pai biológico o tivesse deixado

PERIGOSAS ACHERON

mais furioso comigo. Embora eu não sentisse nada por Brandon além de pena, por ter tido uma morte tão miserável e lamentando por mim, que teria o mesmo fim.

Esperei que ele se levantasse para me mandar embora e gritar comigo, mas tudo que acontecia nos segundos que seguiam, era um completo silêncio e meu pai se afundava a cada segundo naquela atmosfera taciturna. Dei um passo em sua direção, o assoalho rangeu e sem mover a cabeça, seus olhos subiram para mim. Quando me viu percebi que minha presença sequer havia sido notada antes ou ele estava agindo como se não tivesse.

— Você costumava brincar bem ali. — Ele apontou para perto da adega de uísque e conhaque. Ela costumava ficar cheia de bebidas que ele

ganhava de presente ou comprava, mas ela parecia muito vazia agora. — Tirava grande parte das minhas bebidas das prateleiras para colocar suas bonecas. Eu ficava aqui, trabalhando e olhando para você. Te vendo crescer e sem se parecer em nada comigo. Talvez o jeito, sim. Isso você herdou de mim. Sempre tentando esconder como se sente, sucumbindo na própria angústia, se deixando ser sugada pelo buraco negro que é ser quem somos. Mas você, Ellie, é igual ao Brandon. Os mesmos olhos, a mesma boca. — Parou de súbito, encarou a bebida e bebeu um gole. — Olho para você e o vejo claramente. Acho que não via antes porque não quis desconfiar que sua mãe poderia me apunhalar dessa maneira, mas agora consigo enxergar. Você, definitivamente, não é a minha filha. No fundo, esperava que um dia Evelyn chegaria até mim para dizer que mentiu, mas quanto mais o tempo passava, mais eu via que não importava o quanto eu

desejasse, você nunca seria a minha garotinha. São fatos terríveis que precisei aceitar para conseguir continuar seguindo com a minha vida.

Eu puxei uma cadeira e me sentei à sua frente.

— Ao mesmo tempo, olho para você crescida e machucada, por palavras que saíram da minha boca, e penso que perdi tempo demais tentando magoar sua mãe, quando podia fazer de você a minha menina, *minha filha*. É como se eu estivesse prestes a perder a única coisa realmente importante para mim e não fui capaz de lutar por ela. Eu sinto muito, Ellie. Sinto muito por não ter sido o pai que você merecia, por não ter sido forte o bastante. Eu sinto muito por tudo.

Ele repetiu, inúmeras vezes como lamentava o passado. Quis dizer a ele que era tarde demais para se lamentar daquela maneira, que o tempo passou e não voltava mais. As feridas em mim, abertas por ele, continuariam daquele jeito e irremediáveis. Mesmo assim, mantive o que disse para ele na sala e o considerava como meu pai. E o perdoava. Perdoava inteiramente e verdadeiramente por tudo, mas esquecer estava longe de mim de conseguir. Talvez ainda doesse pensar naqueles dias até o meu último, mas estava disposta a fazer o melhor porque estava pronta para ir em paz.

— Eu posso te abraçar? — pediu ao colocar o copo vazio na mesa.

Anuindo, eu me levantei e estiquei os braços para recebê-lo. Maior que eu mais de quarenta centímetros, enrolei meus braços ao redor de sua

PERIGOSAS NACIONAIS

cintura e apoiei a lateral da cabeça em seu tórax. Escutei seu coração, palpitando, vivo e arrependido. Fechei os olhos e senti sua mão acariciar minha cabeça, descendo para o comprimento de meus cabelos. Ele chorou, não como meu pai, mas como a criança triste que existia dentro de si. Me apertou em um abraço que suspeitei que fosse me sufocar e deixei que ele ficasse assim pelo tempo que precisasse.

Eu sempre quis receber um abraço dele daquele jeito. Era uma pena que eu precisasse estar à beira da morte para recebê-lo.

Quando me libertou do abraço, voltamos para a sala onde minha mãe, minha irmã e Lincoln estavam. Nós chegamos no momento em que meu marido servia um copo de água para a minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você está bem, mãe? — quis saber, escrutinando o rosto empalidecido e os olhos fundo avermelhados.

— A culpa é toda minha — sibilou, apertando o copo de vidro entre as mãos.

— A culpa não é sua. Não é de ninguém — parafraseei o que Lincoln havia me dito mais cedo e suspirei. — Sempre me perguntei até quando Deus me permitiria viver daquele jeito. Magoando as pessoas que eu amava — desviei os olhos para Lincoln — e sendo magoada pelas pessoas que eu amava. — Olhei para os meus pais. — Era um ciclo vicioso e que não tinha fim, mas agora acabou.

— Você ainda está viva, Ellie — minha mãe retorquiu, frustrada por eu continuar repetindo que estava morrendo. — Quero me agarrar a essa

PERIGOSAS ACHERON

esperança! Quem é o seu médico? Talvez nós devêssemos consultar outro!

— Senhora Tate — Lincoln interveio, cobriu meus ombros com suas mãos e respirou pesaroso —, sei o que está sentindo. Foi o mesmo comigo. E, desde então, tenho visto cada sintoma da Ellie se agravar. Tenho estado com ela todos os dias. Tenho falado e visto o médico dela. O doutor Arthur é o melhor neurocirurgião especializado no ramo da região, e nós confiamos nele. A Ellie confia nele.

— Ela é a minha filha! — bradou, enfurecida, se levantando do seu aconchego no sofá e assustando todos nós. — Eu não vou entregá-la de mãos beijadas! Você ainda está viva — apontou, em riste e decisiva para mim —, ainda está aqui conosco e eu não vou desistir.

— Mãe, já chega! — gritei, batendo com o pé no chão para chamar sua atenção. Ela estava se afundando e se agarrando a uma esperança vã. — Quero que você olhe para mim. Olhe para mim! — exclamei, abrindo os braços. — Está no meu corpo. Não dá para ver? Estou fraca. Enjoada. Tenho dores de cabeça e minha visão está péssima. Eu sinto isso o tempo todo há uma semana e tem piorado todos os dias!

Natalie cobriu a boca para coibir o soluço do choro.

— Essa é a minha *verdade*. Você consegue entender?

— Não — sussurrou, sacudindo a cabeça em negativa.

— Pois você precisa. Em grande parte do tempo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

estou dopada de remédios para evitar a dor! Me deixe fazer o que eu vim para fazer. Ficar aqui com vocês uma última vez em família, dizer que eu perdoo cada um e que espero que me perdoem por ter afastado vocês. Vou refazer meus votos amanhã e ainda preciso me desculpar com Jenna, por ter odiado sua maneira gentil e dócil de lidar com a vida! Então, por favor, mãe, faça isso por mim. — Ela assentiu, resignada, embora soubesse que continuaria com a ideia de procurar um novo médico por mais tempo.

— Nós ficaremos em Aspen. Com você — Natalie se adiantou.

— No momento, eu preciso de uma advogada, Natalie. Acha que pode me ajudar? — Ri para ela. — Tenho uma casa que quero vender!

PERIGOSAS ACHERON



No fim da noite, me aninhei a Lincoln no nosso lugar de sempre. Sentados sobre a manta felpuda cor-de-rosa antiga, o notebook à nossa frente com o frio que cortava a pele chicoteando meu rosto e os braços dele em volta de mim como uma proteção. Uma caixinha de macarons de caramelo pela metade estava sobre meu colo. Estivemos tantas vezes do lado de fora do meu quarto, abraçados debaixo da janela dele, no telhado da varanda sob o manto frio da noite. Embora já tivéssemos estado ali outras vezes, era diferente. Nós estávamos diferentes, éramos outras pessoas.

O queixo de Lincoln estava apoiado no topo de minha cabeça, os olhos pregados na tela do notebook atentos a cena do filme *Simplesmente acontece*.

— Foi melhor do que pensei — sussurrou, beijando meu cabelo.

— Minha mãe acha que pode mudar o que está acontecendo.

— Essa é a primeira reação, Ellie. Querer encontrar um jeito para mudar o presente é um erro muito comum. Se eu pudesse, gostaria de mudar.

— Eu não.

— O quê? Você está feliz de ter um tumor? — indagou, soando em tom perplexo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, claro que não. Mas estou só feliz de estar aqui com você, de ter recebido um abraço do meu pai e da minha mãe finalmente ter aceitado se divorciar. É suficiente para mim.

— Se você está feliz, então eu estou feliz por você.

Finquei os dentes no lábio inferior, buscando as palavras certas para iniciar uma conversa com Lincoln que ele não ficaria nem um pouco satisfeito.

— Eu vi uma coisa nos olhos do meu pai hoje.

— Ele estava triste, deu para perceber.

— Não triste por minha causa, mas como ele estava arrasado por ter perdido minha mãe.

PERIGOSAS ACHERON

— Uma consequência de todas as escolhas que ele fez.

— Não, Lincoln. — Eu me afastei, desvencilhando os braços musculosos que encobriam meus ombros. — Ele está sofrendo há anos porque minha mãe nunca esteve apaixonada por ele. Ao menos, não da maneira como ele esteve por ela. Está arrasado por nunca ter tido o amor que Brandon teve dela. Entende, o que quero dizer? Ele a perdeu para o melhor amigo e isso o *destruiu*!

— Se essa conversa for chegar onde penso que vai, é melhor parar por aí — Lincoln espremeu os olhos para mim, repreensivo.

— Nós precisamos. Eu não quero que você acabe como ele.

— Não vou acabar como o seu pai. Nós somos PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

peessoas diferentes, com ideais e princípios diferentes!

— Você precisa prometer para mim, Lincoln.

— O quê? — Ele parou, enviando seu olhar de desgosto para mim para me fazer sentir *culpa*. — O que você quer que eu prometa?

— Que a sua vida não vai terminar quando a minha acabar!

— Isso é ridículo — sibilou ao jogar o corpo contra o parapeito atrás dele. Bufando, cruzou os braços e revirou os olhos.

— Você merece ser feliz. Precisa seguir em frente e encontrar outra pessoa quando chegar a hora. Não estou dizendo para resolver agora, só... não se feche para as pessoas que podem aparecer na

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sua vida! — Suprimi um suspiro, olhando para sua expressão de reprovação. — Você me ama muito, Lincoln.

— Que bom que sabe! — exclamou.

— É por isso que eu também sei que você vai se fechar. Não deixe acontecer. Promete?

Ele ficou quieto, comprimindo os lábios e respirando pesado.

— Você *promete* pra mim?

— Eu me lembro de quando nos sentamos aqui e você me fez uma promessa. Que ia parar de beber, parar de fumar e se concentraria apenas em nós! Você quebrou a promessa.

Engoli a seco.

PERIGOSAS ACHERON

— Já faz muito tempo, Lincoln.

— Posso te fazer mil e uma promessas hoje, Ellie. Faço qualquer coisa que me pedir, não importa. Mas no fim, ainda serei apaixonado por você e não vai mudar.

Estava acostumada a ser aquela que dava a última palavra, eu não cedia facilmente, mas o olhar de Lincoln disse tantas coisas que não sobrou nada que eu pudesse falar.

Ele seguiria em frente, eu não precisava implorar para que fizesse isso, porque ele reconhecia um ponto final como aquele, embora não quisesse aceitar como nossa história acabava, ela chegaria ao fim e não restava nada se não aceitar.

Mas não significava que o fim o levaria a me
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

esquecer. Para sempre, eu seria uma parte dele. Não importa quanto tempo passe ou quantas mulheres ele conheça depois de mim. Sempre haverá um espaço em seu coração para eu me aconchegar.

PERIGOSAS ACHERON



*“Você vai pensar em mim pelo menos uma vez
Isso é tudo que eu preciso
Até o dia em que nos encontremos novamente
Vou esperar, vou esperar
O nosso adeus, é só um adeus momentâneo
Adeus, meu amor”*

GOOD BYE MY LOVE – AILEE

— Você está linda — Jenna sussurrou, uma mão estava em seu pescoço e o corpo recostado à soleira da porta de meu quarto, vi uma camada cristalina cobrir seus glóbulos oculares. — Deslumbrante, como uma princesa.

— Sinceramente? Não pensei que meu antigo vestido de casamento ainda estaria com você, Jenna. Pensei que iria se livrar dele — revirei os olhos, mas gargalhei para meu reflexo.

Era um vestido simples. Branco, com babados sutis na saia e nos contornos que evidenciavam meus seios na frente e uma fita de cetim acentuando minha cintura. Ele não tinha nada além de um tecido leve, alguns babados e um laço dado na fita em minha cintura, que ficava para trás. As costas abertas, em um corte em U. Os meus cabelos estavam presos em um coque perfeito, que minha

PERIGOSAS NACIONAIS

mãe fizera antes de ir para a igreja. Duas madeixas caíam na lateral de meu rosto, onduladas e moldurando meu contorno. A maquiagem suave, em tons rosados que marcavam minhas bochechas. O delineado dos olhos destacava o tom amendoado de meus olhos. O batom vermelho vivíssimo salientava meus lábios.

— O vestido de casamento é uma lembrança.
— Ela adentrou ao quarto e fechou a porta quando passou. — Lincoln está nervoso na igreja. Sua mãe ligou. Ele está com medo de que você fuja!

Gargalhei, jogando a cabeça com leveza para trás para evitar que a coroa de rosas brancas não caísse – sim, estava tentando superar meu problema com as rosas, pensei em começar com as brancas. Um desafio por vez. No dia do meu casamento,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

decidi que iria ignorar a sombra que enevoava meus medos e os encarei de frente. No fim, não foi tão ruim.

— Por que eu fugiria? Nós vamos refazer os votos e não nos casar pela primeira vez! — revirei os olhos, desdenhando, mas com um leve tom de brincadeira.

— Acho que para Lincoln será sempre como a primeira vez. Quando ele olha para você, nós sabemos que ele não tem problema em se apaixonar de novo e de novo e de novo...

— Por um tempo nós nos esquecemos como nos apaixonar um pelo outro todos os dias, mas eu fico feliz que tenhamos conseguido.

— Foi uma surpresa para nós, Ellie.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desviei o olhar para ela. Sua expressão carregada de dor e sensibilizada pela notícia que demos a ela de manhã. Para eles, refazer o casamento, mesmo que simples, em uma situação precária como a minha não era aprovada, mas eu estava cansada de perder tempo com detalhes quando tudo o que importava estava bem à minha frente.

Robert conversou comigo. Ele disse que estariam ao meu lado, que ficariam em Aspen para nos apoiar assim como meus pais. Jenna se lamentou por mim, tentando ser gentil com palavras, como sempre fizera. Impondo uma distração a mim sendo não só a mãe do meu marido e minha sogra, mas falando e cuidando de mim como uma velha amiga.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Jenna — estudei sua postura. Pacientemente, ela se sentou no banquinho estofado de frente para a penteadeira branca e respirou fundo, esperando que eu dissesse o que queria —, eu sinto muito. Nunca dei a abertura que você precisava para se aproximar. Eu detestava sua modéstia!

— Eu sei, querida — ela riu, balançando a cabeça em negativa. — E como sei. Era lamentável saber que você não me via como eu realmente sou, triste que a mulher que meu filho amava não me deu espaço para me aproximar. Mas eu entendo, por isso nunca interferei. É claro que nós achamos que vocês se casaram jovens e imaturos, mas independente de quantos anos tinham quando se apaixonaram, construíram uma vida juntos e sozinhos. — Pausou, recuperando o fôlego e, em seguida, se levantou e deslizou as mãos por meus

PERIGOSAS ACHERON

braços. — Eu tenho muito orgulho de dizer que você é a esposa do meu filho. Ninguém é perfeito, Ellie. Não seria diferente com você e Lincoln. Tenho certeza de que vocês cometeram erros que se arrependem e que aprenderam com eles. Falo por Robert também. Nenhum de nós guarda rancor. Seja bem-vinda à família, querida!

Jenna me abraçou e não consegui prender as lágrimas. Não me importava de me desfazer da postura forte que vinha carregando. Eu estava um caco, sofrendo, morrendo por dentro e por fora, sem poder ser sincera com as pessoas que eu amava porque não queria passar a impressão errada. Não queria que sentissem pena de mim nem escutar o quanto era lamentável eu estar morrendo porque eu tinha uma vida incrível inteira pela frente, quando eu não tinha nada além do presente.

Descansei a cabeça no ombro de Jenna e chorei. O coração em meu peito martelava violentamente, gemendo e chorando comigo.

Alguém bateu à porta, o que me obrigou a me afastar do abraço, mas Jenna manteve os dedos entrelaçados nos meus. Alisando o vestido liso vermelho escuro, ela autorizou a entrada.

— Nós já podemos ir? Owen disse que Lincoln já está perdendo a cabeça!

Assim que Robert entrou, trajando um smoking elegante, gravata borboleta e abotoaduras douradas, ele notou que acabara de interromper um momento íntimo.

— Está chorando? — Ele colocou as mãos no fundo dos bolsos de sua calça e se aproximou. — Borrou a maquiagem. — Retirando um lenço

PERIGOSAS ACHERON

branco do bolso, ele o estendeu para mim. Jenna foi mais rápida e o pegou para mim. Começou a limpar abaixo de meus olhos, onde o rímel havia manchado. — É melhor nós irmos andando, você já está atrasada — Sorriu, gesticulando com a ponta do queixo em minha direção.

— Que tal um abraço em família? — Jenna sugeriu, estendendo a mão para o marido, que a estudou, desconfiado.

Levantei a mão para ele, concordando com Jenna.

Sem mais delongas, Robert sorriu, se aproximou e nos envolveu em seus braços grandes. Escondi o rosto em seu peito, escutei o coração

bater e continuei de mãos dadas com Jenna enquanto o momento se estendia, transformando os segundos em minutos.

Quando finalmente nos afastamos, sorrimos um para o outro em cumplicidade e Robert me estendeu o braço, onde ancorei o meu em seu cotovelo e me deixei ser guiada por ele até o carro.



Meu pai entrou comigo. Na primeira vez, ele não estava feliz em fazê-lo, com desculpas esfarrapadas e se recusando a aceitar que eu estivesse prestes a me casar. Eu me convenci de que ele estava sendo relutante porque queria me

fazer pagar pelos erros da minha mãe. O caminho até ao altar foi quase uma tortura. Mas, dessa vez, foi diferente.

Ele não tirava os olhos de mim e não parava de sorrir. O meu braço entrelaçado no seu ganhou carinho antes das portas se abrirem. Olhava para mim como se eu fosse um milagre e nada podia chafurdar o que ele via. Eu e somente eu tinha sua atenção.

Assim que as grandes portas de madeira se abriram à nossa frente, revelando meu marido no altar, trajando o seu antigo terno Armani preto e gravata no mesmo tom. A postura austera, esguia e confiante de sempre estava diante dos meus olhos. A barba aparada, porém, ainda cobrindo grande parte de seu rosto. Olhei para os lados, reconhecendo minha mãe que usava um vestido

PERIGOSAS NACIONAIS

longo de cetim azul e Natalie exuberante em um vestido de saia volumosa com caimento de babados rosa bebê e meia-calça no mesmo tom de sua pele. Jenna e Robert estavam sentados ao lado direito, no primeiro banco, bem perto do filho.

— Como se sente? — escutei meu pai sussurrar, próximo ao meu ouvido.

— Feliz. Muito feliz.

— Dessa vez farei direito, Ellie. Eu prometo.

Sua promessa se referia não só ao momento que estávamos vivendo, mas ao futuro.

Espero que sim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A música que tocava ao fundo era uma melodia intensa e barroca, um dos ministros da igreja se voluntariou para tocar em nosso casamento. O som quase sobressaiu a voz de meu pai, mas consegui ouvi-lo muito bem.

Assenti para ele, agradecendo por suas palavras.

Lincoln não media esforços enquanto sorria para mim, a boca esticada quase rasgando o seu rosto com tamanha excitação para, finalmente, segurar minhas mãos. A distância era ínfima, mas durou quase uma eternidade.

Tudo estava como o esperado. As pessoas que nós amávamos nos cercava. E eu estava a um passo de reforçar a Lincoln o que havia prometido há seis

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

anos; que eu seria dele por todos os dias de minha vida.

Então, muitas coisas aconteceram ao mesmo tempo. Uma sequência de caos imensurável perpassou por nós como um furacão tirando tudo do lugar.

As minhas pernas amoleceram, perdendo o chão sólido. O meu coração pulsava, freneticamente, machucando a caixa torácica que o protegia, obstruindo minhas vias respiratórias.

Busquei conforto em Lincoln, sua expressão havia se consternado; uma ruga intensa se alojara entre seus olhos e eu não consegui dizer nada. Absolutamente nada. Por mais que me forçasse a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

expurgar as palavras que ficaram soterradas em minha garganta, nenhum som saía, tornando a sensação claustrofóbica desesperadora.

Escutei minha mãe gritar meu nome. Senti a mão pesada e áspera de meu pai amparar meu corpo molengo. Ouvi o uivo agudo de minha irmã ao pedir que me ajudassem. Enxerguei pelo canto dos olhos o senhor e a senhora Coleman se deslocando para correr em meu socorro. Vi o meu marido, transtornado, se afundando no desespero enquanto me assistia desmoronar. O meu mundo inteiro girou e a última coisa que senti foi o tapete vermelho puído em contato com a pele de meu rosto.

Eu tinha tantas coisas para dizer a Lincoln.

PERIGOSAS ACHERON

Uma infinidade de sentimentos que seriam expostos através dos meus votos.

Embora soubesse que o meu fim estava próximo, não havia uma data certa para ele chegar. Ele viria como a chuva de verão que ninguém espera.

Contudo, em Aspen e Denver, quase sempre era inverno.



As pálpebras pesaram quando tentei abri-las. Atrás de meus olhos, uma dor profunda irradiava e atingia minha cabeça. O barulho computadorizado da contagem de batimentos cardíacos monopolizava cada pensamento meu. Eu senti a

ardência em minhas veias do braço direito; inalei o ar frio e estalei a língua no céu da boca, sorvendo o sabor amargo instaurado nas papilas. Grunhi baixo, tentando mover o corpo, mas cada membro dele pareceu ter sido deslocado e tudo doeu. Cada membro que fazia o meu corpo o que ele era, se estilhaçou. Respirei fundo, ordenando a parte de mim que entendia que aquele barulho insuportável do monitor só podia significar que eu ainda estava viva.

Soltei o ar quente pela boca, em uma fresta pequena que separava meus lábios.

— Ellie? — Ouvi a voz baixinha e suave me chamar, demorei alguns segundos para ligá-la a alguém conhecido. — Vou chamar a enfermeira! — Assim que o tom exasperado atingiu meus tímpanos, abri os olhos e pisquei algumas vezes

para me acostumar com a claridade. E, então, segurei o pulso de Natalie sem impor muita força. — Você está com dor? Está sentindo alguma coisa? Quer que eu chame o médico?

Neguei com a cabeça, abri os lábios para falar, mas senti minha garganta dormente e dolorida.

— Shhh, tudo bem. Não precisa falar nada! Você deve estar toda machucada. — Lancei um olhar questionador para minha irmã. Pela sua aparência, estava lá há bastante tempo. Os olhos estavam fundos em seu rosto e as olheiras se pareciam com hematomas. Usava um casaco comprido mostarda, uma camisa branca e calça preta. Seus cabelos desalinhados e oleosos. — Precisaram entubar você. Foram... oito convulsões seguidas. Você chegou ao hospital de Denver sem pulso. Por um minuto, nós achamos que iríamos te

PERIGOSAS NACIONAIS

perder! — Natalie cobriu a boca. Ela queria esconder de mim sua dor, toda a tristeza instalada em seu peito pelo tempo em que passei desacordada.

— Quantos? — sussurrei com a voz gutural e arrastada. — Dias?

— Dois — ela disse, voltando a se sentar na poltrona branca ao lado da cama. No mesmo instante, seus dedos passearam pela cama e chegaram aos meus. Assim que tocou minha pele e a sentiu quente, exalou o ar de seus pulmões como se estivesse o segurando há muito tempo. — Você está em Aspen agora. Foi transferida ontem de manhã! O seu médico, o doutor Arthur, disse que você deve ficar aqui a partir de agora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Então, comecei a me lembrar da sensação nauseante de perder o controle do meu próprio corpo, de como eu tremia, mas minhas pernas perderam completamente a solidificação.

— Lincoln?

— Estão todos aqui com você. Nós estamos revezando para tomar banho e comer. Estou no lugar dele agora. Ele não deixou você um minuto.

Eu quis sorrir, mas não consegui.

— Água — pedi, umedecendo os lábios com a língua.

— Certo.

PERIGOSAS ACHERON

Natalie se levantou e rumou em direção à mesa de centro junto ao sofá de dois lugares branco, próximo da janela. Uma jarra de água e copos descartáveis descansavam em uma bandeja de prata. Ela virou a água no copo, voltou para mim e pegou um pedaço de algodão na cômoda ao lado da cama. Minha irmã embebedou o algodão com a água e lentamente o passou em meus lábios ressecados.

— O médico disse que se acordasse e pedisse por água, nós devíamos só molhar a sua boca, por precaução. Como sua garganta está machucada você acabaria se engasgando.

Anuí para concordar com ela. Eu não tinha forças para questionar as ordens do doutor Arthur.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Obrigada — agradei, afastando o rosto para que ela parasse.

— De nada. — Ela deixou o copo e o algodão na cômoda e se sentou na beira da cama, ao meu lado. De novo, segurou a minha mão. — Eu te amo, Ellie. Queria que fosse eu.

— Não fala isso. Eu não preciso que você queira estar no meu lugar, Natalie. Na verdade, que bom que sou eu e não você.

Um segundo ouvindo minha voz bastou para que minha irmã se entregasse ao sentimento profundo que cada um de nós sentia, mas ninguém queria deixar assumir. Eu, contudo, estava tão cansada de continuar lutando pela vida. Só queria que acabasse de uma vez, porque a dor finalmente seria esquecida.

PERIGOSAS ACHERON

Natalie chorou, em desespero e descontrole. Estendeu minha mão, onde nossos dedos enodados se enroscavam e a beijou no dorso repetidas vezes, como se pudesse me fazer sentir através daquele gesto todo o seu pesar com a minha situação. Desvencilhei nossas mãos para enxugar suas lágrimas, pensei inutilmente que aquele ato pudesse amenizar o sentimento de perda que a dominava, mas estava enganada. Natalie não queria ser consolada, só precisava ter aquele sentimento sem ser interrompida. Queria chorar e lamentar por mim sem que fosse interrompida, sem que eu pedisse que ela não sofresse, porque tudo que ela queria era expulsar o seu sentimento de luto precoce.

Decidi deixá-la chorar, porque não havia nada de bonito em minhas palavras que pudessem ajudá-la. Quando li *A culpa é das estrelas*, nunca me imaginei estar no lugar de Augustus ou Hazel, mas

PERIGOSAS NACIONAIS

lá estava eu, sentada, assistindo as pessoas que eu amava se entregarem a dor sem relutar. O sentimento de impotência pela primeira vez se apoderou de mim e eu não tentei controlá-lo.

Eu estava lá sem poder agir, invalidada pelo câncer.

Natalie passou os próximos quinze minutos que se estenderam, chorando, apoiada em meu ombro. Seu corpo se cansou de lutar e ela ocupou o pequeno espaço ao meu lado. Ela me abraçou, mesmo sabendo que aquele tipo de afeto com minha irmã, era uma linha tênue que não podia ser ultrapassada. É engraçado, a quantidade de coisas que você começa a fazer depois que descobre que seus dias estão contados e passando rápido.

PERIGOSAS ACHERON

Lincoln chegou no instante em que minha irmã começava a adormecer. Estava com dor no músculo sobre o ombro, mas não quis afastá-la. Ele fitou seu olhar em mim, analisando se eu precisava de sua interferência. Neguei de pronto, com a cabeça, e ele simplesmente deixou uma sacola de papel pardo na mesa próxima ao sofá e voltou para se sentar na poltrona ao meu lado.

— Natalie? — murmurou, e ela esfregou o nariz molhado de lágrimas em meu pescoço. — Você pode ir descansar agora.

Minha irmã levantou a cabeça, aprumando o corpo. Ela me olhou querendo saber se eu preferia que ficasse.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou ficar bem. Vai descansar, você está horrível. — A dor em minha garganta ainda era insuportável, mas estava me acostumando a ela. — Te vejo mais tarde!

— Se ela precisar de algo...

— Eu te ligo — Lincoln emendou, sem dar brechas para que Natalie continuasse insistindo em ficar.

Ela anuiu, pegou sua bolsa nos pés da cama e saiu.

Lincoln ficou parado ao meu lado, apoiando os cotovelos nas coxas e cobrindo os lábios com as mãos. Eu o estudei, preocupada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você tem falado cada vez menos — confessei e apoiei as mãos abertas contra o colchão para melhorar minha posição. Minha tentativa falha fez Lincoln se levantar para me ajudar.

— O médico já veio te ver? — Ele estava evitando minha afirmação, percebi e o encarei com os olhos semicerrados.

— Ele não veio. Pedi a Natalie para não chamar ninguém ainda. Onde estão nossos pais?

— Em casa, descansando. Ninguém dormiu desde que você desmaiou. Zoe, Ethan e Justine também estiveram aqui.

— Justine? — Meu tom de surpresa ficou evidente e Lincoln abriu um meio sorriso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nem todas as mulheres que se aproximam de mim querem algo além da amizade, sabe? — brincou, afastando uma mecha de minha testa. — Vou chamar o doutor Arthur e avisar que você acordou.

— Espera, ainda não. — Firmei o aperto em seu punho. — Só mais um pouquinho de privacidade, por favor?

— O que você não me pede desse jeito que eu não faço? — Eu sorri agradecida e Lincoln voltou para sua poltrona. Queria que ele se deitasse ao meu lado, como Natalie fez, mas ele estava me tratando como um cristal que poderia ser quebrado ao mínimo toque.

— Nós estávamos prestes a refazer nossos votos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vamos pensar nisso agora.

— Uma coisa da minha lista vai ficar para trás.

— Não importa, Ellie. Você estar segura e saudável é mais importante do que a lista!

— Mas a ideia foi sua.

— Eu sei, mas se isso for nos tirar tempo, eu não quero que você faça nenhuma lista!

— Eu posso dizer eles para você aqui.

— Você precisa descansar agora, pode fazer isso por mim?

Um minuto intenso de silêncio nos chocou. Lincoln sustentou seu olhar para mim sem desviar. Uma guerra interna estava acontecendo entre nós;

PERIGOSAS ACHERON

ele queria me proteger do inevitável e eu só queria que acabasse logo.

— Meu tempo está acabando, Lincoln. *Eu sinto.*

Mais silêncio.

— É o que você diz, mas o seu médico acha que se ficar aqui e se cuidar...

— O doutor Arthur vai dizer o que você quer ouvir. Eu estou dizendo que estou cansada — confessei, os olhos de Lincoln espelharam o que acontecia com os meus; cintilavam e ardiam pelas lágrimas que se aproximavam. — Estou me sentindo exausta há dias e estou me esforçando por você, mas eu não quero mais. Então, por favor, não me peça para continuar lutando porque eu acho que não consigo! — sacudi a cabeça, súplice,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

transmitindo de corpo e alma como eu me sentia.
— Se você me pedir, sei que vou tentar, mas *eu não quero!*

Ele abaixou a cabeça e vi quando as lágrimas pingaram no chão à sua frente, maculando o piso branco com sua dor.

— Sinto muito, não posso — A voz embargada do choro ecoou. — Não consigo te dizer que tudo bem você ir, porque não estou pronto.

Eu suspirei.

— Você pode chamar o doutor Arthur agora? Preciso de uma dose de morfina se eu quiser continuar aguentando.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincoln voltou a olhar para mim. Nós dissemos com olhares o quanto estávamos sendo incompreensivos um com o outro, o quanto estávamos sendo egoístas em entender o que precisávamos.

Minha cabeça estava doendo desde que acordara e não conseguia manter o raciocínio com a dor lancinante sendo o domínio do meu corpo e de minhas ações.

Em silêncio, ele se levantou e bateu a porta quando saiu, o estrépito mostrou a mim sua frustração e desgosto em ouvir que eu queria desistir. Ele não aceitava o que eu precisava e, pela primeira vez, meu marido agia como eu; sendo egoísta, pensando apenas em sua dor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



*“Não quero sentir outro toque
Não quero acender outra chama
Não quero conhecer outro beijo
Nenhum outro nome saindo de meus lábios
Não quero entregar meu coração
Para outro estranho
Ou deixar outro dia começar
Nem mesmo vou deixar a luz do sol entrar
Não, eu nunca vou amar de novo”*

I'LL NEVER LOVE AGAIN – LADY GAGA

PERIGOSAS NACIONAIS

Ela não desistiu. Ela respirava e lutava. Mas, embora estivesse resistindo, era como se a alma de Ellie já tivesse me deixado. A maior parte do dia ela passava dopada pela morfina, porque não suportava a dor e ficar acordada era um martírio que se recusava a continuar vivendo. E eu não conseguia dizer a ela que estava tudo bem me deixar agora, que eu ficaria bem, porque não sabia como mentir. Eu sabia que chegaria um momento onde ela implodiria e eu seria obrigado a aceitar, mas agora não conseguia. Não dava.

Algumas noites ela acordava, vomitava e o doutor Arthur autorizava o soro para mantê-la hidratada, mas era tudo o que ele e o hospital podiam fazer por ela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os pais de Ellie e Natalie aceitaram que ela precisava de descanso, a aparência defasada de minha esposa deixava qualquer um assustado. Ellie não queria mais se levantar para tomar banho, a comida era imposta a ela, o rosto se tornou encovado nas semanas que iam passando, porque havia emagrecido e os olhos se afundaram no aglomerado de ossos que era o rosto rijo. As manchas arroxeadas que circundavam a região, hematomas e marcas que provavam que passava muitas noites em claro, esperando que aquele fosse o dia em que Deus reservou para ela.

As convulsões também aumentaram. Elas me assustavam. Eles sempre a traziam de volta para mim, mas no fim, ela não ficava feliz com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O que mais machucou em mim foi ter que presenciar o que o doutor Arthur disse que aconteceria no estágio final; a mulher que eu amava não se lembrava de mim. Era difícil explicar para ela toda a vida que tínhamos juntos, sobre o nosso casamento e a nossa história. Eu mentia, dizia que era um acompanhante que a família contratou ou um conhecido. Às vezes, quando estava acordada – o que era raro –, ela reparava no anel de noivado em seu dedo e se lembrava de mim.

Nós sempre fomos pessoas de poucas palavras, mas eu me sentava na poltrona ao seu lado e esperava que ela puxasse assunto comigo ou que brigasse. Deus, como eu queria que ela fosse rabugenta comigo pela última vez!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu queria mais do que tudo que ela acordasse e discutisse comigo, que pontuasse as razões que faziam do *Homem de Ferro* o melhor vingador. Estava com saudade do seu mau humor pelos ovos mexidos de manhã, que incendiavam a casa com seu cheiro. Sentia falta de escutá-la me repreendendo pela toalha molhada em cima da cama e dos seus dramas triviais de todos os dias. Caramba, eu sentia falta do ciúme dela. Queria que brigasse comigo pelas mensagens de Justine, minha esposa ficaria incomodada, mesmo que as mensagens fossem a respeito dela.

— Oi — cumprimentei, assim que entrei no quarto e a vi sendo alimentada por uma enfermeira.
— Desculpa o atraso, o trânsito está uma merda por causa da neve.

PERIGOSAS ACHERON

Ellie não desviou os olhos para mim nem sorriu quando ouviu o tom de minha voz. No mesmo instante percebi que estávamos em um daqueles dias onde a minha presença era insignificante.

— Ellie, você se lembra de mim? — perguntei, colocando o casaco jeans no encosto da poltrona.

Ela não respondeu.

— Ela está um pouco agressiva hoje — contou a enfermeira, com o olhar penoso direcionado a mim. — Ellie, querida, você se lembra desse homem?

Ellie, enfim, virou o pescoço para me olhar. As manchas que circulavam seus olhos estavam cada dia mais evidentes, o tom arroxeadado estava pretejando e projetando uma aparência a ela quase irreconhecível. Os cabelos estavam desgrehados e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

armados, os lábios pálidos, descamando e infelizmente, ela não gostava que colocássemos a mão nela, então, era quase impossível conseguir usar hidratante labial neles.

— Não.

Foi a última palavra dela naquela manhã.

À tarde, seus pais vieram junto de Natalie. Meus pais tiveram que voltar para Denver para cuidar dos negócios, mas retornariam para Aspen no fim de semana. Nenhum dos familiares de Ellie aceitava que a ideia de ela ainda não ter desistido, era porque eu a estava prendendo a mim, como se lutar para vencer o invencível, fosse inútil – o que realmente era – e que eu precisava libertá-la da

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

responsabilidade. Tudo se tratava da psicologia; quando eu finalmente aceitasse que Ellie já não tinha mais forças para lutar, ela cederia.

Não havia nada mais que o doutor Arthur pudesse fazer para amenizar os sintomas e as consequências. Os remédios continuavam regulares, porém, ineficazes pelo tempo em que a minha mulher passou tomando cada um deles. O único que ainda conseguia ajudá-la era a morfina, entretanto, a dor voltava quando o efeito passava e isso deteriorava sua mente e seu corpo.

Portanto, à noite, fui intimado para uma conversa particular com Owen, Evelyn, Natalie e o médico.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Estávamos todos sentados na sala do doutor Arthur, em que estive com Ellie há semanas. Todos olhavam para mim, inflexíveis e ninguém estava melhor que eu em aparência; nenhum de nós sabia o que era uma noite de sono desde que Ellie deu entrada no hospital. Passávamos noites em claro, soterrados em uma bolha profusa de sentimentos desgastantes e taciturnos, esperando a notícia ruim chegar. E nunca chegava.

Todos tinham certeza de que o que estava entre Ellie e seu descanso era a minha persistência na luta. Eu, por outro lado, embora não duvidasse, também não acreditava com tanto afinco que a culpa pudesse ser minha. Eu a amava e não a queria morta, e não iria querer agora.

— Lincoln — Evelyn começou, cobriu a minha mão sobre o colo com a sua.

PERIGOSAS ACHERON

Natalie estava de braços cruzados, próxima a porta. Evelyn se sentou ao meu lado, na cadeira defronte ao doutor Arthur, e Owen ficou logo atrás de mim.

— O que vocês querem que eu diga? Hum? — Estava com a cabeça abaixada, evitando os olhares pesarosos. — Que eu espero que ela *descanse em paz?*

— É exatamente o que nós queremos! — Natalie interveio, caminhando a passos pesados sobre os saltos altos causando barulho no piso. — Todos nós já nos despedimos! Por que você não consegue deixar a minha irmã em paz? — Ela estava gritando, arfando o ar em seus pulmões.

— Não posso — disse, decidido e firme.

Não posso.

Não quero.

Não vou.

O que eu vou fazer sem ela?

— Lincoln, a fase de negação é normal entre os casais e familiares — foi a vez do doutor Arthur interferir. Com sua postura eloquente, cruzou as mãos sobre a mesa e aprumou o corpo. — Eu te recomendo conversar com um de nossos terapeutas. Eles te ajudarão a passar por isso e você conseguirá se despedir de sua esposa antes que se arrependa.

— Não... *quero* — ecoei, com a voz fraca e derrotada.

Ah, Ellie se você soubesse o que está acontecendo dentro de mim nesse momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você precisa! — Owen bradou, irritado. — Nossa filha está sofrendo por sua causa!

— Por minha causa? — Fitei-o, com os olhos semicerrados e raiva contida. Levantei em súbito, respirando pesado. — *Por minha causa?* — repeti, mais enfático. — Você está me dizendo que eu sou o culpado de toda a dor que sua filha sente? Olhe para si mesmo, Owen. Por quanto tempo Ellie sofreu por *sua causa*? — Minha ira rompeu as barreiras que a separava de colidir com a dor. — Ela não está sofrendo por *minha causa*, sou eu que estou sofrendo *por causa dela*! Como ela... ela... escondeu isso de mim por mais de um mês? Nós perdemos um mês brigando, um mês lutando para descobrir quem conseguia ser mais orgulhoso!

PERIGOSAS ACHERON

Tudo implodiu e como um copo cheio de água que transborda, senti meu sentimento escorrer de mim, através das palavras presas na garganta.

Evelyn fez o inesperado e me abraçou. Ela fez o que eu precisava. Todas as pessoas estavam concentradas no quão difícil estava sendo para Ellie, quanta dor física e emocional ela poderia estar sentindo. *Eu* me concentrei no que ela sentia e esqueci de lidar com os meus próprios sentimentos.

Dentro do abraço de Evelyn, eu me lembrei da última conversa que tive com Ellie no telhado de sua casa e da promessa que ela tentou me obrigar a fazer e não conseguiu. Reconheci que há muito tempo estava me negando a aceitar, esperando o momento certo; e, quando ele chegou, continuei

PERIGOSAS NACIONAIS

recusando que precisava me despedir de Ellie, que agora e para sempre não existiria mais *nós*, seria apenas *eu*.

O problema estava em não querer viver em um mundo onde ela não estivesse.

— Melhor? — Evelyn sussurrou abaixo de minha orelha e assenti.

O seu abraço amoleceu e nos afastamos.

— Obrigado.

— É difícil para você, Lincoln. Talvez, mais do que para todos nessa sala — Natalie se aproximou e tocou em meu ombro, uma forma súplice de me confortar —, todos nós amamos minha irmã, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de todos nós você esteve ao lado dela o tempo todo. Mas ela precisa de você uma última vez. Por favor, estou te implorando, *cuide dela só mais uma vez!*



Às vezes, as pessoas só morrem e você não precisa se preparar para se despedir. Você não tem que se preocupar de dizer as palavras certas, porque ninguém vem com a data de validade escrito na palma da mão. Ninguém consegue acertar, mas, por mais incrível que aquilo parecesse para mim, Ellie estava esperando que dissesse a ela como me sinto. Ela esteve esperando que eu dissesse que ficaria bem, que encontraria meu caminho e que não tinha motivo para se preocupar. Não queria ser egoísta, então, prometi aos pais de Ellie e sua irmã, que faria o que precisava ser feito.

PERIGOSAS ACHERON

Eu diria adeus.

No dia seguinte, não apareci no hospital de manhã nem durante a tarde. Eles revezaram entre si e soube que ela estava perguntando por mim.

Eu me preparei para o meu último encontro com a minha esposa. Vesti o meu melhor terno, aparei a barba comprida e borrifei seu perfume favorito. Em uma mala pequena estava levando seu cachecol lilás, o favorito de Ellie. No fundo, guardei nosso álbum de casamento.

Quando cheguei ao hospital, Natalie estava saindo do quarto, os olhos inchados e lacrimosos. Tentou disfarçar ao me ver, enxugando o rosto com a manga da blusa.

Às vezes, eu me esquecia de que não era o único sofrendo.

— Ela está melhor hoje. Lembrou de todos nós e está perguntando por você — contou, o canto de sua boca se estendeu em um sorriso forçado. — Está pronta para te ver!

Assenti e segui meu caminho sem dizer nada.

Assim que entrei, o cheiro de xampu e sabonete invadiu minhas narinas. O cabelo de Ellie estava molhado e a enfermeira a ajeitava em sua cama. Felizmente, não estava com as agulhas intravenosas incomodando seu corpo, embora o escalpe continuasse no mesmo lugar para as seringas serem recolocadas. Quando me viu, ela sorriu para mim e meu mundo voltou a girar da maneira certa. Há dias não via seus olhos brilharem ao me encontrar, o seu

sorriso estava escondido em alguma parte sua que eu não alcançava mais, mas ela estava leve e radiante, naturalmente, como tinha que ser.

— Oi. — Me aproximei e inclinei-me sobre ela para beijar sua testa. Passei os dedos por sua nuca, tocando os fios molhados. Queria tocá-la só um pouco, sentia falta de sua pele na minha e do seu cheiro. Inspirei lentamente em sua testa e me afastei. — Ela pode ficar sem as agulhas por algum tempo? — perguntei a enfermeira e deixei a mala na poltrona.

— Claro. Se ela precisar de remédio para a dor, é só me chamar que recolocamos.

Concordei, meneando a cabeça.

— O que você trouxe para mim? — Ellie gesticulou para a mala quando a enfermeira se

PERIGOSAS ACHERON

afastou. — Diz que é um hambúrguer! — Ela tombou a cabeça para trás, suspirando. — Preciso de um hambúrguer!

— Você não pode comer essas bobagens, acaba vomitando tudo depois! — ri, me sentando à poltrona e coloquei a mala no colo.

— Ah, droga — resmungou, entortando os lábios em desgosto.

— Você parece melhor hoje.

— Eu me sinto melhor hoje. Fiquei com saudade, porque não veio me ver antes?

— Snow precisava de um pouco de atenção — *e eu precisava assimilar tudo* — e eu queria trazer umas coisas. — Abri o zíper da mala e retirei o cachecol. Fui até ela e envolvi seu pescoço.

— Meu cachecol favorito.

— Uhum... — Puxei o álbum de nosso casamento. Os olhos de Ellie ganharam vida quando o viu. — E pensei que pudéssemos dar uma olhada nele mais uma vez.

— Tudo isso sobre a conversa que tivemos há umas semanas? Quando te pedi para me deixar ir embora?

— Queria poder dizer que não, mas sim. É. Você se lembra da discussão que tivemos no *White House* e eu te disse que estava com medo, porque se você me dissesse que iria embora, eu não saberia o que fazer. — Ela anuiu, concordando com um movimento comedido da cabeça. — Passei o dia pensando e acho que tenho um plano — Abri o álbum e ela se afastou para que eu me deitasse ao

PERIGOSAS NACIONAIS

seu lado —, talvez eu me mude para a Califórnia. Acho que quero um pouco de calor e sol. Isso depois de resolver minha questão judiciária com o Chad. Ah, aquele soco foi a melhor coisa que já fiz por você! Sério! Desde o colégio sonho com isso, só para deixar claro!

Ela riu, sacudindo a cabeça, mas fez uma careta em seguida. Apreendi a decifrar essas caretas e a dela me dizia que estava com dor.

— Me conta mais do seu plano *pós*-Ellie.

— Com o dinheiro que sobrar, posso abrir um restaurante na beira da praia!

— Será que o Snow vai conseguir se adaptar ao calor? Ele vive aqui desde que era filhotinho.

PERIGOSAS ACHERON

— Não se preocupa — beijei a lateral de sua cabeça, acomodando-me mais ao seu lado. Passei um braço por cima de seu ombro para abraçá-la e coloquei o álbum aberto em seu colo —, vou cuidar dele. Será uma adaptação dupla, também nunca morei em um lugar com mais sol que neve.

— É um plano incrível, Lincoln. Tenho certeza de que você vai se dar muito bem. Natalie está preparando tudo para a venda da casa, não está?

— Sim.

— O meu testamento também está pronto. Quero que use o dinheiro para sair da enroscada com o Chad e começar uma vida nova! Os setenta por cento da livraria também são seus, faça o que quiser com eles.

Fiquei em silêncio, encarando a primeira página
PERIGOSAS ACHERON

do álbum. Rever aquelas lembranças, era como reviver os momentos mais íntimos que tivemos. Em nosso casamento foi quando descobri a intensidade do que eu sentia por ela e que, daquele momento em diante, nada seria forte o bastante para nos separar.

A não ser que fosse a morte. Então, eu não poderia lutar contra ela.

Ellie passou as páginas, uma a uma. Não fazia muito tempo desde a última vez que folheamos aquele álbum e o sentimento foi arrebatador, ser sugado para dentro daquelas fotos.

Prometi a mim mesmo que a noite terminaria exatamente como precisava. Ellie decidiria o resto.

Quando chegou a última foto do álbum, nós não estávamos sozinhos. Snow estava no colo de Ellie,

PERIGOSAS ACHERON

um filhotinho assustado com os olhos azuis arregalados para a câmera, com medo do que o flash poderia causar a ele. Ela acariciava a cabecinha do husky siberiano e olhava para ele enquanto eu olhava para ela.

Não havia prova maior do meu amor por Ellie do que a maneira como eu a olhava.

Ela queria que eu encontrasse alguém e seguisse a vida como se ela não tivesse estado ao meu lado em grande parte dela. Contudo, eu duvidava que conseguiria amar alguém tanto quanto eu a amava.

— Acho que desde o começo não era para ficarmos juntos. Mas você sempre foi insistente e eu cedia. Não sei por que Deus não interviu.

— Você não acredita em Deus, Ellie.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você foi a prova mais bonita do cuidado de Deus comigo, Lincoln. Quando te conheci, eu acreditei.

Em alguns momentos, Ellie conseguia usar de seu poder de eloquência para me calar. Eu a conheci em uma fase onde Deus existia, porém ela não o via como as pessoas costumavam ver. Para ela, Deus castigava e era como um pai malvado que não se importava que os filhos estivessem se matando aqui embaixo. Eu acreditava, mas já havia ultrapassado a fase de esperar por um milagre para ela.

— Eu queria... — ela passou, pressionando a têmpora do lado direito ao sentir dor e arfou — queria muito dizer a você os votos que planejei para aquele dia. Tudo bem para você?

PERIGOSAS ACHERON

— Sem problema. — Saltei da cama para dar espaço a ela.

Dei a volta passando para o outro lado. Afastei os lençóis que cobriam suas pernas e ofereci minha mão para ajudá-la a sair da cama. Não tinha certeza se era recomendado, mas, ao mesmo tempo em que me preocupava com Ellie, não queria mais perder tempo com receios.

Ellie se apoiou em mim, as mãos frágeis estavam trêmulas quando as segurei. Colocou as pernas para fora da cama, pendendo e balançando na lateral. Ela me envolveu com seu olhar, o estado entorpecido que entreguei meu coração foi quebrado e, pela última vez, vi nos olhos da minha mulher, o quanto ela amava tudo o que fomos um para o outro, mesmo que no final um de nós tivesse que ir embora.

— Quando eu te conheci, eu te odiei tanto, Lincoln, porque você era a pessoa que eu temia que um dia fosse aparecer para mim. Você era *o cara*. O cara que atravessaria as paredes do meu coração e provaria que a vida está além do que os meus olhos conseguem ver. E assim que você me beijou pela primeira vez, eu não quis mais ninguém. Eu tentei fugir — ela fungou e sorri, levei o polegar para debaixo de seus olhos aquosos e enxuguei as lágrimas —, tentei te magoar. Tentei te afastar, mas você... — com a mão aberta, amparou meu peito e de leve me empurrou, sem ter a intenção verdadeira de me distanciar — você foi tão teimoso, tão insistente. Você foi *tão você* que eu percebi que não queria mais ser apenas eu. Queria que fôssemos *nós*. Se eu morrer hoje ou amanhã, não tem importância, porque eu tive o melhor que a vida podia oferecer. *Eu tive você*. Obrigada por ter me amado acima dos meus problemas, dos meus

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

defeitos. Obrigada por ter me aceitado. Eu sou uma pessoa de sorte por ter encontrado alguém que me amou *como eu sou*, sem nunca ter me pedido para mudar e talvez esse tenha sido o seu maior erro. Mas estou aqui para te jurar o meu amor — o ar que escapava de seus lábios era fraco, a respiração irregular pela fala irrefreável —, te jurar fidelidade e dizer que serei sua para todo sempre, *da terra ao céu de ida e volta*. Em algum momento, nossas almas vão se reencontrar e eu espero ouvir você dizer que sua vida não parou, que teve forças para continuar. Quero ouvir você dizer que não estagnou sua vida por minha causa, porque se tem alguém entre nós que merece ser feliz, esse alguém é você, Lincoln. Eu te amo — a última frase sussurrada fez o ar quente tocar meu rosto. — Dance comigo a nossa música, uma última vez — não era um pedido, mas uma ordem desesperada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tirei o celular do bolso e procurei pela música em minha playlist. Meu polegar trepidava sobre a tela de vidro enquanto descia por ela. Ellie estava olhando para mim, mas não esperava que eu dissesse nada e, eu, àquela altura, esperava já ter dito o que vim para dizer, mas não conseguia olhar em seus olhos e dizer adeus. Não conseguia me despedir, porque nada que passamos até aquele momento me preparou para o dia em que nós nos separaríamos.

Pela vida ou pela morte, Ellie e eu não ficamos juntos.

O som do piano ecoou do celular. Minha esposa sorriu, agradecida.

Com a mão erguida, ela a segurou e a guiei para o centro do quarto.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Uma de minhas mãos ficou amparada em sua cintura e a outra entrelaçou sua mão direita. Ela não conseguia erguer os braços, sua careta inflexível para a dor estava cada vez mais evidente. Mantivemos as mãos juntas para baixo. Ela encostou a cabeça em meu peito e eu descansei a bochecha no topo de sua cabeça, enquanto suas lágrimas maculavam minha camisa. Aos poucos, nossos corpos se movimentaram como se fossem um. A voz de Elvis Presley preencheu lacunas, calou meus pensamentos, sobressaiu ao som doloroso do choro de Ellie e diminuiu a palpitação de meu coração.

Não tinha certeza se Ellie chorava porque sentia muita dor ou se estava despedaçada por dentro, como eu.

PERIGOSAS ACHERON

— *Take make hand, take my whole life too, for i can't help falling in love with you* — beijei seu cabelo molhado e cantarolei, Ellie firmou o aperto de seu braço esquerdo ao redor de minha cintura.

Senti, contra meu peito, as batidas frenéticas do coração de Ellie. Tão apressadas. Em seguida, todo o seu corpo estremeceu em meus braços e a senti tensionar. Fechei os olhos, abraçando-a com mais força, querendo envolvê-la com todo o meu amor, como se isso fizesse a dor que o tumor causava a ela ir embora.

— Shhh... — pedi, repetindo o ato de beijar sua cabeça castamente. — Estou com você.

— Não consigo. Sinto muito. Eu te amo, mas não consigo — confessou, a voz soou em fiapo, arrastada como se aos poucos estivesse a perdendo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Dói muito. *Viver está doendo.*

— Eu sei, baby.

Ela estava fraca, cada dia mais fraca. Eu sentia sua vida escapando por meus dedos a cada segundo e nunca, nunca conseguiria me preparar para vê-la ir embora. Mas seu corpo desfalecer em meus braços sob o som de nossa música foi como o pontapé final para que eu entendesse que meu desespero para tê-la comigo não a faria ficar.

Eu precisava deixá-la ir embora.

— Ellie — sussurrei, contra a massa de cabelos onde minha boca estava.

— Hum? — murmurou, abaixei o pescoço para enxergá-la e seus olhos estavam fechados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu vou ficar bem. Você pode só... *descansar*.

Ela abriu os olhos, inclinou a cabeça para trás buscando meu rosto e com o olhar cintilante de lágrimas, assentiu, e vi a gratidão emanar por eles.

— Obrigada.

Uma sequência de acontecimentos veio depois.

A música terminou com a frase *for I can't help falling in love with you* e Ellie se debateu contra mim. Seus olhos reviraram e sua boca entreabriu. Se contorcendo, me afastando, deixando que toda a dor que vinha sentindo, finalmente, viesse à tona sem se importar comigo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Segurei sua cintura para deitá-la no chão. Corri para a campainha sobre a cama e a pressionei, repetidas vezes, olhando ora ou outra por cima do ombro. Em uma fração de segundo, três enfermeiras romperam pela porta. Uma delas viera em minha direção enquanto toda a sensação de torpor se unia a mim, assisti Ellie ser carregada pelas enfermeiras em direção a cama e a outra gritava comigo, ordenando que eu saísse.

— É uma convulsão! — gritou uma delas e a que estava ao meu lado, me empurrou. — Chamem o doutor Arthur, *agora!*

— Ellie — sussurrei, sobre toda a balbúrdia que acontecia ao meu redor.

— Você precisa sair! — continuou gritando e me afastando do corpo dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que houve? — O doutor Arthur entrou, com o estetoscópio pendendo no pescoço e se aproximou.

— Não sei. Nós estávamos dançando e... — Passei a mão nos fios de meu cabelo. — Ela...

— Tudo bem, Lincoln. — Ele colocou a mão sobre o meu ombro. — Nós vamos cuidar dela, você tem que sair agora.

— Prometi que ficaria com ela! — insisti, tentando chegar a ela, mas o doutor Arthur entrou no meu caminho e colocou a mão em meu peito para impedir que me aproximasse mais. — Você não entende, eu disse a ela... *Eu prometi a ela!*

— Ellie precisa de nós agora, Lincoln. Você tem que sair.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O mundo pareceu ter se transformado em uma grande bolha atmosférica lenta. O filme que discorria diante dos meus olhos estava em câmera lenta. As enfermeiras a preparavam para receber a carga de choque, carregando o desfibrilador.

Dois enfermeiros, altos e robustos chegaram depois. Ambos seguraram por meus braços e tentaram me arrastar para fora do quarto.

— Não! — gritei, me debatendo, lutando assim como ela havia feito por mim. — NÃO! — repeti, as lágrimas que segurei desde o minuto que cheguei naquele maldito hospital, enfim, acharam uma trégua para vir à tona. — Vocês não entendem, eu prometi a ela. ME SOLTA! — Os braços fortes se agarraram aos meus e a luta corporal que ocorreu me fez perceber o quanto eu estava resistindo a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

realidade. — ME DEIXA FICAR! ME DEIXA FICAR COM ELA! ME SOLTA, CARALHO! ELLIE! ELLIE!

Assim que fui jogado para fora do quarto, a porta se fechou atrás de mim. Tentei abri-la, desferindo socos contra a madeira e gritando o nome dela como se fosse possível ela me escutar mais uma vez.

Só mais uma vez. Uma última vez, me deixe ver seus olhos.

Eu me encostei à parede ao lado. Desisti de continuar lutando com a porta quando minha mão começou a sangrar e o médico não cedeu às minhas súplicas. Escorreguei pela parede como se meu corpo tivesse se tornado apenas pó. Enterrei os dedos abertos nos cabelos e puxei as pernas de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

encontro ao tórax. Afundei os dentes no lábio inferior enquanto escutava a movimentação dentro do quarto.

— *Um, dois, três... afastem!* — ordenava o doutor Arthur. — *Mais uma vez. Aumente para quatrocentos! Um, dois, três... afastem!*

Então, veio o silêncio.

O puro e infinito silêncio. No corredor vasto, isolado onde estava, o silêncio foi meu único companheiro de guerra.

— *Hora da morte?*

— *Vinte e três horas e dezesseis minutos, doutor.*

PERIGOSAS ACHERON

Mais silêncio. Escondi o rosto entre as pernas e as abracei. Eu me permiti chorar como nunca fiz. A dor que omitia para parecer forte para ela se desfez. O silêncio foi interrompido pelo choro do que havia sobrado de mim.

— Lincoln?

Ergui a cabeça e os vi. Os pais de Ellie, Natalie e meus pais. Todos com a expressão cabisbaixa, porém, todos nós já havíamos sido avisados por doutor Arthur que Ellie não estava mais suportando, que podíamos nos despedir e dizer o que tínhamos vontade enquanto a vida nos dava chance. Era para nós estarmos prontos, mas a notícia real só veio quando o médico saiu do quarto.

Ele falava, mas eu não conseguia ouvir.

Tudo o que ele falava, parecia insano.

Ela se foi.

Ela deixou você.

Ela foi da terra para o céu.

Ela não estará mais em casa.

Num rompante, me levantei. O médico estava falando algo sobre precisarmos nos decidir o que faríamos agora. E tudo que eu queria era poder ir para casa.

Natalie gritou por mim. Minha mãe correu para me alcançar quando estava atravessando a porta da saída.

— Onde você vai?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso de um tempo.

— Seu pai e eu vamos com você!

— Ah, desculpe — Puxei meu braço em um solavanco —, preciso de um tempo *sozinho*.

— Lincoln! — ela me repreendeu.

— Sinto muito, mãe. Eu sei que — olhei para trás e vi os pais de Ellie chorarem e a voz esganiçada de Evelyn sobressaltar a voz do doutor Arthur — todos estão sofrendo e que é o momento perfeito para ficarmos juntos e nos apoiarmos, mas tudo o que eu quero agora é ir para casa e ficar um pouco sozinho. Eu... ligo para decidirmos... o que precisa ser decidido.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Falar sobre o funeral, as rosas – o que ela nem mesmo gostava – faria com que tudo fosse real. E ainda estava na fase de me recusar a acreditar.

O primeiro passo que dei para o mundo fora daquele hospital foi a minha abertura para uma vida onde Ellie não existia.

Onde tudo o que me restara dela eram as lembranças e *lembranças doíam*.

PERIGOSAS ACHERON



*“Tudo que nasce, morre
Tudo que vem, se vai
Hoje morreu um sonho
Que ele descanse em paz
(...)*

*Onde estiver
Olha por mim
O meu amor, não vai ter fim
Tudo que vem, tem que ir
É a lei da vida
Não é feita por mim”*

LEI DA VIDA – SABRINA LOPES

Se afastar daqueles que te amam é um pedido de socorro no silêncio obscuro que se torna a alma.

A casa ficou exatamente como deixamos. Tudo em seu devido lugar, mesmo três dias depois, eu ainda acordava e esperava encontrá-la de frente à lareira, lendo.

Às vezes, eu tinha certeza de que a via, mas cheguei à conclusão de que a imagem que se projetava diante dos meus olhos, era meu cérebro criando uma defesa para a dor. Era minha mente funcionando de acordo com as minhas vontades.

PERIGOSAS NACIONAIS

Era icônico que Ellie tivesse falecido três dias antes de seu aniversário, foi o que nos levou a decidir fazer a cerimônia fúnebre mais tarde. Ela estaria completando vinte e seis anos. Gostava de pensar o que teríamos feito, como comemoraríamos o seu dia, mas no fim nada disso iria importar. Ellie só iria querer ficar em minha companhia e eu na dela.

Estar às nove da manhã diante de um púlpito, encarando nossos amigos e familiares era quase uma tortura, mas acho que Ellie gostaria de me ouvir dizer algumas palavras. Palavras que não tive chance, porque ela estava com medo de que partisse sem que eu soubesse como se sentia a meu respeito.

PERIGOSAS ACHERON

— Ellie queria que eu continuasse vivendo e, sinceramente, não sei se consigo. Tudo o que conheço da vida tem um dedo dela envolvido e nunca imaginei um futuro diferente para mim se não ao seu lado, Ellie. — Parei, refreando as palavras. Sacudi a cabeça e sorri, encarando os pais dela e sua irmã. — Não. Estou errado. Na verdade, imaginei sim, uma vida onde ela não fazia parte — pigarreei e aprumei a postura. — Há três meses eu havia decidido que não queria passar o resto dos meus dias com Ellie e eu não cederia. Ellie disse que eu me arrependeria. — Voltei a rir e um nó se formou no topo de minha garganta. — Ela estava certa. O engraçado é que naquele dia não entendi por que ela estava tão determinada a me fazer mudar de ideia, mas agora eu entendo. Não era sobre mim. Era sobre ela. Ela já tinha se decidido que queria passar os últimos dias de sua vida ao meu lado e, como a mulher determinada que ela

PERIGOSAS ACHERON

era, conseguiu. Ellie sabia que estava morrendo e esse foi o choque de realidade que ela precisava para entender que são poucas as pessoas que realmente importam. O que me machuca em toda essa história é que não tive a oportunidade de dizer a ela exatamente como me sentia a seu respeito. Ellie pensava que eu a considerava uma pessoa intragável, difícil de conviver e de fato, para quem a conhecia, sabia que ela nunca foi uma mulher comum. Mas era exatamente essa sua maneira de agir que me fez amá-la. Acho que eu sempre tive uma queda por problemas — funguei, esfreguei a ponta do nariz e em seguida limpei as pestanas com a ponta do indicador. — O amor não é sobre encontrar a pessoa perfeita; é sobre encontrar *a pessoa*. Alguns de nós nesta igreja cometeram erros com Ellie e nunca conseguiremos nos perdoar, talvez esse será o fantasma que irá nos assombrar pelo resto de nossas vidas. O que estou tentando

PERIGOSAS ACHERON

dizer é que Ellie nos deixou sem conhecer o verdadeiro valor que sua vida tinha para cada um de nós. Ela foi amada, sobretudo, compreendida. Ellie nunca foi a erva daninha em minha vida. Ellie foi e sempre será o meu trevo de quatro folhas.

Desci do púlpito e andei pelo caminho entre os bancos na igreja em direção a saída. Não olhei para os lados, evitei que as pessoas soubessem que eu estava destruído, por dentro e por fora, e não havia ninguém naquele lugar que pudesse me consertar.

O Lincoln que existia morreu com Ellie.

Ouvi o barulho de saltos agudos batendo no chão atrás de mim. Atravessei a porta de madeira, sem olhar para trás. Desci os degraus, meus pés se afundaram na neve fofa com o peso.

— Lincoln! Espera! — Fechei os olhos e
PERIGOSAS ACHERON

inspirei fundo. A voz estrídula de Zoe atrás de mim me fez parar. — Você vai embora?

— Não tem mais nada para mim aqui, Zoe. — Apontei por cima do ombro direito dela e pressionei os lábios um no outro, obrigando-me a ficar calado. — Não vai fazer as coisas ficarem melhores para mim. Eu só quero sair desse lugar!

— Ellie tinha toda razão — disse, abaixando os olhos em resignação.

— O que quer dizer?

— Ela sabia exatamente como você reagiria depois da morte dela. Tenho certeza de que você não quer ouvir nada agora e tudo bem se quiser ir embora, mas você não precisa se fechar para o mundo, Lincoln. Ellie *nunca* te perdoaria por isso. Nunca entendi a razão de ela não ter se sentido tão PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

traída quando você saiu com Savannah. — Abri a boca para discutir, mas Zoe negou de pronto, sacudindo a cabeça violentamente. — Você vai me escutar! — Ela deu um passo à frente. — Não entendi o porquê, mas agora eu sei. Acho que Ellie cogitou a ideia de te deixar ir embora naquela época, ficou com medo que você se afastasse das pessoas se vocês continuassem juntos e a Savannah não era só uma traição, mas uma oportunidade. Savannah era um talvez, Ellie um ponto final. Ela quer muito, Lincoln, que você seja feliz.

— O quê? Ficar com outra pessoa não muda nada!

Fora a vez de Zoe fechar os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Meu Deus, como você é burro! — bradou, batendo com as mãos abertas na lateral do corpo. — Não se trata de outra mulher, mas das pessoas. Não se torne o seu pior pesadelo! Você está se parecendo com ela agora! Você se lembra como Ellie tentou te afastar no começo? Você se tornou a pior versão da própria Ellie. Tudo o que ela queria evitar!

— Eu não ligo! — gritei, abrindo os braços. — Você acha que eu estou me importando? Não estou! Ela não está aqui. *Eu estou.*

Apertei os lábios quando me ouvi dizer aquelas palavras. Zoe arqueou as sobrancelhas, como se fosse óbvio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Vem, vamos tomar um café. — Gesticulou com a cabeça para o lado. — Nós conseguimos voltar a tempo do enterro.

Acompanhei-a sem discutir. Zoe e eu nunca tivemos uma conversa longa, portanto, não foi difícil de perceber que ela só estava cumprindo uma promessa a Ellie. Minha mulher tinha planejado tudo para que eu não me engolfasse na tristeza e solidão, as pessoas que nos cercavam estavam tentando afastar a pior parte de mim que pudesse aparecer.

Nós não conversamos muito, mas Zoe tentou. Ela tagarelou um pouco sobre a movimentação do site que Ellie tinha preparado para deixar no ar, também tentou falar comigo sobre a porcentagem que minha esposa havia deixado para mim. No fim, ela mais cuidou de mim do que eu dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando voltamos para o enterro, Zoe e Ethan não saíram do meu lado. Eles pareciam querer me vigiar, caso eu tentasse fugir como aconteceu na igreja. Um guarda-chuva estava sobre a minha cabeça, bloqueando o contato do meu corpo com os flocos de neve.

Estudei os rostos ao meu redor, a expressão abatida nos pais de Ellie, Natalie chorava baixinho e se aconchegava no ombro da mãe.

Owen e Evelyn estavam enfrentando o divórcio, então a morte da Ellie estagnou o processo, mas deu para perceber que, mesmo no enterro, eles estavam distantes. Embora fosse ruim para a maioria das pessoas ver um casamento acabado, Ellie estaria feliz que a mãe finalmente tivesse encontrado um caminho que não fosse ao lado de Owen.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Minha mãe e meu pai não estavam em uma situação diferente. Permaneceram ao meu lado, mesmo que eu pedisse por espaço, eles não o respeitavam. Estar sozinho, na verdade, não era a opção saudável. Ficar sozinho era o começo do buraco fundo que a dor e o torpor transformavam a sua alma.

Assisti a terra cobrindo o caixão, a dor se aprofundando no adeus silencioso. O final de uma história que não terminou como eu imaginava, mas exatamente como tinha que ser.

Ellie não estava certa quando disse que não estávamos destinados a terminar juntos. Nós acabamos juntos. Um precisou ir primeiro, mas vivemos e ficamos juntos pelo tempo que coube a nós.

PERIGOSAS ACHERON

Aos poucos, as pessoas, que acompanharam a celebração fúnebre e o enterro, se dispersaram. Cada um de volta para a sua vida. Ela tinha que seguir.

Sobraram apenas Ethan e eu, debaixo do guarda-chuva preto, nos afugentando da neve.

Ellie Coleman

Esposa e filha amada

*18/04/1992**

æ 15/04/2018

— Lincoln, você está pronto para ir? — Ethan perguntou, apertando meu ombro direito.

— Só um minuto — pedi, ainda olhando para a lápide.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu entendi que tudo que vive, um dia, precisa morrer. Não importa o quão doloroso seja a perda, é o ciclo e ele não muda. Você pode escolher estagnar ou continuar diariamente até chegar a sua vez. Minha esposa me ensinou a mais valiosa das lições: não espere que a vida acabe para estar ao lado das pessoas que ama.

Foi difícil escolher. Eu não conseguia aceitar que Ellie me deixou, mas quando o momento chegou, eu aceitei e fiquei grato por ter tido a oportunidade de ser a pessoa que ela escolheu para viver ao seu lado.

O filme de nossa vida juntos passou por minha cabeça durante os quinze minutos em que fiquei parado, diante de seu túmulo, contemplando a lápide e descobri a essência do nosso amor.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Doeu por alguns dias, mas em outros eu me acostumei com sua ausência.

Então, eu finalmente a deixei descansar.

Obrigado, Ellie, por ter iluminado meu mundo com o seu sorriso.

PERIGOSAS ACHERON



*“Na minha recuperação
Sou um soldado em guerra
Eu quebrei as paredes
Eu defini, eu projetei
Minha recuperação
No sal do mar
Nos oceanos de mim
Eu defini, eu projetei
Minha recuperação”*

RECOVERY – JAMES ARTHUR

25 de Julho de 2019.

Miami, Flórida.

Corria para cessar pensamentos, evitar que eles dominassem minha mente. Snow, entretanto, estava enfrentando uma adaptação que me preocupava e correr não estava o ajudando como costumava ajudar quando estávamos em Aspen. O calor era novidade para ele, assim como o clima praiano e a quantidade excessiva da população. Nossa casa à orla da praia parecia incomodá-lo, então tinha dificuldade para fazê-lo sair.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que foi, amigão? — perguntei ao me inclinar para acariciá-lo. Ele estava manhoso, com os olhos baixos e a língua para fora. Lambeu minha mão e ri. — Nós devíamos visitar um veterinário, não é? Você precisa ficar comigo, não sei se consigo sem você, ok?

Limpei o suor que escorria de meu rosto no ombro. Agora a barba estava mais curta. Não conseguia mantê-la tão grande como em Aspen, incomodava e coçava pelo calor. Eu estava passando pelo mesmo processo que Snow e não estava sendo fácil, não conseguia imaginar como era complicado para ele.

— Vem, vamos — ri e o chamei.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Snow estava acostumado a me acompanhar sem precisar da coleira e, embora fosse curioso, ele não se arriscava a uma visita campineira pelos arredores. Se perder de mim estava fora de questão, nenhum de nós queria ficar sozinho.

Comecei a andar pelo passeio, sem direção e evitando o baque com outros corredores.

Mais de um ano depois, ainda estava me acostumando com a vida de viúvo. Há muito tempo não ficava sem Ellie por perto e a sua ausência me fazia lembrar de como era solitário não ter ninguém. Não dava para contar como foi o dia, nem sobre os telefonemas que minha mãe fazia para mim de manhã e no fim da tarde.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sua preocupação estava justificada pelos meus atos. Saí de Aspen seis meses depois de Ellie ter falecido. Vendi nossa casa, a casa da vovó Henrietta e os setenta por cento da livraria – esses para Zoe – e vendi a loja para Ethan. Não que estivesse tentando eliminar os vestígios da vida que tive com ela, mas não me via retornando a Aspen por um bom tempo. Precisava de dinheiro para arcar com as dívidas que meu caso com Chad gerou – uma multa de cem mil dólares e os danos físicos e emocionais que ele jurava que causei. Nós encontramos um vídeo na internet, gravado e postado por alguém que esteve no supermercado no momento em que Chad insultou a Ellie. Foi uma reação para a ação e Chad não viu outra saída senão aceitar meu acordo. O fato de ter comprovado que Ellie sofria depressão, ansiedade e ainda lidava com o tumor poderia colocá-lo em maus lençóis se não cedesse.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Evelyn se divorciou de Owen e se mudou para Boston, para ficar junto de Natalie três meses depois. Owen continuou em Denver e tocou o escritório corporativo como se Evelyn nunca tivesse existido.

Natalie me ligava sempre que possível e conversávamos. Ela se preocupava que eu estivesse seguindo um caminho diferente do que Ellie gostaria – não que ela estivesse tentando controlar minha vida pós sua morte –, mas a preocupação era válida, de novo, porque eu não reagi da melhor maneira. No geral, eu estava bem e vivendo dia após dia.

Meu pai e minha mãe estavam tocando a rede de hipermercados, lutando para sobreviver e não mencionaram mais o assunto de eu assumir a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

posição de meu pai no futuro, embora tivessem sido claros que eu sempre teria um lar para voltar se um dia me cansasse do calor e da praia.

Eu sentia *muita* falta dela, mas dizem que o tempo cura e me sentia melhor. Primeiro, evitava pensar nela, depois só não queria me esquecer de tudo que vivemos. Seria pior se não sobrasse nada para eu me agarrar. Gostava de olhar nossas fotos às vezes, embora Zoe continuasse dizendo que isso não é muito saudável no estágio de luto em que estou. Há mais de um ano lidava com ele. Com a maldita perda.

Não dá para se recuperar de uma queda como aquela de um mês para o outro. Tudo funcionava gradualmente e, dessa maneira, eu sentia que estava avançando, um passo de cada vez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ethan e Justine estão saindo. O que é muito engraçado, porque nunca imaginei meu amigo sossegando.

Foi assim que a vida seguiu para cada um de nós.

Ainda tinha dinheiro o suficiente para sobreviver mais um ano em Miami sem preocupações maiores. Estava trabalhando como auxiliar de cozinha em um restaurante no centro, para adquirir experiência até que pudesse abrir o meu próprio.

Nunca reencontrei Savannah outra vez. Mesmo que estivéssemos morando na mesma cidade, minha curiosidade para revê-la era ínfima, praticamente inexistente e se acontecesse de nos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

reencontrarmos, não tinha nenhum interesse em atravessar a linha que impus entre mim e qualquer outra mulher.

Eu entendi que Ellie não queria que ficasse estagnado nos relacionamentos, mas tinha outras coisas que gostaria de ver e viver antes de considerar sair com outra mulher. Meu restaurante, por exemplo, era uma prioridade. Estava em uma posição que ninguém conseguiria ocupar.

Busquei no *Google Maps* por um veterinário que estivesse mais próximo de onde estávamos. Snow esperou, pacientemente, sentando nas patas de trás assim que parei e afastei para a beira, não querendo ser um empecilho para as pessoas que corriam. Verifiquei se havia algum por perto e constatei que sim, a duas quadras dali havia uma veterinária: *Eleanor Parker*.

PERIGOSAS ACHERON

— Encontrei — avisei a ele. — Vamos! — chamei-o e continuamos andando.

Diminuí o ritmo para que ele conseguisse me acompanhar.

Vendi o carro para comprar um novo e ainda não tinha encontrado a melhor opção.

Minha regata azul-marinho estava manchada de suor e na bermuda branca havia resquícios de areia. Snow se uniu mais a mim, quase colando sua pelagem baixa em minha perna.

Chegamos ao consultório e, para a minha surpresa, estava vazio. Havia uma mulher de jaleco debruçada sobre o balcão de madeira escuro. Ela deslizava o polegar e indicador pela tela do celular. Uma parte do cabelo presa no topo da cabeça e o restante caindo em cascata pelo ombro, ondulados.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Os fios não tinham uma definição certa, havia um misto de laranja e vermelho, mas não era ruivo. O rosto triangular tinha uma expressão curiosa; as sobrancelhas estavam arqueadas e ela mordiscava a ponta do polegar.

Pigarreei para chamar sua atenção quando notei que ela ainda não tinha percebido minha presença. Rapidamente seus olhos amendoados subiram, diretamente para mim e as rugas causadas pelos vincos em sua testa suavizaram.

— Ah, oi. — Ela se desajeitou e, por um ínfimo segundo, pensei que fosse deixar o celular cair. — Que merda! — murmurou para o aparelho que conseguiu apanhar no ar. — Ufa, desculpa! Em que posso te ajudar?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é a doutora Eleanor? — perguntei, unindo as sobrancelhas.

— Sim, eu mesma. Em carne e osso. — Se afastou do balcão, limpou as mãos no janelo e depois estendeu a direita para me cumprimentar. — Ai, que fofo o seu cachorrinho! — Eleanor se abaixou para acariciar Snow, que não mostrou nenhuma reação. — Hum, ele parece desanimado.

— É. Por isso vim. Você... pode atendê-lo agora? — Olhei ao redor, à procura de alguém.

— Ah, claro. Tudo bem. Está vazio. Por aqui!

Ela foi na frente, seguiu pela porta na lateral esquerda da parede. Apalpei o colchão da maca para que Snow subisse, enquanto a doutora Eleanor se preparava para examiná-lo. Vi quando mordeu o

PERIGOSAS ACHERON

lábio inferior, enquanto punha a luva azul cirúrgica. Ri, mas diminuí a euforia não querendo que ela percebesse.

— O que foi? Tem alguma coisa errada no meu cabelo? — Imediatamente levou a mão para o topo da cabeça, preocupada.

Eleanor não devia ter nem trinta anos. Lhe daria, talvez, uns vinte e sete anos.

— Não. Essa mania de morder a boca para se concentrar. Minha esposa faz igualzinho.

— Ah, sim. Entendo. — Ela riu e revirou os olhos. — Muito bem. Qual o nome dele?

— Snow.

— E o seu?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lincoln.

— Legal, Lincoln. Há quanto tempo vocês estão morando por aqui?

— Hum, nós nos mudamos há seis meses.

— Vocês moravam onde?

— Aspen.

— Uau, um aumento de temperatura exponencial — comentou e baixou a pele peluda abaixo dos olhos de Snow para examiná-lo. — Eu diria que ele ainda está em processo de adaptação. O husky siberiano geralmente se adapta bem em qualquer lugar. É só uma questão de tempo. Também vejo alguns sinais de desidratação. Os olhos estão secos e a textura do pelo está mais áspera que o natural. Tente dar água mais vezes ao

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dia, forçá-lo um pouco a beber e um colírio pode ajudar a lubrificar os olhos. Ele não sabe que está enfrentando um calor de mais de trinta e cinco graus. No geral, ele está ótimo!

— Ouviu, cara? Você está bem! — Acariciei a cabeça peluda e sorri. — Obrigado. Se eu o perder, não sei o que faço.

— Relaxa, ele está muito bem. — Ela retirou as luvas e as jogou no lixo. — Tenho certeza de que você e sua esposa vão cuidar dele! Certo, Snow?

— Hum, claro. — Meu sorriso sumiu.

— Ai, não. Eu disse alguma bobagem, não foi? Geralmente as pessoas fazem essa cara quando ficam sem graça e sempre porque algo que eu não devia dizer saiu da minha boca!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não, tudo bem.

Gesticulei as mãos para acalmá-la e assobiei para Snow sair da maca, enquanto caminhava para a sala de espera.

— Vocês vão acabar se entendendo, você vai ver.

Quase pedi que ela calasse a boca, porém, fechei os olhos e respirei fundo.

— Não, não vamos. Ellie e eu...

— Se divorciaram?

— Não. Ela faleceu no ano passado.

Podia jurar que estava ouvindo seus dentes rangerem em sua boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, merda — murmurou e bateu com a mão aberta na testa. — Desculpa. Eu sinto muitíssimo.

— Tudo bem. Estou acostumado. Ela falava muitas bobagens também.

— É que você ainda usa a aliança, então...

Apontou para a aliança em meu dedo. Ainda brilhava como se a tivesse colocado pela primeira vez ontem.

— Quanto é? — questionei, já tirando a carteira do bolso traseiro da bermuda.

— Nada. — Ela balançou as mãos, em negação.
— Sério. Tudo bem. Eu não fiz nada, só dei uma olhadinha nele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eleanor, não estou tentando te ofender, mas esse lugar está vazio. Você não devia aceitar o pagamento?

— Acha que é o único que se mudou para Miami recentemente? — Riu, cruzando os braços.
— Abri o consultório tem um mês. É claro que está vazio!

— Caramba, foi mal. — Ri, e cocei a nuca. — Estamos empatados, então?

— É, vamos considerar assim. Vou deixar passar desta vez, principalmente por ter mencionado sua esposa quando você não queria falar nisso. Às vezes, eu falo mais do que devo.

— Sem problema. Acho que eu — com o polegar, apontei para a saída sobre o ombro — vou embora agora.

PERIGOSAS ACHERON

Prestes a segurar a maçaneta da porta de vidro para sair, ouvi seus passos atrás de mim e me virei. Não evitei a confusão, exposta pela testa franzida.

— Que tal um jantar, para compensar a minha falta de educação?

— Eleanor, você é linda. Mesmo. E parece ser muito divertida, mas não estou em clima para encontros ainda. Você viu. Ainda uso a aliança depois de a ter perdido! — Levantei a mão para mostrar a joia.

Diferente da reação que eu esperava, Eleanor tombou a cabeça para trás e começou a gargalhar. A risada gerou tremores em seu corpo e, quando voltou para me olhar, precisou enxugar o cantinho dos olhos.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você é lindo. Não me entenda mal. Sério. Qualquer mulher morreria só de ter você por perto, mas não pensei nisso — apontou de mim para ela — como um relacionamento amoroso. Estava considerando mais uma amizade. Vim de Los Angeles há um mês, não conheço ninguém nesta cidade e você não está numa situação diferente da minha. — Deu de ombros, com desdém. — Mas tudo bem! Você não está interessado.

Apertei as pálpebras com a ponta dos dedos, envergonhado. Nós dois acabamos gargalhando de toda a situação constrangedora.

— Dois a um — ecoei —, sinto muito. Não pensei desse jeito.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Estamos contando os pontos? Tudo bem, eu acho que fico lisonjeada por você ter pensado em mim de um jeito diferente. Mas, sinceramente? Estou focada na minha carreira agora! Não posso me dar ao luxo de distrações como você.

Quer saber? Isso pode funcionar. Ficar sozinho o tempo todo é cansativo.

— Não sei se fico ofendido ou satisfeito, mas vou escolher ficar satisfeito. — Fiquei pensativo, estudando a expressão dela. — Vou aceitar, mas não tenho carro.

— Tudo bem, me passa seu endereço que te busco.

Ela se afastou, em direção ao balcão para buscar o celular.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Sempre que eu pensava em qualquer tipo de relacionamento com outra mulher, me sentia culpado. Era como se eu estivesse manchando a memória de Ellie de alguma forma. Embora eu soubesse que para Ellie significasse um passo em direção ao futuro.

Não acreditava em recomeços até que Ellie mostrou que eles eram possíveis. Para mim, recomeços serviam para tentar recuperar o que já estava defasado.

Mas eu não estava defasado.

Ainda estava vivo e respirando. Havia uma chance para mim no mundo.

E antes que tudo acabe para mim, eu posso tentar recomeçar, assim como Ellie fez.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

FIM

PERIGOSAS ACHERON

Agradecimentos



A parte mais legal de escrever um livro; escrever os agradecimentos. Muitas pessoas colaboraram para que Ellie e Lincoln tivessem a sua melhor versão. Quando comecei a escrever, imaginava que o terminaria destruída, porque é um tema diferente de tudo que já escrevi. Ainda não tinha terminado uma história onde um dos protagonistas não estivesse mais presente. Enfim, Ellie e Lincoln foram um terreno perigoso que experimentei. Mesmo assim, consegui.

PERIGOSAS NACIONAIS

Agradeço muito às minhas betas, que acompanharam e leram os capítulos semanalmente, me ajudando a entregar para os leitores o melhor de mim. Viviane, Milena, Bárbara, Ana Sarah e Cecília, muitíssimo obrigada por terem me incentivado a escrever esta história. Eu sei que não seria possível terminá-la dessa maneira se não estivesse contando com o apoio imensurável de vocês.

Meu agradecimento sincero à minha mãe, que me ajudou com as informações hospitalares. Raramente conversamos sobre meus livros porque quando estamos em casa, juntas, passo a maior parte do tempo no quarto escrevendo, mas seu apoio e sua ajuda neste livro fez toda a diferença. Amo você. Muito obrigada!

PERIGOSAS ACHERON

Agradeço ao meu noivo, porque eu disse a ele que “Antes que tudo acabe” seria meu último livro e acabamos rindo, no final, porque o nome do livro fazia jus a decisão que eu estava prestes a tomar. Ah, e eu já mudei de ideia. Vou continuar escrevendo. Só existo se puder contar histórias e enquanto tiver para contar, vou continuar.

Muito obrigada à Lola Salgado, que deu rosto a essa história. Fiquei tão empolgada para começar a trabalhar nessa capa, porque queria que ela transmitisse a mensagem que preparei para o livro. E você realizou isso!

A minha revisora, diagramadora e amiga, Carla Santos, por sempre cuidar tão bem dos meus trabalhos. Por escutar e estar disposta a ajudar no que puder. Muito obrigada, amiga, por ser tão incrível!

Agora, por último e não menos importante, para a minha bisavó que faleceu em 10 de janeiro de 2018. O final deste livro me deixou em frangalhos, porque minha bisa faleceu nos meus braços. Eu me lembro até hoje, claramente, do aparelho apitar e avisar que os batimentos cardíacos estavam irregulares. É uma história que costumo contar quando as pessoas me perguntam o que senti quando fui “expulsa” do quarto pelo médico e as enfermeiras.

Minha avó estava internada no hospital há semanas. Não tinha tempo para visitá-la, porque trabalhava o dia todo e não conseguia autorização para sair. Então, no dia 10 de janeiro de 2018, recebi uma ligação na empresa onde trabalhava. Era a minha mãe dizendo que o médico havia tido uma conversa com a família e disse que, se havia alguém que quisesse se despedir dela, era para vir

PERIGOSAS NACIONAIS

naquela manhã. Lembro de ter ficado sem chão, minha avó não era só minha bisa, era como uma mãe para mim. Ela cuidou e me criou para meus pais trabalhares. Eu a via como mãe e, naquele momento, senti que eu tinha perdido muito tempo em uma mesa, de frente para o computador, quando podia ter estado com ela nas últimas semanas.

Minha mãe disse que pediu para ela esperar por mim, para não desistir ainda, enquanto eu não chegasse. Entrei no quarto e ela estava lá, os olhinhos pesados, como se quisesse dormir. Eu me aproximei e disse a ela: “obrigada por tudo que a senhora fez por mim, pode descansar”. E, minha bisavó faleceu naquele momento. Ela assentiu para mim, como se concordasse e acabou.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Acho que foi umas das cenas mais dolorosas que já vivi na minha vida. O médico me mandou sair e fiquei do lado de fora, ouvindo eles tentando reanimá-la. Eu nunca chorei tanto na minha vida como naquele dia, tinha acabado de perder uma das pessoas mais importantes para mim e o sentimento que veio depois foi que não tinha feito o suficiente por ela.

Todo esse sentimento foi transmitido nesse livro e termino esses agradecimentos chorando de saudade da minha avó.

Obrigada a todos que leram esse livro até aqui.

Até o próximo.

PERIGOSAS ACHERON

Biografia



Amanda Maia nasceu em 1996, na cidade de Alfenas, Minas Gerais.

Sempre foi uma leitora ávida, sonhando em levar para o mundo suas histórias de romance, mostrando o que a literatura tem de melhor para oferecer. Manteve este sonho em sigilo até que *Our Fall* viesse para lhe fazer degustar do mais instigante sentimento e pretende escrever muitos outros livros, distribuindo sua paixão pela escrita.

Uma romântica incurável que está vivendo um sonho desde que conseguiu escrever seu primeiro livro, conquistando vários leitores pelo caminho.

Redes sociais

FANPAGE:

[Autora Amanda Maia](#)

GRUPO NO FACEBOOK:

[Romances Amanda Maia](#)

INSTAGRAM:

[@amandamaiawriter](#)

TWITTER:

[@amandamaiag](#)

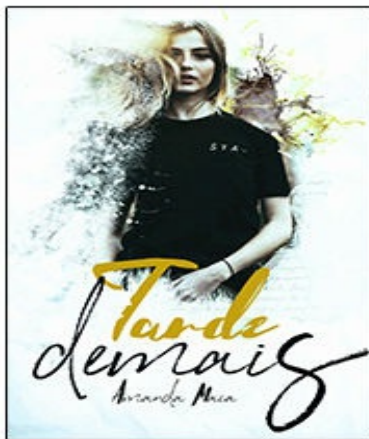
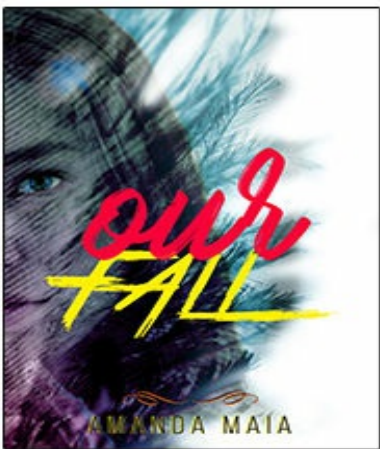
PERIGOSAS NACIONAIS

E-MAIL:

autoraamandamaia@gmail.com

PERIGOSAS ACHERON

Obras



JÁ À VENDA EM FORMATO DIGITAL

amazon kindleunlimited

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON